

MÍSSEIS SUL-AFRICANOS CONTRA PORTO DE NAMIBE

Um navio afundado e depósitos de combustível destruídos

Pág. 13

Mário Cláudio:
ao 2.º retrato
é Guilhermina
págs. 14 e 15

No Ler Escrever

Leituras
temporãs

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 080

Sexta-feira, 6 de Junho de 1986

Preço 40\$00

BENTO PARTE PERNA EM TREINO



Treino azarento: em choque com José António o guarda-redes Bento parte a perna esquerda

"Infantes"

são agora

21 com

Damas

nas redes



A porta do jogo com a Polónia, baixa importante nos «Infantes»: Bento tem de ceder o posto a Vítor Damas, ficando com a perna esquerda engessada durante 45 dias.

Págs. 18 a 21

«DL» ACOMPANHA O MUNDIAL
DO MÉXICO COM O APOIO DA
LAGOSTA REAL



Financiamentos e subsídios em causa

AGRICULTURA: A CORRUPÇÃO NÃO DESCÂNSA

Pág. 7



Vitoimo

CABELEIREIROS
COIFFEURS

NOSSA QUALIDADE DE SEMPRE
A
PREÇOS ESPECIAIS

NO STUDIO TÉCNICO
DESCONTO DE 40%
A JOVENS E ESTUDANTES

ABERTOS DE 2.ª A SÁBADO, DAS 9 AS 21 HORAS

HABILITE-SE A
viagem
a LONDRES
FIM DE ANO
PARA 2 PESSOAS

Pesquisa sistemática dos dadores de sangue

A pesquisa sistemática da contaminação pelo vírus do SIDA foi há semanas iniciada no Centro Nacional de Transfusões de Sangue graças ao teste chamado «Elisa» de detecção dos anticorpos descoberto pelo Instituto Pasteur. Quatro milhões de dadores vão ser submetidos todos os anos a este exame que atingirá igualmente vinte milhões de dadores americanos e será depois adoptado pelos bancos de sangue de todo o mundo.

Com a excepção da pesquisa da hepatite, trata-se de um acontecimento sem precedentes na história da medicina, cujos custos financeiros epidemiológicos e morais estão longe de ser completamente avaliados... Tanto mais quanto é certo não ser possível prever a extensão que o SIDA poderá ter no Ocidente, já que foi recentemente qualificado pelo director do Instituto Nacional de Saúde americano como a **epidemia mais grave que o homem de hoje enfrenta, uma nova tragédia humana.**

Desde o seu aparecimento, em 1979, a taxa de crescimento dos casos de SIDA foi exponencial e ninguém pode dizer se vai baixar ou se a sua extensão continuará no mesmo ritmo, descobrindo-se antes dos próximos cinco anos mais de trezentos milhões de doentes, como prevêem os epidemiologistas britânicos...

Os americanos prevêem que terão, pelo menos, 40 000 doentes nos próximos dois anos, que custarão ao Estado cerca de 500 000 F cada um, o que não impedirá, infelizmente, apesar de todos os esforços feitos, uma evolução fatal na quase totalidade desses casos.

Por outro lado, e nos mesmos prazos, as pesquisas que estão a ser realizadas e a realizar revelarão que mais de 500 000 pessoas foram contaminadas sem que se saiba neste momento o que significam os anticorpos que assinalam nesses organismos aquele que foi atingido pelo vírus.

A investigação que está a ser feita na Califórnia em 5 000 homossexuais desde há cinco anos revela que a proporção dos contaminados (possuidores de anticorpos), que em 1980 era apenas de 1%, ultrapassa actualmente os 80%. Segundo parece apenas um em dez será atingido pela doença em toda a sua gravidade, enquanto os restantes ficarão ou fracamente atingidos (ataques de inflamação ganglionares), ou desprovidos de qualquer sintoma patológico.

O SIDA, que é transmitido por contágio sexual ou pelo sangue, continua a ser actualmente confinado essencialmente (94% dos casos) aos grupos ditos «com riscos»: homossexuais (73% dos casos), utentes de

droga por via venosa, haitianos, hemofílicos e populações da África Central, em especial o Zaire, onde o vírus poderia ter sido levado quando da independência por professores do Haiti.

Salvo uma ou duas excepções, a taxa de contaminação foi praticamente nula naqueles — pessoal de saúde, investigadores ou técnicos de laboratório — que são obrigados a lidar diariamente com doentes ou com culturas de vírus, o que confirma inteiramente que o contacto directo com o agente do SIDA, ao menos por agora, é apenas muito debilmente infeccioso.

A equipa do Instituto Pasteur (prof. J.-C. Cherman) acaba de demonstrar, além disso, que o vírus é desactivado por água de Javel diluída ao décimo, pelo álcool e pelo calor (a 56 graus durante trinta minutos), mas que é resistente às irradiações e aos raios ultra-violetas.

As precauções a tomar nos serviços hospitalares com doentes atingidos pelo SIDA são facilitadas por estas noções que estão a ser largamente divulgadas.

A contagiosidade exclusiva pelo sangue ou pelo esperma prova o que há de absurdo nas reacções de pânico que se observaram há pouco em prisões inglesas — onde um capelão morreu recentemente com o SIDA —, nalguns tribunais belgas ou norte-americanos ou entre os membros da polícia australiana que se recusam a fazer os testes de alcoolémia com receio de que o vírus lhes seja soprado para os pulmões...

Quem vai pagar o sangue?

O sangue e os seus derivados, muito utilizados na terapêutica, poderiam, em contrapartida, tornar-se uma fonte incontrolável de contaminação em massa e é por isso que a descoberta da pesquisa sistemática representa a primeira medida preventiva eficaz e de grande envergadura contra uma doença que é das mais mortíferas da história.

A descoberta em tempo recorde (dezoito meses depois do aparecimento do primeiro caso) do retrovírus responsável pela doença permitiu a preparação de testes de detecção dos anticorpos que o organismo fabrica contra o vírus, testes preparados pelo Instituto Pasteur e que o Centro Nacional de transfusões de sangue começou a aplicar, algumas semanas antes dos bancos de sangue norte-americanos(1). O que não deixará de pôr, tanto a uns como a outros, problemas de consciência sem precedentes.

No fim do mês os dadores potenciais serão informados pelos centros de transfusão, que os haitianos, as pessoas origi-

nárias da África Equatorial, os homossexuais, os utentes de drogas por via intravenosa e os homens ou as mulheres que tiveram contactos sexuais com um membro dos grupos precedentes, deverão abster-se de dar sangue.

Apesar deste esforço de dissuasão, calcula-se que em quatro milhões de pessoas que todos os anos serão submetidas ao teste do SIDA, de dois a quatro mil vão revelar-se «positivas» (12 000 nos Estados Unidos). O sangue recolhido nessas condições será eliminado, como é óbvio.

Liberdades individuais e salvação pública

Será então necessário verificar por outros meios biológicos complexos se essas pessoas foram contaminadas pelo vírus LAV, que os norte-americanos continuam a chamar HTLV-III. Se os factos forem confirmados, os responsáveis dos centros de transfusão calculam que lhes caberá prevenir os dadores em causa e submetê-los a uma série de exames imunológicos e clínicos complementares, para poderem verificar se revelam ou não sinais precursores da doença. Este controlo deverá ser renovado de seis em seis meses e não é difícil imaginar o que representará para os interessados a revelação de uma verdade de que ninguém sabe, actualmente, se implica uma contagiosidade garantida, uma sentença de morte, mas que implica, como se calcula, a sua preservação através de um segredo absoluto.

Que acontecerá? pergunta o doutor J. Petricciani, director da secção Sangue e Produtos Sanguíneos da «Food and Drug Administration» norte-americana se as autoridades sanitárias exigirem conhecer a lista dos portadores de anticorpos, em nome do interesse supremo da saúde pública? Exigência que não parece de maneira nenhuma inverosímil no caso da epidemia assumir proporções que alguns temem.

E o que acontecerá se os resultados deste teste passarem a ser exigidos pelos responsáveis dos seguros de vida, por patrões, por proprietários, de landaers, pelos que passam os certificados médicos pré-nupciais? A perspectiva de uma autêntica opressão social e política e a ameaça de um atentado grave aos direitos civis daqueles grupos considerados «com riscos» não podem ser escamoteadas. As autoridades sanitárias californianas pensam que já a partir de agora os nomes dos candidatos a dadores de sangue com teste positivo devem ser registados numa lista nacional. Em Nova Iorque, pelo contrário, declara-se que o segredo médico deve ser rigorosamente respeitado, e os dirigentes dos centros franceses — que acabam de

submeter o problema à Comissão Nacional de Ética — partilham este ponto de vista.

A generalização da pesquisa dos anticorpos contra o vírus do SIDA deveria, pelo menos, permitir eliminar as contaminações através das transfusões que são responsáveis, até hoje, por cem mortos (entre os quais doze crianças com menos de treze anos), e de cinquenta e três casos de SIDA declarados em hemofílicos submetidos a tratamentos regulares por derivados do sangue.

Mas o preço do sangue vai, sem dúvida nenhuma, aumentar consideravelmente, observam o doutor Charles Salmon, director do Centro Nacional de Transfusões, e o doutor Courrecé, encarregado da aplicação do teste. Cada teste SIDA custará, incluindo a verificação, cerca de 100 francos, o que representa uma despesa anual de 400 milhões de francos por conta dos centros. A esta despesa é necessário acrescentar o tratamento dos doentes pesquisados e a sua vigilância médica que pode ser longa e para a qual os centros se preparam para organizar consultas especializadas.

A caminho de um tratamento eficaz?

Não é excluída a possibilidade do tratamento iniciado quando da descoberta dos primeiros sinais biológicos da doença permita o seu controlo. A descoberta recente de um desses sinais, o ataque das «células mães» dos linfócitos que destroem o vírus do SIDA, células situadas no sangue ou na medula óssea, deverá permitir testes terapêuticos muito precoces, enquanto que a destruição das defesas naturais é já tal, quando a doença se revela clinicamente, que esses testes são geralmente em vão(2).

Os primeiríssimos resultados obtidos através de uma outra descoberta francesa são, neste ponto, mais do que prometedores. Resultado dos trabalhos do Instituto Pasteur (Prof. Cherman) e do laboratório de físico-química inorgânica da Universidade Pierre e Marie Curie (doutores André Tézé e G. Hervé), o heteropolianio revelou-se capaz de destruir os retrovírus como o do SIDA e de provocar nos primeiros casos em que foi utilizado uma suspensão na evolução da doença.

É possível que a repercussão dos trabalhos feitos sobre o vírus LAV ultrapasse bastante o quadro do SIDA que está ligado, como se sabe, a um tipo específico de cancro, o sarcoma de Kaposi. Talvez um dia se venha a descobrir que este vírus, ou um dos seus próximos, está também na origem de doenças por agora misteriosas e que atingem o sistema nervoso ou as articulações.

De qualquer maneira, a rapidez das descobertas, cuja prio-

ridade francesa já ninguém nega, não tem precedentes na história da epidemiologia. Só na Renascença é possível descobrir, com o aparecimento da sífilis, um acontecimento análogo ao do SIDA.

Também aí se tratava do aparecimento na Europa, e numa época de extrema liberdade de costumes, de uma doença infinitamente mais grave que hoje, e que provocou, até ao meio do século XVI, dezenas de milhares de mortos. Apesar da maioria ter visto nessa catástrofe um castigo do céu, os médicos de então compreenderam que ela era transmitida — como o SIDA — pelo esperma e pelo sangue, de tal maneira que numerosas cidades perseguiram as prostitutas e a Igreja denunciou solenemente a sodomia... Foi preciso esperar perto de cinco séculos para que o seu germe (**treponema pallidum**) fosse descoberto, e ainda meio século para que meios terapêuticos actualizados permitissem combatê-lo...

Dezoito meses apenas decorreram entre o momento em que o centro de observação norte-americano de doenças infecciosas assinalasse o aparecimento de uma nova doença, e a descoberta pelo Instituto Pasteur de Paris do retrovírus que é o seu principal responsável.

Neste momento, a estrutura deste vírus é totalmente conhecida, os estigmas dos seus ataques podem ser identificados no organismo antes mesmo que se declarem os primeiros sintomas da doença, as primeiras tentativas terapêuticas racionais parecem prometedoras, e é verosímil que uma vacina sintética possa ser prevista.

Apesar das dezenas de milhões de dólares investidos e dos esforços feitos pela equipa norte-americana do Prof. Gallo para fazer reconhecer tanto a primazia como a correcção dos seus pontos de vista, já ninguém contesta na comunidade científica que o mérito deste notável trabalho pertence a um grupo de investigadores franceses cujo talento compensa a fraqueza de meios e de que uma indústria sem fins lucrativos, o Instituto Pasteur, único no seu género, soube explorar os esforços em benefício da saúde pública.

Dr. Escoffier-Lambiotte

(1) Cinco «companhias» norte-americanas receberam em Washington autorização para preparar este teste. Trata-se dos laboratórios Abbott, de Pont de Nemours, Electroneutronics, Litton Bionetics (com Ortho 11 Diagnostics) e Travenol-Genentech. O Instituto Pasteur trabalha com o grupo norte-americano Genetic System, de Seattle.

(2) Esta descoberta é o resultado de uma investigação dirigida conjuntamente pelas equipas do INSERM (prof. Claude Jasmin, Villejuif), e do hospital da Piedade (doutores David Klatzman, J.C. Gluckman e Willy Rozenbaum).

A descoberta do agente da SIDA, o vírus LAV, foi publicada em *Sciences* em Maio de 1983 por uma equipa composta em especial pela dr.^a Barré-Sinoussi e drs. J.-C. Chermann e L. Montagnier. A multiplicação donal, que permite a sua produção indefinida, foi obtida pouco tempo depois pelos investigadores do Instituto Pasteur e pela sua equipa de recombinação genética dirigida pelo dr. Simon Wain-Hobson que acaba de identificar a estrutura química completa das 9193 nucleótides de que é composta.

O estudo desta estrutura, idêntica cerca de 0,9% à que foi publicada pouco depois pelos norte-americanos demonstra que estes últimos se enganaram e que o agente da SIDA não pertence à família dos HTLV (ou vírus que provoca determinadas leucemias). Uma comissão internacional de nomenclatura decidirá do nome a dar-lhe. LAV, como é provável, e segundo parece as firmas americanas voltadas para o fabrico de estojos de diagnóstico, cujo mercado só nos Estados Unidos atinge qualquer coisa como perto de 100 milhões de dólares por ano, deverão certamente pagar uma quota ao Instituto Francês.

A tarefa que agora espera os investigadores continua a ser muito importante e as pistas foram claramente traçadas pelos dr.^{os} Chermann, Wain-Hobson e Montagnier.

O estudo da sequência química do vírus, e mais exactamente dos dois genes ditos «assassinosos», até então desconhecidos, que ela contém, permitirá identificar com rigor os apoios (ou antígenos) do seu poder patológico. Estojos de investigação de segunda geração serão nessa altura preparados, mais exactos do que aqueles que neste momento dispõem os centros de transfusão, e a produção de uma vacina sintética poderá ser encarada num prazo mais longo.

Começou agora o estudo dos anticorpos descobertos em doentes ou em certos indivíduos aparentemente de boa saúde. Os resultados obtidos são essenciais para compreender o significado da sua presença no sangue e para orientar com igual eficiência tanto o diagnóstico como o prognóstico. Meios de desactivação do vírus serão preparados a título preventivo (calor, álcool, água de Javel) e são permitidas grandes esperanças num plano terapêutico no concernente às substâncias específicas que estão a ser utilizadas em França, as quais paralisam um enzima essencial para a sobrevivência do vírus.

Por fim, sabendo-se que estamos em presença de um novo vírus que pertence a uma nova classe patogénica até aqui desconhecida, é fundamental, diz o dr.^o J. C. Chermann, observar o mais rapidamente possível as variações ou as mutações que aquele poderá apresentar e do mesmo modo prever as consequências disso para a população.

Doutora E.-L.

Os Estados Terroristas

Existem, contra o direito e a moral internacionais Estados terroristas. Estados que praticam o **terrorismo Estado** e que se comportam como **terroristas**. A França, pela mão dos seus serviços secretos, cometeu um atentado terrorista contra um navio portador de utópico sonho pacifista: o «Rainbow Warrior». Mas três Estados não fazem do terrorismo a excepção de desespero, adoptaram-no como forma de acção política, como instrumento da sua política internacional: os Estados Unidos, Israel, a República da África do Sul.

Dir-se-á, o que não é desculpa para Israel e para a República da África do Sul, que estes se sentem autorizados e protegidos pelos Estados Unidos. Se Israel não esperou pelo ataque dos Estados Unidos à Líbia para lançar operações que violaram a soberania e a integridade territorial de outros Estados; se a República da África do Sul vem repetindo, arrogante e impune, as invasões do território da soberana República de Angola; se um e outra — o Estado de Israel e a República da África do Sul — têm contado com o apoio e o «veto» (no Conselho de Segurança da ONU) dos Estados Unidos, o que é certo é que a política de Reagan, a agressão insólita à Líbia, assinalaram uma escalada de violência e de desrespeito pela «ordem internacional».

As notícias que nos chegam de um ataque ao porto de Namibe, na República Popular de Angola, são alarmantes quando ao seu significado imediato e quanto à determinação que revelam de prosseguir a intervenção sul-africana nos assuntos internos de Angola. A confirmar-se — e só da confirmação oficial carecemos — que uma lancha porta-mísseis da classe «Resheff», equipada com mísseis «Scorpion», de fabrico israelense, atingiu depósitos de combustíveis e que homens-rãs da Marinha sul-africana colocaram minas em três navios fundeados naquele porto angolano, estamos perante uma agressão militar que reveste o carácter de **acto terrorista**.

Se no caso recente dos ataques às capitais do Zimbábue (Harare), do Botswana (Gaborone) e da Zâmbia

(Lusaca), a República da África do Sul, mais do que demonstrar a sua capacidade ofensiva contra eventuais bases do ANC (Congresso Nacional Africano), pretendeu mostrar aos governos da região que dispunha, com o assentimento de grandes potências, de inteira liberdade de acção militar, agora, atacando novamente Angola, pretende, também, interferir no curso dos acontecimentos internos de uma país soberano e evidenciar a sua decisão de tudo fazer para evitar a derrota militar da UNITA.

Autorizada a cometer acções agressivas e actos de «terrorismo de Estado» pelo exemplo dos Estados Unidos; animada pela incapacidade das organizações internacionais para sancionarem tais actos; incentivada pela resolução norte-americana de sustentar Savimbi e a UNITA, — a República da África do Sul ataca o porto de Namibe destruindo depósitos de combustíveis, afundando ou danificando navios de transporte de cargas comerciais.

Não há, desta vez, sequer o pretexto da agressão visar bases, campos de treino, concentrações dos combatentes nacionalistas do povo da Namíbia. Foi atacado um porto no litoral angolano com o objectivo de demonstrar a decisão de evitar a derrota militar da UNITA, de aliviar a pressão das forças militares angolanas sobre as áreas controladas pelos partidários de Savimbi.

Se tivermos presente a maneira como o dirigente da UNITA foi recebido nos Estados Unidos e o auxílio material que lhe foi assegurado, a acção terrorista da República Sul-Africana vem corroborar a política africana do presidente Reagan: não cortar o diálogo com os países africanos, tanto no caso de Angola, como no caso de Moçambique, mas ajudar directa, ou indirectamente, as forças internas que minam e pretendem destruir os regimes angolano e moçambicano. Estamos perante actos de agressão e de terror que sublinham, dramaticamente, a decisão de interferir nos assuntos internos de países soberanos membros da Organização das Nações Unidas e que nesta instância internacional, não conseguem ver adoptadas medidas efectivas contra os agressores mesmo quando

estas são aprovadas, com maiorias significativas, pela Assembleia Geral. Todavia, as resoluções da Assembleia Geral são bloqueadas pelo Conselho de Segurança, no qual grandes potências e, em particular, os Estados Unidos dispõem do «direito de veto».

Bloqueada a ONU pelo «veto», os **Estados terroristas**, cooperando activamente ou garantindo-se táticas cúmplices, prosseguem arrogantemente uma **política de terror de Estado**. As acções violadoras da ordem internacional, susceptíveis de provocar tensões e conflitos, de encaminhar para confrontos e situações de guerra, repetem-se. No nosso tempo é impossível defender que as guerras locais não representam um perigo de se converterem em conflitos extensos, generalizados. As situações conflituais do Mediterrâneo, do Próximo Oriente, da África do Sul, são extremamente perigosas. Em qualquer dessas áreas poderão ser desencadeados ataques com armamentos nucleares ou provocadas, por acção terrorista ou com meios militares clássicos, explosões nucleares com a consequente libertação de radioactividade.

A política de **terrorismo de Estado**, o desrespeito das regras internacionais que garantam a coexistência, a violação das soberanias nacionais, criam uma subversão incontrolável da ordem internacional e representam um singular desprezo pela autoridade e pelas responsabilidades da ONU. Caminhamos, na ordem internacional, para a Lei da Selva.

Ao Estado português não é indiferente o que se passa em África. A República Popular de Angola e a República Popular de Moçambique estamos ligados pelo passado histórico e por relações fraternais de interesse mútuo. A agressão terrorista a Angola e as actividades terroristas que assolam o território de Moçambique prejudicam essas nações para ocuparem na sociedade internacional o lugar que lhes cabe. E a presença de Angola e de Moçambique no Mundo é, também, do interesse de Portugal.

Estas são razões suficientes para condenarmos, sem qualquer ambiguidade, os Estados que praticam o **terrorismo de Estado**.

A exposição D. Pedro IV em Queluz

Vasco Riobom (*)

O palácio de Queluz é para mim o mais belo dos palácios reais portugueses. E como ali nasceu e morreu, D. Pedro de Alcântara (1798-1834) que foi imperador do Brasil e rei de Portugal, se organizou uma exposição-memorial daquele rei, para comemorar a gloriosa visita ao nosso país de José Sarney, presidente da República Federativa do Brasil.

Mas o que é evidente; belo é o palácio, medíocre a exposição, que celebra a vida do imperador como se de um qualquer soberano, apenas, se tratasse!

Belo é o palácio, esqueçamos tudo o mais.

Pavilhão de caça, iniciada sua construção para o deleite do então príncipe D. José do Brasil e para o de sua mulher D. Mariana Vitória, filha do rei de Espanha Filipe V, que também — tanto ou mais que o marido — amava as caçadas! Agustina Bessa Luís, no seu livro-ensaio «Sebastião José», acha-os a ambos cruéis, mais que ao próprio Pombal, por amarem de tal modo caçar, seria no reinado seguinte o de sua filha D. Maria Prima, Pia, tornado em solar de campo junto à capital, do casal reinante que a soberana formava com seu tio, D. Pedro III, um rei de quem nunca rezou a História, apagado, fradresco, tímido, que a

construção dos novos paços tomou incremento.

Aí nasceu, portanto, filho de D. João VI e de D. Carlota Joaquina de Bourbon, D. Pedro de Alcântara em 1798. Vindo a morrer, talvez no mesmo aposento onde nascera, 36 anos mais tarde, carcomido de tísica, depois de suas numerosas aventuras, entre as quais se contam a de ter tomado para si, em 1822, a coroa imperial do Brasil, depois de a partir de 1807, a família real portuguesa, fugida às tropas de Junot que tinham invadido o reino por ordem de Napoleão Bonaparte, imperador dos Franceses, por desejar o Corso, pôr um bloqueio ao comércio inglês, então o mais desenvolvido no mundo! Com o qual, Portugal dependente em sua economia do Brasil, não podia concordar! Visto não haver entre nós indústrias capazes de manter o reino auto-suficiente em virtude, talvez, do infeliz tratado de Methuen, assinado um século atrás por D. Pedro II com os ingleses, que matou à nascença no berço as nossas incipientes actividades industriais, fomentadas pelo conde da Ericeira. Ora como aos Britânicos muito importava, não só o comércio da Índia, mas também o da América do Sul, perdidas que tinham sido as suas colónias norte-americanas, logo se

prontificaram a transportar a família real portuguesa para o Rio de Janeiro com vista: a conosco por lá manterem o tratado de madeiras, ouro e escravos! A chegada duma corte real foi pouco a pouco transformando a economia brasileira, a ponto de D. João VI, em 1815, ter dado privilégios de reino às terras de Vera Cruz.

D. João VI, ao regressar a Portugal viu-se forçado, pela evolução cultural do continente europeu a dar ou melhor a adoptar uma constituição liberal para Portugal à semelhança da que Fernando VII, se viu obrigado a jurar em Cádiz, em Espanha, em 1812, também chamada de Riego.

Constituição, que à semelhança de outras mais tardias entre nós, era então, algo que podemos considerar de vanguarda!

Miguel, o filho segundo de D. João VI, um indivíduo de temperamento primitivo e arruaceiro, revolta-se em 1823 contra o poder de seu pai, o rei, e leva-o a abolir a Constituição. Atitude depois parcialmente renovada quando da tentativa que o infante intenta para derrubar o rei do trono, secundado pela pernicioso influência da rainha Carlota Joaquina, salvando a situação a intervenção das potências europeias, que aconselham ao rei o exílio do infante Miguel, que se

vai instalar em Viena d'Austria.

Quando o D. João morre — segundo alguns, envenenado por ordem de sua própria mulher — a regência do reino em nome de D. Pedro IV é assumida pela infanta Isabel Maria. Entretanto no Rio de Janeiro, D. Pedro abdica em sua filha D. Maria da Glória, a coroa de Portugal com a condição de ela casar com seu tio D. Miguel. Que voltando ao reino se autoproclama rei absoluto.

D. Pedro desavindo-se com as políticas brasileiras embarca para a Europa, arregimenta homens e com eles após a tomada da ilha Terceira desembarca no Mindelo cerca do Porto, entrando na cidade no dia seguinte. Cidade à qual logo de seguida é posto cerco pelas forças miguelistas ou caceteiras. Com a ajuda do almirante inglês Napier e do seu general conde de Vila Flor, que organiza uma expedição ao Algarve, avançando em seguida sobre Lisboa onde entra em 24 de Julho de 1833, logo a resistência dos miguelistas é quebrada, D. Maria, aclamada, a Constituição substituída pela Carta outorgada pelo rei D. Pedro, instala-se em Portugal o regime liberal.

Ora é precisamente, aos tão ricos aspectos sócio-culturais ligados ao rei-soldado que essa exposição, evocativa de D. Pedro de Alcântara, pouca ou

nenhuma atenção presta! Ignorando ou passando por elas como cão por vinha vindimada, aos importantes personagens que foram os políticos que secundaram o rei-imperador, analisando-o, enumerando-o como se de um qualquer rei sem história se tratasse como por exemplo, seu avô, D. Pedro III! Nada contando do acto transcendente que foi entre nós, a substituição do absolutismo pelo liberalismo! Esquecendo os homens do sínédrio ou da Junta do Porto, que em 24 de Agosto de 1820, proclamaram a necessidade da Constituição liberal, entrada em vigor em 1822! Um Fernandes

Tomás (1771-1822), Borges Carneiro (1774-1833), Silva Carvalho (1782-1856), Manuel da Silva Passos (1801-1862) e até também, Bernardo de Sá Noroeste, mais conhecido por Sá da Bandeira, homens que todos eles, quer juristas, quer militares como Sá da Bandeira, nem por isso, constituem menores vultos brilhantes da nossa História, por terem alterado juridicamente, nossa Sociedade, no século XIX! Feito do velho Portugal, absolutista, feudal uma nação moderna em que os sagrados direitos da cidadania foram enunciados e depois promulgados, sem os quais, teríamos talvez, permanecido por mais tempo, vincula-

dos a uma passada carunchosa e morto como aconteceu à Turquia, por exemplo! Porque foram eles, quem entre nós, instituiu, a categoria de cidadão! Isto é, de homens livres, que nascem e morrem, em não sendo privados de seus direitos civis, iguais em deveres e direitos!

Coisas estas que o fascismo entre nós, procurou que caíssem no esquecimento, mas que depois de Abril de 1974, é acto de premeditada incultura, ignorar, num país já de si tão propenso ao esquecimento de seus reais valores sócio-culturais! Parecendo até, haver interesses inconscientes em omitir, factos destes, num país tão entregue a um culposos analfabetismo!

Ora, a visita que o presidente José Sarney nos fez, esteve longe de ter um propósito semelhante às de seus antecessores, que se limitavam a assumir atitudes de corta-fitas, papel esse, aliás reservado durante o Fascismo aos nossos chefes de Estado! De aí, meu repúdio às omissões a tal exposição, que parece lembrar a cerimónia da entrega «gostosa», digamo-lo à brasileira, dos ossos do imperador ao Brasil em 1972, que serviu de pretexto à visita de Américo Tomás ao Rio, facto para esquecer.

(*) Médico HCL

Segurança Interna e televisão privada

Comissões parlamentares aceleram debates

Eurico de Melo e Durão Barroso, respectivamente ministro da Administração Interna e secretário de Estado adjunto deste membro do Governo, participaram ontem na reunião da Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias.

Em agenda estava a proposta de Lei da Segurança Interna, cuja admissibilidade foi impugnada pelo PCP. Na ocasião, o deputado comunista José Magalhães atacou o diploma, designadamente no que se refere aos poderes que confere ao Ministro da tutela para autorizar escutas telefónicas.

Retorquiu Durão Barroso afirmando que a regra é serem os juizes a decidir tais medidas, sendo apenas em casos excepcionais que o ministro detém esses poderes — e mesmo nestes casos sujeito à confirmação, ou não, do tribunal.

Jorge Lação (PS) preconizou a

criação de um juízo a funcionar em permanência para evitar que em algumas ocasiões os investigadores tenham de recorrer ao ministro para ordenar aquelas medidas.

No debate intervieram ainda os deputados José Luís Ramos e Vieira Mesquita, do PSD, e Andrade Pereira, do CDS.

Entretanto o PCP considerou que, dadas as medidas já incluídas na proposta de lei do Código do Processo Penal e no diploma dos Serviços de Informação, esta lei de Segurança Interna está algo esvaziada.

A isto o Governo respondeu que todos os Estados de direito

têm uma Lei Quadro de Segurança Interna, embora algumas das suas disposições tenham depois acolhimento mais concreto noutros diplomas.

Televisão privada

Também a sub-comissão parlamentar encarregada de debater a questão da liberalização da Televisão esteve ontem reunida, tendo ocupado o tempo na discussão dos métodos de trabalho que hão-de presidir à sua actividade.

O PSD sugeriu que socialistas e comunistas estariam interessados em adiar o mais possível os trabalhos, ao que o PS respondeu com as reservas colocadas pelos social-democratas a que fossem convocados alguns membros do Governo para se pronunciarem sobre o assunto.

Durante o debate, que chegou a ter momentos de alguma vivacidade, o PRD fez repetidos apelos ao consenso e a próxima reunião ficou marcada para quarta-feira à tarde.

Recorde-se que a Assembleia decidiu no fim de Fevereiro criar esta comissão para elaborar um texto alternativo à proposta de lei do Governo sobre a concessão de um canal de Televisão à Igreja Católica.

A comissão esgotou o prazo que lhe foi concedido sem que tenha concluído a sua tarefa e o plenário da Assembleia decidiu então conceder uma prorrogação do prazo.

Também este foi esgotado sem que a tarefa tenha terminado, pelo que o plenário voltou a aprovar uma segunda prorrogação — que decorre neste momento.

PSD

Nova Comissão Política reúne-se hoje

A nova Comissão Política Nacional do PSD reúne-se hoje pela primeira vez depois do Congresso do partido. Da agenda, além de uma apreciação sobre os resultados do conclave, consta também a distribuição de tarefas por cada um dos membros que integram aquele órgão de direcção partidária.

Presidida por Aníbal Cavaco Silva, a CPN integra dez elementos do elenco governativo, sendo novos oito dos seus 18 membros.

Como vice-presidentes foram reeleitos Eurico de Melo, Correia Afonso e Fernando Nogueira, surgindo agora, depois de aumentado o número deste cargo de quatro para seis elementos, António Capucho, Carlos Brito e Vítor Crespo.

Manuel Dias Loureiro, secretário-geral do partido, renova o seu mandato, assumido pela primeira vez no Congresso da Figueira da Foz.

Da anterior Comissão e como vogais — cujo número passou de oito para 10 — transitam Leonor Belezza, Luís Marques Mendes, José de Oliveira e Costa, José Mendes Bota e Rui Almeida Mendes. Os novos são: Pedro Santana Lopes, José Pereira Lopes, José da Silva Peneda, Rui Carp e Nuno Moraes Sarmiento.

As competências da Comissão Política Nacional, anteriormente estipuladas no artigo 27 e que figuram agora no art.º 20 após as alterações estatutárias ratificadas no passado fim-de-semana — referem-se, entre outras, à fixação dos objectivos, critérios e definição da actuação política.

Compete ainda à referida comissão a feitura de listas para actos eleitorais, a apresentação de candidatos para Presidente da República e Primeiro-Ministro, a designação de representantes para o Parlamento Europeu e a escolha do chamado «Gabinete Sombra».



"Amigos da Terra" com Mário Soares nos jardins de Belém

Os «Amigos da Terra» foram ontem recebidos durante cerca de 40 minutos pelo Presidente Mário Soares, que se mostrou «extremamente sensibilizado» para os problemas sobre o ambiente e a qualidade de vida dos portugueses, levantados por aquela associação.

Cinco jovens constituíam a delegação. Sentados com o Presidente da República nos bancos do jardim do Palácio de Belém, tendo como cenário de fundo um Tejo deslumbrante, tiveram a oportunidade de manifestar as suas preocupações sobre alguns pontos de «agressão ecológica nacional».

A gestão dos recursos hídricos, a destruição do litoral, as urbanizações selvagens, a plantação abusiva de espécies exógenas como o eucalipto e a salvação da relação «lisboeta-Tejo e do passeio ribeirinho», foram alguns dos pontos abordados.

António Eloi, um dos

elementos da delegação dos «Amigos da Terra» anunciou que Mário Soares disse ter já chamado a atenção do presidente da Câmara de Lisboa para alguns projectos na edilidade sobre a zona ribeirinha do Tejo, «que deveriam respeitar o lazer dos lisboetas fomentando a relação homem-rio».

Os «Amigos da Terra» referiram-se também à questão da poluição transfronteiras e à central espanhola de Almaraz. O Chefe do Estado, disse António Eloi, mostrou-se receptivo para «actuar dentro dos limites constitucionais que lhe são impostos».

A delegação salientou as boas relações que a Associação mantém com a Secretaria de Estado do Ambiente, apoiando «algumas das suas iniciativas, como a gestão dos recursos hídricos, mas criticou «outras acções contraditórias», como o exemplo da EDP.

Em S. Bento por dois dias

Speakers europeus reunidos à porta fechada

«Um facto importante na dinâmica parlamentar portuguesa, do Conselho da Europa e da CEE», eis como considera Fernando Amaral a conferência dos presidentes das assembleias parlamentares europeias que hoje começa, em Lisboa.

A propósito, o Presidente da Assembleia da República, adiantou que estas reuniões, que se realizam de 2 em 2 anos, são «um importante contributo para uma consciência mais universal do papel que os parlamentares

podem desempenhar».

No entender de Fernando Amaral, estas reuniões dos **speakers** — nome inglês do Presidente do Parlamento — permitem uma troca de impressões e experiências «num movimento de solidariedade e respeitoando as características de cada um dos diferentes parlamentos e dos diferentes povos e culturas».

Depois de frisar o papel importante que a Europa pode desempenhar como «moderadora agressividade entre dois blocos

que se digladiam na condução do mundo», Fernando Amaral explicou que os temas a abordar na reunião procuram encontrar formas de o Parlamento vir ao encontro dos problemas dos cidadãos.

De realçar que apesar de já se terem realizado outras reuniões internacionais no hemiciclo, esta é a primeira, de qualquer tipo que se realiza à porta fechada.

São 34 os presidentes de assembleias legislativas de muitos países europeus (em vários casos vêm dois, o da Câmara Alta e a da Câmara de Deputados) que

participam na reunião de Lisboa.

Entre eles, o presidente da Assembleia Nacional Francesa, Chaban Delmas, o presidente do Congresso dos Deputados de Espanha, Peces Barba, e os presidentes da Câmara dos Lordes e da Câmara dos Comuns da Inglaterra.

Nas sessões de trabalho serão apresentados relatórios e intervenções sobre as relações inter-parlamentos, parlamentos e cidadãos, parlamentos dos novos países e investigação e documentação parlamentares.

Directiva do PRD analisou legislação laboral

A Comissão Directiva Nacional do PRD debateu ontem os problemas da legislação laboral no quadro da proposta de lei que o Governo vai apresentar e do respectivo pedido de autorização legislativa. Este órgão dos renovadores democráticos debateu também a realização do próximo Conselho Nacional do partido, em que será escolhida a data da segunda Convenção Nacional.

Foi feito também o ponto sobre o processo eleitoral in-

terno, que ocorrerá entre 11 e 26 deste mês.

Entretanto a Comissão Directiva do PRD «congratula-se» com o início, no próximo sábado, das visitas do general Ramalho Eanes às estruturas locais do partido, para que fora convidado formalmente pelo presidente do PRD, Hermínio Martinho.

«O general Ramalho Eanes, afirma um comunicado dos renovadores, vai assim poder colher pessoalmente as aspirações e os anseios das estruturas do PRD e ouvi-las

sobre as futuras linhas de acção a desenvolver localmente».

Ramalho Eanes inicia o seu programa de visitas amanhã em Belmonte, onde chega às 12 horas e fará contactos com autarcas e militantes na sede concelhia do PRD.

As 16 horas participará num colóquio num hotel da Covilhã sob o tema «A educação e a Cova da Beira no desenvolvimento da região». A noite reunir-se-á num jantar em Castelo Branco e terá um encontro com as comissões

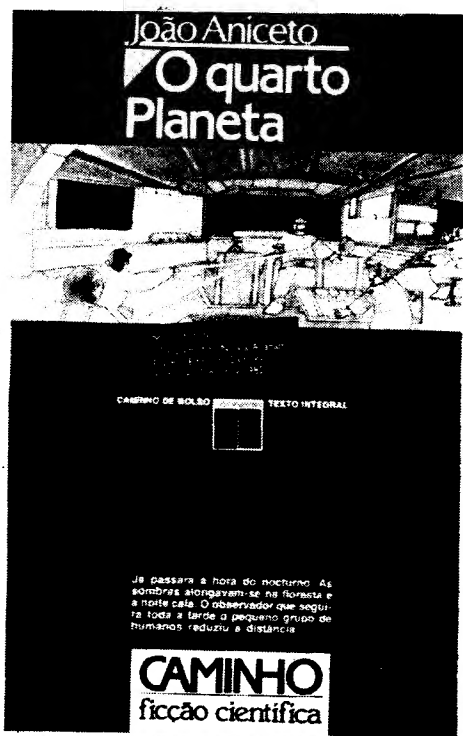
directivas distritais e concelhias de Castelo Branco, na biblioteca da Escola Secundária Nuno Álvares.

No domingo, Ramalho Eanes chegará às 11 horas ao campo de tiro de S. Miguel de Rio Torto, local onde teve lugar a primeira reunião da ex-CNARPE que conduziria mais tarde ao processo de formação do PRD.

Depois de uma passagem por Almeirim, Ramalho Eanes almoça em Santarém onde reunirá com as estruturas locais daquele partido.

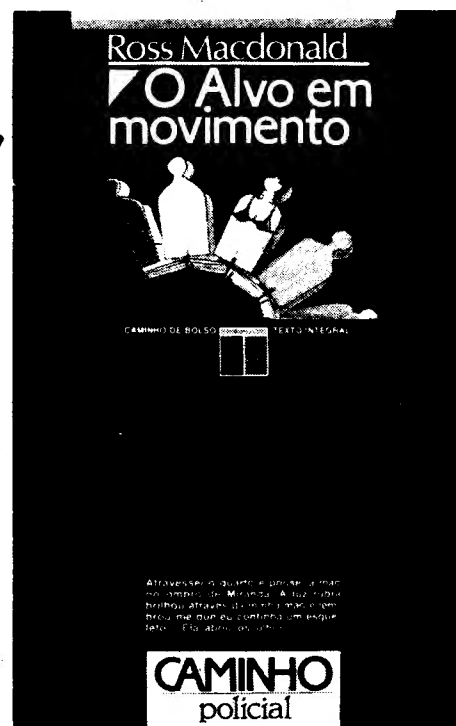
CAMINHO
de bolso

livros policiais e de ficção científica



novidade

Histórias originais e empolgantes.
Escritores autênticos
e surpreendentes.
Excelente apresentação gráfica
e um preço que é efectivamente
o mais acessível.



NOVIDADE

NÃO PERCA ESTES LIVROS: COLECIONE A MELHOR COLEÇÃO

NOVIDADE

Volumes publicados:

- N.º 1 (ficção científica)
Memórias Encontradas numa Banheira — Stanislaw Lem
- N.º 2 (policial)
Morte de um Inglês — Magdalen Nabb
- N.º 3 (ficção científica)
Cenários Trucados — Jean-Pierre Andrevon
- N.º 4 (policial)
A Bela Adormecida — Ross Macdonald
- N.º 5 (ficção científica)
As Crisálidas — John Wyndham
- N.º 6 (policial)
O Anjo da Vingança — Giorgio Scerbanenco
- N.º 7 (ficção científica)
Jacintos-de-Água — Chelsea Quinn Yarbro
- N.º 8 (policial)
Esqueletos — Glendon Swarthout
- N.º 9 (ficção científica)
Cavaleiros Vindos de Parte Nenhuma — Alexandre e Serguei Abramov
- N.º 10 (policial)
Morte na Primavera — Magdalen Nabb
- N.º 11 (ficção científica)
Universo Cativo — Harry Harrison
- N.º 12 (policial)
Um Carro Funerário às Riscas — Ross Macdonald

- N.º 13 (ficção científica)
A Guerra das Salamandras — Karel Capek
- N.º 14 (policial)
Disparem sobre o Pianista — David Goodis
- N.º 15 (ficção científica)
Crónicas Marcianas — Ray Bradbury
- N.º 16 (policial)
A Árvore das Mãos — Ruth Rendell
- N.º 17 (ficção científica)
As Sementes do Tempo — John Wyndham
- N.º 18 (policial)
O Trabalho É Sagrado — Henrique Nicolau
- N.º 19 (ficção científica)
Stalker — Arcadi e Boris Strugatski
- N.º 20 (policial)
O Arrepio — Ross Macdonald
- N.º 21 (ficção científica)
Adão Está entre nós — Konrad Fialkowski
- N.º 22 (policial)
Quem não Arrisca não Vive — Dick Francis
- N.º 23 (ficção científica)
O Mundo de Cristal — J. G. Ballard
- N.º 24 (policial)
Crimes para Arquivar — Didier Daeninckx
- N.º 25 (ficção científica)
A Nebulosa de Andrómeda — Iván Efrémov

- N.º 26 (policial)
Morte de um Holandês — Magdalen Nabb
- N.º 27 (ficção científica)
A Dama de Couro — Michel Grimaud
- N.º 28 (policial)
O Atirador — Glendon Swarthout
- N.º 29 (ficção científica)
O Quarto Planeta — João Aniceto
- N.º 30 (policial)
O Alvo em Movimento — Ross Macdonald

Volumes a publicar:

- N.º 31 (ficção científica)
Congresso Futurológico — Stanislaw Lem
- N.º 32 (policial)
Um Bando de Corvos — Ruth Rendell

CAMINHO

O prazer de ter bons livros para ler

CDL a distribuição

Crise financeira da CEE pode afectar interesses de Portugal

— afirmou Lucas Pires

«A crise financeira da CEE pode, de facto, afectar gravemente a satisfação dos compromissos com Portugal», afirmou Lucas Pires à Anop no final da sessão de ontem das jornadas de estudo do Partido Popular Europeu que terminam hoje em Lisboa.

Segundo o vice-presidente do Parlamento Europeu, os participantes neste encontro que se realizou no Palácio de S. Bento, concluíram pela necessidade de se «aumentar os recursos destinados aos fundos estruturais» da CEE. Esta é de resto uma das conclusões das jornadas do PPE que foram divulgadas esta manhã em conferência de Imprensa.

Os parlamentares europeus democratas-cristãos e os participantes ao congresso da Internacional Democrata-Cristã discutiram a solidariedade com a América Latina defendendo o renegociamento da dívida externa dos países daquele subcontinente.

O presidente do grupo parlamentar do Partido Popular Europeu, Egon Klepsch, afirmou que as «jovens democracias latino-americanas correm o risco de serem asfixiadas económica-

mente devido ao montante da dívida externa». Depois de saudar as «transições democráticas» verificadas nos últimos tempos em diversos países daquela região Klepsch defendeu que a Comunidade Económica Europeia «devia ajudar aqueles países».

Detendo-se na situação existente no Chile, onde o regime do general Augusto Pinochet se caracteriza «pelos actos de violência desferidos contra o povo», aquele parlamentar europeu assinalou que a transição para a democracia «apenas poderá ser feita através da democracia-cristã chilena».

Pelo seu lado, Oswaldo Hurtado, presidente da organização democrata-cristã americana, sublinhou que «o principal problema da América Latina continua a ser económico, com excepção do Brasil, que registou

em 1985 uma subida na sua taxa de crescimento».

«Em média, a taxa de inflação nos países latino-americanos é identificada por três dígitos», acrescentou. «Os países latino-americanos vão ter de pagar nos próximos três anos 100 000 milhões de dólares», alertou.

Depois de reafirmar que até ao ano 2000 o problema mais importante da América Latina continuará a ser de carácter económico, Hurtado adiantou que em consequência «começa a crescer entre os países da região o sentimento de que nunca será feito o reembolso respeitante ao pagamento da dívida externa».

Soares recebeu democratas-cristãos

O Presidente Mário Soares exortou ontem a União Mundial dos Democratas-Cristãos a prosseguir, «com alento, na luta pela democracia e pelo seu aprofundamento», revelou o dirigente chileno Andrés Zaldivar.

Depois de uma audiência no Palácio de Belém, considerada «muito cordial e extremamente positiva», o presidente da Internacional Democrata-Cristã,

Andrés Zaldivar, atribuiu «significado político» ao encontro com Mário Soares, pela sua qualidade de «grande lutador em prol da democracia».

Salientou o desejo de toda a delegação democrata-cristã «em lutar contra as ditaduras, militares ou não, de direita ou de esquerda» e a esperança de «um aprofundamento da democracia em todos os países do mundo e, sobretudo, da Europa e América Latina».

Da delegação numerosa faziam parte, além de Andrés Zaldivar, presidente da IDC, Emilio Colombo, presidente da ODC dos EUA, Peter Bukman, presidente do PPE, Mariano Rumor, ex-primeiro-ministro de Itália, Herrera Campins, ex-presidente da Venezuela, Raul Manglapus, representante da Ásia e, como ministro do Trabalho filipino, representante pessoal da presidente Cori Aquino, e a mulher do presidente da Guatemala, senhora Vinicio Cereso. A delegação era acompanhada pelo presidente do CDS, Adriano Moreira, e pelos dirigentes democratas-cristãos Fernando Seara e Abel Gomes de Almeida.



Durante a sua visita particular a Portugal

Pedro Pires convida empresários a investirem em Cabo Verde

O primeiro-ministro de Cabo Verde, que se encontra de visita particular a Portugal, afirmou ontem no Porto que «os investidores privados portugueses têm todo o acesso facilitado ao seu país não sendo preciso qualquer empurção política». «Basta apenas apresentar projectos concretos com interesses recíprocos, interessando pouco a discussão de ideias ou mesmo saber quem vai deter a maioria do capital», sublinhou Pedro Pires.

O chefe do governo cabo-verdiano defendeu ainda que a cooperação económica «deve assentar, como aliás tem acontecido nestes últimos dez anos», na competência e seriedade, tendo em atenção que o desenvolvimento de Cabo Verde exige um esforço longo e aturado.

«Queremos ultrapassar a cooperação tipo caixeiro viajante e ao lidar com os empresários portugueses estamos a procurar encontrar vias duradouras, com interesse recíproco, para projectos concretos que contribuam para o desenvolvimento do meu país», acrescentou o governante africano. O primeiro-ministro referiu-se também aos potenciais investidores portugueses no seu país advogando «não uma política imediata que tenha em conta resultados a curto prazo, nem uma cooperação em áreas com dividendos imediatos».

Pedro Pires reafirmou no entanto que o seu país «aposta forte» na formação de quadros, mas que lhe «falta espaço humano para investir». «Temos por isso de recorrer à formação de quadros médios e superiores no exterior sem descurar a possibilidade de implementar em Cabo Verde instituições de nível universitário, logo que possível», disse.

Empresários oferecem jantar a Pedro Pires

As associações Industrial e Comercial do Porto ofereceram,

quinta-feira, um jantar de homenagem ao primeiro-ministro cabo-verdiano.

Durante o jantar, em que participaram 24 empresários nortenhos — «número propositadamente restrito e sectorial», segundo disse à Anop fonte da Associação Comercial — o chefe de governo africano manteve animado diálogo com muitos dos potenciais investidores presentes.

Vasco Faria, vice-presidente da Associação Industrial Portuense (AIP) — disse à Anop que o jantar teve como finalidade «facilitar os contactos informais entre a comitiva africana e os empresários nortenhos, de forma a criar perspectivas de aumento do intercâmbio económico, entre os dois países. Por sua vez, Edgar Lelo, dirigente da Associação Comercial, salientou que o diálogo informal encetado entre Pedro Pires e os empresários nortenhos «vai permitir um melhor conhecimento mútuo».

«Vamos tentar descobrir os possíveis pontos de contacto a nível comercial entre os dois países», acrescentou. Fonte da comitiva cabo-verdiana disse também que Cabo Verde «está interessado em que as empresas nortenhos invistam naquele país africano». Áreas como as dos cimentos, turismo, pescas, hotelaria, metalomecânica e construção civil são — segundo a mesma fonte — as mais desejadas.

Numa reunião em Lisboa

Conferência internacional debate cooperação com o Terceiro Mundo

A Conferência Internacional das Organizações não Governamentais, que hoje se inicia no Forum Picoas, debaterá sobretudo a cooperação com o Terceiro Mundo, disse à Anop Jardim Gonçalves, coordenador da iniciativa.

Aquele responsável da conferência em representação do CIDAC (Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral), acrescentou que a realização assinala «a constituição das ONG's enquanto colectivo de interven-

ção na política e na prática da cooperação de Portugal com os países em vias de desenvolvimento». As organizações que promovem a conferência, e que decorre até domingo com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cooperação e da Comissão das Comunidades Europeias, são a Caritas Portuguesa, CIDAC, Cruz Vermelha Portuguesa, Instituto Amaro da Costa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento e a União das Misericórdias Portuguesas.

A conferência, subordinada ao tema «Cooperação e Desenvolvimento o papel das ONG's», culmina uma série de outras acções lançadas no mesmo âmbito desde há dois meses e de que se destacam uma exposição itinerante, concursos nas escolas e uma semana de solidariedade para o desenvolvimento. O colectivo das organizações não governamentais (ONG's) foi constituído a 23 de Março de 1985 e a

parte da acção em curso, de carácter pontual, cada uma das organizações funciona autonomamente, segundo a sua natureza, ideologia e pedagogia próprias.

A sessão inaugural da conferência é presidida pelo Presidente da RKEPÚBLICA, Mário Soares, e nela intervém Anacoreta Correia, do IDL, Andrade Pires, da CVP, Theo Hustinx, do Bureau de Lisboa da CEE, e Giovanni Bersani, vice-presidente do Parlamento Europeu.

Parlamento açoriano: estatuto autonómico

O Parlamento açoriano iniciou ontem na Horta a apreciação na especialidade das propostas de revisão do estatuto político-administrativo da região.

Em debate estão os projectos de revisão do PSD, PS, CDS e PCP, e um texto-síntese elaborado pela comissão especial de revisão da Assembleia Regional. Falando sobre esta matéria, Borges de Carvalho, PSD, salientou que «a maior prova das virtualidades do actual estatuto está patente no facto de só quatro

anos após a revisão constitucional, a assembleia estar a proceder à alteração do seu texto». «É a primeira dessas virtualidades» — acrescentou — «é que atribui ao Parlamento dos Açores a faculdade de iniciar e propor a revisão do estatuto».

Defendeu que esta revisão deve consagrar três direitos à região, designadamente em matéria de fiscalidade, poder tributário e faculdade de dispor das receitas fiscais das ilhas. Dionísio de Sousa, PS, afirmou que «parte

para esta revisão sem ilusões descabidas, mas também sem receios excessivos que parece atormentar muito boa gente neste Parlamento e fora dele».

Afirmou que os socialistas estão «abertos a consensos, mas também conscientes de que não adianta apelar por unanimismos antecipadamente condenados ao fracasso porque desnecessários».

Sobre a mesma questão, um deputado comunista disse que não é «legítimo que os actuais

ocupantes do poder regional procurem moldar o funcionamento das instituições para que o poder facilmente se prolongue. Para Decq Mota, a autonomia é património nacional e regional «e por isso tem de ser uma questão de consenso regional».

José Dias, CDS, defendeu ainda o «incremento da participação democrática» dos cidadãos nas instituições autonómicas e o reforço dos poderes da Assembleia Regional dos Açores.

Funcionários públicos com projectos privados

Funcionários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Alimentação (MAPA) com responsabilidades na apreciação de pedidos de financiamento apresentados por cooperativas têm estado envolvidos na preparação desses mesmos pedidos, a título particular e bem remunerados, perante a indiferença e por vezes por indicação da própria hierarquia do ministério. Alguns desses técnicos actuam em ligação com gabinetes de estudos e empresas de consultoria privadas, que estão a proliferar pelo país, e que têm como principal actividade a elaboração de projectos financiáveis pela CEE.

«Há uns meses fomos ao ministério pedir um técnico para nos ajudar a fazer um estudo económico e fomos recebidos por um director. O mesmo disse-nos logo que não podia ser porque agora já não faziam isso, mas mandou chamar um funcionário que sabia do assunto e podia fazer o trabalho particularmente. A afirmação é de um membro da direcção de uma cooperativa agrícola do Ribatejo e ilustra uma situação ilegal que alastra impunemente e com toda a naturalidade.

Actividade ilegal

Nos termos do despacho 78/84, publicado no Diário da República de 16 de Agosto de 1984, pelo então ministro da Agricultura Soares da Costa, «o exercício de actividades privadas, tais como a elaboração de projectos para empresas agrícolas, quaisquer que sejam os objectivos e a natureza dos mesmos, em acumulação com funções ou cargos públicos, nomeadamente no âmbito da extensão rural e do crédito agrícola, só pode ser permitido por despacho ministerial (...)

Este preceito está porém a ser ignorado por altos dirigentes do MAPA e o próprio sub-director do seu Gabinete de Planeamento, eng. Abílio Corvo, disse ao «DL» que «isso das incompatibilidades não é tão evidente como parece».

Escusando-se a comentar alguns casos que lhe referimos, aquele responsável de um dos departamentos mais visados nas acusações de envolvimento dos seus funcionários em actividades privadas, incompatíveis com o seu estatuto, remeteu-nos para o dr. Rodrigo Ferreira, chefe de Gabinete de Alvaro Barreto. Significativamente, este colaborador do ministro, também já apontado nestas páginas - sem desmentido - como tendo pedido pessoalmente 40 mil contos ao Fundo Social Europeu para uma empresa privada de que é sócio, passou a bola para o inspector geral do ministério, eng. Dionísio Leitão.

Confirmando a incompatibilidade da participação dos funcionários na feitura de estudos e projectos destinados à obtenção de subsídios do ministério ou de organismos da CEE, aquele inspector disse-nos existir apenas um inquérito disciplinar em curso relacionado com casos desta natureza. Trata-se de um técnico superior do Gabinete de Planeamento, cujo local de trabalho foi mandado selar há dois meses por Alvaro Barreto e cuja actuação, eventualmente irregular, na apreciação de projectos a encaminhar para a CEE, está ainda a ser objecto de averiguação por parte da Inspeção Geral.

Fontes a que o «DL» teve acesso admitem porém que, tal como aconteceu na zona da reforma agrária, a instauração de um processo disciplinar contra aquele técnico vise essencialmente «encontrar um bode expiatório para uma situação grave e generalizada que conta com a cobertura e mesmo o envolvimento de altos responsáveis».

Segundo o eng. Dionísio Leitão, a abertura de inquéritos pela Inspeção Geral depende sempre de uma deliberação superior prévia, e a sua capacidade de resposta é muito reduzida devido à escassez de meios de que dispõe.

Ministério recusa apoio técnico

A orientação actual do MAPA consiste em recusar às cooperativas que lho solicitam todo e qualquer apoio no âmbito da elaboração de projectos de saneamento financeiro, de viabilização económica e de apoio ao investimento.

A argumentação oficial, designadamente da Direcção de Serviços do Associativismo Agrícola, radica na ideia de que esse apoio pode colidir com a necessária transparência das decisões que o ministério terá que tomar, posteriormente, quando da avaliação dos projectos para a concessão de subsídios.

Esta posição de princípio é aceite por muitas coope-

rativas, mas a realidade que elas contestam é a de que os funcionários impedidos de prestar tal apoio, acabam frequentemente por se responsabilizar pelos projectos, a título privado, cobrando centenas de contos e usando a sua influência para obterem a respectiva encomenda.

Os processos utilizados são numerosos e vão desde a oferta directa e pessoal dos seus serviços às cooperativas e empresas agrícolas, de que já são conhecidos como técnicos do ministério, à criação de gabinetes de estudo e firmas de consultoria.

Esta última solução é a que está a ser mais utilizada, falando-se de dezenas de firmas a que estão ligados funcionários do MAPA e do IFADAP.

Recibos comprovativos

De acordo com dirigentes de cooperativas que nos pediram o anonimato, as propostas de projectos recebidas nos últimos três meses ultrapassam muitas vezes as duas dezenas.

Em alguns casos, as firmas referem directamente os «bons contactos» que têm no MAPA e no IFADAP, e as suas propostas são depois complementadas por telefonemas ou visitas de técnicos daquelas entidades, que aconselham a sua aceitação e lembram que os projectos só são aceites «desde que elaborados por pessoas que estejam bem relacionadas».

O «DL» tem em seu poder recibos emitidos por algumas cooperativas em nome de funcionários do Ministério da Agricultura, a quem pagaram 200 e 300 contos pela elaboração de «estudos económico-financeiros». Curiosamente, estas cooperativas - mesmo algumas que se sentem enganadas, porque apesar das influências ainda não receberam o dinheiro - recusam-se a reconhecer publicamente tal facto, por receio de serem acusadas de corromper funcionários.

No que respeita à actual corrida aos financiamentos da CEE, o gerente de uma adega cooperativa da zona de Alenquer disse-nos que tem sido «constantemente abordado por empresas que pedem à partida 2% do valor do subsídio a pedir no projecto que se propõem fazer e que pretendem depois mais 3 ou 4% sobre o dinheiro que vier de facto».

Ao que sabemos, muitos dos técnicos do MAPA envolvidos nestes gabinetes de estudo trabalham nesses projectos nas próprias horas de serviço e com apoios internos de ordem vária.

Frequentemente os contactos com as cooperativas e empresas agrícolas são feitos por pessoas sem lugar de destaque na hierarquia, mas o trabalho é depois orientado por técnicos superiores, colocados em postos de responsabilidade.

«Bons contactos»

O gerente de uma das cooperativas por nós contactada disse-nos que já este ano recebeu um telex do MAPA, onde se informa que foram cativados 600 mil contos do Orçamento do Estado para a concessão de subsídios a investimentos em cooperativas, sem que até agora tenha chegado qualquer resposta aos pedidos de esclarecimento que solicitou. Segundo a mesma fonte poderá não tardar muito que comecem a aparecer propostas «de pessoas que estão dentro do assunto» para prepararem os pedidos de subsídio a atribuir com aquele dinheiro.

De acordo com esse responsável cooperativo, «a única solução transparente para o problema dos subsídios nacionais e comunitários deveria passar por um levantamento oficial da realidade cooperativa do tipo do que se está a fazer em Espanha».

A forma como surgiram por todo o país candidaturas a subsídios das Comunidades Europeias, designadamente do seu Fundo Social, tem levantado numerosas dúvidas, a que poderá não ser alheio o atraso de que alguns se queixam na chegada do dinheiro pedido.

Tudo indica que os serviços da CEE responsáveis pela análise dos projectos e pelo controlo da aplicação dos subsídios estão atentos e preocupados em filtrar as muitas iniciativas que receberam a luz verde do Governo português, mas cujo único objectivo reside na captação dos fundos comunitários para uso próprio dos seus patrocinadores.

No sector agrícola, a questão é tanto mais escandalosa quanto as práticas em vigor no que respeita aos subsídios geralmente concedidos pelo MAPA, com base na corrupção e no tráfico de influências, estão a ser directamente transferidas para a elaboração dos projectos a submeter à CEE.

Resta lembrar que até agora apenas foi instaurado um inquérito e que é de Alvaro Barreto que depende directamente o desencadeamento de qualquer averiguação.

Por enquanto apontou-se um arbusto para esconder a floresta, afirma-se nos corredores do ministério da Agricultura.

VERÃO 86

Umás Férias Diferentes

EUROPA

PARIS - LOURDES - ANDORRA (11 dias) PARTIDAS: 7 e 20/6 • 8 e 19/7 • 1 e 2/8 • 1 e 15/9 • 5 e 18/10	74 900\$00
CÔTE D'AZUR - VENEZA - MILÃO (13 dias) PARTIDAS: 4/6 • 16/7 • 1 e 17/8 • 4 e 14/9 • 1/10	110 900\$00
CIRCUITO EUROPEU (15 dias) PARTIDAS: 14/6 • 8/7 • 2/8 • 9/9 • 1/10	121 900\$00
BENELUX-PARIS-VALE DO RENO (15 dias) PARTIDAS: 15/6 • 12/7 • 9/8 • 6/9 • 1/10	118 900\$00
ÁUSTRIA - HUNGRIA - JUGOSLÁVIA (21 dias) PARTIDAS: 1/6 • 10/7 • 1/8 • 5/9 • 5/10	167 900\$00
BENELUX - PARIS - VALE DO RENO (8 dias) PARTIDAS: 6, 13, 20 e 27/7 • 3, 10, 17, 24 e 31/8 • 6, 14, 21 e 28/9	103 000\$00
ÁUSTRIA E HUNGRIA (8 dias) PARTIDAS: 5/6 • 3, 10, 17, 24 e 31/7 • 7, 14, 21 e 28/8 • 4, 11, 18 e 25/9	129 000\$00
SUIÇA - ÁUSTRIA - ITÁLIA (8 dias) PARTIDAS: 5, 12, 19 e 26/6 • 2, 9, 16, 23 e 30/7 • 6, 13, 20 e 27/8	107 500\$00
JUGOSLÁVIA (8 dias) PARTIDAS: 6, 13, 20 e 27/6 • 4, 11, 18 e 25/7 • 1, 8, 15, 22 e 29/8 • 5, 12, 19 e 26/9	109 800\$00
GIRO ITALIANO (8 dias) PARTIDAS: 8/6 • 13 e 20/7 • 10, 17, 24 e 31/8 • 7, 14 e 21/9	112 100\$00
GRÉCIA E TURQUIA (8 dias) PARTIDAS: 8/6 • 6 e 20/7 • 3, 17 e 31/8 • 14 e 28/9 • 5/10	99 900\$00
CIRCUITO DAS 4 CAPITAIS (11 dias) PARTIDAS: 20/7 • 16/8 • 3/9	115 600\$00
PARIS E LONDRES (11 dias) PARTIDAS: 14 e 28/6 • 5 e 19/7 • 2 e 16/8 • 6 e 10/9 • 4 e 18/10	117 000\$00
GRANDE CIRCUITO DO NORTE DA EUROPA (12 dias) PARTIDAS: 8/6 • 20/7 • 3 e 17/8 • 7/9	148 800\$00
ITÁLIA TRADICIONAL (12 dias) PARTIDAS: 10/6 • 5/7 • 2 e 16/8 • 2 e 13/9 • 4/10	115 000\$00

ESPAÑA

BADAJOS E OLIVENÇA (1 dia) PARTIDAS: Todas as 5.ª e Sábados de Junho a Outubro	2 800\$00
SEVILHA E ARACENA (3 dias) PARTIDAS: Todas as Sextas-Feiras de Maio a Outubro	13 900\$00
VIGO E MINHO (3 dias) PARTIDAS: 6/6 e todas as Quintas de 19/6 a 23/10	11 900\$00
MADRID (4 dias) PARTIDAS: 26/6 • 3 e 24/7 • 14 e 28/8 • 4, 11 e 25/9 • 1, 12 e 26/10	17 900\$00
CEUTA E GIBRALTAR (4 dias) PARTIDAS: 1 e 15/6 • 6 e 20/7 • 3, 17 e 31/8 • 14 e 21/9 • 5 e 19/10	23 900\$00
GALIZA E PICOS DA EUROPA (5 dias) PARTIDAS: 7 e 22/6 • 12 e 26/7 • 2 e 15/8 • 7 e 21/9 • 1 e 12/10	31 500\$00
TORREMOLINOS (5 dias) PARTIDAS: 8 e 22/6 • 6, 20 e 27/7 • 3, 17 e 24/8 • 7, 21 e 28/9 • 5, 19 e 26/10	24 800\$00
MADRID E ANDORRA (5 dias) PARTIDAS: 6 e 22/6 • 6 e 20/7 • 3, 14 e 24/8 • 6 e 20/9 • 1 e 19/10	28 900\$00
MADRID REAL (5 dias) PARTIDAS: 6 e 22/6 • 6 e 20/7 • 3, 14 e 24/8 • 6 e 20/9 • 1 e 19/10	19 800\$00
VOLTA CANTÁBRICA POR MADRID E PICOS DA EUROPA (6 dias) PARTIDAS: 1 e 15/6 • 5 e 19/7 • 1 e 15/8 • 6 e 21/9 • 5 e 19/10	44 400\$00
VALÊNCIA - BARCELONA - MADRID (7 dias) PARTIDAS: 8 e 22/6 • 13 e 27/7 • 10 e 31/8 • 14/9 • 1/10	41 200\$00
ANDALUZIA (7 dias) PARTIDAS: 6 e 20/6 • 4 e 18/7 • 1 e 22/8 • 5 e 19/9 • 3 e 17/10	46 500\$00
LOURDES - ZARAGOZA - MADRID (8 dias) PARTIDAS: 1 e 15/6 • 5 e 20/7 • 3 e 24/8 • 7 e 21/9 • 5/10	46 200\$00
PALMA DE MAIORCA (8 e 15 dias) PARTIDAS: Todos os Sábados de Junho a Setembro	50 300\$00
BENIDORM (8 e 15 dias) PARTIDAS: Todas as Sextas de Junho a Setembro	29 950\$00
COSTA DEL SOL (8 e 15 dias) PARTIDAS: Todos os Sábados e Domingos de Junho a Setembro	22 950\$00

LUSANOVA TURISMO

AV. JOÃO XXI, 9-A - M. MONIZ, 6-A - TEL. 89 43 11 - 89 44 80

Se nenhuma guerra poderá contar com ele

Que espera o Exército do soldado Valentim?

Manuel Geraldo

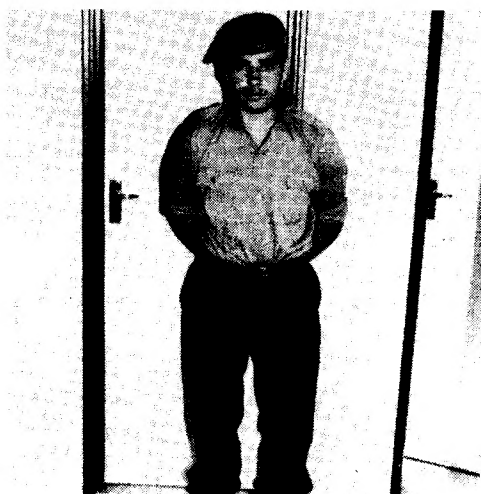
Imaginem os leitores a incorporação no Exército português de um mancebo de 21 anos amparado a duas muletas, locomovendo-se a passos de «caracol», a coluna vertebral «suspensa» de duas barras de platina, pulmão direito reduzido a metade, braço do mesmo lado sem articulação, ambos os pés descaídos.

Os leitores são livres de imaginar, mas o personagem que lhes propusemos não é ficção, existe mesmo. dá pelo nome de Valentim Gomes de Sá e residia com os pais em Almada até à sua incorporação em Março deste ano como soldado-recruta no Batalhão de Serviço de Saúde (BSS), em Setúbal, onde ostenta o número 13 658/86.

Mas contemos a história, a raia o inconcebível, deste cidadão a quem a infelicidade bateu à porta, em Março do ano passado, ao ser atropelado junto aos acessos à Ponte 25 de Abril, quando na sua faixa de rodagem, e com a respectiva sinalização, mudava um dos pneus do automóvel em que seguia com um amigo para Almada. À data do acidente o jovem trabalhava como empregado de mesa em Odivelas e tinha ido à inspecção militar dois meses antes.

Fortemente traumatizado pelo embate, Valentim de Sá deu entrada em estado de coma no Hospital de S. José, onde ficou internado ao longo de 90 dias, até ser transferido para o Centro de Recuperação de Alcoitão. No acidente sofreu fratura da coluna, do braço direito, de ambos os pés e perfuração de um pulmão. De Alcoitão saiu passado um mês em cadeira de rodas, seu único meio de locomoção até que cinco meses decorridos começou a dar pequenas passadas, tal como ainda agora acontece, amparado a duas muletas.

Conhecedor de que estava à beira de ser convocado para a tropa, Valentim de Sá fez chegar em



Valentim de Sá: um deficiente irrecuperável que o Exército mantém há três meses nas suas fileiras

Janeiro 1985 ao Distrito de Recrutamento Militar (DRM), a que pertencia, o relatório médico sobre o seu dramático estado de saúde, constante de radiografias e pareceres dos clínicos que o haviam assistido.

Mas surpresa das surpresas: em Março uma guia de marcha chegava pelo correio a sua casa a

convocá-lo para se apresentar na unidade onde passados três meses tem permanecido ininterruptamente, salvaguardando os fins-de-semana, feriados e outras licenças esporádicas.

De concreto Valentim de Sá sabe, e nós confirmamo-lo junto das autoridades militares competentes, que a sua situação só ficará definitivamente resolvida após parecer da Junta a que, em data ainda não especificada, irá ser apresentado.

Até lá só lhe resta continuar a deambular pelas casernas e paradas do BSS, entre espaçadas deslocamentos ao Hospital Militar da Estrela, arrastando perante a opinião pública a sua imagem de dor, que os menos avisados em datas e eventos, poderão imaginar consequência de manobras atlânticas, ou, em última instância, da guerra colonial a que o 25 de Abril pôs termo.

Humor negro se fosse ficção

Mas neste caso, bem dentro dos contornos do «humor negro», não fora estar em causa um ser humano de carne e osso e não uma figura de ficção, tem ainda uma outra componente não menos preocupante para o visado: ao ser incorporado no Exército, onde auferir o soldo de 1700 escudos mensais, viu suspensa a pensão de nove contos que recebia da Caixa a título provisório, fundamental para equilibrar o magro orçamento caseiro, agora reduzido à pensão de reforma do pai.

Acontece que situações como a vivida por Valentim de Sá fazem com que deixe de haver limites para a nossa capacidade de ficarmos surpreendidos neste Portugal/86, possuidor de um Exército que, em tempo de paz, não se inibe de manter nas suas fileiras, desde há três meses, um jovem irrecuperavelmente incapacitado. Que Kafka nos valha!...

Pela Comissão

de Inquérito da AR

Notícias sobre Camarate

consideradas 'extemporâneas'

A Comissão Parlamentar de Inquérito à queda do «Cessna» que, em 5 de Dezembro de 1980, provocou, em Camarate, a morte do então Primeiro-Ministro Francisco Sá Carneiro, do dirigente do CDS Adelino Amaro da Costa e dos seus cinco acompanhantes, distribuiu ontem um comunicado em que considera «extemporâneas» algumas notícias surgidas na Imprensa sobre o desenrolar dos trabalhos que vem desenvolvendo.

No seu comunicado, a referida Comissão afirma não ser responsável por quaisquer afirmações vindas a público sobre o inquérito em curso, o qual, frisa, «está ainda na fase de investigação dos factos».

Traineiras encalhadas oito horas na Arrábida

Devido ao nevoeiro, a traineira «Ana Júlia», que operava ao largo da praia de Alportuche, Arrábida, encalhou na madrugada de ontem numa zona de baixio, conhecida pela designação de Três Irmãs, só conseguindo safar-se cerca de oito horas depois com a ajuda de outros barcos de pesca e da corveta da Armada «Afonso Cerqueira». Não se registaram vítimas e o pescado destinado à lota de Setúbal foi salvo. A traineira sinistrada foi rebocada para o estaleiro da Junta Autónoma do porto de Setúbal.

Grande adesão à recolha de sangue em Faro

Cerca de duas dezenas de pessoas foram ontem de manhã dar sangue ao posto móvel instalado na cidade de Faro pelo «Rotary Clube» local, em colaboração com a Cruz Vermelha Portuguesa.

A informação foi dada por um dos elementos responsáveis pela equipa médica que se encontra no local e que revelou terem sido já recolhidos cerca de oito litros de sangue, na sua maioria provenientes de homens.

Considerando ser «muito positiva» a aderência da população local à iniciativa, aquele responsável salientou que «quando é necessário, as pessoas geralmente sabem praticar a solidariedade social».

A recolha destina-se ao Hospital Distrital de Faro, que neste momento se debate com algumas carências no seu «stock» de sangue.

O director clínico daquele estabelecimento de saúde, disse que «existe um défice crónico de sangue no

hospital», que é agravado anualmente na época de Verão.

«Se a colheita que está a decorrer for reduzida, então teremos de lançar um alerta à população no sentido de colaborar mais com iniciativas idênticas que se venham a realizar», salientou Jorge Gabriel.

Aquele responsável adiantou, a propósito, que para os meses de Verão, o hospital necessita, pelo menos, de 120 litros de sangue, enquanto que nos meses normais a média não ultrapassou os 60.

«Só para uma urgência é necessário meio litro de sangue», frisou, acrescentando que nestes casos, o hospital solicita geralmente o auxílio aos hospitais de Lagos e Portimão, bem como a dadores dos quartéis e prisões da região.

Perante tal circunstância trabalhadores e autarcas da Câmara de Almodôvar, Baixo Alentejo, iniciaram hoje uma ponte de solidariedade social para com o

Algarve, deslocando-se a Faro para dar sangue ao hospital distrital.

A iniciativa foi anunciada pelo presidente daquela autarquia, António Saleiro, que revelou partirem da sede do seu concelho para Faro dois autocarros com trabalhadores e autarcas do município.

A decisão, segundo António Saleiro, foi tomada «num gesto de total solidariedade social para com o Hospital de Faro, atendendo ao facto de nele não haver sangue suficiente para acorrer a alguma situação que possa inesperadamente verificar-se na região algarvia».

O presidente da Câmara de Almodôvar referiu ainda que os trabalhadores e autarcas do seu município «estarão sempre na primeira linha do apoio a entidades ou pessoas que precisem deste ou de outro tipo de acções que visem obviamente a salvaguarda ou da vida ou dos bens».



Mário Castrim

Meu velho amigo Aquiles costuma visitar-me na altura do **Telejornal**. Diz ele, e com razão, que os amigos se querem para as ocasiões.

Não se pode dizer que o Aquiles seja um reaganista, mas acha que certas pessoas (eu por exemplo) atacam em demasia os Estados Unidos — ao mesmo tempo que leva muito a mal o exagero pró do **Telejornal**. Aquiles quer ser um equilibrista, perdão... um equilibrado.

Quando o locutor disse, certa ocasião, aqui há dias, que naquele país o limite para a pobreza, numa família de quatro pessoas, era de 120 contos por mês, Aquiles, solteirão a viver em casa da mãe, sorriu:

— Ninguém acredita nisso — disse — cento a vinte contos é muito dinheiro...

Acabada a emissão, agarrei num papel e lápis.

— Vamos supor um casal que trabalha e tem dois filhos na secundária — disse-lhe — Então será: para água, três mil...

— E não é muito — interrompeu ele — Em casa, e sem ser em dólares, gastamos nós sempre perto dos dois mil...

Calmamente, longamente parando aqui e ali para ajuste de contas, frequentemente corrigido pela Tininha, que, cá em casa, é quem mais sabe de preços e despesas, desbobinei. Para a água, três mil.

Electricidade, dez mil; telefone, quatro mil; transportes, sete mil e quinhentos; renda de casa, trinta mil; despesas com os filhos na escola (livros, material, refeições etc.) seis mil; calçado, vestuário, cinco; médicos e remédios, cinco, quando não é mais, muito mais; drogarias, higiene, reparações em casa, essas coisas, digamos cinco; mulher a dias dez; prestações de electrodomésticos, sete; jornal, bicas, enfim, três mil...

— Isso dá quanto? — perguntava o Aquiles, aflito.

— Noventa e seis mil...

— Arredondemos para cem... murmurou abanando-se com o jornal.

Ficavam vinte para comer. E os livros? O cinema? O teatro? As prendas? A vida?...

— E isto não é em Nova Iorque, amigo Aquiles, isto é em Lisboa... Ele tinha percebido. Por isso se abanava furiosamente com o jornal. Cá em casa, já nem dá p'ra comprar um leque...



Confirmada origem criminosa

Incêndio na serra de Sintra está na fase de rescaldo

O incêndio que desde a passada quarta-feira lavrava na serra de Sintra, e ontem tinha sido considerado extinto, reacendeu-se e só ao fim desta manhã os bombeiros iniciaram as operações de rescaldo. No conjunto, arderam cerca de 100 hectares, entre mato e árvores, mas não houve residências afectadas nem intoxicações graves entre os bombeiros.

«Ainda há pequenos focos, mas o incêndio está quase controlado e esperamos entrar na fase de rescaldo ao fim da manhã», declarou ao «DL» uma fonte do Centro de Coordenação dos bombeiros de Sintra, localizado em Almoçageme.

A mesma fonte adiantou que ontem, já quando a grande maioria dos bombeiros tinha abandonado a área, cerca das 13 e 40, as chamas reacenderam-se devido ao vento, «que foi transportando o fogo de um lado para o outro». Depois de uma noite de combate a um incêndio de origem criminosa com três frentes, havia que

recomeçar tudo de novo.

Assim, compareceram à Quinta do Saldanha, entre a Lagoa Azul e a barragem do Rio da Mula, 300 bombeiros de 17 corporações de Cascais e Sintra, que durante a tarde e a noite de ontem e a madrugada de hoje conseguiram controlar o avanço das chamas e circunscrevê-las a pequenos focos, depois do fogo ter voltado a pegar na zona dos Capuchos, avançando rapidamente para um eucaliptal no sítio da Pedra Amarela.

Apesar do sucesso da operação, aos 30 hectares devorados pelas chamas na noite de quarta para quinta-feira,

juntam-se mais 70, elevando para 100 os hectares da Serra de Sintra destruídos por este incêndio.

E, tal como aconteceu na quarta-feira, o vento levou o fumo para o concelho de Cascais, ao ponto de uma fonte dos bombeiros de Cascais ter ontem à tarde declarado à agência Notícias de Portugal que «Cascais está coberta de fumo».

Fogo posto com «oportunidade»

Como o «DL» revelou na sua edição de ontem, na origem do sinistro está um acto criminoso de fogo posto, hipótese de imediato levantada pelos bombeiros durante as primeiras horas de combate ao incêndio.

O facto de, apesar do calor dos últimos dias, o mato ainda se encontrar verde, o fácil acesso por estrada ao local onde o incêndio deflagrou, a sua progressão previsível para terrenos de

difícil acesso aos bombeiros são alguns dos elementos de um «puzzle» que indicam ter-se tratado de uma acção criminosa.

Ontem, de acordo com um informador da Guarda Nacional Republicana de Sintra, aquela força de segurança não tinha ainda empreendido qualquer acção no sentido de apurar quais os responsáveis, mantendo forças na Serra para auxiliar o combate às chamas.

Mas, o facto do incêndio se ter declarado uma semana antes de entrar em vigor o sistema de vigilância de 24 horas por dia na Serra de Sintra, que teria permitido a detecção do incêndio em tempo útil para o combate às chamas, e rumores de loteamentos clandestinos na área da Quinta do Saldanha, que o «DL» não conseguiu, no entanto, confirmar, revelam que o fogo em «dois episódios» terá sido «oportuno»...

Começo marcado para dia 12

Festas de Lisboa viram-se à zona ribeirinha

Um arraial flutuante, no Tejo, no cacilheiro «Monte Pragal», ou concerto de rock na Alameda Afonso Henriques com «Xutos e Pontapés», «Rádio Macau» e «GNR» são opções possíveis para os lisboetas festejarem a sua cidade na véspera de Santo António.

Estas iniciativas, divulgadas a bordo de um cacilheiro da «Transteco», incluem-se no programa das «Festas da Cidade» de Lisboa, este ano também viradas para o Tejo, segundo prioridade estabelecida pela Câmara Municipal.

Ainda na noite de Santo António (dia 12) e quer este-

jam a bordo do «Monte Pragal» quer em terra, na Ribeira das Naus, os lisboetas terão um outro espectáculo, o fogo-de-artifício.

Já no dia do Santo casamenteiro, além das festividades habituais nos bairros populares, também no Martim Moniz, no Largo de São Miguel (Alfama) e no Largo de Santa Cruz do Castelo haverá arraiais, uma procissão de Santo António até à igreja do mesmo nome, concertos de bandas de música e teatro vicentino, com o «Auto de Maria Parda» por Maria do Céu Guerra, da «Barraca».

Uma festa cigana, no Mar-

tim Moniz, com concursos de trajes e cantares e um espectáculo recordando as «melodias de sempre», com Maria de Lurdes Resende, Rui de Mascarenhas e Artur Garcia, no coreto de Olivais Velho, são outras das iniciativas previstas pela Câmara Municipal para comemorar Lisboa.

«O rio Tejo e sua cidade, Lisboa» serão ainda tema para uma exposição a inaugurar dia 16 e patente até dia 30 no Centro Cultural das Descobertas, levando, uma vez mais os lisboetas até ao rio.

O folclore de Marrocos percorrerá também Lisboa em Junho, passando pelo Parque

Eduardo VII, Padrão dos Descobrimentos e Rossio e animará ainda a cidade onde o São João será festejado com uma noite de fado no Castelo de São Jorge.

As festas da cidade prolongam-se até final do mês e uma corrida de gala à antiga portuguesa será ainda outra das animações previstas para à noite de 26, na Praça de Touros do Campo Pequeno.

A fechar o mês, dia 28, ainda um desfile de automóveis antigos com partida e chegada previstas para o Rossio, faz parte das festas em que o lisboeta poderá participar no mês da sua cidade.

O bingo volta a Monfortinho

Os frequentadores das terras de Monfortinho voltam este Verão a poder jogar o bingo durante a época termal, numa confortável sala com capacidade para duzentas pessoas.

A iniciativa deve-se à Estoril Sol concessionária do Casino do Estoril e à empresa do Hotel Astória. É já no próximo sábado que se procederá à abertura da sala de jogo naquela conhecida estância do distrito de Castelo Branco a escassos metros da fronteira com Espanha e virá enriquecer a animação turística local.

Morreu António Coutinho Júnior

Com 85 anos, faleceu em Cascais, onde residia, António Coutinho Junior, pai do nosso colega Nuno Coutinho, jornalista da RTP.

António Coutinho Junior era um dos civis que participou no movimento revolucionário de 7 de Fevereiro de 1927 contra a dita-dura saída do golpe militar de 28 de Maio de 1926. Esteve exilado em Espanha e foi julgado em Tribunal Militar Especial do Porto, sob a acusação de «fazer causa comum com as tropas revoltosas, concorrendo para facilitar a execução do movimento revolucionário, que tinha por fim destruir ou mudar a forma de Governo».

Na sequência do processo seria afastado das funções que desempenhava nos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.

O funeral realizou-se no passado domingo, na Régua, de onde o extinto era natural, tendo-se incorporado no préstito diversas individualidades, nomeadamente o presidente do município local.

O extinto, que deixa viúva D. Damiana Lúcia de Matos Teixeira Coutinho, era ainda pai de Vasco Teixeira Coutinho e de D. Maria Luísa Coutinho Veríssimo. Era avô das meninas Susana Luísa, Ana Sofia e Inês Maria e dos jovens Nuno Manuel e Paulo Jorge Coutinho.



EXCURSÕES DE LUXO

**AUTOPULLMANS DE LUXO
HOTÉIS SELECIONADOS
QUIAS EXPERIENTES**

10% DE DESCONTO
OFERTA VÁLIDA ATÉ 30 DE JUNHO DE 1986 — CONSULTE-NOS

SRA. DA AGONIA • PENEBA • SOAJO 5 DIAS - DE 14 A 18 DE AGOSTO	ANDALUZIA • LEVANTE ESPANHOL 9 DIAS - 19.7 • 28 • 6.9
SRA. DA AGONIA • MINHO E VIGO 4 DIAS - DE 15 A 18 DE AGOSTO	MOSTEIRO DE ESPANHA E ANDORRA 10 DIAS - 18.7 • 16 • 22.8 • 5 • 19.9
ALGARVE TURÍSTICO 2 DIAS - 28.6 • 19.7 • 2.9 • 23.8 • 13 • 27.9 • 4.10 • 1.11	BIARRITZ • LOURDES E ANDORRA 7 DIAS - 8.6 • 19.7 • 2 • 23.8 • 6 • 20.9 • 1.10
ALGARVE SOL E MAR 3 DIAS - 6.6 • 11 • 25.7 • 15 • 29.8 • 5 • 19.9 • 3.10	MADRID • ANDORRA E ZARAGOZA 5 DIAS - 7.6 • 5 • 19.7 • 2.13 • 23.8 • 3 • 17.9 • 1.10
MINHO • GERES E CANICAÇA 3 DIAS - 14 • 28.6 • 5 • 19.7 • 2.9 • 23.8 • 30.8 • 6.13 • 20 • 27.9 • 4.10	CÔTE D'AZUR • MÓNACO E SAN REMO 11 DIAS - 5.6 • 17.7 • 1 • 19.8 • 3 • 17.9 • 1.10
ALTO MINHO • GERES E CANICAÇA 3 DIAS - 6.13 • 20.6 • 11 • 25.7 • 8 • 22 • 29.8 • 5.12 • 19 • 26.9 • 3 • 31.10	LOURDES • PARIS • ANDORRA 11 DIAS - 5.6 • 6.7 • 17.8 • 1.9
DOURO • MINHO E BEIRAS 3 DIAS - 6.13 • 20.6 • 5 • 25.7 • 2.15 • 23.8 • 5 • 27.9 • 3 • 31.10	NORMANDIA • PARIS • VERSAILLES 13 DIAS - 19.7 • 2.8 • 13.9
MINHO • SOAJO E DUCAÇO 3 DIAS - 29.5 • 8 • 13.6 • 4.18 • 25.7 • 1.8 • 15.22 • 20.8 • 5.12 • 19 • 26.9 • 3 • 17.10 • 1.11	TRÊS ALPES • ÁUSTRIA • TIROL 17 DIAS - 11.7 • 1.8 • 5.9
NORDESTE • DOURO E BEIRAS 4 DIAS - 7.6 • 10 • 24.7 • 14 • 28.8 • 1 • 25.9	BERELUX • PARIS • CRUZEIRO NO RENO 15 DIAS - 13.7 • 10.8 • 7.9
PENEBA • SOAJO E GERES 5 DIAS - 7.6 • 23.7 • 6.13 • 20.8 • 3 • 24.9 • 1.10	ITÁLIA • CÔTE D'AZUR 16 DIAS - 16.7 • 3.9
TRÁS-OS-MONTES • MINHO E BEIRAS 6 DIAS - 8.6 • 20.7 • 10 • 24.8 • 7.9	LONDRES • BRUXELAS • PARIS 15 DIAS - 12.7 • 9.8 • 13.9
SEVILHA • ARACENA • BARAJOS 3 DIAS - 17 • 27.6 • 11 • 25.7 • 1 • 15.8 • 5 • 19.9 • 3 • 30.10	GRANDE CIRCUITO EUROPEU 22 DIAS - 6.7 • 7.8
MADRID • ARANJUEZ • TOLEDO 4 DIAS - 7 • 12.6 • 24.7 • 7 • 14.8 • 4 • 25.9 • 2.10	GRANDE CIRCUITO EUROPEU 16 DIAS - 8.7 • 9.8
GALIZA • RIAS BAIXAS E PICOS DA EUROPA 5 DIAS - 7.6 • 19.7 • 2 • 15.8 • 3 • 24.9 • 1.10	INGLATERRA • ESCÓCIA • PARIS 21 DIAS - De 3 a 23.8
ASTÚRIAS E PICOS DA EUROPA 6 DIAS - 8.6 • 26.7 • 15.8 • 7.9	TETUAN • CEUTA E TORREMOLINOS 4 DIAS - 7 • 12.6 • 27.7 • 3 • 14.8 • 7 • 21.9 • 2.10
CÓRDOVA • GRANADA E SEVILHA 5 DIAS - 7 • 11.6 • 23.7 • 13.8 • 10.9 • 1.10	GIJÓN • TÁNGER E CEUTA 5 DIAS - 6 • 13.6 • 20.7 • 13 • 24.8 • 7 • 14.9 • 1.10
PALMA DE MAIORCA E ANDORRA 4 DIAS - 17.7 • 14.8 • 3.9	MARROCOS • CIDADES IMPERIAIS 9 DIAS - 7.6 • 7 • 19.7 • 2 • 23.8 • 6 • 20.9 • 1.10
	MARROCOS IMPERIAL AGADIR • KASHBAS 12 DIAS - 11.7 • 8.6 • 12.9

Reservas e informações na sua agência ou na:

AVIC AV 5 DE OUTUBRO, 53 — LISBOA
Telefones 521116 • 521117 • 522970
GROSS 74 413 85

Lançamento de esgotos para os rios será regulamentado ainda este ano

O lançamento de detritos e esgotos para as águas dos rios vai ser regulamentado, de par com a qualidade das águas, para as quais vão ser estabelecidos parâmetros técnicos — afirmou o secretário de Estado do Ambiente e Recursos Hídricos na sessão inaugural de uma reunião alargada que a APRH (Associação Portuguesa de Recursos Hídricos) promoveu para comemorar o Dia Mundial do Ambiente.

Carlos Pimenta, que ontem à tarde se deslocou ao Teatro «Rosa Damasceno», em Santarém, para presidir às comemorações do Dia Mundial do Ambiente levadas a cabo pelos Amigos do Tejo, adiantou que essas duas iniciativas se traduzirão em diplomas na área da qualidade das águas e da sua poluição.

A propósito do Tejo aquele governante revelou que está em curso um «projecto de investigação de saneamento básico» para estudar o problema da sua actual poluição. Carlos Pimenta insistiu ainda na criação da «Administração da Bacia do Tejo», assunto a que o «DL» se reportou em devido tempo: trata-se, é bom recordá-lo, de um órgão de gestão para esse rio que tratará dos problemas de poluição e saneamento básico, com perfeita competência e autonomia para impedir que os mais de 40 órgãos que neste momento intervêm no Tejo, se pronunciem sem o consultar.

O Governo está preparado, pelo que disse o secretário de Estado do Ambiente, para tomar medidas enérgicas que ponham cobro a uma série de abusos que se estão a verificar, designadamente quanto a muitos industriais que poluem os rios e/ou fábricas que estão a destruir matas.

«Vaga de fundo» das populações

A política de ambiente em Portugal, de que a implementação de

um programa de investigação e desenvolvimento é uma das componentes, foi ontem traçada em Santarém por Carlos Pimenta, que a considerou como «o grande desafio que o Governo vai pôr à sociedade científica esperando que ela corresponda, pois os meios financeiros estão assegurados».

A segunda componente da política de ambiente a iniciar este ano deverá ser a educação e a formação — adiantou o secretário de Estado, para sublinhar que «muitos dos responsáveis ainda não se compenetraram do valor e da importância do ambiente».

Carlos Pimenta disse ainda que a solução do problema tem de passar «por uma vaga de fundo das populações» e denunciou a existência de «pressões sobre a Secretaria de Estado para que não publique nem aplique legislação».

Depois de acentuar a necessidade de uma política objectiva e sem demagogias, afirmou que em termos de qualidade de vida a situação ambiental «compromete o futuro do país enquanto País».

O presidente da Câmara de Santarém, Teles Botas, abriu a sessão falando dos problemas da poluição dos rios da região, especialmente do rio Alviela.

Carlos Pimenta entregou vários prémios relacionados com a investigação no campo do ambiente atribuídos pela Secretaria de Estado do Ambiente.

A sessão terminou com uma palestra de João Pereira Neto,



presidente da Associação dos Amigos do Tejo, entidade que organizou este ano as comemorações do Dia Mundial do Ambiente e a cujo elenco directivo pertencem, entre outros, Carlos Salgado, João Gilberto, Jorge Calheiros, Antunes Dias e António Nabais, entre outros.

Soares recebeu «Amigos da Terra»

Mário Soares recebeu no Palácio de Belém «Os Amigos da Terra», tendo-se mostrado «extremamente sensibilizado».

Na audiência de 40 minutos os cinco jovens dos «Amigos da Terra» manifestaram a Mário Soares as suas preocupações pela «agressão ecológica nacional».

Gestão dos recursos hídricos, destruição do litoral, urbanizações selvagens, plantação abusiva de espécies exógenas como o eucalipto e a salvação da «relação lisboeta-Tejo e do passeio rebeirinho» — foram alguns dos pontos abordados no encontro.

Enquanto isso acontecia em Lisboa, no Norte as celebrações do Dia Mundial do Ambiente limitavam-se a duas ou três iniciativas na cidade do Porto e a uma acção de sensibilização camarária, em Vila do Conde.

No Porto as crianças de jardins de infância da cidade concentraram-se no Palácio de Cristal, onde a Divisão de Parques e Jardins, organismo dependente da Câmara Municipal, entregou

plantas aos visitantes. A Faculdade de Ciências do Porto também assinalou o Dia Mundial do Ambiente.

Em Vila do Conde, a autarquia local patrocinou um passeio de alguns dos vários graus de ensino, que percorreram, depois, a vila e se concentraram na margem do Rio Ave, curso de águas muito poluído por produtos químicos.

Voltando ao Porto: a Divisão de Parques e Jardins da CM tem como tarefas imediatas a regularização do solo, limpeza, sementeiras, plantações, regas, recuperação de espaços destinados a jovens, pavimentações, asseio de praias e zonas adjacentes.

S. Miguel, nos Açores, integrou-se também nas comemorações do Dia Mundial do Ambiente, movimentando cerca de três centenas de crianças, por iniciativa da Direcção-Escolar de Ponta Delgada e da Direcção Regional de Habitação e Ambiente. As comemorações decorreram junto às Lagoas das Sete Cidades, uma das zonas classificadas dos Açores.

Cuellar adverte alguns governantes

O secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, marcou o Dia Mundial do Ambiente ao advertir a humanidade para o facto de se gastar demasiado dinheiro em armas em detrimento da natureza.

As Nações Unidas coordenaram uma iniciativa de plantação de árvores por todo o mundo para marcar o Dia do Ambiente. «Apesar de muitos esforços bem intencionados, o deserto continua a prolongar-se pela savana africana», assinala Cuellar em comunicado.

«As florestas tropicais da Ásia e América Latina estão ameaçadas pela industrialização com substâncias químicas tóxicas e chuvas ácidas e a humanidade continua sob a ameaça da contaminação nuclear», refere o secretário-geral da ONU.

Perez de Cuellar plantou ontem «a árvore da paz» no jardim do edifício-sede da ONU.

Concelhos de Setúbal e Barreiro os mais afectados pela poluição

O Dia Mundial do Ambiente também foi assinalado na margem Sul do Tejo, em particular em Setúbal e no Barreiro, os dois concelhos mais afectados pela poluição.

No concelho do Barreiro, as indústrias químicas constituem desde há anos «um flagelo para a população» — afirmou o vereador do pelouro do Meio Ambiente, Saúde e Turismo, António Amado.

«A poluição é um dos problemas mais graves do concelho e o que mais afecta as populações. A Câmara Municipal está a desenvolver esforços no sentido de atenuar os malefícios da poluição» — salientou António Amado.

O autarca sublinhou que vai ser constituída uma comissão de gestão do ar e que está em elaboração uma postura sobre o meio ambiente que deverá entrar em vigor no início de 1987.

Para António Amado, «a poluição só vai diminuir com a alteração dos sistemas obsoletos de algumas fábricas».

No concelho de Setúbal, a preocupação dos ecologistas vai para o rio Sado. Recorde-se que durante o mês de Maio uma descarga de efluentes a partir da Portucel poluiu cerca de 2

quilómetros de um braço do rio e matou centenas de quilos de espécies, afectando a zona do sapal do Moinho Novo.

Também uma rotura numa caldeira da fábrica Propam provocou uma descarga para o rio Sado de 5000 litros de ácido sulfúrico.

Um responsável da Reserva Natural do Estuário do Sado disse à Anop que «o ano de 1985 não foi muito grave para a reserva» e que «tem sido possível manter a situação estável».

Um responsável do Instituto Nacional de Investigação das Pescas adiantou, no entanto, que «espécies imaturas continuam a ser mortas». O mesmo informador reconheceu que a fiscalização tem actuado sobre a pesca ilegal, «mas os prejuízos continuam a ser elevados».

Quanto ao Parque Natural da Arrábida, tanto a Câmara Municipal como os responsáveis pelo parque acreditam que «1986 vai ser o último ano para a maior parte dos clandestinos».

Em relação à poluição no parque, os seus responsáveis salientam que «tanto a Secil como os proprietários das pedreiras têm degradado a serra, apesar de a Secil estar a cumprir o plano de afastamento da zona de protecção da serra».

Cascais e Sintra: defesa da paisagem

A Secretaria de Estado do Ambiente determinou a constituição de uma Comissão de Defesa das Áreas de Paisagem Protegida para a Zona de Cascais e Sintra — revelou o Município de Cascais.

A Comissão terá por objectivo actualizar e reformular o plano de macrozonamento da área de paisagem protegida de Sintra e Cascais, de modo a dar-lhe

forma de lei.

A Câmara de Cascais considera que «vão, assim, ser finalmente criadas as condições para a preservação das características naturais e ambientais desta importante zona, não apenas do ponto de vista turístico, mas também, e principalmente, na defesa das condições em que vivem os habitantes destes dois concelhos».

Expulsão de José Salvador preocupa Governo português

«Estranheza e preocupação pela expulsão do delegado da ANOP» (o jornalista José António Salvador) foram manifestadas ao encarregado de Negócios da Guiné-Bissau em Lisboa, ontem chamado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Como ontem noticiámos, JAS foi expulso daquele país africano de expressão portuguesa por se ter recusado a revelar as fontes que lhe proporcionaram determinada notícia. Entretanto, a Direcção de Informação da agência noticiosa portuguesa solidarizou-se já, «tanto no plano pessoal como profissional», com o jornalista em questão. Em comunicado, destaca-se a «independência relativamente aos poderes locais» do trabalho daquele jornalista, o que, desde logo, o «constituiu no canal quase único de divulgação para o exterior da grave situação política, económica e social que se vive naquele país».

A direcção da ANOP recorda que se trata do terceiro caso de expulsão de jornalistas da ANOP. «Em nenhum dos casos as autoridades guineenses desmentiram as informações distribuídas ou acusaram os jornalistas de violação das leis do País ou das regras deontológicas do jornalismo» — acentua aquela hierarquia.

Posição do SJ

Idêntica posição assumiu o Sindicato dos Jornalistas que dá especial ênfase à recusa de José António Salvador em revelar as suas fontes: «É a única maneira digna num caso destes por um profissional de Informação.»

Os dirigentes sindicais afirmaram ainda que irão apresentar a questão às duas organizações internacionais em que se encontra filiado o sindicato: Federa-

ção Internacional dos Jornalistas e Organização internacional dos Jornalistas.

Salvador como jornalista

Quanto à posição assumida pela Direcção de Informação da ANOP, importa que a mesma seja mais concretizada.

Aí se lembra que encontrando-se em Bissau desde Outubro do ano passado, José António Salvador iniciou um trabalho profissional de grande qualidade, com independência relativamente aos poderes locais. «o que, desde logo, o constituiu no canal quase único de divulgação para o exterior da grave situação política, económica e social que se vive neste País africano de língua portuguesa».

Foi o profissionalismo e a independência de José Salvador que permitiram informar, a partir de Bissau, a prisão de 53 oficiais das Forças Armadas, as sucessivas vagas de prisões de políticos e religiosos (a seita «languelanguel» tem cerca de 100 presos), a morte nas prisões de pelo menos cinco presos, uma das quais nun-

ca foi sequer noticiada na Guiné-Bissau, bem como a existência de um número indeterminado de presos políticos, já que as respectivas identidades nunca foram reveladas.

Também foi o profissionalismo de José Salvador que o levou a divulgar com destaque a realidade económico-social e cultural da Guiné-Bissau, nomeadamente com entrevistas a intelectuais locais.

Note-se que é a segunda vez que um jornalista da ANOP é expulso de Bissau por se recusar a divulgar as suas fontes de informação. A primeira expulsão resultou de um artigo publicado num jornal português e que, erradamente, as autoridades guineenses atribuíram a um jornalista da ANOP. O equívoco foi reconhecido, mas não evitou a expulsão.

De acordo com a Direcção de Informação daquela agência noticiosa, a situação criada com a expulsão de José Salvador ultrapassa o simples quadro de cooperação entre a Anop e a ANG para se inserir no âmbito das relações entre Portugal e a Guiné-Bissau.

Maioria dos algarvios prefere rádios locais

Cerca de setenta e três por cento dos radiouvintes do Algarve preferem já ouvir as rádios locais às nacionais — apurou a Anop num inquérito que efectuou junto da população da região Sul do País.

Segundo o mesmo levantamento, efectuado junto de algumas centenas de algarvios em vários pontos da região, as rádios nacionais têm a preferência (estimada em cerca de noventa por cento) dos ouvintes que circulam nas estradas e utilizam, portanto, os auto-rádios.

Para estes, torna-se incómodo estar constantemente a mudar as frequências, dado a fraca potência dos emissores das rádios locais, o que já não acontece com as estações nacionais, cujos emissores são bem mais potentes.

Para a maioria dos inquiridos, a preferência pelas rádios locais é justificada pelo facto dos seus programas serem feitos por gente conhecida da terra, transmitirem constantemente a música mais preferida e escolhida pelos seus ouvintes e identificarem-se melhor com as realidades e gostos da população local.

A informação é, para a maior parte dos inquiridos, o sector mais carenciado nas rádios locais. «Não existe o devido aproveitamento dos acontecimentos e problemas do dia-a-dia da nossa terra» — respondeu a maioria dos entrevistados sobre o tema, os quais justificam a situação por «falta de profissionais» nesse sector.

Actualmente, existem cerca de duas dezenas de rádios locais no Algarve a transmitirem regularmente, desde Lagos a Vila Real de Santo António.

Governo quer intervir na península de Setúbal

O Conselho de Ministros definiu ontem um programa de intervenção para a Península de Setúbal visando «ultrapassar e combater os problemas graves que aí existem» — disse aos jornalistas o porta-voz do Governo, Fernando Nogueira.

O ministro de Estado para os Assuntos Parlamentares disse que as acções a empreender serão desenvolvidas por entidades públicas e privadas e inserem-se no programa de desenvolvimento regional que pode obter apoios comunitários.

Para reduzir despesas

Governo pretende privatizar centros de educação especial

O Governo de Cavaco Silva está a transferir para o sector privado a gestão dos centros infantis e escolas de educação especial dependentes da Secretaria de Estado da Segurança Social.

O documento contendo essas medidas, no qual estão explicitos os objectivos finais e os objectivos intermédios, elaborado pelo secretário de Estado da Segurança Social, foi divulgado entre um restrito número de pessoas.

O Governo, «pensando evitar o impacto que tão gravosas medidas teriam na opinião pública», tentou restringir o conheci-

mento das suas intenções a uns quantos (...), afirmou o deputado do Partido Comunista Português, António Osório, ao levar o caso à Assembleia da República no passado dia 3.

Os trabalhadores e os pais das crianças afectadas, iniciaram uma luta para evitar a transferência. Das várias acções de protesto destacam-se duas greves dos

trabalhadores, uma no dia 7 de Maio, que registou 100 por cento de adesão e outra no próprio dia 3 de Junho.

Para exemplificar que a transferência de tais estabelecimentos para o sector privado não melhora a qualidade do serviço prestado nem diminui os custos para o sector, o deputado António Osório citou o caso do internato D. João Novais e Sousa, de Braga. Esta escola de educação especial, dependente do Centro Regional de Segurança Social de Braga, foi transferida para uma

instituição privada em Agosto de 1984.

A «melhoria de qualidade» pode ser avaliada pelo seguinte: acabou o regime de internato; deixou de se proporcionar às crianças os ensinamentos relativos à escolaridade primária; as crianças passaram a pagar com participações, quando até aí não pagavam; a Direcção prescinde todos os anos dos serviços de trabalhadores especializados que, entretanto, regressam ao Centro Regional para ocupar funções não enquadradas no

âmbito das suas atribuições. Isto «conduziu a situações que seriam caricatas se não fossem graves», sublinhou António Osório que destacou os seguintes casos: uma cozinha está no Arquivo do Centro Regional; os auxiliares estão a trabalhar como contínuos, porteiros e serventes, as costureiras estão no Centro Regional a fazer cortinas e a Direcção prescinde dos serviços de um psicólogo e de quatro educadoras.

Evocando determinações constitucionais como sejam: «na realização da política de ensino

incumbe ao Estado: criar um sistema público de educação pré-escolar, promover e apoiar o ensino especial para deficientes», o deputado do PCP salientou que este Governo existe «não para cumprir o que a Constituição determina, mas para satisfazer, neste como noutros sectores, as aspirações hegemónicas do capital privado».

Frisou que importa exigir e lutar para que o Governo ponha cobro às acções que pretende realizar e que tal exigência é um «imperativo nacional».

Bingüduzu

Uma revista de cultura que mantém a tradição do combate "seareiro"

Seareiros foram António Sérgio, Raúl Proença, Mário de Azevedo Gomes, Aquilino, Raúl Brandão, Agostinho da Silva, Castelo Branco Chaves, Manuel Mendes e muitos outros que honraram o pensamento democrático, que abriram caminho à doutrinação socialista, que constituíram pontos de referência de uma atitude de livre crítica e oposição ao obscurantismo sa-lazarista. A revista «Seara Nova» foi uma trincheira de combate e de resistência. Reclamando-se dessa nobre herança cultural democrática, intelectuais ligados aos movimentos democráticos e progressistas to-maram a iniciativa de publicar uma Nova Seara Nova». Está nas bancas e nas livrarias o 5.º número. E, porque é com os leitores que a revista conta, lealmente e directamente se previne que só estará garantida a continuidade da publicação desde que seja atingido o número de 3.000 assinantes.

Abre o 5.º número da «Nova Seara Nova» com um oportuno editorial: «O terrorismo não deve ser punido com o terrorismo». Do sumário destacamos: Luís Moita, «Sobre o ataque à Líbia»

Regime de acesso ao Ensino Superior

O Regulamento do Regime Geral de Candidatura à primeira matrícula e inscrição em estabelecimentos e Curso do Ensino Superior no ano lectivo de 86/87, consta da Portaria do MEC 173, publicada no suplemento ao «Diário da República» do passado dia 30 de Abril.

O regime é aplicado exclusivamente no próximo ano lectivo e o acesso far-se-á mediante concurso que é apenas válido para o ano em que se realiza.

Podem apresentar-se a concurso os titulares do 12.º ano de escolaridade, os alunos que tenham realizado com aproveitamento a prova de aferição e que

Aquilino Ribeiro Machado «Uma campanha eleitoral permanente»; Carlos Carvalhas, «A política do Governo nas Grandes Opções do Plano e no Orçamento do Estado para 1986»; Ulpiano Nascimento, «A grande mudança de Abril e a contra-mudança — as pescas»; Luís Carvalho de Oliveira: «Independência nacional e endividamento — plantio para vinho do Porto»; Agostinho da Silva Ferreira de Macedo, Rui Grácio, «Modernizar o ensino em Portugal»; José Carlos González «Raúl Proença na pré-república»; Urbano Tavares Rodrigues «Uma carta inédita de Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira»; António Borges Coelho, «Inquisição em Évora e subdesenvolvimento»; Jacinto Batista, Raul de Carvalho, fala do «ofício de escrever» e Belini Jara «Condições do mundo da Terceira Idade».

A capa reproduz um desenho de Cipriano Dourado.

A revista apela para os leitores no sentido de se converterem em assinantes e de recrutarem novos assinantes: são precisos 3.000 para assegurar a vida da «Nova Seara Nova».

não tenham estado matriculados em estabelecimento de ensino superior.

A prova de aferição é constituída por três exames que incidirão, para os titulares da via de ensino do décimo segundo ano, sobre os programas de cada uma das disciplinas que constituem o plano de estudos do curso com que se candidatam; para os titulares da via técnico-profissional os exames incidirão sobre os programas de cada uma das disciplinas que integram no décimo segundo ano a componente da formação específica do curso com que se candidatam.

Guedes Monteiro, "arrependido", começou a falar

Gargalhada geral em Monsanto

Ontem, no Tribunal de Monsanto, foi dia de gargalhada geral para os réus não arrependidos do processo FUP/FP-25. E valha a verdade que não era caso para menos: a gaiola de vidro onde assistem ao julgamento, sendo embora à prova de bala, não é, manifestamente, à prova das palavras do réu «arrependido» Guedes Monteiro, que ontem se apresentou na barra com a lição mal estudada e fez declarações hilariantes e desprovidas de qualquer lógica. No entanto foi perceptível a sua intenção de corroborar a tese da Polícia e da acusação que apresentam as FP-25 como a componente clandestina do Projecto Global de Otel.

Guedes Monteiro, que tal como os outros três 'arrependidos', se encontra em liberdade provisória sob protecção da Judiciária, assumiu-se como membro da Direcção Militar das FP-25, mas humildemente confessou ao juiz que... havia caído de pára-quedas nesse organismo dirigente, pois não tinha passado que o justificasse, não havia participado em acções, não sabia bem o que era o PG nem as próprias FP-25.

Mas Guedes Monteiro, indiscutivelmente um homem em permanente conflito com a gramática e com a lógica, foi ainda mais longe para espanto do próprio juiz-presidente: garantiu ter participado em reuniões da Direcção Militar a nível nacional, reuniões em que — disse — não havia medidas de segurança, em que não conhecia os outros participantes nem estes o conheciam a si, onde houve distribuição de dinheiro cujos quantitativos e finalidade não podia precisar, apesar de ter sido ele próprio. Guedes Monteiro, a fazer as atas...

«Ó sr. Guedes Monteiro» — desabafou a certa altura o juiz-presidente Adelino Salgado — «pelo que me disse só em Janeiro de 82 é que se apercebeu do carácter clandestino da sua organização, da existência de armas, de dinheiro, etc., etc. Pouco tempo depois já pertencia à Direcção Militar, sem ter participado em acções, sem ter mais contactos. Participou em reuniões sem conhecer os outros elementos e sem que estes o conhecessem a si.

Ainda por cima fez as atas. Há aqui um problema de lógica para resolver...

Remexendo-se na cadeira, baralhando papéis que tinha à sua frente, balbuciando palavras que não se percebiam bem, Guedes Monteiro, numa voz com leve sotaque provinciano, respondeu depois, sem convicção:

«Aquilo que eu disse é a pura verdade. Se entrei para a Direcção sem provas dadas, se é verdade que não há lógica, isso não é culpa minha. A deficiência foi deles...»

Claro: Guedes Monteiro contou muitas outras coisas, falou do Macedo Correia (que o recrutou para a organização quando ele, Guedes, se encontrava desempregado em Vila Real, cidade onde vivia e onde foi capturado em Junho de 84), referiu-se a dinheiro e a salários (em termos muito pouco precisos), revelou histórias pessoais que metiam mulheres e traições, contou pormenores complicados do «Comando da Zona Norte», fez rir, muito, os outros réus que chegaram a ser avisados pelo juiz-presidente que, a continuarem assim, seriam evacuados da sala...

Na verdade, um espectáculo penoso, o de ontem à tarde, em Monsanto — e que hoje, pelas 14 e 30, vai certamente repetir-se uma vez que Manuel Alves Guedes Monteiro, 33 anos de idade, auxiliar de telecomunicações «arrependido», vai continuar a ser ouvido.

De referir ainda que na sessão de ontem — a 135.ª — terminou o seu depoimento Humberto Dinis Machado, que negou mais uma vez ser um dos fundadores e dirigentes das FP-25, assumindo-se apenas e só como militante da OUT.

Dinis Machado admitiu o exercício de «episódios pontuais violentos no desenrolar de uma luta», designadamente cortes de estradas e sequestro de patrões, mas pronunciou-se contra a prática de atentados mortais e baleamentos de industriais.

R.C.

Alunos dos ISE's dispostos a ir até às últimas consequências

Os estudantes dos institutos superiores de engenharia de Lisboa, Porto e Coimbra aprovaram uma moção, em assembleia geral, na qual se manifestam dispostos a ir até «às últimas consequências» na defesa do estatuto superior das três escolas.

Na moção, aprovada em assembleia geral efectuada após uma concentração de protesto, das 11.00 às 18.00 horas, em frente ao Ministério da Educação, os estudantes repudiam a atitude do titular da pasta, João de Deus Pinheiro, pela sua alegada «falta de diálogo e pelo desprezo em não os receber».

Perante a «intransigência» do ministro, decidiram chamar a atenção da Assembleia da República, designadamente a Comissão Parlamentar de Educação, para a «falta de empenhamento na resolução do problema» e informaram que novas formas de luta serão brevemente anunciadas.

Os estudantes dos três institutos superiores de Engenharia iniciaram a semana passada uma jornada de protesto contra a publicação de uma Portaria do Ministério da Educação que integra as escolas no ensino politécnico.

As associações directivas de estudantes dos ISES consideram que a Portaria é ilegal porque contraria o Decreto-Lei 830/74, que autoriza as escolas a conceder bacharelatos, licenciaturas e doutoramentos.



federação nacional dos sindicatos da função pública

AOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA APOSENTAÇÃO BONIFICADA

A Comissão Executiva da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública alerta todos os trabalhadores com mais de 60 anos de idade e 20 de serviço ou mais de 30 anos de serviço independentemente da idade, que pretendam requerer a aposentação bonificada (20%), ao abrigo do disposto no n.º 8 do Art. 9.º da Lei n.º 9/86, de 30 de Abril, para o seguinte:

- 1.º — É entendimento dos sindicatos (e certamente da Assembleia da República que aprovou a Lei n.º 9/86) que o direito à aposentação bonificada pode ser exercido por todos os «funcionários e agentes» nas condições acima descritas, sem necessidade de qualquer regulamentação e durante, pelo menos, o tempo em que a Lei do Orçamento do Estado para 1986 estiver em vigor.
- 2.º — O Governo fez publicar em 27 de Maio o Decreto-Lei 118-A/86 que, restringindo o alcance da Lei n.º 9/86, fixa o prazo de 90 dias a contar da data da publicação daquele decreto-lei para requerimento da aposentação bonificada.
- 3.º — A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública manifestou já o seu desacordo com esta medida e solicitou entrevistas aos grupos e comissões parlamentares e ao secretário de Estado do Orçamento para clarificar esta situação e repor a legalidade.
- 4.º — Não obstante isso, todos os trabalhadores interessados na aposentação bonificada devem apresentar, o mais rapidamente possível, os respectivos requerimentos aos seus serviços.

NA UNIDADE A FORÇA DOS TRABALHADORES

A Comissão Executiva da
Federação Nacional dos Sindicatos
da Função Pública

S. PEDRO

MOEL

Apartamento
aluga-se

Junho, Julho

Agosto e Setembro.

T: 044 /52652

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

HOJE ÀS 21 30H TEL 726 08 18

3 MES 2 ÚLTIMAS SEMANAS

CALIGULA DE

ALBERT CAMUS - ENGENHAÇÃO DE JOÃO MOTA

VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS

PATROCÍNIO DA F. GULBENKIAN 3.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150\$00

PRACA DE ESPANHA - APOLO GULBENKIAN - PED. COMERCIAIS E SEC.

BREVEMENTE: ESTREIA "TOURO" DE ABEL NEVES

CALAMITY JANE

Uma Mulher de Armas
ou
O Monólogo da Vaqueira

3ª a Domingo 21.15

Sáb. e Dom. 16.00

A BARRACA

Rua Alexandre Herculano, 70 — 1200 Lisboa

PROCURA-SE!



MARIA DO CÉU GUERRA

música

António Cardoso

direcção

Helder Costa



0000\$00

RESERVA - TEL. 686300

DEPOIS DO TEATRO VEJA O MUNDIAL NO BAR

Un navio afundado e dois outros danificados

África do Sul atacou porto angolano de Namibe

Um navio de guerra sul-africano entrou ontem no porto angolano de Namibe (ex-Moçâmedes) e disparou mísseis guiados que atingiram três depósitos de petróleo em terra, anunciou a agência noticiosa angolana Angop.

Homens-rãs saíram de um barco-patrolha sul-africano e colocaram minas em três barcos ancorados no porto, tendo afundado um deles e danificado gravemente os dois restantes, adiantou a Angop.

Os mísseis utilizados no ataque foram os «Scorpion» superfície-superfície, de fabrico israelita, adiantou a agência.

A notícia deste ataque surge duas semanas depois de comandos sul-africanos terem lançado ataques contra instalações do movimento nacionalista negro sul-africano Congresso Nacional Africano (ANC) em três países da África Austral: Zimbabwe, Zâmbia e Botswana.

Um despacho da Angop divulgado na passada semana citou o Ministério angolano da Defesa

como tendo afirmado que forças sul-africanas penetraram no dia 22 último na província do Cunene, no Sul de Angola, tendo mantido um confronto com forças governamentais angolanas, incidente do qual resultaram 53 mortos.

O despacho da Angop disse que o ataque contra o porto de Namibe, cidade capital da província com o mesmo nome, ocorreu às 04h13 locais. A agência angolana indicou que dois dos tanques de armazenamento de petróleo foram destruídos e o ter-

ceiro foi danificado.

Tanto as autoridades de Luanda como os rebeldes da UNITA têm nos últimos dias divulgado comunicados reivindicando que cada lado está a desencadear uma ofensiva contra o outro.

Na quarta-feira, em comunicado distribuído em Lisboa, a UNITA afirmou ter perdido o controlo sobre a localidade de Cangumbe, 50 quilómetros a Oeste da ex-cidade do Luso, a qual foi ocupada por forças conjuntas angolanas, soviéticas e cubanas.

No despacho relatando o ataque de ontem a Angop recordou os ataques sul-africanos contra as refinarias de Luanda e do Lobito em 1981 e o malogrado assalto de comandos contra os depósitos petrolíferos de Malongo, Cabinda, em Maio do ano passado.

Patrulhas do exército angolano surpreenderam então os

comandos sul-africanos no exterior do perímetro protegido do complexo de Malongo, tendo morto dois dos atacantes e capturado o comandante do grupo, o capitão Petrus du Toit.

A África do Sul tem negado sucessivamente que as suas tropas tenham atravessado a fronteira com Angola em apoio das forças da UNITA e contra o exército angolano, apoiado por tropas cubanas e conselheiros militares soviéticos.

Mas desta vez as forças armadas sul-africanas recusaram-se a confirmar ou desmentir a notícia do ataque ao porto de Namibe, segundo um despacho da NP, que cita um comunicado das F.A. daquele país.

Entretanto o presidente do Conselho Militar Regional, Lopo do Nascimento, visitou o porto de Namibe (ex-Moçâmedes), para se inteirar dos efeitos do ataque sul-africano, informou a ANGOP.

24 HORAS

Acta de paz de Contadora

A reunião do Grupo Contadora, que hoje principia na capital do Panamá, poderá não culminar com a assinatura do tratado de paz para a América Central, devido a inexistência de consenso sobre o texto final. A maior parte dos ministros dos Negócios Estrangeiros do Grupo de Contadora e da América Central admitiu ontem que subsistem divergências na definição dos limites de armamento, manobras militares e mecanismos de verificação e controlo e foram unânimes em considerar que esse facto poderá inviabilizar a assinatura do tratado durante os trabalhos, como estava inicialmente previsto.

Gorbachev visita a Hungria

Mikhail Gorbachev, que inicia no domingo a sua primeira visita oficial à Hungria, poderá dar uma aprovação tácita ao programa de reformas económicas elaborado pelo Governo húngaro. Gorbachev vai encontrar-se com o dirigente partidário húngaro, Janos Kadar, e com os principais membros do partido antes da Cimeira do Pacto de Varsóvia a realizar em Budapeste na quarta e quinta-feira. «Aquilo de que os húngaros estão à espera desde que Gorbachev chegou ao poder é de uma aprovação mais ou menos inequívoca para prosseguirem com o programa que escolheram», disse um diplomata ocidental acreditado em Budapeste. A Hungria tem vindo a realizar, nos últimos 20 anos, várias reformas económicas, tendo sido bem sucedida no plano agrícola, onde a agricultura planeada pelo Governo está a ser substituída por uma produção de mercado independente.

Por motivos humanitários

Cuba liberta presos políticos

O governo de Cuba libertou, pelo menos, 30 presos políticos no mês de Maio, graças à intervenção do cientista francês Jacques Cousteau — informou a Secretaria norte-americana de Estado.

Outras informações ainda não confirmadas dizem que o Presidente Fidel Castro poderia libertar um total de 1000 presos políticos durante este Verão.

A libertação dos 30 presos políticos, alguns com largas penas a cumprir, verificou-se no dia 10 de Maio, e a cada um deles foi

entregue uma carta de Cousteau a explicar por que é que era libertado.

Desconhece-se o número exacto de presos políticos que há em Cuba.

No ano passado, Fidel Castro disse que havia só 200, mas Jorge Valls, que passou 20 anos detido antes de em 1984 ter sido libertado, referiu recentemente 15 000.

«Tive a oportunidade de me reunir com Fidel Castro numa atmosfera serena e amigável, e

penso que, na ocasião da expedição de dois meses do nosso barco, o «Calypso», em águas cubanas, o Presidente poderia considerar a liberdade de alguns presos detidos por motivos políticos» — diz uma carta de Cousteau hoje divulgada pela agência espanhola EFE.

«Castro reagiu positivamente. E concordámos em que a generosa decisão não tinha outra motivação que sentimentos humanitários e que não haveria comunicados públicos» — prossegue a carta hoje divulgada.

Comício de Waldheim boicotado por grupo antinazi

O último comício do candidato à Presidência da Áustria, Kurt Waldheim, antes das eleições de domingo, foi alvo de boicote por um grupo de manifestantes transportando cartazes que aludiam ao seu alegado passado nazi.

Apoiantes de Waldheim, cerca de dois mil, presentes no comício em Stetten, no Norte, expulsaram da praça central o grupo liderado pelo caçador de nazis Beate Klarsfeld.

Waldheim declarou no comício que a primeira volta das presidenciais, em 4 de Maio, em que por pouco não conseguiu uma maioria absoluta, mostrara claramente quem os austríacos querem para seu próximo Chefe de Estado.

As sondagens de opinião con-

tinuam a colocar o ex-secretário-geral da ONU bem à frente do seu rival socialista, Kurt Steyrer.

Entretanto, o Partido Popular Austríaco, que apoia Waldheim, exigiu que o Congresso Judaico Mundial responda a uma acusação segundo a qual procurou subornar um antigo elemento da resistência grega para implicar Kurt Waldheim em crimes de guerra.

Entretanto a Secretaria norte-americana da Justiça informou que Kurt Waldheim não está autorizado «por agora» a entrar nos Estados Unidos.

Um porta-voz da Secretaria da Justiça precisou que Waldheim não poderá obter um visto de entrada enquanto não forem esclarecidas as acusações sobre o seu alegado envolvimento em crimes de guerra nazis.

Vítimas de Chernobyl elevam-se a 26

O vice-ministro soviético da Saúde Oleg Schepin, anunciou a morte de mais um dos afectados pela fuga radioactiva da central nuclear de Chernobyl, elevando-se o total para 26.

Schepin afirmou, em conferência de Imprensa que «apesar da assistência médica proporcionada, 24 pessoas morreram em consequência da elevada dose de radioactividade recebida (duas morreram em consequência directa da explosão do reactor)».

Segundo o vice-ministro «outros 187 pacientes continuam a receber assistência médica e terapêutica em vários centros médicos da URSS», encontrando-se 30 em «estado crítico».

As vítimas eram bombeiros e trabalhadores da central de Chernobyl.

FILTÉCNICA

salão internacional da metalurgia e metalomecânica international metalworking exhibition

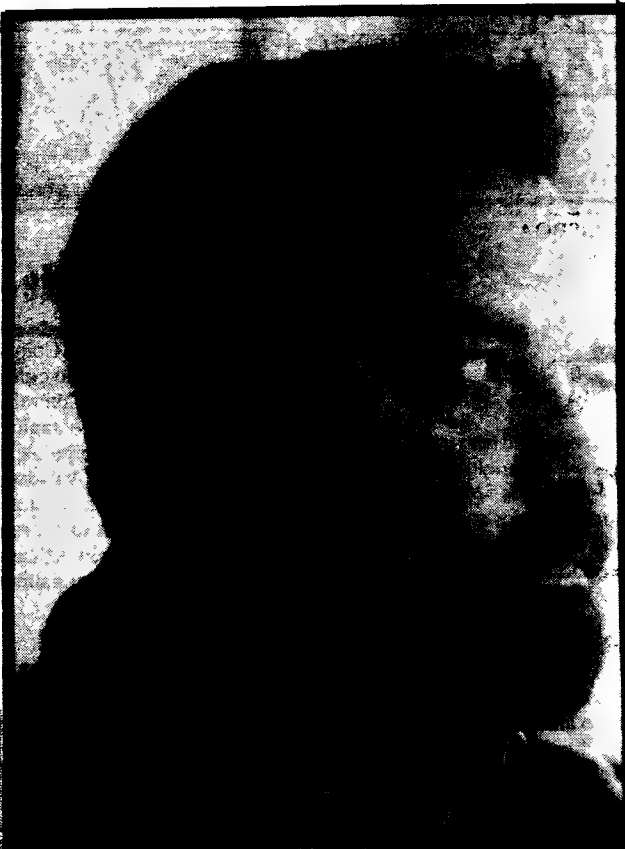
4/8 junho/86 4/8 june/86

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA ASSON INTERNATIONAL FAIR ASSOCIAÇÃO DE INDUSTRIAS METALURGICAS DO SUL ASSOCIAÇÃO DE INDUSTRIAS METALURGICAS DO NORTE

Colaboração da A.I.M.M.S. e da A.I.M.M.N.

HORÁRIO: 15/23 HORAS

DE MÁRIO CLÁUDIO



A fabulosa Gu

Lurdes Fêria

O poeta insiste na biografia: dois livros da trilogia, um compromisso com a Imprensa Nacional, já se deram ao público e um terceiro virá, a seu tempo, logo que o autor resolva considerá-lo pronto e remetê-lo para a tipografia. Foi Amadeu, o meteoro da pintura, agora é Guilhermina, violoncelista invulgar, orgulho do Porto e do País, tão escasso em génios. Seguir-se-á Rosa, escultora popular que nos espantou com os monstros que moldava no barro, numa povoação do Minho.

Mas, de momento, é Guilhermina Suggia (com dois guês) quem nos interessa. a última novidade literária do escritor Mário Cláudio. Embora tenha acedido ao pedido da Imprensa Nacional para escrever sobre Amadeu de Souza Cardoso, certo é que os outros surgiram por proposta sua, para que a teoria de que o talento não se ensina, nasce com o indivíduo, ficasse provada. «Pensei que era interessante fazer uma trilogia, abarcando pessoas do mesmo espaço geográfico, de Entre Douro e Minho, e com características semelhantes, no modo como a generalidade, em qualquer um deles, se revelou. Guilhermina nasce em 1885, Amadeu dois anos depois e Rosa, ainda que não se saiba a data exacta do seu nascimento, anda por aí, fins do século dezanove...»

Quanto à origem, cada um com a sua. Amadeu, da alta burguesia rural quase aristocrática. Suggia da pequena burguesia («o pai era chefe da banda musical de Matosinhos») e Rosa, proveniente do campesinato minhoto, de modestíssimo estrato social. Ligam-nos atributos artísticos, contidos nas suas células e que, por sorte, o meio propiciou o cultivo dessas singulares qualidades. Com efeito, Guilhermina apenas recebeu os ensinamentos musicais, muito rudimentares, que o pai lhe ministrou mas era uma menina-prodígio e, como tal, teve acesso a uma bolsa de estudo, concedida pela rainha D. Amélia. «Quando dá um concerto em Leipzig, na Alemanha, as entidades portuguesas depreendendo, à boa maneira portuguesa, que o estrangeiro era o máximo para uma carreira artística, cortam-lhe a bolsa e a jovem adolescente viu-se entregue a si própria, a lutar pela sobrevivência. Quanto a Amadeu, depois de frequentar durante um ano a Escola de Arquitectura de Lisboa, corre para Paris onde anuncia coisas que só muitos anos mais tarde foram feitas».

Em 1926, Guilhermina e a irmã Virgínia, menos dotada, exibem-se no Palácio de Cristal; ela, a protagonista do livro de Mário Cláudio, abalou a sala, ofuscando tudo à sua volta, sem medida nem termo de comparação, e o som da fama propagava-se, estava-lhe destinada a glória. «Adquire o estatuto de figura europeia, a cidade do Porto respirava o ar estrangeiro através de Suggia, falava-se dela como de alguém que reparte a sua vida entre

Londres e Paris. E, depois, as suas fabulosas toilettes, um espectáculo; punha tanto cuidado na escolha do repertório como no vestuário que usava. Lembro-me de, com os meus nove anos, ouvir tecer elogios a um célebre vestido amarelo berrante de Suggia».

Sensual

Criança, Mário Cláudio, entusiasmava-se com as histórias dos heróis colectivos, a de Guilhermina, empolgava-lhe o imaginário infantil, ávido de teatralidade. Numa cidade um pouco provinciana, a violoncelista fazia as vezes de sol, com algum escândalo dos mais puritanos, apesar de tudo se perdoar à deusa. «Sim, a partir de certo nível de grandeza desculpa-se as crises que ao comum dos mortais seriam motivo de rejeição. Era muita atreita ao engate, competia com os homens na conquista de uma certa liberdade sexual, o que prestemo-lhe justiça, contribuía para satisfazer o erotismo colectivo, numa época em que se admiravam as grandes divas como a Garbo e Marlene... Significava, portanto, a libertação da libido reprimida.»

A audácia de Guilhermina, no afrontar das convenções, e o modo como assumia o corpo, atiraram-na mais ainda para o estrelato. Contra ao que era hábito, no ambiente musical feminino, foi a primeira violoncelista a tocar com o instrumentos entre os joelhos. Logo os maliciosos, aptos a descobrirem uma correspondência sexual, disseram que a artista tinha com o violoncelo uma relação copulativa. «Dantes as mulheres tocavam de lado, à amazona pois as pernas abertas surgiram a postura do fazer amor ou do parto. Dai, que não fosse estranho e ela funcionar como válvula de escape da população portuense».

Não sei se foi numa daquelas noites em que o duo Unamuno e Manuel Laranjeira, o do pessimismo nacional, ouviam quase em êxtase o violoncelista Pablo Casals, no Casino de Espinho, que Guilhermina conheceu aquele com quem mais tarde, em Paris, viria a manter uma igação tempestuosa. O sangue ardente de Pablo leva-o a atitudes dominadoras, incoerentes com um pensamento de esquerda — e há tanto macho de esquerda (?), com certificado de garantia, tão conservador, tão de direita, que francamente... bem, deixemos isso —, as cenas, os



ciúmes inevitavelmente, destruíram a relação amorosa. Tanto mais que Guilhermina não se sujeitava a um segundo plano nem aos caprichos do macho. «Ele tinha medo que ela o ultrapassasse, havia muito de espírito de competição, visto que tocavam ambos o mesmo instrumento. Pablo chegou a fechar-lhe o violoncelo à chave e pregava-lhe grandes sovas... só visto! Quanto a esquerda, era muito duvidoso, sobretudo ao declarar, numa entrevista, que o papel da mulher deveria ser o de dona de casa. De resto, preferia sempre mulheres mais novas, o que é sintomático da vontade de domínio. Vivia para o controlo, para exercer o poder...»

Norma

Entretanto, já quarentona, a diva casa-se com um médico do Porto, especialista em radiologia. Nesse enlace buscavatalvezosseguro, o repouso do guerreiro, a respeitabilidade. Foi um matrimónio de permuta: com ganhos para ambas as partes. Mário Cláudio, aliás, aventa tal hipótese. «Para José Casimiro a artista representava a dignificação cultural, enquanto ela via no marido, homem rico, colecionador de serviços de jantar de porcelana, o amparo burguês que lhe permitia movimentar-se, com relativa facilidade, perante a burguesia do Porto. Garantia-lhe o estatuto, a conformidade à norma numa época ainda tradicionalista.»

E para Portugal o que representava Guilhermina Suggia? Sustenta Mário Cláudio que «O máximo a que podia aspirar a portugalidade» no âmbito do «star-system». Vedeta internacional com nome citado no Who's Who, de 1934, no entanto a nossa débil memória depressa a esqueceu. Porque? «Porque não estava ligada a Lisboa, até detestava o provincianismo lisboeta. Curiosamente dizia que nem mesmo os seus cães se sentiam bem na capital, tinham cólicas e diarreias... Os seus 'Yorkshire Terriers' davam-se mal com o clima de Lisboa, tal como a dona.»

Fa
Lisb
quei
men
veem
sotac
difer
dade
«Lis
Ora
Áfri
depo
Sóre
rent
dent
Gra
vive
deix
num
que
cer
cult
teira
men
assin
logo
e qu
bast
C
plur
teira
colo
cava
é M
tera
mos
não
boa
Sul
o M
M
Lisb
exp
e a M
e só
de l
mag
atrá
uma
Bio
tas
rial
vest
des
rist
hoj
que
tam
com
coe
Rá
Dep

Guilhermina



estrui-
Tanto
se su-
nem
«Ele
apas-
to de
avam
ento.
he o
a-lhe
visto!
muito
decla-
que o
ro de
feria
vas, o
de de
tolo,

na. a
co do
logia.
os-
ro, a
matri-
anhos
Mário
hipo-
a ar-
tifica-
viano
ecio-
ar de
rgues
ntar-
e, pe-
orto.
con-
época

resen-
Sus-
O má-
por-
star-
cional
Who.
débil
ceceu.
va li-
ava o
Cu-
nem
ntiam
licase
shire
om o
no a

Fatalmente caímos no duelo Lisboa-Porto; sempre as mesmas queixas, contencioso provavelmente eterno, e Mário Cláudio, na veemência do discurso carregado de diferenças que opõem as duas cidades mais importantes do País. «Lisboa supõe que é tudo igual. Ora trata-se de escolher entre África e a Escandinávia, o que depende da opção de cada qual. Só reconhece as linguagens diferentes quando são proferidas dentro dela, o que faz com que Graça Morais, se continuasse a viver em Trás-os-Montes, sem deixar de ser Graça Morais, nunca seria a artista respeitada que é hoje. Não podemos esquecer a existência de uma linha cultural que divide o País, fronteira que passa simplisticamente pelo Mondego. Temos, assim, dois países com um diálogo muito perturbado, entres, e que correspondem a culturas bastante diferentes...»

Como unir, então, esse país plural? Os do outro lado da «fronteira» encaram Lisboa como o colonizador que afoga e sufoca, cavando ainda mais o fosso — não é Mário Cláudio? «As coisas terão que ser pensadas em termos de complementaridade e não em termos de redução. Lisboa assimila tudo o que vem do Sul como se fosse dela, mas como o Norte não se entende...»

Mudemos de assunto, se não Lisboa melindra-se e ainda nos expulsa (a mim, para o Alentejo, e a Mário Cláudio para o Porto), e só nos resta fundar movimentos de libertação, o que é uma grande maçada. Biografia — escrevi, atrás. De Guilhermina Suggia, uma violoncelista espantosa. Biografia exige o farejar de pistas, recolha de elementos, material conciso, quase ofício de investigador. «Ouvi muita gente, desde a criada dela, ao motorista, às alunas, algumas delas hoje professoras de música; li o que sobre ela se escreveu e também as críticas aos seus concertos, e ouvi as gravações, em fita magnética, que a Rádiodifusão me facultou. Depois há ainda que caracteri-

zar a época com auxílio de livros, revistas e até dos anúncios de jornais... De início, o livro tinha o triplo do tamanho, agora ficou reduzido a este telegrama que aqui vê. As tantas acho que as coisas são redundantes e vou suprimindo, entretenho-me num trabalho de filtragem vocabular».

Exacto. Mário Cláudio, no seu estilo depurado, enxuto, não retrata, cria antes uma atmosfera, espécie de teia que envolve os personagens. Um ar, um cheiro, preciosíssimas imagens poéticas, palavra submetida à operação do buril. «Sucessivamente vou-me desgostando de alguns escritores portugueses porque me parecem demasiado longos. Isto refere-se também a Agustina, que admiro, apesar de se me afigurar viciada pela preocupação cada vez maior de uma bulimia de escrita, como aquelas pessoas que sentem necessidade de consumir enormes quantidades de rosbfie. Carlos de Oliveira, se fosse vivo, saberia, perfeitamente, o que pretendo dizer».

Perfeição

«Guilhermina» conheceu quatro versões e, se o editar não lhe arrancasse das mãos o texto, Mário Cláudio faria muitas mais: É um perfeccionista inveterado. Hoje um primeiro rascunho, o que é normal, depois a versão definitiva que não era definitiva, e ainda outra, e mais outra... Penosamente lá entregou o texto, após dois meses de loucura, sem dormir, com dores de cabeça e diarreias. Pessimista. «Um livro nunca se acaba, já tinha desrespeitado vários prazos e intimaram-me a entregá-lo tal como estava. A minha tendência é para expurgar, nunca junto nada. Acho fácil escrever longo, o difícil está no contrário. A meu ver apenas duas personalidades literárias se salvam desta regra. Trata-se de Tolstoi e de Proust».

Na trilogia que Rosa Ramalho fecha (há-de fechar quando

Mário Cláudio se apressar, coisa que lhe custa, o autor mergulha no magma nortenho — e escreve a saga familiar. Para a trisavó irlandesa, o bisavô da indústria castelhana, o avô que era despachante de alfândega, faz projectos, gente que de certa forma se encontra nas biografias já escritas. «Trata-se de ajustar a vida dos outros à nossa vida, não é isso a ficção?»

O que lhe interessou nos três eleitos (Amadeu, Guilhermina e Rosa) foi a marginalidade, o facto de todos eles transgredirem. «Amadeu pela transgressão estética, Guilhermina pelo lado amoroso, e Rosa Ramalho porque chocava as sociedades bem pensantes, com a sua linguagem chocarreira de minhota. Arrancava, do barro, as figuras do imaginário celta que são as grandes matrias, os heróis da tribo, os animais monstruosos, as figuras que vemos nos capitais das igrejas e que nada têm a ver com o mito greco-latino que fundamenta a realeza oficial. Um mundo de medo, de crueldade mas também de exorcismo vivi entre Braga e Barcelos, perto da terra de Rosa Ramalho, pelo que sempre privei com os seus objectos, estavam inseridos na minha mitologia pessoal. Por outro lado, encarnava o arquétipo de mulher minhota, a possível herdeira de Maria da Fonte, na sua indocilidade temática».

Tu, Mário que escapaste ao bacilo das modas, que apreciação fazes de literatura portuguesa actual?

«Respeito os mais velhos e muitíssimo poucos dos novos. Na minha opinião escreve-se cada vez pior, o que é preocupante. Quanto aos americanos (entre aspas) que pululam na escrita portuguesa acho que o melhor, para eles e para nós todos, seria lerem a sério e, no original, os escritores americanos».

Entremos, pois, que aviem depressa a receita. Um ponto para o Porto...

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATACÃO 1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário da 1.ª Instância de Lisboa, no dia 16 de Junho de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Bra amcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a ANSECAL — Terraplanagens e Construção Civil, Lda com sede na Avenida do Brasil, n.º 184 1.º, em Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 813/82, instaurado por dívida a Favor da Nacional

BENS PENHORADOS

Verba única — um cláudio vinader marca DINAPAC CA 25, com motor CAT 3208, n.º 90N18 749 cm pontesta do, no valor presumível de dois milhões e duzentos mil escudos (2 200 000\$00).

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes

Lisboa, 3 de Junho de 1986
O Juiz de Direito
(João Cordeiro Dias)

O Liq. Trib.
(F. Lopes)

«DL» — 6/6/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE COIMBRA

ANÚNCIO

O DOUTOR JUIZ DE DIREITO DO 3.º JUÍZO DO TRIBUNAL JUDICIAL DE COIMBRA:

FAZ SABER que nos autos de Acção Especial de Despejo, n.º 2661, da 1.ª Secção, que o Autor Artur Anselmo Fernandes de Castro, casado e residente em Coimbra, move aos Réus João Rui Beliz Pestana de Almeida, residente em Coimbra, e sua mulher LEONARDA CARVALHO, com última residência conhecida na Av.º Duque de Loulé, 121, r/c em Lisboa, é esta ré citada para contestar no prazo de dez dias que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação do anúncio, o pedido formulado pelo autor sob pena de ser condenada, podendo deduzir em reconvenção o pedido de benfeitorias e indemnizações a que se julgue com direito, encontrando-se o duplicado da petição inicial ao dispor da citada na secção, e consistindo o pedido na caducidade do arrendamento com data de 21/1/85 e despejar e entregar imediatamente o andar arrendado sito na Rua Machado de Castro, 63-1.º, em Coimbra

Coimbra, 30 de Maio de 1986

O Juiz de Direito,
ass.) José Casimiro Guimarães

O Escrivão-Adjunto,
ass.) António Barradas Mendes

«D.L.» 6/6/86 — 1.ª Pub.

COMPANHIA 275 2175

TEATRO DE ALMADA

GEORGE DANDIN
de MOLIÈRE
estreia 12 Jun.

JOAQUIM BENITO	ANTONIO ASSUNÇÃO	CANTO CASTRO
LUIS VICENTE	TERESA ESTEVES	VITOR GONÇALVES

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Avenida Duque de Loulé 104-Cave
NOTARIA
Lic. Amélia Josefina de Queiroz Lopes

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura de 26 de Maio em curso, lavrada a fls. 32v do livro 76-F, deste Cartório, Adolfo Spitz; Leão Carlos Azezo Couvreur e Daniel Gameiro dos Santos, como únicos sócios de SPITZ & COUVREUR, Lda sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade na Av.º António Augusto de Aguiar, n.º 21, 4.º dt.º, acordaram alterar o art.º 4.º do pacto social, e e bem assim, o n.º 2 do art.º 11.º, o n.º 2, do art.º 12.º e os art.ºs 15.º e 17.º os quais ficaram com a seguinte redacção.

QUARTO — O capital social integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores que constituem o activo da sociedade, é de dois milhões de escudos e está representado e dividido por três quotas, pertencendo uma, de um milhão e trezentos mil escudos, ao sócio Leão Carlos Azezo Couvreur, uma, de quinhentos mil escudos, ao sócio Daniel Gameiro dos Santos, e uma, de duzentos mil escudos, ao sócio Adolfo Spitz.

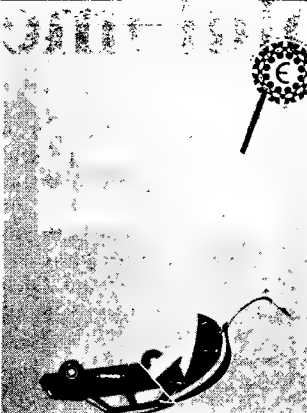
DÉCIMO PRIMEIRO: — DOIS — Ficam já nomeados gerentes os sócios Adolfo Spitz e Leão Carlos Azezo Couvreur, o primeiro dos quais não pode ser destituído desse cargo sem o seu acordo, salvo sempre a hipótese de justa causa.

DÉCIMO SEGUNDO — DOIS — A sociedade fica obrigada pela simples assinatura de qualquer gerente.

DÉCIMO QUINTO — Os lucros líquidos apurados em cada exercício depois das deduções estabelecidas por lei, para o Fundo de Reserva Legal e de constituidas as reservas ou fundos deliberados pela assembleia geral, serão repartidos pelos sócios na proporção de trinta e sete e meio por cento para cada um dos sócios Adolfo Spitz e Leão Carlos Azezo Couvreur, e de vinte e cinco por cento para o sócio Daniel Gameiro dos Santos.

DÉCIMO SETIMO — A sociedade dissolve-se nos casos previstos na lei, serão liquidatários os sócios e o património remanescente líquido repartir-se-á por eles na proporção do valor nominal das suas quotas. E certidão de narrativa e de teor parcial, vai conforme o original, nada havendo que amplie, modifique, condicione ou restrinja a parte transcrita Lisboa, vinte e oito de Maio de mil novecentos e oitenta e seis

O Escriturário Superior
Maria Manuela Pelado Rocha
D.L. 6/6/1986



E
S
T
O
F
O
S

D
E
C
O
R
A
Ç
O
E
M
A
P
L
E
S

MOVEIS

FABRICO PRÓPRIO DE TODO O MOBILIARIO
AO GOSTO DO CLIENTE OU A DESENHO DE REVISTA

VANDELSA: TELEF. 207 58 32

AV. BOCAGE — BLOCO/A N.º 6, C/V — 2830 BARREIRO

ANTÓNIO GONÇALVES DO CABO

Participação do falecimento, agradecimento e Missa do 7.º dia

Sua esposa, filhos, genro, nora, neto, irmãos, cunhados e sobrinhos participam o falecimento no passado dia 31 de Maio e agradecem muito sensibilizados a todas as pessoas que assistiram ao funeral do saudoso extinto ou que de qualquer outro meio os acompanharam na sua dor.

Celebração da Missa de 7.º dia, sábado dia 7 de Junho pelas 8h 30m na Igreja Paroquial de Figueira de Castelo Rodrigo.

Augusta Gonçalves Saraiva
Margarida Aurora Gonçalves S.P. Salvado
António Manuel Saraiva Gonçalves
Orlando Rogério Saraiva Gonçalves
José Carlos Simões Pimentel Salvado
Aurora Maria Nobre M. Gonçalves
Menino Carlos Eduardo
Gonçalves S.S. Salvado

Sousa Franco assumiu a mudança no Tribunal de Contas

O Presidente Mário Soares, ao empossar ontem Sousa Franco como novo presidente do Tribunal de Contas, afirmou que este «dá garantias de vir a orientar a instituição numa linha de modernização, eficiência e real controlo financeiro».

Na cerimónia, a que assistiram o Primeiro-Ministro Cavaco Silva, vários membros do Governo, o presidente do Tribunal de Contas da CEE, Marcel Mart, e outros convidados, Mário Soares salientou que as responsabilidades que caberão a Sousa Franco decorrem da necessidade de modernizar a administração pública.

O chefe de Estado realçou a experiência de Sousa Franco a nível universitário, político e parlamentar e dirigiu também uma palavra de apreço a João de Deus Pinheiro Farinha, que «a seu pedido cessa as funções de presidente do Tribunal».

Sousa Franco, ao aceitar o cargo, exprimiu o compromisso de assumir as responsabilidades de mudança e assegurar o desafio da reforma adiada desde 1976.

Recordou os estudos já feitos para esta reforma pelo seu antecessor Pinheiro Farinha, que assistiu à cerimónia, e salientou que a actual Lei do Orçamento de Estado prevê um prazo de 180 dias para iniciar estes trabalhos de reforma.

Bacalhau entregue a empresa mista

A Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, que o Governo decidiu extinguir, será substituída por uma empresa de capitais mistos designada por «Companhias Reunidas de Congelados e Bacalhau».

A nova empresa, cuja criação foi decidida em Conselho de Ministros, terá a participação dos agentes económicos privados do sector e tem como objectivos o comércio, a importação e a exportação dos produtos da pesca.

Cardoso e Cunha desfaz dúvidas

"O atum voador é de quem o agarrar"

«O atum voador é de quem o agarrar», disse ontem, o comissário Europeu Cardoso e Cunha que insiste no carácter «selvagem da espécie» que o Direito Internacional permite ser livremente capturada.

«O atum voador não se confina a nenhuma área específica nem constitui recurso intrínseco de nenhum país pelo que na óptica da Comunidade não é lógico, nem moral que quando um país afirma não ter capacidade para pescar essa espécie essa pesca seja vedada a outros», acrescentou o Comissário.

Cardoso e Cunha considera que a Comissão Europeia teve de

arbitrar posições inconciliáveis de Portugal e da Espanha sobre as autorizações de pesca ao atum voador nas águas dos dois países: «Portugal propunha-se conceder 30 licenças e Espanha queria cerca de 500 pelo que a Comissão teve de arbitrar ou seja, de decidir, necessariamente de forma arbitrária».

Cardoso e Cunha falava num almoço com empresários portugueses promovido pela Associação Industrial Portuguesa e respondia a um representante da Associação dos Armadores da Pesca Industrial que o interrogara sobre a «reciprocidade que

permite aos armadores portugueses pescar atum voador em águas espanholas quando lá não existe atum voador».

O Comissário Europeu nomeado por Portugal afirmou que a pesca na CEE — pelouro pelo qual é responsável — tem uma «sensibilidade política peculiar e qualquer picada de mosquito provoca reacções dos governos dos vários Estados membros».

Foi o que aconteceu com o caso dos atuneiros espanhóis em que uma picadela de mosquito, deu lugar a alguma emoção — e ainda bem porque é sinal que as pessoas se emocionam e existem interesses por detrás disto —

quando o resultado, foi o melhor possível», disse Cardoso e Cunha.

O Comissário defende que quem vê na autorização de pesca aos atuneiros espanhóis uma «invasão» está a fazer uma análise «grosseira, absurda e errada» uma vez que Portugal continua a beneficiar de uma total exclusividade do mar territorial.

«Não é justo nem leal fazer-se uma análise dessas quando se sabe que, pelo tratado de adesão de Portugal às comunidades 110 navios dos antigos Estados membros já estavam autorizados a pescar atum voador em águas portuguesas», acrescentou.

Investimento japonês em Portugal paralisou durante o ano passado

O investimento japonês em Portugal, efectuado por empresas do sector da indústria química e transformadora, electro-metalomecânica e hotelaria, ascende a 1.3 milhões de contos, informou ontem o Instituto de Investimento Estrangeiro (IIE).

Entre 1978 e 1984, o Instituto de Investimento Estrangeiro autorizou o registo de 16 empresas japonesas, a maior parte das quais no sector da indústria transformadora e hotelaria, situadas na cintura industrial de Lisboa e Setúbal.

O ano passado não houve investimento japonês em Portugal e 1984 foi o ano que registou maiores valores (cerca de um milhão de contos, ao câmbio médio desse ano), segundo a fonte do

Instituto.

Enquanto em 1980, cerca de 95 por cento das empresas japonesas que se instalaram em Portugal se integravam no sector da indústria transformadora diversa, em 1981 o grosso das empresas integravam-se no sector da indústria química, em 1982, no sector da electro-metalomecânica, em 1983, nas indústrias transformadoras diversas e em 1984 no sector da hotelaria.

Os maiores investimentos por empresas, foram feitos no distrito de Lisboa (empresas dos sectores da indústria química, transformadora, e electro-metalomecânica).

O Japão é o segundo maior credor de Portugal, depois dos Estados Unidos, representando

os empréstimos contraídos em ienes 12 por cento da dívida externa portuguesa em Dezembro de 1985, segundo dados do Banco de Portugal.

A balança comercial com o Japão registou também o ano passado um saldo negativo para Portugal no montante de 30,3 milhões de contos (as importações portuguesas do Japão ascenderam a 38,5 milhões de contos, enquanto as exportações foram da ordem dos 8 milhões de contos), segundo o Instituto Nacional de Estatística.

Portugal importa do Japão, principalmente, componentes de automóveis e veículos de passageiros e comerciais, e exporta essencialmente produtos alimentares.

Sorefame: duas horas de greve

Os trabalhadores da Sorefame estiveram ontem paralisados entre as 15 e as 17.00 «em defesa dos seus postos de trabalho, da viabilização da empresa e da reposição do poder de compra».

Em comunicado, a Federação dos Sindicatos da Metalúrgica e Metalomecânica pesada protesta ainda contra a tentativa de desmantelamento da Sorefame por via da declaração da empresa em situação económica difícil.

«A actual administração da empresa, sob orientação do IPE (Investimentos e participações do Estado), propôs ao Governo a declaração da Sorefame em situação económica difícil, «visando a sua destruição e espartilhamento», acusa a federação.

Congresso de Informática no fim do mês

A Associação Portuguesa de Informática leva a efeito entre 23 e 27 deste mês a realização do IV Congresso Português de Informática. Os trabalhos decorrerão na Fundação Gulbenkian e centrar-se-ão em torno do tema genérico «A nova informática».

No total serão apresentadas mais de 70 comunicações sobre áreas específicas como os microcomputadores, bases de conhecimento, automatização de escritório, aplicações industriais e sistemas distribuídos e estarão presentes cerca de 600 participantes.

Simultaneamente realizar-se-ão vários painéis para discussão de temas de grande actualidade, entre os quais o da viabilidade das indústrias nacionais de hard e software, o do financiamento da investigação e o das carreiras profissionais e ensino.

A API promove o seu congresso de dois em dois anos e a sessão de abertura do deste ano será presidida por Mário Soares.

Seis candidatos a formação no Japão

Seis candidatos portugueses inscreveram-se já no programa de Formação de Executivos (ETP) a ser realizado no Japão e financiado pela Comissão Europeia — foi ontem anunciado em Lisboa.

Este programa promovido desde 1979, tem como objectivos principais melhorar o conhecimento e compreensão do mercado japonês por parte de empresas europeias

com vocação para a exportação e o desenvolvimento das relações comerciais entre a Europa e o Japão.

O ETP que se vai realizar pela sétima vez, engloba uma estadia mínima de 18 meses no Japão: 12 meses para aprendizagem da língua e seis de formação e estágio prático numa empresa japonesa.

Os estagiários, que devem ter uma formação universi-

tária, entre 25 e 35 anos, uma experiência de dois anos de trabalho e conhecimentos de inglês, têm durante a sua estadia, uma oportunidade única para conhecer o mercado japonês, para estudar as técnicas de gestão e desenvolver contactos, não apenas com parceiros nipónicos mas também de toda a quota região.

A Comissão Europeia proporcionou já a formação de 184 executivos

Novas dificuldades para os têxteis europeus

A indústria têxtil europeia encontra-se novamente em dificuldade, depois de ter visto a sua situação melhorada durante o ano de 1985,

concluíram os representantes do sector reunidos na semana passada em Bruxelas. Segundo um comunicado do Comitê-têxtil, organização de coordenação das indústrias têxteis das Comunidades Europeias, a procura final, interna e externa, apresenta-se mais ou menos estagnada

desde março, enquanto que as importações de fora dos «doze» estão a subir, designadamente em virtude da queda do dólar.

«Apesar da importância dos investimentos realizados e das reestruturações previstas, a indústria europeia permanece vulnerável», sublinha o documento.

De acordo com o presidente do Comitê-têxtil, H. Leach, torna-se urgente promover uma acção dinâmica da CEE no plano do apoio à

investigação científica no sector, da transparência e harmonização dos regulamentos internos e da implementação de uma verdadeira política comunitária para a exportação.

O comité criticou por outro lado, na presença do vice-presidente da Comissão europeia, K. Narjes, a forma como as Comunidades estão a encarar a negociação da renovação do acordo multifibras (AMF).

EVITE A PÍLULA

USANDO *Saidal*

COMPRIMIDOS VAGINAIS ANTICONCEPCIONAL

EFEITOS SEMPRE COMPROVADOS HÁ MUITOS ANOS

LABORATÓRIO DA FARMÁCIA ULTRAMARINA

Rua de São Paulo, 101-1200 LISBOA — Telefone 32 1771

Distribuidoras: J. C. CRESPO, LDA. — Rua da Madalena, 193 — 1100 LISBOA

COTAÇÕES



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL. (rand)	46\$90	52\$90
ALEMANHA FED. (marco)	66\$55	67\$75
ÁUSTRIA (xelim)	9\$40	9\$60
BÉLGICA (franco)	3\$100	3\$300
BRASIL (cruzado)	4\$00	6\$50
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106\$70	109\$20
(notas de 5 a 1000)	107\$20	109\$70
DINAMARCA (coroa)	18\$00	18\$40
ESPAÑA (peseta)	1\$014	1\$134
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148\$85	152\$35
(notas de 5 a 1000)	149\$35	152\$85
FINLÂNDIA (marka)	28\$75	29\$35
FRANÇA (franco)	20\$90	21\$60
HOLANDA (florim)	59\$20	60\$30
IRLÂNDIA (libra)	202\$95	206\$95
ITÁLIA (lira)	\$089	\$099
JAPÃO (iene)	\$856	\$891
NORUEGA (coroa)	19\$55	20\$05
REINO UNIDO (libra)	224\$55	229\$05
SUÉCIA (coroa)	20\$70	21\$20
SUIÇA (franco)	80\$65	82\$15
VENEZUELA (bolívar)	6\$20	7\$20

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



LOCAIS DE INFORMAÇÃO

AVEIRO

AVEIRO — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 139 - 1.º
ÁGUEDA — Rua Eng.º Júlio Portela
ESGUEIRA — Rua José Falcão
ESPINHO — Rua 25 de Abril — Anta
OLIVEIRA DE AZEMÉIS — Cruzeiro
OVAR — Largo dos Bombeiros Voluntários
S. JOÃO DA MADEIRA — Rua 5 de Outubro
SANTA MARIA DA FEIRA — Rua Cândido Pinho

BEJA

BEJA — Rua da Liberdade, 5
ALJUSTREL — Largo 13 de Janeiro, 11
ALMODÓVAR — Rua Dr. Manuel Rodrigues Jr.
ALVITO — Rossio — Barreiro
BARRANCOS — Fontainhas
CASTRO VERDE — Rua António Enes
CUBA — Sul
FERREIRA DO ALENTEJO — Rua 28 de Maio
MERTOLA — Rua Dr. Afonso Costa
MOURA — Travessa da Misericórdia
ODEMIRA — Rua Sousa Prado
OURIQUE — Av. 25 de Abril

BRAGA

BRAGA — Rua 31 de Janeiro, 12 - 1.º
AMARES — Lugar de Guíames
BARCELOS — Largo Camilo Castelo Branco — Bloco S. José
CABEÇEIRAS DE BASTO — Praça da República
CÁLCORICO DE BASTO — Av. João P. Ribeiro
ESPOSENDE — Travessa Nogueiras
FAFE — Rua José Cardoso Vieira de Castro, 411
GUIMARÃES — Largo João Franco, 19-A
PÓVOA DE Lanhoso — Largo António Lopes, 152
TERRAS DE BOURO — Lugar de Covas — Moimenta
VIEIRA DO MINHO — Praça Barjona de Freitas
VILA NOVA DE FAMALICÃO — Rua Augusto Correia, 42
VILA VERDE — Av. General Humberto Delgado

BRAGANÇA

BRAGANÇA — Praça Professor Cavaleiro de Ferreira
ALFÂNDEGA DA FÉ — Estrada Nacional
CARRAZEDA DE ANSIÃES — Rua da Escola
FREIXO DE ESPADA À CINTA — Rua de S. Francisco
MACEDO DE CAVALEIROS — Rua Almeida Pessanha
MIRANDA DO DOURO — Rua Abade Baçal
MIRANDELA — Rua da República
MOGADOURO — Av. de Espanha
MONCORVO — Largo de Camões
VILA FLOR — Av. Marechal Carmona
VIMIOSO — Rua do Fundo de Vila
VINHAIS — Rua dos Frades

CASTELO BRANCO

CASTELO BRANCO — Rua da Oliveira, 6 r/c
COVILHÃ — Rua Marquez d'Ávila e Bolema, 390
LUNDÃO — Rua Dr. Teodoro Mesquita, 37
SERTÃO — Av. Dr. Angelo Henrique Vidigal

COIMBRA

COIMBRA 1 — Rua Santos Rocha, 42 r/c
COIMBRA 2 — Rua da Alegria, 49 - 1.º Esq.
FIGUEIRA DA FOZ — Rua Calouste Gulbenkian, 2 r/c Dt.º
FIGUEIRA DA FOZ — Rua 5 de Outubro, 16

ÉVORA

ÉVORA — Praça do Sertório, 25
ESTREMOZ — Praça Professor Egas Moniz, 1
MONTEMOR-O-NOVO — Av. Gago Coutinho, 61
REGUENGOS DE MONSARAZ — Rua Serpa Pinto, 17

FARO

FARO — Rua Infante D. Henrique, 34
ALBUFEIRA — Rua 5 de Outubro, 42.
ALCOUTIM — Rua D. Sancho II, 44
ALJEZUR — Rua da Escola, s/n — Igreja Nova
CASTRO MARIM — Rua 26 de Janeiro, 25
LAGOA — Rua do Asilo, Lote 17
LAGOS — Rossio — S. João
LOULÉ — Rua Antero Quintal, 34-1.º
MONCHIQUE — Rua S. Pedro
OLHÃO — Praça da Restauração, 21-1.º
PORTIMÃO — Av. D. Carlos I, 77
QUARTEIRA — Rua Gago Coutinho, r/c
S. BARTOLOMEU DE MESSINES — Rua João de Deus
S. BRÁS D'ALPORTEL — Rua Dr. José Dias Sancho, 42
SILVES — Rua da Sé, 14
TAVIRA — Rua D. Marcelino Franco, 19
VILA DO BISPO — Rua Comandante Matoso, 8
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Rua António Capa, 21

GUARDA

GUARDA — Rua Mestre de Aviz, 37
TRANCOSO — Serviço Local da Segurança Social
SEIA — Rua Capitão Dr. António Dias

LEIRIA

LEIRIA — Largo da República, 3
ALCOBAÇA — Rua Oliveira
ALVALÁZERE — Rua da Saudade
ANSIÃO — Rua C
BATALHA — Rua António Cândido de Encarnação
BOMBARKAL — Largo António Bruno Patuleia, 87-89-91
CALDAS DA RAINHA — Rua Montepio Rainha D. Leonor, 3
CASTANHEIRA DE PÊRA — Castanheira de Pêra
FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Av. José Malhoa
MARINHA GRANDE — Rua Machado Santos
NAZARÉ — Rua Heróis do Ultramar — Valado de Frades
ÓBIDOS — Rua Direita
PEDRÓGÃO GRANDE — Variante
PENICHE — Rua Conde de Ataíde, 1 — Atouguia da Baleia
POMBAL — Rua Prof. Gonçalves Figueira, 13-1.º
PORTO DE MÓS — Rua Mestre de Aviz

LISBOA

LISBOA — Rua da Junqueira, 59
— Quinta do Alperce — Travessa do Garrido
(à Alameda D. Afonso Henriques)
— Rua Rosa Araújo, 43
— Rua Pedralvas - Lote 1345 — Benfica

PORTALEGRE

PORTALEGRE — Av. Frei Amador Arrais — Lote 1 r/c
ELVAS — Rossio da Fonte Nova
PONTE DE SOR — Rua 1.º de Maio

PORTO

PORTO — Rua D. João IV, 722 r/c
— Rua das Doze Casas, 81 r/c
— Rua 15 de Novembro, 101 r/c
AMARANTE — Murtas — Madalena
FELGUEIRAS — Rua Costa Guimarães
MARCO DE CANAVESES — Rua Gago Coutinho, 683
MATOSINHOS — Rua Godinho, 769
PAREDES — Bairro do Sanho
PENAFIEL — Largo da Ajuda, 25 r/c
PÓVOA DE VARZIM — Rua Cidade do Porto, 91
SANTO TIRO — Rua Dr. António Carneiro Pacheco
VALONGO — Rua do Padrão, 27 r/c

SANTARÉM

SANTARÉM — Largo do Milagre, 49
ABRANTES — Praça da República
BENAVENTE — Av. Eng.º Calheiros Lopes
TOMAR — Praça da República, 27 - 1.º
TORRES NOVAS — Rua do Salvador, 15

SETÚBAL

SETÚBAL — Av. Luisa Todi
ALCÁÇER DO SAL — Rua dos Aviadores
ALMADA — Rua Professor Egas Moniz, 7-D
BARREIRO — Rua Palmira Bastos, 12 — Lavradio
SANTIAGO DO CACÉM — Rua 1.º de Maio, 1

VIANA DO CASTELO

VIANA DO CASTELO — Rua de Aveiro, 155
— Avenida Camões, 29
— Rua Grande, 32

VILA REAL

VILA REAL — Rua Marechal Teixeira Rebelo, 141
CHAVES — Urbanização Quinta da Raposeira
— Santo Amaro — Chaves
PESO DA RÉGUA — Rua José Vasques Osório

VISEU

VISEU — Av. Dr. António José de Almeida
LAMEGO — Bairro de Alvorações

**Uma garantia de bem-estar social.
Um apoio a quem precisa.**

SECRETARIA DE ESTADO DA CONSTRUÇÃO E HABITAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL



Vitor Damas avança para as redes

Seleção perde Manuel Bento: perna esquerda fracturada em treino

Tremendo azar para a selecção nacional de futebol e para o seu «capitão» e nosso melhor guarda-redes: em treino, Manuel Bento fracturou um peroneo, ficando com a perna engessada e sendo obrigado a guardar repouso durante algum tempo, podendo (como nota mais agradável) prever o regresso aos relvados durante o mês de Agosto. Vitor Damas será (portanto) o nosso guardião já perante a Polónia, passando os «Infantes» a ser comandados por Fernando Gomes.

Bento fracturou o terço inferior do peroneo no decorrer do treino realizado ontem à tarde, no Estádio Universitário (em Monterrey) onde Portugal defronta no sábado a Polónia. O guardião português caiu mal ao saltar com o defesa José António durante os exercícios de aquecimento da equipa portuguesa, saltando de imediato um grito de dor que logo fez temer o pior.

A gravidade da lesão foi confirmada por um exame radiológico no hospital local, para onde Bento foi transportado na companhia do dr. Camacho Vieira, médico dos «Infantes».

Um minuto antes do acidente, Bento dissera que a relva do Estádio Universitário era melhor do que a do «Tecnológico», onde Portugal venceu a Inglaterra (1-0) mas referiu que o terreno era muito irregular. A lesão ocorreu às 16.20 horas locais (23.20h em Lisboa) de ontem.

O acidente de Bento teve origem num lance puto de futebol: Jaime Pacheco cruzou, Bento elevou-se com o defesa José António e ao cair no relvado prendeu o pé.

Vitor Damas (38 anos) do Sporting, é o segundo guar-

da-redes da selecção portuguesa. Damas nunca realizou qualquer encontro na fase de qualificação para o «mundial».

Jorge Martins (Belenenses) é o terceiro guarda-redes português presente neste mundial.

Com o afastamento de Bento é Fernando Gomes (o «Bota de Ouro») quem o substitui como «capitão» da equipa portuguesa. Gomes assume essa missão por ser o jogador da selecção que tem mais internacionalizações.

Recorde travado

Manuel Bento viu esfumarem-se, prematuramente, as suas aspirações a tornar-se no jogador português com o maior número de actuações pela selecção nacional.

«Estou triste, muito triste. Precisamente na minha primeira participação num «Mundial» de futebol logo me acontece esta lesão. Mas enfim, o futebol é assim mesmo: e a vida continua» declara Bento.

Manuel Galrinho Bento (37 anos o 3º jogador mais velho presente no México, a seguir ao seu colega de se-

ctor Pat Jennings (da Irlanda do Norte) e ao seu companheiro de equipa Vitor Damas, averbou no «Mundial» a sua 63.ª internacionalização. Foi na 3.ª feira, na estreia vitoriosa de Portugal frente a Inglaterra que Bento sonhou arrancar para um dos recordes mais apetecidos do profissional de futebol português, mas esta lesão quebrou-lhe o sonho.

«Apesar de tudo, recorro com grande entusiasmo a minha curta participação neste «Mundial», por vencermos a Inglaterra num jogo que, para mim, vai ser inesquecível» diz o guarda-redes «internacional» do Benfica.

«Gostaria ao menos de continuar no México, até porque tenho cá a minha mulher: mas isso não depende de mim, mas sim da Federação Portuguesa de Futebol» afirmou Manuel Bento.

O dr. Camacho Vieira referiu que a fractura de Bento (terço inferior do peroneo) não é vulgar, mas que também não é uma fractura grave, pois está longe da articulação do pé. «Apesar de ser uma fractura que se consolida depressa obrigará, contudo, a uma imobilização de perna durante um período que oscila entre um mês e dois meses», acrescentou.

O médico da selecção referiu que o jogador português foi bem atendido no Hospital de S. José (Monterrey) e que apenas em dez minutos confirmou, com uma radiografia a fractura de Bento: «Eu próprio engessei a perna a Bento com a ajuda de pessoal do hospital e de um médico sueco da Federação Internacional de Futebol que teve a amabilidade de me ajudar no tratamento», disse

o dr. Camacho Vieira.

O médico explicou que a fractura se deveu a uma rotação do peroneo e a força com que Bento se apoiou na perna durante um movimento, no treino. Disse também que, as fracturas do tipo da que Bento sofreu não envolvem tratamento cirúrgico, mas apenas ortopédico. Bento vai andar de muletas durante 10 dias, e foi já apoiado em duas muletas, que Bento se dirigiu sozinho ao restaurante do motel onde está hospedado a selecção portuguesa e agradeceu com os colegas. O dr. Camacho Vieira referiu que ministrou a Bento um analgésico contra as dores e acrescentou que o jogador poderá ficar no México, uma vez que ali existem todos os meios necessários à sua recuperação.

Substituição possível?

Entretanto, o dr. Silva Resende e César Grácio foram contactar o Comité Organizador de Monterrey para saber da possibilidade de substituir Bento. Amândio de Carvalho afirmou que existe uma cláusula no regulamento que admite a substituição de um jogador por causas de força maior. Porém, a cláusula parece subentender que a substituição ocorra antes do

início do campeonato e Bento já alinhou no primeiro jogo da selecção. A direcção da FPF não tomará (segundo Amândio de Carvalho) qualquer decisão, enquanto não houver uma resposta da FIFA, o que se prevê que ainda venha a acontecer hoje.

A esposa de Manuel Bento, Gertrudes (que recentemente chegou a Monterrey), encontra-se em La Torre, onde se inteirou do estado de saúde do jogador.

Fernando Gomes, que a partir de sábado será o «capitão» da equipa portuguesa, declara que «toda a equipa está em baixo devido à lesão de Bento». «Todos estamos em baixo, mas o futebol é assim e vamos recuperar». «Estamos solidários com Bento, mas a equipa está confiante e reconhece o valor de Vitor Damas», adiantou.

Referindo-se à sua condição de novo «capitão» (devido às suas 43 internacionalizações) Gomes refere que «não será difícil capitanear a equipa portuguesa». «Difícil foi há uma semana, quando tivemos de tomar posição contra o que considerávamos injusto. Nessa altura, Bento foi corajoso», sustentou. Quanto ao encontro de sábado com os polacos, Gomes refere que «será mais difícil

do que com a Inglaterra, dado que os polacos têm de vencer e estão no México com ambição».

Bento estava prestes a concretizar o recorde português de internacionalizações, para o que necessitava de mais três jogos.

Baixa n.º 3

Bento é o terceiro jogador português afastado do «Mundial» do México, devido a problemas surgidos após a escolha do treinador José Torres. O defesa Venâncio foi a primeira baixa na equipa portuguesa, face a lesão num joelho, que o obrigou a uma intervenção cirúrgica, seguindo-se mais tarde Veloso, por detecção de resíduos de esteróides anabolizantes, num dos casos mais polémicos do futebol português, ainda não totalmente esclarecido.

Já no México, Bento passou a constituir a 3.ª baixa na selecção de José Torres. Manuel Galrinho Bento (38 anos) 63 vezes internacional (em 22 anos de actividade como profissional de futebol) constitui o depauperamento mais significativo da selecção portuguesa. Jogador do Benfica desde 1972, Bento tem o seu «palmarés» sete vitórias no nosso campeonato de futebol, cinco vitórias na «Taça de Portugal» e uma presença na final da «Taça UEFA». A nível de selecção, Bento capitaneou a equipa que alcançou o 3º lugar no «Europeu» de França.

Vida continua

Os «Infantes», agora tristemente reduzidos a 21, voltam a treinar esta manhã em Saltillo, pela última vez antes do jogo com a Polónia. Após este treino, a selecção entrará em período de descanso até ao importante jogo do próximo sábado às 16 h. (23h. de Lisboa).

Vitor Damas (gora titular) e Jorge Martins (seu suplente)

Programa para hoje

Programa para hoje, 7.º dia do «Mundial».

• 19h de Lisboa (12h locais), no Estádio Revolução (Irapuato): Hungria-Canadá (Grupo C). Árbitro: Jamal Al Sharif, (Síria).

• 19 h de Lisboa (12h locais) no Estádio Jalisco (Guadalajara). Brasil-Argélia (grupo «D»). Árbitro: Mendez Molina (Guatemala). A RTP dá em directo.

• 23h de Lisboa (16h locais) no Estádio Tecnológico (Monterrey): Inglaterra-Marrocos (grupo «F»). Árbitro: Gonzalez Roa (Paraguai). A RTP transmite directamente.

CARTÃO JOVEM ENERGIA RENOVÁVEL

Para todos os jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 26 anos. Permite a aquisição de bilhetes com redução de 50%, para percursos superiores a 50 km, se as viagens forem iniciadas durante os Periodos Verdes, em épocas determinadas. Pessoal e intransmissível. Entrega imediata. A melhor forma de multiplicares as tuas viagens, durante as férias, ao longo do ano.

É o Cartão Jovem. A tua energia renovável.





"Infantes" perdem "capitão"

te) deverão ser sujeitos, tal como já sucedeu no treino de ontem à tarde, no estádio Universitário (após a fractura da perna esquerda de Bento a intenso trabalho de preparação para funções na equipa que não estavam previstas.

Esta tarde, a selecção assistirá a transmissão televisiva (em directo) do jogo Inglaterra — Marrocos.

Bento sorri amargamente, em La Torre, acompanhado por sua mulher já resignado à perda deste seu primeiro campeonato mundial de futebol, onde, apesar de tudo manteve a baliza portuguesa inviolada no jogo inaugural, com a Inglaterra. Os seus companheiros de equipa teem-lhe manifestado a maior solidariedade e declaram que tudo farão em campo para lhe prestar a homenagem que, como futebolista e profissional, o até agora «capitão» da equipa lhes merece.

Bento: caso para reflexão

Gertrudes Galrinho, a mulher do guarda-redes Manuel Bento, teve conhecimento da fractura do perónio do marido quando saía para jantar em Saltillo, deslocando-se de imediato ao motel. A mulher do futebolista, que se fazia acompanhar de um casal amigo da família, tinha estampada no rosto uma grande preocupação pela situação do Bento, sendo notório em certos momentos que as lágrimas eram disfarçadas com um sorriso de circunstância.

«O meu filho mais velho, que tem 14 anos, fica sempre à espera das últimas notícias da Televisão Portuguesa para ver se vê o pai e a esta hora já deve saber do sucedido» — comentou, em voz baixa, Gertrudes Galrinho. Para a esposa do «capitão» da selecção portuguesa, a fractura da perna do marido e a enorme distância que a separa dos dois filhos são um motivo de profunda tristeza, tanto mais que os seus dois filhos não poderão ver o pai a defender a baliza dos «Infantes», no sábado, frente à Polónia.

«Agora tenho de esperar que o tempo passe...» — diz Bento, sentado numa cadeira ao lado da esposa e mais conformado com a fractura

do perónio que o atingiu numa altura em que a sua titularidade era indiscutível. Incredula e inconformada com o acidente, Gertrudes Galrinho não deixou de comentar, num tom de fatalismo: «eu que tinha guardado uma garrafa de vinho do Porto para quando o «Mundial» terminasse, para oferecer à selecção portuguesa».

Bento manifesta o desejo de continuar no seio dos «Infantes» até ao final da campanha lusitana no México, tendo o dr. Camacho Vieira dado o seu acordo, por considerar que «existem em La Torre todos os meios clínicos para tratar o jogador». Porém, a decisão da permanência (ou não) de Bento em La Torre pertence à Federação Portuguesa de Futebol.

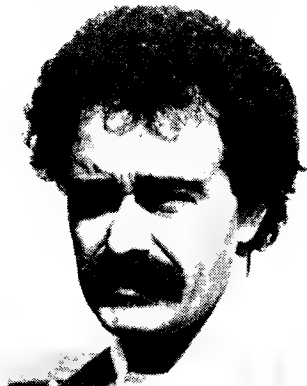
Fernando Gomes, que será agora o «capitão» da equipa alertou para os problemas que afectam os futebolistas:

«O que aconteceu com o Bento pode alertar as pessoas para a necessidade dos profissionais do futebol estarem mais protegidos». Para Gomes, a fractura da perna esquerda de Bento deixa o jogador em dificuldades, pois o guarda-redes fica inactivo durante mais de um mês numa altura em que o seu contrato com o Benfica está a expirar: «A luta dos jogadores surgiu também para evitar situações iguais à de Bento» — comentou Gomes.

Gomes refere que «foi Bento quem teve a coragem de dar a cara, no contencioso entre os jogadores e a FPF», dizendo de forma peremptória: «é aí que é difícil ser-se capitão de equipa». Sobre os prejuízos para Bento da fractura da sua perna, Gomes afirmou que o seguro que protege os jogadores não é muito explícito em situações deste género, mostrando-se preocupado com o futuro do seu colega.

Todavia, o coordenador-geral da selecção, Amândio de Carvalho, afirma que Bento está protegido por um seguro especial e confirma que se iria pedir à FIFA a vinda de outro jogador de Portugal.

«A Federação Portuguesa de Futebol tem um seguro especial para o «Mundial», que protege os jogadores» — afirma Amândio de Carvalho, desdramatizando a situação



Bento: o azar bateu-lhe à porta

em que Bento poderia eventualmente ficar. «Posso dizer que o seguro prevê tudo» — garante Amândio de Carvalho, que se escudou a entrar em mais pormenores sobre a cobertura do seguro quanto a situações deste género. Todavia, segundo Amândio de Carvalho, o seguro assinado entre a FPF e uma companhia prevê, para o caso de morte ou invalidez, o pagamento de 17 mil contos. No entanto, para casos de fractura ou inactividade, não foi especificada a verba exacta e os requisitos para o seu pagamento. O seguro é individual e para todos os jogadores.

Sobre a eventualidade de se chamar um guarda-redes de Portugal, Amândio de Carvalho destaca: «Se a FIFA disser que não se pode chamar mais nenhum jogador o assunto fica encerrado, senão vamos reunir e pensar se valerá a pena convocar mais um guarda-redes nesta altura do Mundial».

As três da madrugada de hoje (20 horas no México) quando os futebolistas estavam a jantar, Vítor Damas pediu aos jornalistas que guardassem as perguntas para hoje: «agora quero ir dormir sossegado para amanhã poder falar» — disse Damas lembrando (contudo) aos jornalistas que o último jogo não particular efectuado como titular da selecção ocorreu em 1975, em Alvalade, quando Portugal empatou (1-1) com a Inglaterra em jogo de qualificação para o «Europeu». «Depois fui para a Espanha e depois só joguei na selecção em jogos particular» — disse Damas, que terá sábado a difícil missão de guardar as redes dos «Infantes» no jogo com os polacos. Com toda a nossa confiança, acrescente-se.

México Digest

FIFA encosta Sócrates à parede

A FIFA vai abrir uma investigação para aclarar as recentes declarações do brasileiro Sócrates, anunciou o secretário-geral da organização, Joseph Blatter. Sócrates desmentiu (entretanto) que tenha afirmado que os árbitros iam ajudar mexicanos e brasileiros para que as duas equipas se encontrassem na final.

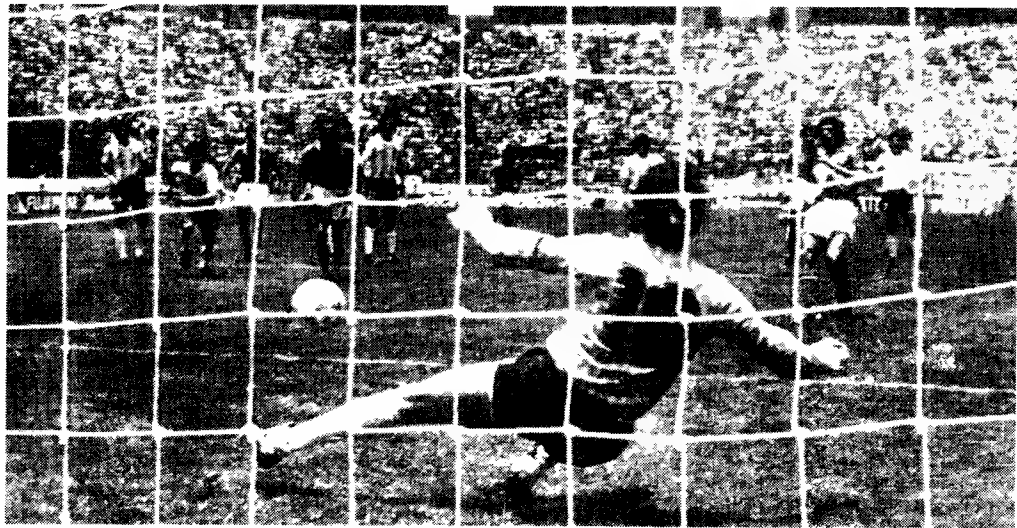
● As autoridades mexicanas convidaram o cidadão inglês William Taylor a abandonar voluntariamente o México por violação das leis do país e alteração à ordem pública. Segundo uma informação do consulado inglês em Monterrey, William Taylor foi detido pela segurança mexicana na sequência de uma denúncia feita pelo dono de uma

pousada, segundo a qual Taylor o teria golpeado por este se recusar a atendê-lo. A recusa foi baseada no facto de o cliente ter abandonado a pousada sem liquidar as respectivas contas, o que teria provocado a ira do adepto inglês que, com uma navalha, golpeou o dono do estabelecimento hoteleiro. As autoridades de segurança vigiam William Taylor nas últimas horas que irá passar no México, com receio que aconteçam novos distúrbios, pois em Monterrey encontram-se alguns milhares de ingleses que vieram apoiar a sua selecção.

● O médio polaco Dariusz Kubicki estará inactivo durante 10 dias, devido a uma rutura de li-

gamentos. Kubicki (que se lesionou no encontro frente a Marrocos) agravou a lesão durante o treino de ontem, ficando impedido de jogar sábado com Portugal.

● O jornal «Vanguardia» revela que dois polícias e vários adeptos ficaram feridos quando apoiantes ingleses que viam o jogo Portugal-Inglaterra pela televisão, num bar, desataram a agredir os presentes com os objectos que lhes vinham parar às mãos. A violência dos «Holigans» causou ferimentos em dois polícias e em vários civis mexicanos, tendo 13 deles recebido tratamento hospitalar.



Altobelli: cobrança de grande penalidade perante a Argentina

"L'Equipe" faz palpites

O diário desportivo francês «L'Equipe» dá o total favoritismo à Polónia no jogo com Portugal, mas para o confronto dos portugueses com os marroquinos atribui aos «infantes» 50 por cento de possibilidades de vitória, contra 15 dos africanos. O diário dedica três páginas ao concurso 42 do «L'Equipe Loto Sportif» (Totobola): dois dos 16 jogos dizem respeito a Portugal.

Para o jogo 3, Polónia-Marrocos, o jornal dá 30 por cento de hipóteses a Portugal, contra 35 aos polacos e 35 para um empate. Mesmo na sugestão

de duplas, nas oito sugestões apresentadas, nunca é dada a vitória aos portugueses, optando-se sempre por 1-x.

Os oito treinadores de equipas francesas convidados para dar o seu palpite estão divididos: quatro dão o sucesso à Polónia e os outros quatro um empate. Mas o antigo futebolista Roger Piantoni dá o sucesso a Portugal e na dupla vai pelo empate. O futebolista José Toure dá o empate, «de caras» ao Polónia-Portugal.

Para o jogo com Marrocos, o favoritismo é quase total para os «infantes», e só Henryk Kasperczak (técnico do Saint-

-Etienne) dá vitória à selecção africana.

Piantoni justifica o «2» a Portugal: Não vejo os marroquinos capazes de fazer alguma coisa neste Mundial.

Para o concurso anterior do «Loto», a previsão do «L'Equipe» saiu totalmente «furada», pois o favoritismo para o Portugal-Inglaterra era total para a selecção britânica.

As previsões para o concurso 42 foram elaboradas antes de se saber o resultado do jogo disputado em Monterrey: e que foi favorável a Portugal, com o gol de Carlos Manuel.

O SERVIÇO E A QUALIDADE FAZEM A DIFERENÇA...

Lagosta Real
VIVEIROS PRÓPRIOS
MARISCOS SEMPRE FRESCOS

Especialidade da casa
CALDEIRADA DE LAGOSTA
A MARINHEIRA
COZINHA MINHOTA
R. PORTAS DE ST.º ANTÃO, 37 — TEL. 32 39 95

MARISQUEIRA DA BAIXA
Especialidade:

MARISCADA VARIADA
FEBRAS DE JAVALI NO CHURRASCO
RUA PORTAS DE ST.º ANTÃO, 41
TELEFONE 32 78 67

SOL Dourado
Especialidade:

ARROZ DE MARISCO
CABRITO À PADEIRO
RUA JARDIM DO REGEDOR, 19-25
TELEFONE 37 25 70

tem tem

Especialidade:
CHURRASCO NO CARVÃO
FONDUE
RUA D. ANTÃO DE ALMADA, 5-A
TELEFONE 36 59 44



Diego Maradona: «show» perante gente conhecida

Quem viu o "Icterícia"

O italiano Giuseppe Bergomi tornou-se o primeiro futebolista presente no Mundial a receber segundo cartão amarelo, que implica suspensão por um jogo. Bergomi (alvo desta honra pouco invejável) ficará de fora no 3.º e último jogo da Itália nesta 1.ª fase, perante a Coreia do Sul, em desafio crucial para a passagem dos campeões do mundo aos oitavos de final. A jornada de ontem «rendeu» dez amarelos, registando-se as estreias da Argentina, França e União Soviética, pelo que as únicas de «cadastro limpo» são o Canadá, Hungria, Escócia, Polónia e Alemanha Federal.

A lista completa dos jogadores admoestados é a seguinte:

Giuseppe Bergomi (Itália) 2 (suspensão por um jogo); Branco (Brasil); Caetano Scirea (Itália); Alexander Markov (Bulgária); Zhivko Gospodinov (Bulgária);

Julio Alberto Moreno (Espanha); Huh Jung-Moo (Coreia do Sul); Byun Byung-Joo (Coreia do Sul); Cho Yong-Jeung (Coreia do Sul); Kim Joo-Sung (Coreia do Sul); Mohammed Timoumi (Marrocos); Norman Whiteside (Irlanda do Norte); Sammy McLroy (Irlanda do Norte); Mansouri Fawzi (Argélia); Abdellah Medjidi (Argélia); Hugo Sanchez (México); Franky Van Der Elst (Bélgica); Terry Fenwick (Inglaterra); Terry Butcher (Inglaterra); Jaime Pacheco (Portugal); Samir Mahmoud (Irão); Wladimiro Schettino (Paraguai); Victor Diogo (Uruguai); Mario Saralegui (Uruguai); Klaus Berggreen (Dinamarca); Ricargo Giusti (Argentina); Oscar Garre (Argentina); Igor Belanov (União Soviética); Vasili Rats (União Soviética); Luis Fernandez (França); e Manuel Amoros (França).

Três jogos nulos

Foi o dia dos empatas

União Soviética, França e Argentina estão com um pé nos oitavos de final do «mundial», mercê dos resultados alcançados ontem no sexto dia da competição. Três empates a um golo foram os resultados registados nos jogos e em todas as partidas a expectativa permaneceu até final.

A Itália (que defende o título mundial) marcou cedo, por Altobelli (aos sete minutos) na marcação de uma grande penalidade, mas a vantagem dos transalpinos durou apenas 26 minutos: Diego Maradona (numa jogada individual, onde prevaleceu a sua apurada técnica) obteve o golo do empate aos 33 minutos.

Mesmo sem ter ganho ainda qualquer encontro, a Itália tem uma presença quase certa nos oitavos de final, enquanto só um imprevisto poderá impossibilitar a Argentina, que lidera o grupo «A» de prosseguir em prova.

No grupo «C», União Soviética e França somam três pontos, mas os soviéticos têm vantagem pela «goleada» imposta à Hungria (6-0). Contrariando o futebol apoiado dos franceses, a União Soviética (explorando o contra-ataque) adiantou-se no marcador por Vats (aos 54 minutos) com um forte remate de fora da área. Luis Fernandez, que teve a sua 30.ª internacionalização consecutiva, empatou (para a França) aos 61 minutos.

A partida foi bastante disputada e quatro jogadores (dois de cada lado) foram admoestados com cartões amarelos. O empate entre gauleses e soviéticos adiou o 1.º lugar no grupo para a última jornada, onde os franceses esperam também «golear» a Hungria, em jogo que é dirigido pelo árbitro português Carlos Valente.

Ainda em jogo do grupo «A», a Coreia do Sul e a Bulgária mantiveram a tradição da jornada, com outro empate a um golo, mas a turma do Leste esteve a um passo de festejar a sua 1.ª vitória numa fase final do «mundial». Plamen Getov colocou a Bulgária em vantagem aos 11 minutos, mas a 21 minutos do fim Kim Jong-Boo apontou o tento dos sul-coreanos, no Estádio Olímpico, na Cidade do México.

Campeão não vence

Em jogo dirigido pelo árbitro holandês Jan Keizer (que mostrou o cartão amarelo a Bergomi, Giusti, e Garre).

As equipas alinharam:

Itália: Galli; Bergomi, Scirea, Vierchowod e Cabrini; Conti

(Vialli, 65), Di Napoli (Baresi 87), Di Gennaro e Bagni; Galderisi e Altobelli.

Argentina: Pumpido; Cuciuffo, Brown, Ruggieri e Garre; Giusti, Batista (Olaricochea, 59), Maradona e Burruchaga; Valdano e Borghi (Hector Enrique, 75).

A equipa de Carlos Bilardo,

comandada, superiormente por Diego Maradona «italiano» do Nápoles) conseguiu meia-vingança perante o desaire do Mundial de Espanha, onde a Itália se superiorizou, com a vitória por 2-1.

O jogo de ontem teve um período de picardias entre os jogadores e Bergomi conseguiu o indesejado feito de se tornar o primeiro jogador a ser suspenso por um jogo devido ao segundo «cartão amarelo» que recebeu.

As duas turmas, ainda favoritas para a passagem à 2.ª fase, revelaram-se satisfeitas com o resultado, embora os argentinos tenham terefa mais difícil para o 3.º encontro do grupo, precisamente frente à Bulgária.

O que eles disseram

O treinador da selecção italiana, Enzo Bearzot, disse que este empate dá garantias de apuramento se a sua equipa vencer a Coreia do Sul. Na 1.ª parte assistiu-se a um grande jogo de futebol e os argentinos mostraram estar melhor fisicamente. Depois do intervalo alguns dos meus jogadores quebraram, adiantou o técnico.

De acordo com Bearzot, a sua equipa tentou vencer o encontro como ficou provado pelo remate de Conti à base do poste.

O treinador argentino, Carlos Bilardo, referiu que o duelo foi equilibrado e adiantou que, desta feita, Maradona foi marcado com lealdade: Os italianos tive-

ram mais dias de descanso que nós, mas conseguimos várias oportunidades de golo. Desta vez, Maradona foi marcado com lealdade e demonstrou ser um dos melhores jogadores, acrescentou. Sobre o árbitro e sobre a grande penalidade que esteve na origem do golo italiano, Bilardo disse: não comento o trabalho dos árbitros. Todos poderão tirar as suas conclusões quando virem o lance na Televisão, finalizou.

Coreia do Sul consegue um ponto

A selecção da Coreia do Sul conseguiu o seu primeiro ponto no «Mundial» do México, em jogo realizado no Estádio «Olímpico 68», na Cidade do México. Os golos foram apontados por Getov (aos 11 minutos) e Yeliaskov na própria baliza (aos 69).

Sob arbitragem de Fallaj Al Shanar (Arábia Saudita) que mostrou o cartão amarelo a Sung King, Gospodinov, e Jeung Cho, as equipas alinharam;

Bulgária: Mihailov; Zdravkov, Petrov, Dimitrov e Arabov; Sirakov, Savkov, Mladenov e Gospodinov; Iskrenov (Kostadinov 46) e Getov (Yeliaskov 57).

Coreia do Sul: Kyo Oh; Hoonpark, Hwan Jung, Moo Huh e Jeung Cho; Sun Park, Rae Cho (Kook Cho, 72), Jin No (Boo Kim, 4666) e Joo Byun; Sung Kim e Keun Cha.

Continua na pag. 21

XII Salão

de

velharias

e objectos

de

coleção

ESTUFA FRIA

1 a 10 de JUNHO

dias úteis das 17 às 24h

sáb-dom-das 15 às 24h

Patrocinado pela C.M.L.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO

DE 1.ª INSTÂNCIA

DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATACÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 17 de Junho de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal-Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a ALPIPO ANTERO & FILHOS LDA., com sede na Rua do Ouro, n.º 292-1.º em Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 41/80 e apenso

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 - O direito ao arrendamento e trespasse do prédio sito na Rua do Ouro n.º 292-1.º, pelo qual é paga a renda mensal de 30 000\$000 a que se atribui o valor de cinco milhões de escudos (5 000 000\$000).

Verba n.º 2 - Uma mesa de vidro, com pés em cromado com aproximadamente 1 m de comprimento e cinco cadeiras em napa, instaladas no gabinete n.º 1, ao qual se atribui o valor presumível de vinte e cinco mil escudos (25 000\$000).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 2 de Junho de 1986

O Juiz de Direito,
(João Cordeiro Dias)

O liquidador Tributário
(F. Lopes)

D.L. 6/6/86 - 1.ª Pub.

Electricidade de Portugal

EDP/Empresa Pública

Direcção Operacional Distribuição Sul

Centro Distribuição Almada

AVISO

AOS CONSUMIDORES

Avisam-se os consumidores de energia eléctrica em baixa tensão que, devido a trabalhos a efectuar nas instalações desta empresa, se procederá à interrupção do fornecimento de energia eléctrica, nos locais e períodos abaixo mencionados, no próximo dia 8/6/86 (domingo).

CONCELHO DE ALMADA: Almada (Cristo Rei) das 11h 30m às 14h00m; (Incrível) das 9h15m às 11h15m (Centro Cívico); das 7h 00m às 14h 00m Feijó (Amendoeira) das 8h 30m às 12h 00m.

CONCELHO DO BARREIRO: St. António da Chameca (Manuel Martins) das 7h 00m às 14h 00m.

Por motivo de segurança, durante o período de interrupção de fornecimento de energia, as instalações deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

Direcção Operacional Distribuição Sul

Centro Distribuição Almada

O responsável

José Resende Nascimento

COOPOLIVAIS

Cooperativa de Consumo dos Olivais, CRL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no Art.º 22.º dos Estatutos e ao abrigo do Art.º 42.º do Código Cooperativo, convoco a Assembleia Geral da Coopolivais, Cooperativa de Consumo dos Olivais, CRL a reunir em sessão ordinária, em 23 de Junho de 1986 pelas 21 horas na sua sede social, Rua Cidade de Lobito Quinta do Contador Mor, Atelier N.º 3, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Informações
2. Apreciar e votar o balanço e as contas da direcção bem como o parecer do Conselho Fiscal, relativo ao exercício de 1985.

Lisboa, 5 de Junho de 1986

O presidente da Mesa da Assembleia Geral

Dr. José de Oliveira Azevedo



Festa soviética de Rats e Demianenko: era o saboroso em-pate



Alegria de Platini perante o tento de Luis Fernandez



Stopyra tenta entrar na de-fesa soviética

Triespectáculo para esta noite

O cartaz de hoje oferece três grandes espetáculos: Hungria-Canadá, Inglaterra-Marrocos e Brasil-Argélia.

As seleções da Hungria e do Canadá defrontam-se pela 1.ª vez na história das duas equipas, no jogo do grupo «C», a disputar no Estádio Revolucion (de Irapuato) às 19 horas de Lisboa. As duas formações têm passado muito diferente no historial do futebol mundial: enquanto a Hungria é um ilustre veterano (com dois segundos lugares, nove participações em fases finais e 10 eliminatórias) o Canadá é equipa debutante numa fase final e, anteriormente, só participou numa fase eliminatória.

A Hungria esteve presente nas fases finais dos Mundiais de 1934, 38, 54, 58, 62, 66, 78 e 1982. Atingiu os quartos-de-final no 1.º Mundial (em 1930) e, em 1962 e 1966, e foi vice-campeão em 1938 e 1954. Foi eliminado em 1958. Não passou da fase de abertura em 1978 e 1982. Antes da derrota (por 6-0, com a União Soviética) disputou 29 encontros e averbou 14 vitórias, 3 empates e 12 derrotas, com 85 golos marcados e 49 sofridos.

O Canadá tem uma curta história mundialista. A sua Federação só em 1980 foi formada, embora inscrita na FIFA desde 1948. No entanto, o futebol praticava-se no Canadá desde 1860.

O pesadelo da URSS já terminou. A «goleada» que sofremos é assunto do passado e agora só me interessa o futuro. Estou apenas a pensar no jogo com o Canadá, disse hoje o seleccionador húngaro, Gyorgy Mezey.

A Hungria precisa de vencer o Canadá para manter vivas as esperanças na qualificação para a 2.ª fase, pois mesmo um empate iria pôr em risco a passagem, quando falta defrontar também a França. O guarda-redes Peter Dizstel será substituído por Jozsef Szenderei (32 anos) podendo ainda integrar o «onze» inicial Jozsef Varga, Peter Hannich e Gyozo Burca.

A Inglaterra e Marrocos (ambos do grupo F) defrontam-se no Estádio Tecnológico (Monterrey) pela 1.ª vez numa fase final do Mundial. Os ingleses têm oito presenças e a equipa africana só uma, em 1970, também no México.

A Inglaterra, embora seja uma das potências do futebol, só conseguiu um título: na prova disputada «em casa» em 1966. Participou em oito fases finais, começando no Brasil em 1950, ano em que foi afastada na primeira fase. Nas duas seguintes (1954 e 1958) não conseguiu atingir a 2.ª fase. Em 1962 e 1970 chegou aos quartos-de-final e, em 1982, ficou pela segunda fase.

Marrocos ficou na fase de abertura em 1970, embora tendo então uma boa equipa, como o demonstrou depois nos Jogos Olímpicos de Munique, onde foi

eliminado pela Polónia. A selecção marroquina foi campeã de África em 1976 e vice-campeã em 1972 e 1978.

O Brasil, que participou até agora em todas as fases finais dos 13 «mundiais» de futebol, defronta também ineditamente a selecção da Argélia, em jogo do grupo «D», a disputar no Estádio Jalisco (Guadalajara). Os argelinos começaram a sua história mundialista em 1970, mas participaram pela 1.ª vez numa fase final em 1982 (na Espanha) onde foi uma das «equipas-surpresa» do campeonato. O Brasil é tri-campeão mundial (1958, 1962 e 1970) e tem 57 jogos disputados, com 37 vitórias, 10 empates e 10 derrotas, sem contar com o êxito (por 1-0) sobre a Espanha, no domingo, em Guadalajara. Os brasileiros marcaram, até agora, em fases finais mundialistas 134 golos e sofreram 62.

Árbitros

O australiano Christopher Bambridge, que teve uma contestada actuação no jogo Brasil-Espanha, reaparece no «mundial» como fiscal de linha do Hungria-Canadá.

O árbitro principal deste encontro será o sírio Jamal Al Sharif, que terá como segundo fiscal-de-linha o jugoslavo Petrovic.

Al Sharif é um dos árbitros mais jovens indigitados pela FIFA para a fase final do «mundial»: nasceu em Damasco (onde reside) a 8 de Dezembro de 1954 e é funcionário de uma empresa privada. Obteve as credenciais da FIFA em 1985 e dirigiu jogos do «mundial» de juniores, disputado em Setembro na URSS.

O paraguaio Gabriel Gonzalez Roa fará a sua estreia no «mundial» dirigindo o Inglaterra-Marrocos. Gonzalez Roa nasceu a 18 de Março de 1942 e pe professor de História. Tem credenciais da FIFA desde 1983. Vive em Assunção e não tem experiência em competições da FIFA. Terá como fiscais-de-linha Carlos Esposito (Argentina) e Kirschen (RDA).

Romulo Mendez Molina (Guatemala) foi designado para dirigir o Brasil-Argélia. Mendez foi um dos árbitros do Mundial 1982 (na Espanha) onde dirigiu o Argélia-Chile, disputado em Oviedo. Participou também nesse «mundial» no Alemanha-Inglaterra e no Checoslováquia-Kuwait, como fiscal de linha. Internacional da FIFA desde 1975, é professor de educação física. Nasceu a 21 de Dezembro de 1938. Os seus fiscais de linha serão o uruguaio Martinez e o francês Quiniou.

Cada equipa faz um golo

Continuação da pág. 20

O golo de Getov, muito consentido pela defesa sul-coreana, obrigou a equipa oriental a vir para a frente e tentar pressionar a equipa bulgara, que até agora constituiu uma das decepções do «México 86». Sem grande técnica (mas com muitas velocidade e poder físico) os sul-coreanos foram obrigados a defender um resultado que se viria a mostrar insuficiente. A equipa bulgara conseguiu resistir 69 minutos, apesar das tentativas constantes da selecção coreana, normalmente através de remates de fora da área, mas um corte infeliz de Yeliaskov viria a trair o seu guarda-redes, após remate de Sung Kim.

Classificação actual do grupo «A»:

	J	V	E	D	G	P
Argentina	2	1	1	0	4-2	3
Itália	2	0	2	0	2-2	2
Bulgária	2	0	2	0	2-2	2
Coreia do Sul	2	0	1	1	2-4	1

Jogos disputados: Itália-Bulgária, 1-1; Argentina-Coreia do Sul, 3-1; Itália-Argentina, 1-1 e Bulgária-Coreia do Sul, 1-1. Jogos a disputar: Itália-Coreia do Sul e Bulgária-Argentina (dia 10).

Opiniões diversas

O seleccionador búlgaro Ivan Vutzov, afirmou estar claramente desapontado, depois da sua equipa ter empatado com a Coreia do Sul: cada vez se torna mais difícil conseguirmos melhor do que um 3.º lugar no grupo, lamentou Vutzov. Cometemos muitos erros durante o primeiro tempo, referiu o técnico búlgaro, mas nas terríveis condições em que se disputou a partida era quase impossível fazer melhor. Vutzov referia-se às chuvas torrenciais que atingiram o Estádio «México 68» durante a partida, criando grandes dificuldades aos futebolistas dos dois países.

Gostariamos de ter ganho este jogo de «waterpolo», afirmou, por seu lado, o técnico da Coreia do Sul, Jung Nam King. Tivemos o apoio do público e gostaríamos de lhe ter oferecido uma vitória, mas foi impossível consegui-la — lamentou o treinador asiático: Aquilo não parecia um campo de futebol.

Terceiro nulo nesta rodada

França e União Soviética travaram uma luta dramática. A equipa de Henri Michel (campeã da Europa) encontrou muitas dificuldades para impor o seu fio de jogo de jogo frente à turma soviética que explorou o contra-ataque baseado na velocidade de Igor Belanov, que teve um papel preponderante na goleada sobre a Hungria.

Os soviéticos depois de terem marcado o primeiro golo tentaram aumentar a vantagem e o técnico optou pela saída do centro-campista Alexander Zavarov, compensada pela entrada do veterano Oleg Blokhin na frente do ataque, aos 59 minutos. Quem acabou por beneficiar com esta alteração tática foi a França: aproveitando alguma desorganização na equipa adversária, Michel Platini deu o primeiro sinal de perigo aos 60 minutos, na transformação de um «livre», levando a bola a embater no poste esquerdo.

Foi a 2.ª vez que Platini perdeu uma ocasião soberana de marcar: na primeira parte, rematou ao poste direito num «livre», a cerca de 25 metros.

Inconformado com o empate (logrado por Luis Fernandez), o técnico soviético tentou a vitória procedendo a outra substituição, com a entrada de Sergei Rodionov para o lugar do centro-campista Pavel Yakovenko. No entanto, outra vez foi a França que esteve mais próximo da vitória: um remate de cabeça de Papin levou o guarda-redes Dasaev a evidenciar os seus recursos e agilidade.

Na tentativa de refrescar a equipa, Papin foi substituído por Bellone (a 14 minutos do fim) e, aos 80 minutos, Giresse saiu para dar lugar a Vercruysse. Na parte derradeira do encontro, foi a vez de Joel Bats salvar um golo que parecia certo, ao desviar para canto um forte remate na transformação de um «livre».

Até soar o apito final os soviéticos tiveram um domínio avassalador, beneficiando de cinco «cantos» consecutivos, mas sem nenhum efeito prático.

A partida foi dirigida pelo árbitro brasileiro Arpi Filho e as equipas alinharam:

FRANÇA — Bats; Ayache, Bossis, Battiston e Amorós; Giresse (Vercruysse, aos 83 minutos), Fernandez, Platini e Tigana; Stopyra e Papin (Bellone, 76).

URSS — Dasaev; Bessonov, Demianenko, Larionov e Belanov; Yakovenko (Rodionov, 58), Kuznetsov, Yaremchuk e Zavarov (Blokhin, 58), Aleinikov e Rats.

Cartão amarelo para os soviéticos Rats e Belanov e para os franceses Fernandez e Amorós.

Classificação do grupo «C»:

	J	V	E	D	G	P
URSS	2	1	1	—	7-1	3
França	2	1	1	—	2-1	3
Canadá	1	—	—	1	0-1	0
Hungria	1	—	—	1	0-6	0

Jogos disputados: França-Canadá, 1-0; URSS-Hungria, 6-0 e França-URSS, 1-1. Falta

Portugal: que futuro?

Portugal poderá permanecer no Motel La Torre (Saltillo) se vencer o grupo «F», passando aos oitavos de final. Se os «Infantes» ficarem em 2.º lugar no grupo, a comitiva será transferida para a Cidade do México, ficando instalada no «Holiday Inn» do aeroporto da capital mexicana. O 3.º lugar (em

caso de repescagem) tem duas possibilidades de instalação: Guadalajara ou Leon. No primeiro caso; os portugueses ficariam alojados no «Holiday Inn», aliás onde vão ficar para o jogo com Marrocos. Quando a Leon, o local que albergaria os «Infantes» seria o Motel La Presa.

Atiradores de turno

Após a disputa da 6.ª jornada, que registou seis tentos em três encontros, a lista de marcadores do «mundial» é a seguinte:

Dois golos — Valdano (Argentina) e Altobelli (Itália).

Um golo — Elkjaer Larsen (Dinamarca), Julio Romero (Paraguai), Antonio Alzamendi (Uruguai), Klaus Allofs (RFA), Carlos Manuel (Portugal), Sirakov (Bulgária), Plamengetov (Bulgária), Sócrates (Brasil),

Papin (França), Fernandez (França), Ruggeri (Argentina), Maradona (Argentina), Yakovenko (URSS), Aleinikov (URSS), Belanov (URSS, de penalti), Yaremchuk (URSS), Rodionov (URSS), Rats (URSS), Quirarte (México), Hugo Sanchez (México), Vandenberg (Bélgica), Whiteside (Irlanda do Norte), Zidane (Argélia), Park Chang-Sun (Coreia do Sul), Kim Jong-Boo (Coreia do Sul), Dajka (Hungria) na própria baliza.

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO

TEATRO
VASCO SANTANA

ENTRECAMPOS
FEIRA POPULAR

CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇÃO DE:
LUZIA MARIA MARTINS

CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE. ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTE-MOR, CARLOS SANTOS, CLARA JOANA, HELENA FÉLIX, LUISA ORTIGOSO, FERNANDA COIMBRA, JOÉ BRÁS, VÍTOR HUGO, MANUEL MENDONÇA, PEDRO PAIVA

Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16

Após digressão por Itália, Holanda, Bélgica e Alemanha

VUM VUM

está de volta

CHAFARICA

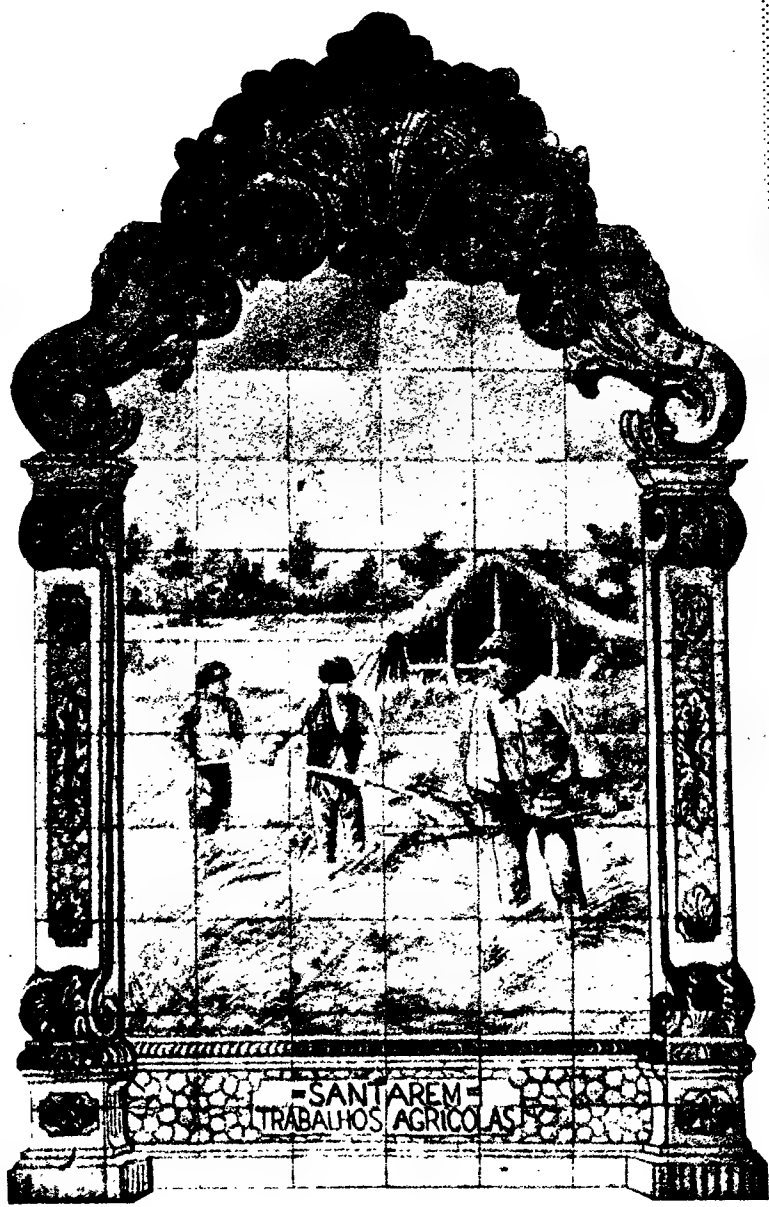
P.S. Assista connosco ao Mundial de Football também.
Calçada de S. Vicente, 81 — Telefone 867 449

VISITE SANTARÉM

Feira Nacional de Agricultura, 6 a 15 de Junho

Aproveite a redução de 50% que a CP lhe oferece nos bilhetes de ida e volta

Consulte as Secções de Informações ou o seu Agente de Viagens



Comboio, a opção dinâmica.

DESPORTO

Chalana: nova operação antes do regresso

Segundo revela o nosso colega «Record» na sua edição de hoje, o pequeno genial Fernando Chalana vai ser submetido a nova operação cirúrgica (fibrose na nádega direita), desta vez a cargo do reputado médico nortenho dr. Espigueira Mendes, e terá lugar na próxima semana no Hospital de Santa Maria (Porto), onde na última temporada foram tratados vários futebolistas do FC Porto. Chalana encontra-se em Portugal desde que terminou o campeonato francês e mostra-se esperançado de que, dentro de dois a três meses, estará apto a regressar aos relvados e certamente em França, já que não se nos afigura que os dirigentes do Bordéus estejam na disposição de negociar a transferência do valoroso artista do espectáculo futebolístico.

Esperamos que se confirme o optimismo do atleta já que a sua presença nos palcos da grande comédia da bola é por todos os desportistas portugueses muito desejada.

Treinadores mudam de clube

Com o aproximar do início dos trabalhos de preparação para a época futebolística, os clubes vão acautelando o seu plantel e obviamente começam pela escolha do responsável técnico. Quanto a mudanças há a registar o Braga que contratou Humberto Coelho, o Vitória de Setúbal (Malcolm Allison), Aves (Meirim), Espinho (António Simões), Beira Maar (Mário Lino) Fafe (professor Neca) bem como outros como é o caso do Marítimo que escolheu um sueco, enquanto alguns vão estabelecendo contactos com uns tantos «disponíveis». Entretanto Fernando Tomé ocupará o lugar de Rui Silva no Oriental, Barrinha irá treinar o União de Tomar, António Pedro assume a liderança do União de Santarém e Nogueira desempenhará as funções de jogador-treinador do Agueda.

Bio no Penafiel

O futebolista guineense Bio, que durante três épocas representou o Farense, assinou um contrato por dois anos com o Penafiel, clube que este ano desceu à segunda divisão.

O ex-lateral direito do Farense classificou o acordo de «razoável», acrescentando ter optado por um clube do norte porque a região nortenha se coaduna melhor com as suas características.

Bio considerou que a «mudança de ares» é uma «aposta forte» na sua carreira, depois de

na última temporada no Farense ter estado praticamente inactivo «devido ao mau relacionamento» com o treinador Dinis Vital.

O futebolista guineense, de 21 anos, ingressou no Benfica há seis anos, como júnior, onde permaneceu três épocas, transferindo-se depois para o Farense por empréstimo do clube da Luz.

Marítimo: Programação

A preparação do Marítimo para a próxima temporada futebolística, inicia-se no dia 7 de Julho, no Funchal. O esquema de preparação da pré-temporada foi ultimado no Funchal por responsáveis do clube madeirense e o novo treinador do Marítimo o sueco Stefan Lundin.

Os responsáveis do clube madeirense contrataram alguns jogadores para reforçar o plantel na próxima temporada, continuando em conversações com outros, nomeadamente um ponta-de-lança estrangeiro.

Artur Semedo (ex-Sporting da Covilhã), Costa, Gregório Freixo e Valério (ex-Guimarães), Valente (ex-Atlético) e os brasileiros Marquinhos e Nunes são alguns dos reforços já confirmados pela direcção do Marítimo.

Calendário muda

A FPF comunica as seguintes alterações ao seu calendário, relativo à jornada deste fim-de-semana: torneio de campeão nacional da III divisão: Lusitânia—Mirense

(15 horas), torneio complementar das I e II divisões: Beira Mar—Académica de Viseu (16 horas). Estes dois encontros realizam-se no domingo. Amanhã teremos: Feirense—Espinho (16.30) e Cova da Piedade—Lusitano (17 horas) e a partir das 18.30 os seguintes encontros do futebol júnior: Boavista—Repesesenses, FC Porto—V. Guimarães e Estrela da Amadora—Sporting. Para o «nacional» de juvenis o encontro Benfica—Belenenses terá início igualmente às 18.30 o mesmo sucedendo com o Naval—Varzim e Feirense—FC Porto a contar para a taça de iniciados de cuja prova o Benfica—A brantes terá lugar às 17 horas.

Futebol de Salão: torneio «Cidade de Lisboa»

O primeiro torneio inter-freguesias «Cidade de Lisboa» em futebol de salão inicia-se amanhã, organizado pela Associação de Futebol de Salão de Lisboa e integrado nas festas da cidade.

O torneio, que tem o patrocínio do município de Lisboa, terá a participação de equipas das juntas de freguesia do Socorro, Santos-O-Velho, Buraca, Paredes, Cascais, Graça, Prazeres e Santo Estevão.

Na primeira jornada, a disputar no pavilhão Magalhães de Lima, defrontam-se Paredes—Graça (14 horas), Prazeres—Santos (15), Buraca—Cascais (16) e Socorro—Santo Estevão (17).

Simões prepara o Inatel



Nas instalações do Estádio Pina Manique, prosseguem sessões de treino, dos jogadores seleccionados para integrar a equipa do Inatel, face à sua participação no campeonato internacional de futebol do CSIT, que se realiza em Lisboa, de 9 a 14

O treinador António Simões, proporciona ao conjunto, não apenas treino com a bola, mas também (e sobretudo) de preparação física. Entre todos os seleccionados reina com espírito de equipa, o que leva os responsáveis a pensar que Portugal e o Inatel irá conquistar uma classificação bastante honrosa.

MODALIDADES

Ruguebi: Final da Taça

Informa-nos a Federação Portuguesa de Rugby de que a final da Taça de Portugal a disputar entre o Benfica e o CDUL terá lugar no Estádio Universitário

pelas 18 horas do próximo sábado.

Hóquei em patins:

Após realização do correspondente sorteio, a Federação Portuguesa de Patinagem tornou

público o calendário da primeira jornada que é a seguinte: FC Porto—Oliveirense, Sporting—Juventude de Viana, Sanjoanense—Paço de Arcos e Benfica—Sp. Tomar.



Virginia Gomes: bela e rápida

"Meeting" de Madrid: Virgínia Gomes foi gazela

Na passada quarta-feira realizou-se, na pista de Vallehermoso (Madrid), um «meeting» internacional de atletismo com a participação de diversos atletas portugueses devendo destacar-se entre outros as marcas e os tempos conseguidos por Virgínia Gomes (11,57 na prova dos 100 metros, ficando a três centésimos dos mínimos para Seul), Adília Silvério (14,38 no peso), Teresinha Vaz (49,80 no dardo) e Carlos Medeiros (7,51 em comprimento).

Triatlo:
Mamede dará a partida

Fernando Mamede estará presente no dia 14 de Junho em

Cascais como convidado da organização, na qual colaborará dando o sinal de partida para a terceira prova do Circuito Internacional Arena-Le Coq Sportif.

O Triatlo Internacional de Cascais 1986, apresentado à imprensa no passado dia 15, assume-se nesta sua segunda edição, como um dos acontecimentos de maior relevo no panorama desportivo nacional.

Os 300 atletas, nacionais e estrangeiros (entre os quais o campeão europeu e grande favorito, o alemão Yorg Hofman, e a campeã mundial Erin Baker da Nova Zelândia), terão de efectuar uma prova de 1000

metros e natação na baía de Cascais, um contra-relógio de 45 km entre Cascais e o Autódromo do Estoril, e 10 000 metros de corrida a pé de volta a Cascais, terminando na meta instalada junto à praia dos Pescadores.

A importância do acontecimento justifica, aliás, o complexo esquema de controlo de tráfego montado pela PSP local, com a colaboração da Câmara Municipal de Cascais e da Rodoviária Nacional, fechando a zona marginal ao trânsito automóvel e transformando-a num verdadeiro passeio público. Esta ocasião, rara naquela vila, permitirá que dezenas de milha-

res de espectadores convirjam para Cascais assistindo à espectacular travessia da baía, ao início do percurso de ciclismo e ao emocionante final da prova.

A Sociedade Musical de Cascais associa-se também a esta manifestação desportiva, animando os espectadores presentes com a exibição de ranchos folclóricos e organização de uma garrafeira, enquanto é aguardada a chegada dos primeiros classificados.

«24 horas a correr»

A primeira estafeta em atletismo «24 horas a correr» reali-

za-se no sábado entre a Amora e o Seixal, organizada pela Sociedade Filarmónica Operária Amorense.

A prova, que se inicia às 15 horas de sábado, com inscrições gratuitas, tem como objectivo «chamar a atenção da opinião pública para a importância da corrida».

A organização da estafeta vai realizar colóquios sobre a corrida, palestras, projecção de filmes e espectáculos enquanto decorre a prova.

Cada equipa será constituída por 10 atletas.

Navratilova e Evert-Lloyd na final de Roland-Garros

As norte-americanas Martina Navratilova e Chris Evert-Lloyd defrontam-se amanhã na final feminina do torneio de ténis de Roland Garros, repetindo a final de 1985.

Nas meias-finais, Navratilova venceu com alguma dificuldade a checoslovaca Helena Sukova por 4-6, 7-6, (7-4) e 6-2, enquanto Evert-Lloyd bateu Hana Mandlikova, também checoslovaca, por 6-1 e 6-1.

Navratilova sentiu muitas dificuldades, perdendo o primeiro «Set», vencendo o segundo por «Tie-Break», mas no derradeiro encontro superiorizou-se a sua adversária. Contrariamente à sua rival de sempre, Evert-Lloyd, que venceu seis vezes o torneio, em nove presenças na final, bateu facilmente Mandlikova.

O torneio é dotado de 2,6 milhões de dólares, cabendo à vencedora 175 000 dólares.

Cunha e Silva:
novo triunfo

João Cunha e Silva venceu o chileno Manuel Rodriguez por 6-1, 2-6 e 6-2, em encontro da segunda eliminatória do circuito

ibérico de ténis.

Resultados da eliminatória: G. Minutella (Arg) — Jesus Colas (Esp) 7-5, 1-6 e 6-4; António Moreno (Mex) 6 Stefano Carasai (Ita), 6-1 e 6-2; R. Ureta (Chi) — Matthew Litsky (EUA), 7-5, 7-5 e 6-4; Luis Riba (Esp) — Spencer Mossian (EUA), 6-2 e 6-4; J. Aransay (Esp), 1 — Vicente Solves (Esp), 6-4, 3-6 e 6-1; J. Cunha Silva (Por) — Manuel Rodriguez (Chi), 6-1, 2-6 e 6-2; Peter Carter (Aus), 4 — Francisco Rodriguez (Esp), 6-1 e 6-2.

Torneio «Galp»

Rui Santos venceu o torneio Galp em ténis, ao derrotar na final de singulares Luís Amorim da Cunha pelos parciais de 6-3 e 7-5.

O torneio (a prova mais antiga do calendário nacional de ténis) terminou domingo e disputou-se nos campos do Estádio Nacional com a participação de cerca de 150 jogadores de ambos os sexos.

Resultados das finais: singulares homens: Rui Santos-Luís Amorim da Cunha, 6-3, 7-5; pa-

res homens: José Tanqueiro e Roquete-António Flores e João Vilhão, 6-2, 6-3. senhoras, singulares: Tânia Couto-Conceição Posser, 4-6, 6-3, 8-6.

Torneio «Cidade de Faro»

O Centro de Ténis de Faro vai organizar nos dias 7, 8, 9 e 10 de Junho o 3.º TORNEIO DE TENIS «CIDADE DE FARO», o qual é aberto às categorias de menores de dez anos, iniciados, infantis, cadetes, singulares senhoras, singulares homens e pares homens.

Este torneio está inserido nas festas da Cidade de Faro e faz parte do calendário da Federação Portuguesa de Ténis, contando já com a presença dos melhores jogadores do Algarve.

Paralelamente a este Torneio decorrerá uma prova social, aberta a jogadores menos experientes, de forma a satisfazer todos aqueles que gostam da modalidade. Tal como em anos anteriores este Torneio animará desportivamente a cidade de Faro e movimentará cerca de 200 tenistas durante os quatro dias da prova.



Nuno Marques
eliminado

Nuno Marques foi afastado do torneio internacional de França (escalon de juniores) ao perder por 6-1 e 6-3 frente ao sueco Henriksson (discípulo de Bjorn Borg). Na jornada anterior o jovem atleta boavistense havia derrotado o brasileiro Marian Barbosa por 6-4 e 6-2.

Ciclismo: «GP» Abimota

António Pinto (Lousa) é o novo «canarinho»

António Pinto, do Lousa, é o novo «camisola amarela» do Grande Prémio das Beiras após a sola amarela do Grande Prémio Abimota/Volta às beiras após a sua vitória na etapa da manhã de hoje, um contra-relógio de 20 quilómetros, que ligou o Fundão à Covilhã.

Ao classificar-se em primeiro lugar no contra-relógio, a segunda etapa desta Volta às Beiras, com o tempo de 34 minutos e 3 segundos, António Pinto ganhou 46 segundos a Carlos Marta do Sangalhos, tempo suficiente para lhe arrebatá-la a «camisola amarela».

Hoje à tarde, disputa-se a terceira etapa, entre a Covilhã e Vila Nova de Poiares, na distância de 165 quilómetros com uma contagem de primeira categoria na subida para as Penhas da Saúde.

Classificação da etapa da manhã (contra-relógio):

1.º António Pinto, Lousa, 34.03 m; 2.º José Xavier, Sporting, 34.29; 3.º Carlos Marta, Sangalhos, 34.49; 4.º Carlos Santos, Lousa, 35.23 e 5.º Joaquim Gomes, Sporting, 35.25.

Classificação geral individual: 1.º António Pinto, Lousa 4h56m39s; 2.º José Xavier, Sporting, 4.57.05; 3.º Carlos Marta, Sangalhos, 4.57.25; 4.º António Alvesm Boavista, 4.58.04 e Manuel Neves, Boavista, 4.58.59.

O grande Prémio iniciou-se ontem com a realização da etapa Gouveia-Fundão na distância de 164 km tendo sido vencedor o sangalhoense Carlos Marta. Vejamos os primeiros dez:

Amanhã, os ciclistas disputarão a 4.ª tirada entre Coimbra e Leiria na distância de 167 quilómetros estando a partida prevista para as 14.30 horas.

1.º Carlos Marta, Sangalhos, 4 22 36 horas; 2.º José Leite, Ajacto, m. t.; 3.º Paulo Duque, Torrense, m. t.; 4.º Ant. Pinto, Lousa, m. t.; 5.º António Alves, m. t.; 6.º José Xavier, Sporting, m. t.; 7.º Manuel Neves, Boavista, m. t.; 8.º Joaquim Fernandes, Garcia-Joalheiros, m. t.; 9.º Benedito Ferreira, Sporting,

4 22 48 e 10.º Serafim Vieira, Boavista, 4 29.46.

75 inscritos no Porto-Lisboa

O 56.º Porto-Lisboa em ciclismo disputa-se na terça-feira entre as duas cidades, organizado pela Empresa do Jornal de Notícias do Porto, para o qual estão já inscritas nove equipas profissionais, com os seguintes ciclistas:

AJACTO: — António C. Araújo, António P. Araújo, Carlos Pereira, Fernando Almeida, José Fernandes, José Leite e Venceslau Fernandes; **BOAVISTA:** — António Alves, Benjamin Carvalho, Duarte Alves Ferreira, Eugénio Passos, Joaquim Neto da Silva, Eugénio Passos, Manuel Garcês, Manuel Neves e Rui Sevilha; **GARCIA JOALHEIRO:** — António Silva, Bernardo Sousa, Manuel Abreu, Marino Fonseca, Joaquim Carvalho, Joaquim Fernandes, Joaquim Salgado, João Amaro e José Oliveira; **LOUSA:** — Adelino Teixeira, Américo Silva, António Pinto, Carlos Santos, Fernando Carvalho, José Poira, Luís Domingos, Manuel Cunha, Manuel Zeferino e Vitor Rodrigues; **SANGALHOS:** — Belmiro Silva, Carlos Marta, Carlos Moreira, José Sousa Santos, Manuel Gomes, Manuel Vilar e Pedro Silva; **SPORTING:** — Alexandre Rua, António Fernandes, Eduardo Correia, Fernando Fernandes, Jacinto Paulinho, Joaquim Gomes, José Xavier, Manuel Correia, Marco Chagas e Paulo Ferreira; **TAVIRA:** — Luciano Soares, Luis Cruz, Jorge Evangelista, António Pinto, João Carvalho, Constância Reis, Jorge Corvo e Raul Matias; **TORREENSE:** — Alberto Leal, Benedito Ferreira, Carlos Nunes, Fernando Ventura, João Paulo, João Roque júnior, João Santos, José Santiago e Paulo Duque Silva; **OLHANESE:** — Gaspar Gonçalves, Helder Domingos, Joaquim Fonseca, Manuel Correia, Raul Te-rebentino e Tito Vitorino.

Microscópio

Rampa da Arrábida no próximo fim-de-semana

A quinta prova da Rampa da Arrábida em automobilismo disputa-se no fim-de-semana com a participação de 53 equipas, 22 das quais concorrentes ao campeonato nacional de iniciados.

A rampa é organizada pela secção de motorismo do Vitória de Setúbal, e 31 concorrentes participam na prova extracampeonato nacional de velocidade, cotando-se entre os pilotos inscritos Carlos Bica (Ford Escort RS), António Barros (Renault 5 Turbo) e Mário Silva (BMW M1).

A prova, com a extensão de 3 quilómetros, inicia-se no cruzamento da Rasca e termina no alto da serra da Arrábida, anunciando a organização que «o piso foi recentemente ar-

ranjado, sendo considerado o melhor troço da rampa em Portugal».

«Nacional» de damas em Torres Vedras

A fase final do campeonato de damas, nas categorias A e B, realiza-se em Torres Vedras entre sábado e terça-feira.

As provas, organizadas pela Federação da modalidade, terão a colaboração da Câmara Municipal de Torres Vedras e Associação de Educação Física e Desportiva, em cujo pavilhão decorrem os jogos, com início às 9 e 16 horas nos quatro dias.

Natação: «Dia de Camões» na Cova da Piedade

A Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, da Cova da Piedade, realiza na

terça-feira o torneio de natação «dia de Camões», prova integrada no calendário oficial da associação de Lisboa da modalidade.

O torneio realiza-se na piscina da Sociedade Piedense e terá início às 15 horas.

Andebol:
federação indica
árbitros internacionais

A Federação Portuguesa de Andebol indicou à comissão de árbitros da Federação Internacional da Modalidade o nome de 10 árbitros portugueses, para árbitros internacionais.

As equipas de arbitragem indicadas são constituídas por José Ribeiro/Florentino Pereira, Manuel Mendes/Ramiro Costa e Dulio de Oliveira/Jerónimo Silva (categoria A) e Barata Aires/José Francisco e Polibio Pereira/Eurico Luís (categoria B).

Entretanto a Federação nomeou já as comissões técnicas para os campeonatos nacionais de juniores masculinos (a disputar em Fafe de 6 a 10 de Junho), segunda divisão de seniores femininos (Porto, 13 a 15 Junho), quarta divisão seniores masculinos (Funchal, 20 a 23 de Junho) e nacional de juvenis masculinos (Ponta Delgada, 25 a 30 de Junho).

Xadrez:
torneio do Ateneu

Organizado pelo Interline Club de Portugal vai disputar-se nas instalações do Ateneu Comercial de Lisboa o 3.º torneio de xadrez. As inscrições encontram-se abertas podendo ser feitas nas secções de xadrez do ACL, mas convirá recordar-se que o limite máximo de participantes será de 60 concorrentes.

Peças da Broadway ganham prémios

A peça «I'm Not Rappaport» (Não Sou Rappaport), de Herb Gardner, obteve o prémio Tony para o melhor espectáculo da Broadway 1985-86.

«I'm Not Rappaport» conta a história de dois octogenários em Nova Iorque.

«The Mystery of Edwin Drood» (O Mistério de Edwin Drood), de Rupert Holmes, a peça preferida dos críticos nesta temporada, arrebatou o «Tony» para a melhor cora musical e quatro outros prémios. Era candidato a onze.

«Sweet Charity» (Doce Caridade), um musical de 1966, foi considerado a melhor reposição da temporada.

Bob Fosse, o realizador de «Cabaret», conquistou um «Tony» pela coreografia de «Big Deal».

O «Tony» para a melhor actriz coube a Lily Tomlin, pelo seu desempenho em «The Search for Signs of Intelligent Life in the Universe» (A Busca de Sinais de Vida Inteligente no Universo).

No capítulo masculino, o prémio foi para Judd Hirsch, pelo desempenho em «I'm Not Rappaport».

Bernadette Peters, com «Song and Dance» (Cantar e Dançar), e George Rose, em «The Mystery of Edwin Drood», conquistaram o «Tony», respectivamente, para a melhor actriz e o melhor actor, em peças musicais.

Entre os realizadores, o prémio na categoria geral foi para Jerry Zaks, por «The House of Blue Leaves» (A Casa das Folhas Azuis) e, na categoria musical, para Wilford Leach, por «The Mystery of Edwin Drood».

O compositor Rupert Holmes ganhou dois «Tonys»: melhor orquestração e melhor libreto na obra «The Mystery of Edwin Drood».



J. Cardoso Pires e Lobo Antunes na RFA

José Cardoso Pires e António Lobo Antunes falaram sobre literatura portuguesa em Colónia, onde se encontram a convite do departamento de cultura da cidade e com a colaboração do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

O encontro na Universidade de Colónia com estudantes de língua portuguesa teve como temas «A Literatura Portuguesa depois da Revolução», por António Lobo Antunes, e «Censura e Comércio Literário», por Cardoso Pires.

Mais do que um encontro, foi um verdadeiro diálogo durante o qual se falou da história recente de Portugal.

«Amigos de infância à primeira vista», como classificou Lobo Antunes, os dois autores tentaram explicar como é difícil pôr à vista certos mitos e certas

obsessões da História de Portugal, levando necessariamente a um problema de identidade.

«Fizemos uma pátria de 180 milhões, mas não sabemos onde estamos», disse Cardoso Pires.

Falou-se no fenómeno da reconciliação dos leitores com os escritores portugueses depois de 1974. «O Que Diz Molero», de Dinis Machado, foi o primeiro livro depois daquela data a ter várias edições.

Comparou-se a situação literária em Portugal com a do Brasil, ressaltando-se que para 180 milhões de brasileiros existe um jornal de letras com uma tiragem de cinco mil exemplares, enquanto em Portugal, para dez milhões, se edita um jornal de letras com 25 mil exemplares.

«A democracia custa muito dinheiro, a liberdade é caríssima», disse Cardoso Pires.

Depois de 1974, em Portugal,

disseram os dois autores, os interesses literários dos leitores recaíram primeiro no livro político, depois no livro sociológico e actualmente na ficção.

Na RFA, em breve, serão editados em língua alemã, pela editora Hanser, «O Delfim» de Cardoso Pires e «Os Cús de Judas» de Lobo Antunes.

Na sessão na Biblioteca Central foram lidos extratos de ambas as obras.

Na sexta-feira, Cardoso Pires e Lobo Antunes partem para Frankfurt, para sessão idêntica.

Também José Saramago e Maria Ondina Braga se encontram já na Alemanha Federal para cumprirem programa semelhante, com um dia de atraso.

Saramago vai falar sobre «História e Imaginário» na sua obra e Maria Ondina Braga sobre «A Mulher Escritora na Literatura Contemporânea em Portugal».

Cinema de Paris

«Estados de Alma»

«Estados de Alma», depois de «Estado de Graça» e antes de «Estado do Local», consoante os nomes sucessivos que vai tendo o centro cultural da periferia parisiense que um dos heróis do filme criou, no grande entusiasmo socialista de 1981 — é, afinal, um «estado da questão» que o último filme de Jacques Fansten oferece. Balanço histórico de uma geração que, em 1972 (pouco depois de Maio-68), teve revolta liceal de barricadas e, nove anos depois, já profissional, supôs ter meios de expressão social.

Um é inspector escolar e pretende reformas sonhadas; outro é inspector de finanças e quer fazer «pagar os ricos»; outro é jornalista da televisão e quer mostrar a realidade; outro é animador cultural e quer lançar um centro idem; outro, finalmente, vindo da Administração, tem missão ministerial e pretende aconselhar um ministro em matéria atómica — contra a qual, jovem, se batera...

Que nenhum deles consegue o que julga ou julgou, é, em humor irónico e simpático, a mensagem deste filme situado em 1986 — que é, cabalisticamente, a exacta inversão da data mágica de 68, como diz uma das personagens, e passa por demais despercebido...

A única desculpa deste grupo-testemunha de amigos que entram pela trintena dentro com sonhos de «teen agers» à francesa (ou à parisiense) — e não existem, cada uma delas por si. Tal é a conclusão tirada por Maria, intrépida e inocente personagem-referência da história que, em 1981 (em plena noite de euforia da vitória de Mitterrand-la-rose) tem um filho de um deles, não sabe ela qual (nem eles...), o vê crescer depois, de quarto em quarto, de companheiro em companheiro — e reunindo-os todos um dia, para além das suas desilusões e zangas, com uma notícia falsa de óbito e enterro, acaba por deles fazer personagens de banda desenhada de grande sucesso e tiragem...

Pedra de toque de cinco anos corridos assim-assim, cabe a Maria o comentário em entrevista de TV: as suas personagens de BD não existem! Ouvindo-a, reunidos mais uma vez, eles gritam então, em uníssono, numa alegre lembrança de já velhos tempos, a sua não-existência. Fazendo com isso História dum tempo incerto — no qual (e talvez não só em Paris) este filme tem um papel importante, de reflexão ético-política como costuma dizer-se...

J.A. França

Câmara de Faro doa terreno para sede do Conservatório Regional do Algarve

O presidente da Câmara de Faro e representantes do Conservatório Regional do Algarve assinaram a escritura de doação de um terreno camarário a esta instituição para nele construir a sua sede.

No terreno doado, com uma área de 2618 metros quadrados, as obras de construção do edifício deverão iniciar-se até ao final deste ano e estar concluídas, pelo menos a parte respeitante às aulas, até final de 1988, disse à Anop o presidente do conselho administrativo do conservatório, Pedro Ruivo.

O custo total das obras está orçado em 180 mil contos, dos quais 80 por cento já estão garantidos pelo Estado, através da Direcção de Equipamento Regional e Urbano, referiu o administrador.

«Para os restantes 20 por cento contamos com o Ministério da Cultura, Fundação Gulbenkian e outras entidades», disse Pedro Ruivo.

O Conservatório Regional do

Algarve funciona actualmente no edifício da Cruz Vermelha Portuguesa, onde dispõe de nove salas. «É um número exiguo, precisamos de mais do dobro», declarou Pedro Ruivo à Anop.

O estabelecimento é frequentado por 700 alunos, «mas há quase outros tantos na lista de espera», observou o administrador.

No conservatório ensina-se História da Música, Composição, Acústica, Piano, Violino, Flauta, Guitarra Clássica. Os seus alunos serão os professores do futuro até porque, conforme disse Pedro Ruivo, «faltam dois mil professores de Música em Portugal».

Na cerimónia de assinatura da escritura de doação, o presidente da Câmara Municipal de Faro, Negrão Belo, garantiu que imediatamente a seguir ia aprovar o projecto de construção do edifício onde virá a funcionar o conservatório.

Chrissie Hynde compõe para Feargal Sharkey

Chrissie Hynde, a rocker, vocalista dos Pretenders, é a autora de um tema do álbum de estreia de Feargal Sharkey, que já anda nos tops.

Natural de Akron, do estado de Ohio, nos Estados Unidos, Chrissie começou por se revelar como «free lancer» do «New Musical Express» em Londres. Em 1979 forma os Pretenders, grupo revelação desse ano, marcando uma volta no purismo da «new-wave».

Lançaram três «singles», entre os quais uma versão de «stop you sobbing», de Ray Davies.

Formados por Chrissie na voz, guitarra e composição, James Honeyman-Scott, na guitarra, Martin Chambers, na bateria e Pete Farndon lançaram o primeiro álbum, «Pretenders» em 80 e o segundo «Pretenders II», no ano seguinte.

Pouco depois James Honeyman morreu com uma «overdose» de cocaína e Farndon, de heroína, um ano depois de se ter despedido da banda. Assim, os Pretenders pararam, para voltarem só em 1984 com «Learning to Crawl», com Malcolm Foster, no baixo e Robbie McIn-

tosh, na guitarra. Chrissie mantinha a voz e a garra de palco em forma, o que se confirmou no Live-Aid.

Na discografia dos Pretenders encontra-se ainda a participação no duplo ao vivo «Concerts For The People Of Kampuchea», de 1981 com três temas «Precious», «Tattooed Love Boys» e «The Wait». Ainda a gravação «Back On The Chain Gang» foi incluída na banda sonora de Martin Scorsese «The King Of The Comedy»; com os UB-40, Chrissie Hynde gravou «I got You Babe».

Países africanos em festival de cinema soviético

Moçambique, Nigéria e Burkina Faso são os únicos países africanos que se apresentam com longas metragens no Nono Festival de Cinema a decorrer em Tachkent, República Soviética do Uzbequistão.

Os restantes 20 países presentes no festival participam com os seus mais recentes documentários.

A longa metragem moçambi-

cana «O Tempo dos Leopardos», co-produção com a Jugoslávia, é o primeiro filme de ficção rodado em Moçambique, e teve Camilo de Sousa como realizador, pela parte moçambicana.

O director-geral do Instituto Nacional de Cinema de Moçambique, Samuel Matola, que se encontra em Tachkent, declarou que o festival é uma escola

para os cineastas da África, Ásia e América Latina.

Matola sublinhou que Moçambique tem produzido numerosos documentários sobre a superação do analfabetismo, os cuidados sanitários e a introdução de novos métodos de trabalho em regiões atrasadas e realçou o importante papel desempenhado pelo cinema nestes domínios.

Teatro da Comuna
CICLO STRINDBERG
A ILHA DOS MORTOS

A SONATA DOS ESPECTROS

De 3.ª a sábado às 21.30h
Domingo às 16h
2.ª feira - Descanso
De terça a quinta - preços reduzidos

NO
TEATRO DO BAIRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telf: 66 15 15/66 92 05

ÚLTIMAS SEMANAS até dia 15



Prince



Madonna

Vedetas defendem a sua privacidade

O cantor de rock Prince não é propriamente um grande defensor da natureza. No entanto, acaba de comprar 250 pinheiros para plantar na sua propriedade no Minneapolis.

Custaram-lhe o equivalente a 10.000 contos e Prince contratou ainda peritos em paisagística para os plantar... e estragar a paisagem.

Porque o objectivo da plantação das árvores é precisamente impedir os estranhos de olharem para dentro da propriedade. E se elas impedirem Prince e os que o rodeiam de olhar para fora, paciência. Isso faz parte do elevado preço a pagar pela privacidade.

Porque Prince, à semelhança de um cada vez maior número de vedetas, está disposto a gastar bastante dinheiro para manter à distância os seus admiradores.

Madonna, Michael Jackson, Don Johnson (da série «Miami vice»), George Michael e Barbra Streisand são apenas alguns dos que investem grande parte dos seus rendimentos em medidas destinadas a proteger a sua privacidade.

Setenta acompanhantes

Prince, em especial, dá-se a enormes trabalhos para se manter longe dos olhares curiosos.

Quando visitou Monte Carlo, no auge da estação turística, o proprietário de um hotel disse que faria os possíveis e impossíveis para conseguir uma suite disponível para o cantor.

Prince explicou, porém, que necessitaria de mais do que alguns quartos. Na realidade, precisava de alojamento para os 70 acompanhantes que o seguem para toda a parte.

Estes incluem um cozinhei-

ro, provadores de comida, guarda-costas e os músicos. Quando Prince dá um concerto, nem mesmo o seu pessoal pode aproximar-se dele sem autorização escrita.

Prince defende de tal modo a sua privacidade que uma vez se recusou a falar com um médico que o examinou por recear que se tratasse de um jornalista disfarçado.

A segurança nas suas várias casas é enorme. Uma delas está cercada por uma vedação de quase 2,5 metros de altura. Guardas armados estão de serviço 24 horas por dia.

O ano passado, Prince comprou uma casa em Beverly Hills por quase 400.000 contos, depois de verificar que ela poderia ser defendida contra admiradores, assaltantes, assassinos e outros intrusos.

Cantar num teatro vazio

Quando Barbra Streisand decidiu pôr a sua casa à venda, receou que aparecessem no local fãs curiosos disfarçados de compradoras.

Por isso, optou por exigir antecipadamente um cheque de um milhão de dólares, mesmo antes de deixar alguém ver a casa.

Quando a convidaram para gravar um concerto de grandes canções de musicais num teatro da Broadway, a cantora e actriz concordou, na condição de que não houvesse público.

Barbra Streisand detesta de tal forma cantar para uma audiência, que preferiu interpretar as canções diante das filas de cadeiras vazias.

O único espectador autorizado, para além da equipa de gravação, foi o seu professor de ioga, que esteve presente para acalmar os nervos da artista.

Don Johnson, um dos protagonistas da série televisiva «Miami vice», contratou um agente imobiliário para lhe encontrar um local apropriado para a construção de uma casa na Florida.

Finalmente, foi escolhido um local na Star Island, ao largo de Miami.

Johnson disse que entrou num acordo verbal com o agente para que o local da nova casa fosse mantido secreto. Mas veio a ler tudo sobre esse local na primeira página de um jornal.

Johnson processou o agente imobiliário em 300.000 contos alegando que, ao divulgar a informação, o agente interferiu no seu estilo de vida, segurança, privacidade e direitos individuais.

O antigo elemento dos Wham George Michael também defende a sua privacidade e está a negociar a compra de uma mansão que o rei Eduardo VII utilizou para os seus encontros amorosos secretos no virar do século.

Diz-se que Witley Court, no Worcestershire, é ideal como refúgio. E Michael está a considerar a possibilidade de pagar 50.000 contos pela propriedade.

Pode parecer barato, mas a residência não é ocupada há quase 50 anos e o cantor, se a comprar, gastará uma fortuna a restaurá-la e a instalar os sistemas de segurança necessários.

As mesmo tempo, George Michael está à procura de casa na Austrália, nos luxuosos subúrbios de Sydney, onde ele crê que poderá manter a sua privacidade.

Exigências das vedetas

Michael Jackson gastou 300.000 contos a montar uma

casa de luxo para si... e para a sua colecção de animais selvagens. Os fãs concentram-se no exterior, mas os guardas e outras medidas de segurança impedem-nos de entrar.

Quando efectua digressões, Jackson leva consigo os seus homens da segurança, mas também faz uma série de exigências aos organizadores dos espectáculos.

Assim, estes têm que lhe fornecer guarda 24 horas por dia, 14 elementos da segurança vestidos à civil para proteger o camarim e a área do palco, dois agentes armados para guardar os carros e três guardas suplementares por cada mil pessoas da audiência.

Madonna e o marido, Sean Renn, prepararam uma série de refúgios semelhantes a fortalezas para quando estiverem recentemente na Grã-Bretanha a rodar o filme «Shanghai surprise».

Mas não ficaram satisfeitos com nenhum deles e acabaram por ficar num hotel com os seus 60 acompanhantes, na sua maioria corpulentos elementos de segurança.

Quando filmavam num antigo sanatório do Surrey, Madonna e o marido insistiram em que houvesse cães-polícias a patrulhar constantemente o perímetro do local das filmagens.

Afirmou um elemento da equipa de filmagem: «Este local já foi utilizado por muitas companhias cinematográficas, mas nunca vi nada assim!»

Diz-se que a segurança custa a Madonna o mínimo de 100.000 contos por ano. Como muitas outras vedetas, ela considera que é dinheiro bem empregue.

Helen Howard

AEI/DL em exclusivo para Portugal

Grupo de Campolide estreia «George Dandin»

«George Dandin», de Molière, é a nova peça da Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide, com estreia marcada para o próximo dia 12.

Desde a sua «redescoberta» por Roger Planchon, «George Dandin» tem merecido o interesse de numerosas companhias de teatro, em todo o Mundo, dado o carácter profundamente histórico deste (aparentemente) simples divertimento.

Nesta versão da Companhia de Teatro de Almada, António Assunção é George Dandin, o burguês rico e ingénuo que vê no

casamento com uma filha da nobreza a possibilidade de ascensão, numa época em que o dinheiro não se tornou ainda o valor mais importante e o nascimento continua a constituir o primeiro vínculo definidor da categoria social.

Ao lado de António Assunção estão, Adelaide João, Canto e Castro, Carlos Gonçalves, Ema Paul, Luís Vicente, Teresa Esteves e Vitor Gonçalves. A encenação de «GEORGE DANDIN» é de Joaquim Benite e a cenografia de Egas José Vieira.

Encontro de jornalistas e escritores do distrito da Guarda

Uma conferência sobre a recuperação do jogo tradicional da Pelota no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo (Guarda) assinala em 7 de Junho a abertura do primeiro encontro de escritores, jornalistas e investigadores do distrito da Guarda — revelou à Anop a organização.

A conferência inaugural é proferida por Cameira Serra e Pires Veiga, da Associação de Jogos Tradicionais da Guarda.

No encontro vão ser ainda proferidas comunicações e conferências sobre o Almoarifado da Guarda em finais do século XVII e Almeida e a Guerra Peninsular, respectivamente por José Domingos e António Sousa Júnior. As realidades e dificuldades

na investigação no distrito, a necessidade de preservação do património e o papel no desenvolvimento sócio-cultural desempenhado pela Imprensa local, são temas a apresentar, respectivamente por Virgílio Afonso, Hélder Sequeira e José Guerinha.

No decorrer dos trabalhos, com a duração de dois dias, vão ser abordados assuntos relativos à importância da história local, importância histórica e turística de Castelo Rodrigo e a literatura e o distrito.

João Coito vai falar na altura, da importância do jornalismo e do jornalista local.

A organização do encontro é do jornal «Notícias da Guarda».

Festival de Jazz de San Sebastian

Miles Davis, George Benson, Don Cherry e Michel Portal participam, entre outros, no vigésimo primeiro Festival de Jazz de San Sebastian, a realizar de 22 a 27 de Julho.

Os concertos serão dados no Palácio Municipal dos Desportos.

Outros intérpretes com presença confirmada são Ed Blackwel, Nana Vasconcelos, Billy Harper, Sonny Fortune,

Billy Hart, Reggie Workman, Jacques Loussier, Stanley Jordan, James Newton, Bennie Wallace, Kevin Eubanks, Walter Davies Jr., Albert Mangelsdorff e George Lewis.

No âmbito do Festival decorrerá um concurso internacional de jazz, com prémios de 100 mil e 50 mil pesetas, troféus para grupos e um prémio especial de 350 mil pesetas para o melhor solista.

Prémios do Festival de Cinema do Algarve

O primeiro filme do realizador português António Joaquim Gomes, «Amanhã, talvez», foi contemplado com o prémio estímulos «António Bernardo», no Festival de Cinema do Algarve.

O prémio para o melhor filme de ficção foi atribuído «ex aequo» aos filmes «As Borboletas Queimam-se no Fogo» do português Vítor Silva e «Quis For Quest» realizado por alunos

da Universidade da Califórnia do Sul, Estados Unidos.

O filme «Voice» de Joanna Priestley, dos EUA, foi considerado o melhor filme de animação.

O grande prémio do festival não foi atribuído nesta décima quinta edição do certame por se entender que não surgiu qualquer trabalho que o merecesse.

AJUDA — Mendes Gomes — Cc. da Ajuda 222 Tel. 638256; **ALM. GAGO COUTINHO** — Estados Unidos — Av. Estados Unidos da América 16-B Tel. 885859; **ANJOS** — R. MARIA ANDRADE — Renascença — Rua Damasceno Monteiro 104 AB Tel. 831504; **AVENIDAS NOVAS** — Figueiras — Av. Marquês de Tomar 20-22 Tel. 544995; **ENCARNAÇÃO** — Zira — Pc. das Casas Novas Lt. 66 Tel. 311216; **GALINHEIRAS** — CHARNeca - LUMIAR — São Bartolomeu — Vila Paulo Jorge 1 Tel. 790969; **HOSPITAL CAPUCHOS** — Capuchos — Rua Luciano Cordeiro 2A Tel. 572076; **MERCADO DO CHILE** — Alcais — Rua Carvalho Araújo 46B Tel. 841708; **PENHA FRANÇA** — Dimar — Rua Conde de Monsarraz 17-B Tel. 842533; **PICHELEIRA** — Mariz — Cc. Picheleira 140 BC Tel. 880703; Rua Prof. Mira Fernandes MAR Tel. 880703; **RATO** — Soares — Av. Alvares Cabral 1 Tel. 684282; **SANTOS** — S.A.E. Silva Filhos — Rua São João Mata 72-74 Tel. 661010; **SÃO DOMINGOS BENFICA** — Vitec — Est. Benfica 373B Tel. 780548; **COLINA DO SOL-BRANDO-AMADORA** — Vidal Reis — Urb. Alformelos-Célula G-lote 35 Tel. 996540; **PONTINHA** — Leitão Ribeiro — Rua A do Falcão 3A Tel. 993912; **QUINTA DO MENDES-ODIVELAS** — Almeida — Pct. A Rua Tomás da Anunciação 38-B Te.

REFORÇO

ALTO SANTO AMARO — Teles — Rua João Barros 2 Frente Tel. 638176; **ALVALADE** — Zil — Av. da Igreja 9D Tel. 891780; **AREIRO** — Central Areiro — Av. Paris 2-2A Tel. 880820; **BAIRORO ALTO** — Azevedo Ir. & Veiga — Rua Misericórdia 24 Tel. 323540; **BAIRORO MONTE PEDRAL** — Zema Rua General Justiniano Padrel 21A Tel. 832580; **BENFICA-CEMITERIO** — Simões — Cc. Tojal 102A Tel. 749649; **CAMPO OURIQUE-PRAZERES** — Ourique — Rua Freitas Gazul 32-B Tel. 671667; **CAMPOLIDE** — Central Campolide — Rua General Taborda 17 Tel. 680304; **ESTEFANIA** — Estefânia — Rua Pascoal Melo 90 Tel. 544438; **MARQUÊS POMBAL-PICOAS** — Correia Almeida — Av. Fontes Pereira Melo 21 BC Tel. 547385; **OLIVAIS SUL** — Marta — Rua Cidade Nampula — Ed. Paris Lt 534 Tel. 333696; **BURACA-AMADORA** — Vaz Martins Rua António Ferro 6A Tel. 970660; **OLIVAL BASTO** — Nova — Rua Acores 11A Tel. 9810305; **PRIOR VELHO** — Matos — Tv. Prioras Tel. 2519939; **LINHA DE CASCAIS** — ALGÉS — H. Amiral — R. X, lote 146 — Algés de Cima (T. 2104556) Perm.; **LINDA-A-VELHA** — Pinto — R. Antero Quental, 9 (T. 4190610)

Até às 19 h.; **TIRES** — Guimarães — L. Duarte, lote A r/c (T. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECE** — Carvalho — B.º Padre P. Correia, 4 (T. 2690363) Até às 22 horas; **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos — R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015) Até às 22 horas; **CARCAVELOS** — Central — R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037) Perm.; **CARCAVELOS** — Vilar — Av. M.ª Conceição, Lote B (T. 2470777); **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho Silveira — R.A. Albuquerque, Lote B - Lj/2 (T. 2470361) Até às 22 h; **MALVEIRA DA SERRA** — Luz — Estrada Nacional (T. 2850635) Até às 22 horas; **OEIRAS** — Mourão Vaz — Av. Moçambique, 17-C (T. 2437196) Até às 22 h; **NOVA OEIRAS** — Leal — Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737) Perm.; **PEREIRA** — Grincho — Av. República, 87-A (T. 2471204) Perm.; **MURTAL** — Primavera — R. das Parreiras, 2 (T. 2472278) Até às 22h; **SASSOEIROS** — Amaral — Quinta das Encostas (T. 2461312) Até às 22 horas; **BIRRE** — Imani — Lote 7-B Hera (T. 2852121); **MADOURNA** — Madeira — Rua A (T. 2476326) Até às 22 horas; **AMOREIRA** — Abrantes — Viv.ª Maria Carlos Anjos (T. 2682313) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL** — Ostende — R. Espinho, 1 (T. 260391) Até às 22 h; **CASCAIS** — A. Costa — R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214) Perm.

OUTRA BANDA
ALMADA — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076) Perm.; **COVA DA PIEDADE** — Avelar da Silva — R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337)X. Perm.; **MONTE CAPARICA** — Nova — R. Trab. Rurais, 82 (T. 2954436) Até às 19h; **COSTA DA CAPARICA** — Chai — Av. General Humberto Delgado (T. 2403218) Até às 19 h.; **LARANJEIRO** — FEIJÓ — Feijó — R. Borges Rego, 7 (T. 2290911) Até às 22h; **SESIMBRA** — Leão — Av. Liberdade, 13 (T. 2233471)X Até às 19 h; **LAVRADIO** — J. Consolado — Av. J. J. Fernandes, 17-C (T. 2043126) Até às 19h; **BARREIRO** — Pimenta — R. Cons.º Joaquim António Aguiar, 259 (T. 2073012) Perm.; **BAIXA DA BANA-NHEIRA** — Aliança — Est. Nacional, 178-B (T. 2040302) Até às 19 h.; **CORROIOS** — Lino — Alfirim - Sesimbra (T. 2238481) Até às 19 h; **CRUZ DE PAU** — Duarte Ramos — R. Bafatá, 11 — Loja 30 — Centro Comercial Belsul (T. 2243143) Até às 22h; **ARRENTA** — Lusitana — P. Cândido Reis, 10 (T. 2210007) Até às 22h; **MONTIJO** — S. Pedro — Av. Camões, 16 (T. 2311133) Até às 22h; **MOITA** — Silva Rocha — P. República, 16 (T. 239029) Até às 19h.; **ALHOS VEDROS** — Gusmão — R. Cândido Reis, 30 (T. 2040020) Até às 19 h;

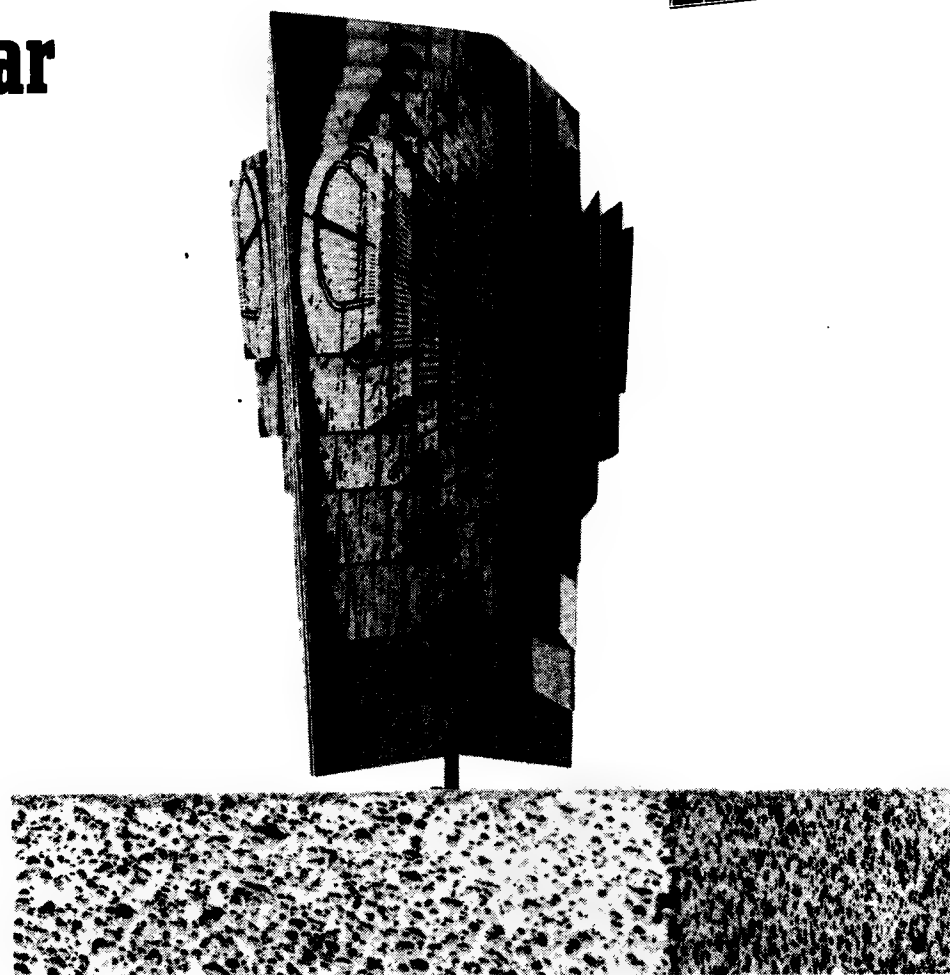
ARTES PLÁSTICAS CRÍTICA

Fotos dum limiar transitivo

Se ao interior preenchido tirarem o conteúdo esse interior fica vazio. E a história podia ser assim só. Mas quando o conteúdo assim liberto, uma vez no exterior se reproduz em representações de si mesmo, progredindo no espaço... o acto demiurgo opera-se e a realidade transformar-se.

Anulada a sua origem, a reminiscência mantém o lugar onde veio. Esse lugar é o orifício que os homens praticam nas suas moradas e que serve de limiar entre a privacidade e o lugar público. Chamam-lhe janelas, e também portas: formas (construídas) de espreitar ou penetrar. E para aquém é a exuberância permitida e permissiva no recato; para além, a contenção formalista do Eu em público.

Reconstruindo a imagem desse limiar transitivo, Américo Silva fecha o excessivo formal dos seus objectos primeiros num discurso rigidamente estruturado, numa metalinguagem de desconstrução analítica e transformadora. Como se numa realidade imperativa se tratasse, e consequentemente irreduzível, mantém o excesso do motivo primeiro, multiplicando-o em sucessivas representações, mas envolvendo o conjunto em limites estritos. Trata-se de operações de simetria por lateralização, mas que no seu compor contém translações e rotações. Modo de compor ainda ele excessivo, mas ainda e sempre rigidamente contido. E é esta oposição entre o de dentro e o limite, entre a esfuziante marcação interna e a evidente rigidez dos limites, que definem as fotos e os objectos (ainda eles construídos pela multiplicação duma imagem-chave). Nos objectos a relação entre as chapas gravadas e os espaços intercalares impõe-se, estabelecendo vibrações: cine-tismo preso na armadilha do global fortemente estático.



Esta exposição, de Américo Silva na SNBA, dá-nos a percepção de um mundo ambíguo de organicidade enclausurada, potencialidades de fuga para além, duma realidade feita ornato e por repetição feita estrutura. E esse ser ornato e ser estrutura em simultâneo açambarca cada uma das

obras, dá-lhes força e amabilidade, mas, de certo certo grau, priva-as de liberdade. São fotos e objectos fortes e sedutores. Calculadamente fortes e sedutores.

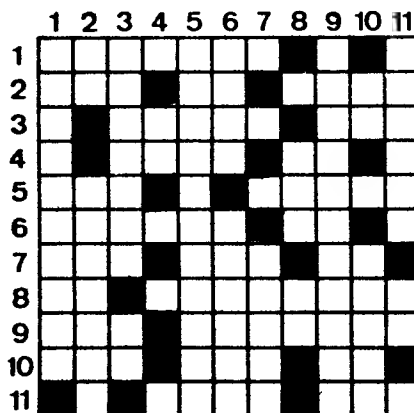
Porfírio Alves Pires

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 748

HORIZONTAIS:

- Tempo do governo de um imperador. Artigo definido.
- Aldeia indiana de que procede o termo ganhar. Espera Resposta. Filtram.
- Solúcar. Despida.
- Vais para fora. Abreviatura de Santíssimo.
- Esteiro. Bebedeira.
- Brilhavam. (fig.). Cloro (sq).
- Ninho. Faça doação. Existe.
- aqui. Carcomera.
- Colera. Peregrino.
- Artilharia anti-aérea. Pega. Rádio (sq).
- Membros de aves. Agarrei.



VERTICAIS:

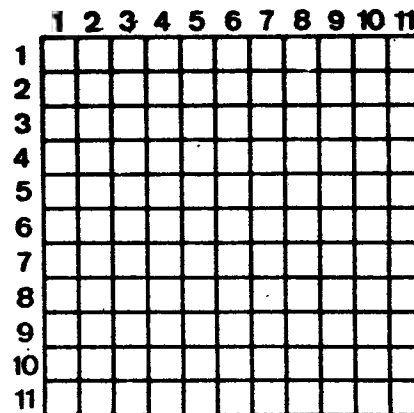
- Incompetência.
- Ruim. Matizaras.
- Colocado. Autores.
- Tempo do verbo ser. Ruim.
- Aquelas que repisam muitas vezes a mesma coisa.
- Tempo do verbo ir. Lenta.
- Equipas.
- Textualmente. O mesmo que oh!
- Aquela que aconselha.
- Ouro (sq). Cidade de França.
- Gostaria muito de. Preposição e artigo.

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 587

HORIZONTAIS:

- Antigo idioma americano, ainda hoje falado em grande parte do Peru. Pessoa ordinária ou desprezível.
- Árvore do Brasil de cuja casca se extrai também o curare. Na Índia, encantador de serpentes.
- Uma das Cíclades. Estiagem. Nesse lugar.
- Ósmio (sq.). Da Polónia.
- Espécie de feijão chinês.
- Freguesia do concelho de Guimarães. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- Estimar. Sepultura.
- Antiga capital da Birmânia. O mesmo que ruão.
- Definhei. O mesmo que urso (ant.).
- Membro de ave. Pronome pessoal. Isto é.
- Grandes porções de ossos. Manuscrítico.



VERTICAIS:

- Cidade do Japão. Estima.
- Bois selvagens. Conselho.
- Tempo do verbo ir. Nome de frutos.
- Cento e um em romano. Um dos estados do Brasil.
- Defendera.
- Povo antigo da Gália. Interjeição de dor.
- Repreensão (pop.). Basta!
- Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Consentes.
- Títulos do antigo soberano da Pérsia. Rezamos.
- Pronome pessoal. (pl). Deus dos pastores. (inv.). Consentimento.
- Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ha! oh! Grande clareza. (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 747

HORIZONTAIS:

- QUEIJO. E. Sa.
- Urro. Pi. BOM.
- Ira Cremara.
- Nasal. Léu.
- Talos. Cr.
- Arruma. Aura.
- Airosas. Id.
- Ar. Avô.
- Am. Dó. Armas.
- Damos. Ad.
- Ore. Oiros.

VERTICAIS:

- Quintã. DADO.
- Urna. Ra. Mar.
- Eras. Ri. Me.
- Io. Aturado.
- Clamorosa.
- Rio. Las.
- PELO. AVAR.
- Mesas.
- Bau. Amar.
- Sor. Crivado.
- Amarrados.

Provérbio: QUEIJO É BOM, DADO PELO AVARO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 586

HORIZONTAIS:

- Foggia. Heli.
- Idi. Natália.
- Lámina. Ras.
- Li. Cavam.
- Pimpão. Ao.
- Isolara. Ser.
- Ne. Ordem. Id.
- Aa. Er. Cró.
- SS. Asnearam.
- Avião. Uso.
- Jaba. Isca.

VERTICAIS:

- Filipinas.
- Odaliscas.
- Gim. Mo. Ab.
- Imporava.
- Inn. Aar. Si.
- AAA. Ordenai.
- Aéreas.
- Hario.
- Elavas. Crua.
- Lisa. Eiras.
- la. Mordomos.

CENTRO DE ENFERMAGEM DA FALAGUEIRA

Consultas de todas as especialidades
CONTRATOS COM A ADSE
ANÁLISES CLÍNICAS
ELECTROCARDIOGRAFIA
Serviço ao Domicílio
INJEÇÕES E TRATAMENTOS
PARTEIRA
aberto das 8h. às 24h.



Estr. Falagueira, 14E - VENDA NOVA ☎ 49 41 521

ANTENA UM

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Passos Perdidos; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e na estrada (desportos motorizados); 20.30: Música portuguesa; 21.00: Movimento; 21.30: Livre e directo (Programa do Núcleo de Programas Desportivos); 23.30: Títulos do Jornal da Meia-Noite. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

16.00: Música do Século XX. — A Sagração da Primavera, bailado de Stravinsky; 16.35: Árias de óperas. — Ária de Leporello, da ópera «D. João», de Mozart. — Oceano, hodes dizer-me!, ária do 2.º acto da ópera «Oberon» de Weber. — Trégua à Cogl «Uni-Dagl Im-mordale vestici — e Gettata la mia sorte, recitativo, ária e cabaleta, da ópera «Attila» de Verdi; 17.00: Integrais — as 32 sonatas de Beethoven, para piano. — Sonata n.º 17 em ré menor, op. 31 n.º 2; 17.23: Sinfonia n.º 1 em si bemol maior, op. 38, «Primavera», de Schumann; 18.00: Missa da Coroação K. 317, de Mozart; 18.40: Música de tecla. — Suite em dó menor, de Croft. — Sonata em lá maior D. 959, de Schubert; 19.30: As palavras dos músicos; 20.15: Transmissão directa do Teatro Nacional de S. Carlos da ópera em 3 actos «Rigoletto», de Verdi. Continuação da transmissão directa do Teatro Nacional de S. Carlos. No 2.º intervalo: — Obras para órgão, de J.S. Bach. — Solos de harpa; 00.26: Suite «O Mar», de Debussy; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 19.15: Montra de som; 20.00: Conta corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; 16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazz; 22.00: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

ONDA MÉDIA

15.00: Ré Maior; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Quiosque; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Club dos colecionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando

RTP/1

17.40 — Sumário

17.47 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com o programa «Animação» que desta vez nos traz os filmes «O Homem da Neve», «O Coelho de Tinta», «Androdes e o Leão». Como habitualmente a apresentação está a cargo de Vasco Granja.

18.25 — País, País

18.55 — Campeonato do Mundo de Futebol México/86

Transmissão directa do jogo Brasil/Argélia

20.45 — México/86

21.00 — Telejornal

21.25 — Direito de Antena

Espaço reservado ao «C.D.S. — Centro Democrático Social» e à «Associação Industrial de Viseu».

21.35 — Corpo a Corpo

(64.º episódio)

Ronaldo decide acompanhar a mãe. Bia aconselha Alice a não se ligar tão intimamente a Zeca. Osmar volta a pedir a Eloá que fique no Brasil, mas ela diz-lhe que não pode.

Alfredo satisfaz o pedido de Heloisa enviando-a para os Estados Unidos.

Guiomar lembra a Rafael o pagamento da prestação em atraso referente à ventoinha. Rafael diz-lhe que não tem dinheiro e Guiomar discute com ele. Osmar consegue, a custo, levá-lo para o quarto.

Heloisa diz a Teresa que não vai regressar a casa. Rafael avisa a mãe que vai sair de casa de Zoraide.

22.25 — Allô, Allô!

A série inglesa «Alô, Alô» que estreará esta noite na RTP/1 é uma sátira divertida acerca da Resistência e da ocupação Alemã.

Segundo David Croft e Jeremy Lloyd, seus autores, a intenção da série foi «transformar em momentos divertidíssimos situações dramáticas de filmes ou séries como «Colditz» e «Exército Secreto» e nunca, meter a ridículo a Resistência ou as realidades angustiantes da última Guerra Mundial e o resultado foi uma farsa bem engraçada em que ressalta o lado cómico de todos os personagens envolvidos, sejam eles franceses, alemães ou ingleses».

A história de René, dono de um pequeno café e as peripécias da sua vida agitada querendo manter boas relações com os oficiais alemães e auxiliar a Resistência francesa, a quem se sente ligado por laços afectivos, vão ser o tema desenvolvido ao longo de 8 episódios.

Aliás, René está muito mais preocupado com as reacções da sua mulher se esta descobrir as suas «movimentações» junto das empregadas do café do que, propriamente, com a Ocupação...

No 1.º episódio René encontra-se numa situação delicada: o Coronel alemão von Strohm é um coleccionador de obras de arte «saqueadas» e arranja géneros alimentícios a René, a troco de «pequenos favores» dispensados pelas empregadas deste...

Mas simultaneamente a Resistência requisita o café de René para esconder dois pilotos ingleses...

E como isso não bastasse aparece um oficial da Gestapo para investigar o desaparecimento de algumas obras de arte...

Intérpretes: Gordon Kaye, Carmen Silvere, Vicki Michelle, Francesca Gonshaw e Richard Marnier. Realização de David Croft

22.55 — Campeonato do Mundo de Futebol — México/86



«Alô, Alô», uma nova série nos serões de sexta-feira



«Vereda Tropical» agora também à noite

Transmissão directa do jogo Marrocos/Inglaterra
Últimas Notícias no intervalo do jogo

RTP 2

16.30 — Europa TV

Indicativo: O Tempo

16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

Desenhos Animados: «Tic-Tac» e «D'Artacão e os 3 Moscoteiros»

17.05 — Count Down — Contagem Rock

17.45 — O tempo

17.50 — Europa México/86

18.50 — O Mundo Amanhã

«O Tempo»

19.00 — A Europa dos Negócios

19.30 — O Jardim de Vénus

20.20 — Notícias

20.25 — Respirar Ar

«Parque Nacional da Peneda Gerês»

Produção RTP — José Manuel Tocha

Realização José Manuel Tocha

O programa desta semana aborda alguns dos mais relevantes aspectos do Parque Nacional da Peneda Gerês. Para além da extraordinária beleza paisagis-

tica e arquitectónica, foi possível registar uma sequência que só muito raramente pode ser observada: dois grupos de cavalos selvagens em luta pelo seu território e pelas suas fêmeas.

20.50 — História dos Teatros em Portugal

21.45 — Notícias

21.50 — Museu do Cinema

Neste 1.º programa da série «Museu de Cinema» é apresentada a 1.ª parte do filme mudo português — Os Lobos. O filme baseia-se na peça de João Correia Oliveira e Francisco Lage, foi produzido pela Ibéria Film e realizado por Rino Lupo.

Apresentação do programa a cargo de António Lopes Ribeiro

Acompanhamento Musical do maestro Resende Dias

Produção de Isolino Sousa

Realização de Ângelo Peres

22.25 — Últimas Notícias

22.30 — Vereda Tropical

(9.º e 10.º episódios)

AMANHÃ

RTP/1

11.30 — Sumário
11.37 — Tempo dos Mais Novos
12.55 — Sumário
13.05 — Tempo dos Mais Novos
14.00 — Curso de Inglês
14.25 — Sport Billy
14.20 — Os Jovens Heróis de Shaolin
16.10 — Os Marretinhas
16.35 — Desenhos Animados
17.00 — Fama
17.50 — Top Disco
18.55 — Campeonato do Mundo de Futebol
20.45 — México/86
21.00 — Telejornal
22.00 — Dinastia
22.55 — Campeonato do Mundo de Futebol

RTP 2

12.30 — Troféu
18.30 — Desenhos Animados
19.15 — Adágio
19.45 — Animação
20.10 — Folclore
20.40 — Europa TV
22.15 — A Rota da Seda

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

Campeonato do Mundo de Futebol México/86

RTP 2

O Mundo AMANHÃ

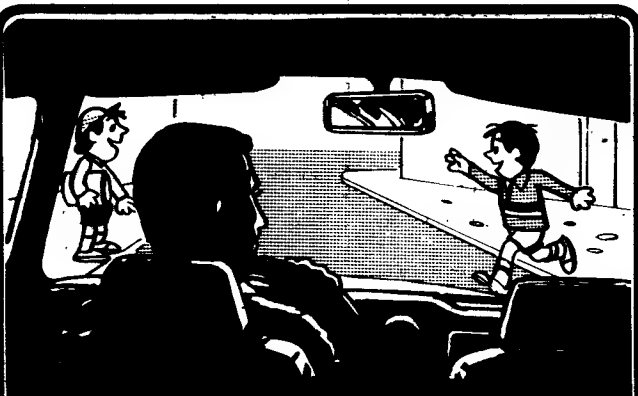
GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570



Corpo a Corpo



AOS CONDUTORES



«Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



Mesquita no CCS: "Motivo de apreensão e de satisfação"

Também o presidente do Conselho de Comunicação Social, Artur Portela, manifestou satisfação pelo facto de o empossado ser um jornalista.

DE CARAS



JOÃO PAULO II entregou o Prémio Internacional da Paz João XXIII ao gabinete católico de ajuda aos refugiados da Tailândia, numa cerimónia a que assistiu o corpo diplomático acreditado na Santa Sé. O prémio, de 150 mil dólares, foi entregue ao cardeal Michael Michai Kitbunchu, arcebispo de Banguecoque e presidente do gabinete. O Prémio Internacional João XXIII tem uma periodicidade irregular e foi atribuído pela quarta vez.

JOAQUIM BALAGUER, presidente eleito da República Dominicana, recebeu uma mensagem de felicitações do Presidente Mario Soares, que lhe foi transmitida através do vice-presidente eleito, Carlos Morais Troncoso, que se encontra em Lisboa à frente de uma delegação do seu país presente na assembleia geral da Internacional Democrata-Cristã.

JACQUES CHIRAC, primeiro-ministro (conservador) francês, perdeu terreno em duas sondagens de opinião hoje divulgadas em Paris, ao passo que o presidente Mitterrand (socialista) mantém «mais ou menos» a sua. Concretamente, uma sondagem encomendada pelo «Le Figaro Magazine» mostra que Chirac perdeu seis pontos em relação ao mês anterior enquanto Mitterrand desceu apenas um ponto.

SANDRA KIM, a menina

belga vencedora do Festival Eurovisão da Canção, chega hoje a Lisboa para uma visita de promoção. Sandra Kim, de 15 anos, vai gravar para o programa da RTP «Arco Iris», admitindo-se que possa também aparecer em alguns programas da Rádio. Sandra Kim ganhou o Festival — recorde-se — com a canção «J'Aime la Vie».

PIRES DE MIRANDA, ministro dos Negócios Estrangeiros, presidiu ontem à sessão comemorativa dos 600 anos do Tratado de Windsor, organizada pelas Academias de Ciências de Lisboa e Portuguesa de História. O orador da sessão, Soarez Martinez, membro das duas Academias, afirmou que o tratado «foi um reflexo de uma comunidade de espírito, que se mantém, pois as perturbações sofridas desde o século XVI não alteraram as feições essenciais entre os dois povos».

Na Secundária da Paiã professores proibiram jornal

Os alunos da Escola Secundária D. Diniz, da Paiã, antiga Escola Agrícola da Paiã, foram proibidos de fazer o seu jornal de escola.

Os três alunos responsáveis pelo jornal, designado por «O Cortiço», foram castigados com cinco dias de suspensão.

O «Cortiço» era editado há três anos. No passado ano lectivo denunciou alguns problemas da escola e o presidente do Conselho Directivo chamou os três alunos responsáveis e informou-os verbalmente de que a edição do jornal estava proibida.

Este ano lectivo o grupo de alunos — dois frequentam o décimo segundo ano e um terceiro o décimo primeiro — fizeram uma edição em Maio por não terem tido possibilidade de a fazer mais cedo, dada a sobrecarga de trabalho lectivo.

O Conselho Pedagógico considerou que algumas páginas do jornal, nomeadamente a das «piadas» e a dos «poemas», continham linguagem imprópria para um jornal de escola, factos que o levaram a proibir, por escrito, a edição de «O Córrego».

E, no entanto, frequente os jornais escolares, feitos por adolescentes, inserirem nas suas páginas linguagem menos convencional, o que em geral é compreendido pelas autoridades escolares.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados
na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO — 32 282 — 90 000 CONTOS
2.º PRÉMIO — 6 427 — 15 000 CONTOS
3.º PRÉMIO — 32 586 — 5 000 CONTOS

O 2.º prémio foi vendido aos balcões da Casa da Sorte

Consulta a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção,
nos balcões da CASA DA SORTE

em LISBOA — BRAGA — PORTO — AVEIRO — COIMBRA — SETÚBAL — FARO

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

32 281 = 105 000 \$ 00
 32 283 = 105 000 \$ 00

PRÉMIOS DE 200 CONTOS

32 000 \$ 00 = 182, 427 e 586;
 20 000 \$ 00 = 034; 146; 249, 422; 735; 737; 818; 850 e 932.

8 000 \$ 00 = 2 (terminação do 1.º prémio)
 6 000 \$ 00 = 1 e 3 (terminação das aproximações do 1.º prémio)

PRÉMIOS DE 10 000 \$ 00 (CENTENAS)

6 401 e 6 500; 32 201 a 32 300; 32 501 a 32 600.

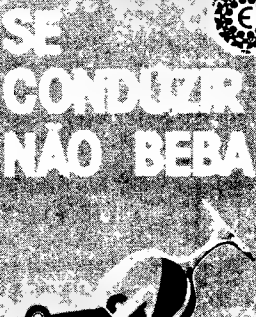
Nota: O direito aos prémios prescreve em 9 / 12 / 84

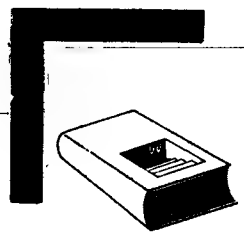
ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS,
NEM DIZ-SE NADA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 12 / 12 / 83

ATENÇÃO PORTIMÃO
A CASA VIOLA - Abriu uma filial na
Rua D. Carlos I- Edifício Vista Rio —
Portimão
CASA VIOLA — A sorte que «toca»
Lisboa • Braga • Estoril • Viseu • Portimão

**SE
CONDUZIR
NÃO BEBA**





Acabados de chegar

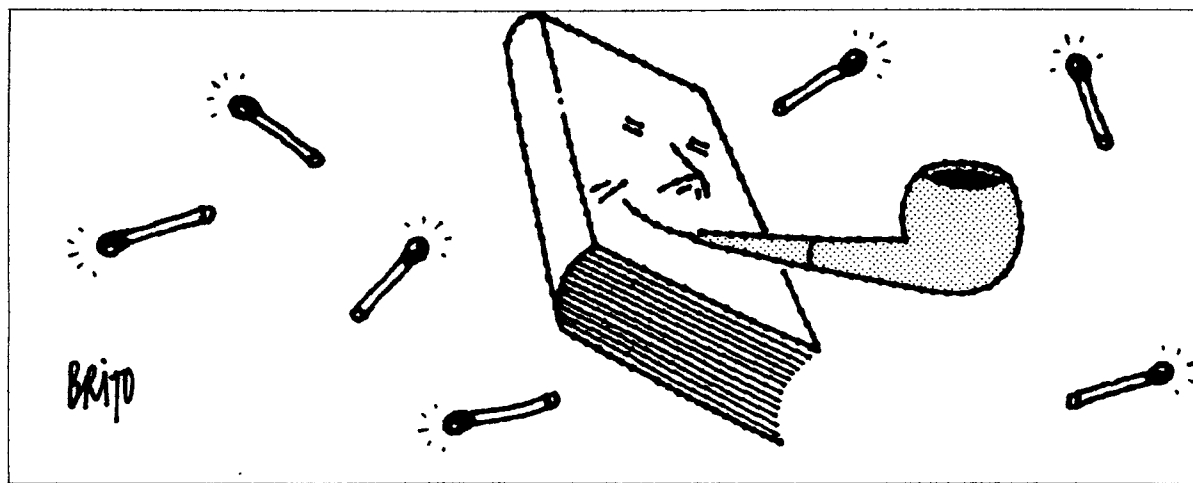
Leituras temporãs

Junho: para alguns já as férias, para a maioria as férias em adiantado estado de... programação. Por isso, porque é chegada a altura de prever as leituras de Verão, um «Acabados de Chegar» um pouco diferente esta semana, um pouco mais reflexivo, menos sincopado.

E a nossa primeira referência não pode deixar de ir para um livro que já anunciáramos e que acaba de saltar para as montras, em livraria: as **Memórias Íntimas** de George Simenon, mais de 450 páginas de texto que a **Livros do Brasil** publica na colecção **Dois Mundos**. Os leitores de Simenon — e são muitos, há muitos anos, em Portugal — tencionam sem dúvida devorar este «longo mergulho» no passado do homem que escreveu mais de 400 obras e está traduzido em 14 línguas, e cuja bibliografia ultrapassa de longe os seus «Maigret».

Narcísico, contraditório, superficial, este primeiro volume das «Memórias Íntimas». Descobre-se um Simenon «self made man», mulhengo e amante da «vie au chateau», que se compraz na afirmação de que privou com banqueiros e aristocratas tanto como com falsários e vagabundos. Descobre-se também o belga que nunca repudiou o seu Limburgo familiar e a sua Liège de infância e adolescência. Depois, a sua paixão pelo mar e pelas viagens permanentes, pelos animais exóticos trazidos das quatro partidas do mundo, e por aquilo a que ele chama «a procura do homem», homem que ele diz ter sobretudo encontrado no caçador africano que vivia ainda, nos anos 20, numa simbiose anímica com os poderes naturais.

Joséphine Baker, Marcel Pagnol e Jean Cocteau, Picasso e Vlaminck,



Marlene Dietrich trazendo pelo braço Jean Gabin, e tantos outros, cruzam-se com ele em esplanadas, no átrio do «Claridge» ou do «Bristol». Assistimos à redacção do primeiro livro em que surge um tal Maigret: trata-se de **Pietr-Le-Leton**, escrito à máquina em Setembro de 1929 numa barca abandonada do porto holandês de Delfzijl, com os pés praticamente dentro de água, enquanto Simenon espera que o seu barco, o «Ostrogoth», seja calafetado. Tinha então 25 anos e acabava de ser expulso das águas territoriais alemãs e do porto de Wilhelmshaven, onde uma centena de submarinos desarmados enferrujavam e onde quase o tinham tomado por um espiao.

Como ele diz, talvez para espanto de muitos dos nossos (e não só) escritores: escrevia 6 romances por ano para a Gallimard, 80 páginas por dia, por vezes só de manhã (!). Em 1938, cinco anos depois de firmado o contrato que institui



marguerite yourcenar



MISHIMA
OU
A VISÃO DO VAZIO

AVOZ DA LITERATURA

esse ritmo, Simenon espera que terminem as obras no antigo priorado de Nieul (La Rochelle) que adapta a residência, e tem pouco tempo para escrever: só termina uma novela de 50 páginas por dia...

A guerra (39-45) fa-la recuado na Vendeia, ameaçado de morte pelo errado diagnóstico de um radiologista que lhe atribuiu um «coração de atleta» e lhe dá apenas dois anos de vida.

Quando sai do radiologista, que lhe proibira o tabaco, o alcool, o amor e todos os outros esforços, Simenon está pronto a acatar tudo quanto o homem lhe disse. E conclui: «no fundo, obedeci toda a minha vida às ordens e aos regulamentos mais estúpidos, mesmo quando me revoltava interiormente». Decide escrever, para seu filho, o «pedigree» dos Simenon, cuja origem se perde em camponeses sem terra do Limburgo, e é ainda por obediência que aceita o conselho do seu amigo Andre Gide: não escrever os cadernos na primeira pessoa, mas na terceira; e não escrever à mão, mas dactilografados, como um escritor. Contraditório, surpreendente Simenon. O livro custa 1295\$00 e mais não diremos sobre ele, porque o «Acabados de Chegar» apenas se deu por missão despertar o apetite para a leitura.

■ **Ultramarina**, de Malcolm Lowry, sai em simultâneo também na **Livros do Brasil**, também na **Dois Mundos**. Quem não conseguiu esquecer o cônsul de **Debaixo do Vulcão** encontra aqui a sua pré-história. **Ultramarina** deve tudo a uma experiência que Lowry viveu aos 18 anos como moço de convés — e é um Lowry próximo de Joseph Conrad que aqui surge: a viagem de Dana, o protagonista, é tanto interior

(continua na pag. 8)

António Machado filósofo em verso e em prosa

ANTÓNIO Machado não foi só um grande poeta: foi também um filósofo original, bom conhecedor dos clássicos da filosofia, embora costumasse atribuir o seu pensamento, quando o expunha em forma literária, a personagens imaginárias (como Platão, aliás).

A mim me quer parecer que a parte mais interessante da filosofia de Machado é a estética, e nesta direcção só há provavelmente um artista contemporâneo que se lhe pode comparar, pela consistência conceptual do seu contributo: Herman Broch. O anti-intuicionismo, de par com uma poética polemicamente anti-simbolista, caracteriza a estética machadiana.

Para o poeta espanhol, a poesia pouco tem a ver com o imediatismo da intuição ou com o abstraccionismo do conceito intelectual e científico: é antes uma forma de conhecimento concreto, espécie de meditação que consegue inserir-se no fluir temporal da vida e do sensível. Na poesia «não é o puro intelecto que



António Machado

discorre, mas o bloco psíquico na sua totalidade, e as formas lógicas não são pontões ancorados no rio de Heráclito, mas ondas da sua própria

corrente», escreve Machado no **Juan de Mairena**.

Muitos estudiosos propenderam a descobrir semelhanças e analogias entre o pensamento de Machado e o de Heidegger e outros existencialistas, mas em anos mais recentes essa tendência tem sido contestada: em vez de se dar prioridade ao estudo da prosa filosófica, dá-se agora mais importância à análise da linguagem filosófica da sua poesia, como se esta viragem pretendesse rebater a tese que nega à poesia significado filosófico.

Temas como o do «nada», recorrentes na poesia de Machado (no soneto intitulado «Ao Grande Zero», por exemplo), facilitam aparentemente as aproximações existencialistas. Contudo, o próprio poeta, longe de atribuir ao «nada», ao «não ser», um sentido metafísico, relaciona esses conceitos com o tema da «razão» como negação do imediato. O problema tem certa importância porque implica a avaliação global das concepções de Machado, a valorização humanista e racionalista da sua obra:

não é obviamente por acaso que a filosofia do grande poeta sevilhano se concentra nos temas da relação com o outro, da razão comunicativa e do sentimento de comunhão humana como condição de uma poesia nova, com raízes na desejada transformação social de sentido popular e anti-burguês. Nos últimos anos da sua vida, já muito doente, Machado consagrou as derradeiras forças a essa transformação, defendendo activamente a República na guerra civil espanhola.

Afirmámos de entrada que Machado foi um filósofo original. Convirá, no entanto, não confundir a sua filosofia com a dos especialistas profissionais. Não nos ofereceu um «sistema», mas «dizeres» e «pensares» como estes: «Mis ojos em el espejo/son ojos ciegos que miran/los ojos con que los veo» ou «El adjetivo y el nombre/remansos del agua limpia/son occidentes del Verbo/en la gramática lírica/del Hoy que será Mañana/y el Ayer que es Todavía».

Como nota Aurora de Albornoz,

no prefácio à sua antologia da prosa de Machado (**Cuadernos para el Diálogo**, Madrid, 1971), «as meditações filosóficas têm um ponto de arranque em problemas intuídos antes pelo poeta, na sua poesia». Diríamos também que o filosofar machadiano é sempre um meditar não a partir de, mas sobre a poesia: «pensar poético, dentro do qual o ser se nos oferece com toda a sua rica heterogeneidade». Pensar de todo alheio aos subjectivismos solipsistas, onde ao amor, por exemplo, é atribuída a qualidade de «sede metafísica do essencialmente outro».

A «outridade», na problemática de Machado e dos seus heterónimos Abel Martín e Juan de Mairena, é uma dimensão necessária à afirmação da «identidade», como o Nada é necessário ao Ser. E por aqui se vê que o filosofar, para o nosso poeta, não é actividade de luxo, puramente especulativa, a que o homem se pode dedicar ou não, mas algo necessário ao vigor e ao próprio desenvolvimento.

(continua na pag. 4)

Tome nota

Revista «Análise Social»
ed. Instituto de Ciências Sociais

A revista «Análise Social», editada pelo Instituto de Ciências Sociais, e da qual é director o professor Adérito Sedas Nunes, publicou um fascículo triplo (N.ºs 87/88/89 do vol. XXI, 1985), com as comunicações ao colóquio organizado pelo ICS, em Março de 1985, sobre o tema: «Mudanças Sociais no Portugal de Hoje». A realização do colóquio foi patrocinada pela Comissão Organizadora das Comemorações do Dia da Liberdade e a edição teve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Neste número triplo de «Análise Social», além das «Palavras de Abertura» do professor A. Sedas Nunes, publicam-se as seguintes comunicações: «Especialização internacional, regulação económica e regulação social — Portugal: 1873-83» por Carlos Figueiredo, Eduardo Ferro Rodrigues, Francisco Cordovil, José Félix Ribeiro e Lino G. Fernandes; «As Relações Externas na Dinâmica Política e Económica Nacional nos anos 80» por João Ferreira de Sousa; «O Rendimento em Portugal ao Longo da Última Década» por Aida Valadas de Lima; «Estrutura Social e Produtiva e Propensão à Subterraneidade no Portugal de Hoje» por Isabel de Sousa Lobo; «Recomposição Social e Estruturas Regionais de Classes (1970-1981)» por João Ferrão; «Reestruturações Demográficas...» por R. Roque Amaro; «O Mercado de Trabalho nos Anos 70» por Maria João Rodrigues; «Espaços Urbanos e Espaços Rurais» por A.F. da Costa; «Partidos, estruturas patrimonialistas e Poder Funcional: A Crise da Legitimidade» por Joaquim Aguiar; «Dos Grémios à Confederação Nacional do Patronato» por Agostinho Roseta; «Os Sindicatos...» por J.P. Castanheira; «Neocorporativismo?» por Manuel Lucena; «Estado e Sociedade...» por Boaventura Sousa Santos; «A Administração Pública Central e Local...» por Lawrence S. Graham; «As Políticas Sociais...» por A. da Silva Leal; «Discursos e Aparelhos...» por Pierre Guibentif; «A Demografia Portuguesa do Século XX» por J.M. Nazareth; «Demografia e Evolução Social» por O.S. Barata; «Notas sobre Emigração...» por Joel Serrão; «Mudança, Valores e Conflito de Gerações...» por Eurico Figueiredo; «Aspirações Sociais e Políticas de Educação» por Maria Teresa Ambrósio; «A Participação Política da Juventude em Portugal» por M. Braga da Cruz.

Luís Garcia Berlanga

Organização literária de Luís de Pina e José de Matos-Cruz.
Ed. Cinemateca Portuguesa, Lisboa, 1986.

OUTRO catálogo da Cinemateca, este a propósito do ciclo Berlanga empreendido há pouco. Resumo biográfico, filmografia detalhada, antologia de avaluas declarações de Berlanga e uma conversa, em campo/contracampo, entre Matos-Cruz e Luís de Pina que passam em revista a obra daquele realizador espanhol, eis a composição espartana desta pequena publicação que nos deixa um pouco com fome. Mas quem quiser informação sobre Berlanga encontra aqui o essencial.

«Silaba a sílaba»

Eduardo Pitta

Livraria Académica,

Lourenço Marques, 1974

Arcádia, 1977

IN-CM, 1983

Ariel, 1985

EDUARDO Pitta publicou o seu primeiro livro em 1974. Título: *Silaba a Silaba* (Livraria Académica). Dizer que é aqui que ele aparece na poesia portuguesa pareceria discutível: o livro vinha da então Lourenço Marques, e Pitta revelava-se aí um poeta mais ligado ao movimento de uma poesia de Moçambique (onde sobre ele e o seu trabalho ascenderiam logo, entre outros, um Eugénio Lisboa, um Rui Knopfli, ou um já então desaparecido mas sempre vivo e perdurando Reinaldo Ferreira), e, naturalmente, menos em relação ao que se fazia em Portugal, e designadamente em Lisboa. Isto é, certamente, muito impreciso, e pelo menos discutível. Mas dizemos «movimento» (da poesia de Moçambique, não propriamente omçambicana) por ser mais fácil. Digamos envolvimento — da poesia e da crítica, ou do comentarismo — e já fará algum sentido. Tudo excepto por acaso, o livro de estreia era apresentado por Eugénio Lisboa (o crítico mais importante, na altura, em Moçambique), em texto breve, nas «orelhas». E aí Eugénio Lisboa, entre outras coisas, comentava com alguma acidez o desconhecimento que havia em Portugal (em Lisboa, desde logo) do que de poesia se vinha fazendo naquele território e designadamente na capital. Pela qualidade logo patente nesse primeiro livro de Pitta, o comentário de Eugénio Lisboa suscitava um mínimo de reflexão.

O envolvimento moçambicano também patente em *Silaba a Silaba* — como, obviamente, em umas duas dezenas de livros que em 60 e 70 publicaram autores de Moçambique (ou de Portugal, mas residindo em Moçambique), vêm depois a questioná-lo os acontecimentos que estão na memória de todos, e, antes de mais, fazem parte da experiência dos próprios autores. Trata-se da saída de Moçambique, por opção pessoal, de alguns deles, entre os quais Eduardo Pitta. Uma vez em Portugal, não terá havido um corte nos prementes africanos. Mas também não houve, pelo menos inicialmente, uma ligação espontânea às referências portuguesas mais atractivas e actuais, para além das que já havia em Moçambique, já se vê — e, em consequência disso, ter-se-á processado uma (rápida ou demorada) integração de um certo número de autores à procura de um novo envolvimento. Alguns ainda hoje aparecem um pouco à margem de correntes e tendências dominantes — e referimo-nos a um Knopfli e a um Lisboa, que mal passaram por Portugal a

caminho de Londres, seguindo, aliás, o exemplo de um caso mais antigo: Alberto de Lacerda. Outros ficaram em Lisboa, e é o caso de Eduardo Pitta. E também o caso de outros, mas é o caso de Pitta que nos interessa aqui.

Ele fixa-se em Lisboa na segunda metade de 70 e, pouco depois, aparece com um segundo livro: *Um Cão de Angústia Progrida* (Arcádia). Há a seguir uma pausa de quatro anos sem publicar, até 1983, ano em que sai *A Linguagem da Desordem* (IN-CM). E em 1985 sai o mais recente e até agora último livro do autor: *Os Olhos Calcinados* (Ariel).

Relê-se agora toda esta pouca mas significativa obra e há duas ou três ideias que prontamente se nos propõem, para além do que poderá não ser mais do que esperável lugar comum.

Uma delas terá a ver com valores que nesta poesia se cultivam, e, naturalmente, informam e enformam o trabalho de escrita que aqui se faz. O esteticismo será um desses valores. Outro, a amizade.

O esteticismo pode ser uma visão pessoal do Mundo, que abarca o real quotidiano, passa por ele, atravessa-o, e dele (e dessa travessia) colhe as lições mais duras, os ensinamentos mais severos. As cidades pesam aqui com o seu chumbo e as suas margens propõem-se como refúgio — com o qual não há, forçosamente, um comprazimento maior do que esse outro que parece ser todo um referencial cultural prendendo-se mais (superiormente) a domínios como as artes (a música, a pintura) ou as letras (a poesia, de preferência, como situação de ponta nos trabalhos de linguagem).

Vem já de *Um Cão de Angústia*,... e está n' *A Linguagem da Desordem*: «Duramente aprendemos. / O caos e a memória de / lida. Palavras poucas, e / gastas», é assim que, por certo indicativamente, o livro começa. São 30 poemas e de que se fala neles? De um real saturado, mas não tanto do seu processo de saturação, e mais do que nele resta ainda de suscitador e potenciador de anteriores energias: uma fulguração de crianças que «surge» rápidas, na sombra da manhã, uma «claridade penumbrosa / de adolescentes indecisos», um Rui Rodrigues com «o teu gesto generoso e largo», a música, o «insubordinado pulsar / de outra vontade», «corpos / imperdoavelmente dispersivos», «a cidade incendiada pelo olhar desprevenido», «Alguns corpos (...) o objecto / da sua prodigiosa duplicidade», «um soporo rente ao corpo / e o discurso tátil de outra voz», enfim, e entre outras coisas, «os meus amigos».

A tónica (um tanto rara) da amizade, não se pode dizer que seja muito frequente na poesia de Eduardo Pitta. Mas há neste livro um poema que fala disso sobretudo com uma grande eloquência: «Os meus amigos andam perdidos / um pouco por toda a parte. / De Lausanne ao Rio é o vasto Mundo / dos desencontros, os mesmos que / de

Naxos a Londres e de Manhattan ao Cabo / animam exílios vários. / Andam em diáspora os meus amigos. / Une-os, porventura, a mesma nostalgia. / Feridas antigas hipotecadas / ao futuro» (poema 24).

A amizade é mais do que uma ocorrência pontual: é uma contenção emotiva a que a primeira pessoa do plural assegura uma expressão de elevado rigor. A dialéctica interna do poema desenvolve, por vezes, essa tónica no sentido de uma assunção mais vasta de implicações. Onde se diz, por exemplo: «De algumas perguntas teremos o som e o desenlace / delas, Norte adiante, resguardo nenhum. / Sabemo-las assim lentas, um cristal mais / afiado um abandono mais duro» (p. 15). «Temos das coisas a lembrança das viagens / ignotas» (...) «As nossas mãos, vorazes, / taceiam um percurso de sangue» (p. 20). «Temos alguns mortos de intervalo / a melancolia de quem muito / contemporizou / e o saber, dos espelhos, o jogo» (p. 27); «As pedras perseguem-nos / e, com elas, melancolias e mitos» (p. 31); «Construímos a casa / sobre um estendal de ruínas / Habitamo-la com o desencanto / da injúria e somos, nela, o estrangeiro / e o seu último propósito» (p. 33); «Monossilabamos o medo» (p. 41), etc. — pode estar aqui — fragmentariamente, mas feita com uma intensa nitidez expressiva — e enunciação de um drama existencial cujas dimensões não cabem no puro lirismo — logro ou erro no qual, aliás, Eduardo Pitta nunca incorre. Qualquer pose meramente pessoal está aqui excluída. E a declaração no plural visa mais longe: talvez a identidade de uma geração, ou, pelo menos, de um numeroso sector dela. A este propósito, o poema que dá título ao livro parece ser o mais explícito:

«Essa gente não sabe dos corpos a linguagem da desordem. / Esboça, quando muito, pequenos gestos periféricos. E uma longa / aprendizagem que pouco lhes diz. Pervertem-se na ignorância / de tudo e de si mesmos e vão (sobre)vivendo com a lentidão / e o sensor de quem de tudo desistiu. / Subsistem. / A praia que lhes sobra chega-lhes para a (des)satisfação do / largo Mundo. / Percurso rastreado dia a dia onde não cabem / os Melquiades da infância. / Neles, a contiguidade do desejo é vital e extemporânea: um vinho / resinoso e a polpa de algumas azeitonas configuram / padrões de vida não vivida. / Assume-se, outrossim, como a geração do Martini. / Progredem de snack para snack ao sabor de liofilizadas / cerejas, outros fumos, vários palpites gustativos. Entre a magia / do 'sound' e a inutilidade de alguns lances vão auscultando / um tempo de procura e merecimento».

Sublinhariamos as ocorrências prendendo-se com uma experiência de vida cultural urbana ou citadina — ou mais própria de alguns dos seus refúgios. A cidade, as cidades têm nesta

poesia um peso considerável. Esta poesia fala delas sem qualquer constrangimento e mesmo sem alguma sequer velada) intenção acusatória. Elas são um dos quadros naturais da experiência vivida e a viver, e a sua organização e o seu funcionamento um fundo sobre o qual — contra o qual, por vezes, mas, de preferência, à sombra do qual, à margem do qual — o corpo age, os corpos interagem. E que produz a interacção corporal? Digamos, um sentido, pelo contexto cultural a que (mesmo conflitualmente) se prende, e pelos valores que (pacificamente ou não) aí implica.

No livro mais recente, *Os Olhos Calcinados*, é ainda disso que se trata. Mas este livro representa uma inflexão nova no trajecto evolutivo de Eduardo Pitta. Podemos talvez dizer que houve uma mais demorada reflexão sobre temas e respectivos tratamentos assumptivos, envolvendo, naturalmente, a totalidade do processo, embora implicando mais trabalho expressivo (a linguagem, a frase, o enunciado, o discurso, o texto, o significado, o sentido) — e não tanto a técnica de construção do poema ou os seus âmbitos formais, pelo menos. Que se passa?

Por um lado, parece haver, na cena discursiva, uma excessiva afluência de prevalorizações (temáticas e assumptivas) do real, da realidade e da experiência pessoal nos domínios, antes de outros, da afectividade. Por outro, esta excessiva afluência é positiva, e, sem dúvida, valoriza o trabalho verbal aqui feito: parece demonstrar que, para exprimir uma assunção transgressiva em relação aos valores dominantes, o melhor recurso é, não o eufemismo, sim o realismo — aceção rasa, implicando inclusivamente o que por vezes se afigura como certa cruzada expressiva (ver o poema da página 26).

Mas diga-se que Pitta continua a praticar uma linguagem fortemente investida numa metafórica/metonímica de grande intensidade denotativa e numa sintaxe interessada na contenção e na concisão: a contenção obedece a um doseamento rigoroso de alusões de.

A contenção obedece a uma razoável economia de alusões, de que dependerá toda a referenciação de que seja capaz a leitura, e, antes disso, dependem as conexões internas do espaço semântico criado e delimitado pelo poema.

A consição resulta disso, e trata-se de resultados diversos do rigorismo sessentista, a cujos quase automatismos souberam furtar-se os poetas mais inovadores ou, pelo menos, renovadores, aparecidos nos anos 70. Eduardo Pitta é um desses poetas: não sendo de ponta, talvez, a sua obra propõe-se no entanto como uma das mais esclarecidas acerca de tradições ascendentes e de processos viáveis para as transformar e superar.

Luís de Miranda Rocha

Timor: ritos e mitos atáuricos

Jorge Barros Duarte

MITOS e ritos de Ataúro, Ilha, acerca de Timor, que nos mapas holandeses figura com o nome malaio: *Pulo Kambing*. Literalmente: «ilha cobra». Mas para os naturais a ilha é Ataúro. Segundo Jorge Barros Duarte: «O solo e salar. Os escassos hectares agricultáveis que lá se encontram aproveitam-se o indige-

na para neles cultivar o milho, feijão trade, feijão mungo, feijão chicote, batata-doce, mandioca, abóbora». Aproveita produtos espontâneos, carne de galinha e cabrito. Peixes e mariscos. Frutas: a papaia, a banana, a toranja, a manga. Vinho extraído de acadiros e da taqueira. Mas não é só da alimentação dos naturais de Ataúro que o livro nos fala. Situada a ilha, descrito o género de vida: alimentação, vestuário, habitação, ligações marítimas com Timor, os costumes, a língua, o autor refere-se a penetração do catolicismo e do pro-

testantismo, são páginas que falam da terra e da gente para introduzir o tema central: os Ritos e os Mitos Ataúricos.

Do nascimento ao «Além-Mundo», Jorge Barros Duarte revela-nos a atitude e comportamento dos naturais de Ataúro, em sucessivos capítulos, breves e claros, o investigador relata o que recolheu principalmente através do informador António Kutená neto de «mata-bloco». Foi António Kutená que lhe permitiu conhecer o segredo dos ritos e mitos dos atáuricos e inserir, nas páginas

deste interessante estudo, textos orais em vernáculo, relativos a ritos e mitos, através dos quais, como Jorge Barros Duarte afirma, conhecer o pensamento religioso atáurico.

Livro indispensável para quem queira conhecer a prática religiosa da população de Ataúro. Um glossário ajuda a contactar o povo atáurico. Uma bibliografia ajuda a continuar o estudo, e a situar a problemática num quadro antropológico científico.

Edição do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (I.C.L.P.).

A Fera na Selva Henry James, Assírio e Alvim

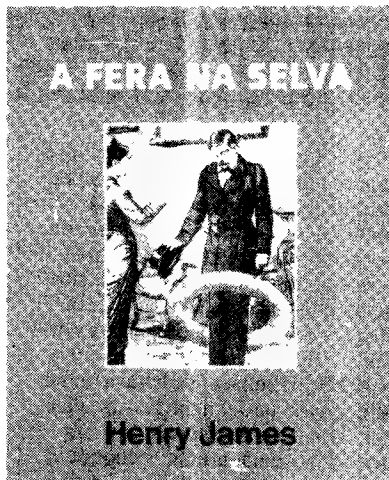
Falar de Henry James (1843-1916), mesmo que para apresentar brevemente uma novela sua, não é tarefa fácil. Com uma parte considerável da sua obra já traduzida em português e tendo sofrido várias adaptações ao cinema, James será porventura um dos romancistas americanos mais conhecidos do nosso público.

Uma das facetas mais comuns na suas narrativas relaciona-se com o modo como o expatriado americano vê a sua inocência confrontada com a hipocrisia demolidora do velho mundo que aliás tanto seduziu o autor (ele próprio um dos mais ilustres expatriados). Também disso nos falam *The American* (1877) e *The Portrait of a Lady* (1881), obras que marcam, respectivamente, o seu reconhecimento e consagração.

No entanto, o tema do confronto entre os dois mundos que praticará até ao final da sua carreira, não deverá fazer esquecer um outro aspecto que lhe oferece um lugar de relevo na literatura americana, o de teorizador. Em James encontramos a primeira formulação teórica sobre o *ponto de vista* do narrador, tornando assim obrigatória a referência a si sempre que uma nova abordagem a este aspecto se pretenda ou sempre que uma história da teoria literária seja mencionada.

Mas esta faceta não revela um universo estanque na prática do romancista. Bem pelo contrário, James demonstra serem as suas narrativas um espaço de problematização teórica na qual o leitor é chamado a participar.

What Maisie Knew (1897), embora seja um texto relativamente lateral na sua obra, apresenta-se



como o momento mais alto daquela problematização: Maisie é uma criança relatando aquilo que sente face a um problema de divórcio em que se vê envolvida. Ao leitor (ao adulto) competirá entender o ponto de vista da jovem, isto é, confrontar a sua experiência com a inocência e com o aparente não-saber da protagonista. A leitura será assim um instante de intervenção em que a nossa verdade choca com a do narrador, pondo-se deste modo em causa a segurança do definitivo.

A este aspecto James acrescentará o das *estruturas paralelas*, através do qual vários olhares se acompanham ao longo da narração, fazendo nascer do seu confronto a própria dinâmica da intriga e a impossibilidade da verdade final. Será assim em *The Awkward Age* (1899), em *Sacred Fount* (1901) e na sua última narrativa importante, *The Golden Bowl* (1904).

Os textos de Henry James surgem então não só como um espaço lógico de projecção da personalidade do autor, dos seus medos e desejos, mas também da intervenção teórica por ele tão considerada. Creio ser nesse sentido que

deverá ser lido *The Beast in the Jungle*, agora publicado em tradução de Maria Teresa Guerreiro. Creio, aliás, que a última coisa que deverá ser feita face a uma narrativa como esta será a de *contar a história*. E porquê?

A fera na selva é, com efeito, não somente uma história mas também uma metáfora sobre a história e sobre o seu diálogo com o leitor. Em *The American Scene* (1907), James reflectiu sobre a América que reencontrara após um exílio voluntário de trinta anos. Um dos aspectos que mais o chocavam em termos arquitectónicos era a sensação de transitoriedade, como se tudo fosse construído pensando já na hipótese de em breve ser destruído. Outro aspecto ainda, e esse agora o mais importante, o impressionava: o facto de a América lhe parecer «the land of the open door». Ora esta ausência de privacidade, de respeito pelo universo individual, com os seus segredos e medos, é aparentemente posta em causa por um modo de estar, tipicamente americano, que privilegia a transparência.

A fera na selva parte exactamente deste pressuposto: John Marcher possui um segredo acerca de algo superior que lhe estará reservado; May Bartram foi a única pessoa a quem ele o revelou quando ainda era jovens. Dez anos mais tarde reencontra-a e esquece-se por completo que ela fora a sua «confidente».

Para a capa desta novela foi escolhido um fragmento de uma bela colagem de Max Ernst. Nela a percebemo-nos de um ambiente burguês onde uma mulher enfrenta um homem que lhe recusa o olhar. Em torno deste vê-se um círculo que o encerra misteriosa e simbolicamente em si mesmo. Ora esta é uma história da sociedade (que tanto seduziu James ao longo

da sua vida) e do egocentrismo que a recusa, sabendo todavia que dela não pode prescindir: também nessa tensão vive o protagonista. John Marcher: «Havia cerca de uma hora ou duas que os amigos o tinham ido pôr àquela casa; fora convidado para almoçar juntamente com um grupo de visitas de uma casa próxima e, como sempre, esperava passar despercebido no meio dos outros.»

Porque o «corpo é também uma memória» (Cabral Martins, *sub estâncias*), será na memória do outro que o protagonista insinua o jogo acerca da verdade que nos (im)possibilita para desvendar a narrativa como nos revela este segmento-chave: «o rosto dela começou a gerar evocações sem contudo assumir por enquanto as proporções duma recordação; e ao mesmo tempo causava nele uma perturbação bastante agradável. Dava-lhe a sensação de ser o prolongamento de algo cujo princípio perdera. Naquele momento caía-lhe bem esse sentido de continuidade: só não sabia era de onde vinha, mas até isso era interessante e curioso, sobretudo porque, sem ter recebido dela um sinal inequívoco, tinha consciência de que a rapariga também não perdera o fio àquela meada. Percebeu, contudo, que não lho entregaria sem ser ele o primeiro a estender a mão; e apercebeu-se ao mesmo tempo de várias outras coisas de carácter inegavelmente estranho, já que quando por acidente de agrupamento se encontraram cara a cara ele retinha ainda a vaga impressão de que qualquer contacto tido no passado fora coisa sem importância.»

Tal como em *What Maisie Knew*, o leitor necessita, num primeiro instante, de acreditar no que diz o narrador, para, num segundo instante, estabelecer «os fios à meada.» Assim apreende o

que não foi dito, «as vagas impressões». Nessa descoberta reside o segredo da narrativa. Daí as minhas dúvidas quanto à eficácia de revelar a «Resolução»...

Em apoio desta opinião será necessário ter em conta que ao narrador (omnisciente) é dado saber aquilo que as personagens sabem, mas elas não sabem tudo, mesmo no que a si diz respeito. Deste modo, à medida que John Marcher segue um percurso de autoconhecimento, o leitor permanece como um espectador a quem é dado observar, em cada momento, toda a verdade. Mas essa é, todavia, uma verdade parcelar.

A progressão da narrativa associa-se então ao desenrolar da vida do protagonista. Uma vida que no final é definida como um vaguear em que ele «passara... da circunferência para o centro do seu deserto». Marcher revela na sua inocência a incapacidade de saber, de conhecer, devido ao excesso de controlo exercido na emoção e no prazer. Um excesso de saber não esconde senão a própria inocência e a incapacidade de viver o normal quotidiano. E se a inocência impede uma lúcida apreensão do real, o egocentrismo do narrador acentuará ainda mais a sua incapacidade de se relacionar com os outros: com a sociedade, da qual se afasta (simbolicamente, no início), e com o amor que descobrê (?) tarde de mais.

«— Quem sou? — perguntou o rei a si mesmo, mas só sabia reconhecer quem não era...» (Maria Gabriela Llansol, *Causa amante*) Mulher atenta e tranquila, a narrativa permanece silenciosa na expectativa da descoberta por um leitor que na sua inocência nela procure o transcendente que ela obviamente não lhe (pode) oferecer(r)

Mário Avelar

No Prelo

O anuário de poesia da Assírio e Alvim

A Assírio e Alvim tem no prelo o seu terceiro anuário de poesia, para o qual recebeu a participação, directa ou indirecta, de 956 autores de todo o país e de Macau, da RFA, dos EUA, de Angola, Brasil, Moçambique... O resultado é uma enorme antologia que agora aparecerá em terceiro ano de publicação. Nas primeiras páginas, uma declaração de intenções dos editores: «Continuaremos, ainda, até que a exaustão ou as novas conjunturas culturais e editoriais tornem supérflua a continuação desta iniciativa. Pela vocação editorial, que coloca os poetas portugueses na parte mais alta do seu catálogo, a Assírio e Alvim habituou-se a caminhar com alguma da melhor poesia que por cá se faz. Ficaremos compensados se a Poesia do futuro ousou passar, sem comportas, por estas muitas páginas até agora publicadas e a publicar. Porque a nossa intenção, ao projectar o Anuário de Poesia, foi apenas a de dar caminho à Poesia.

O júri que seleccionou os autores para esta edição foi constituído por Fíama Hasse Pais Brandão, José Agostinho Baptista e Miguel Serras Pereira. A seguir divulgamos uma amostra de inéditos que surgirão, dentro de dias, em livraria.

Fátima Vaz
Algueirão — 21 anos

William Cornwall esconde a outra debaixo do tapete
O quarto foi invadido por areia
tem um ou outro retrato a substituir
uma vidraça.

A neve deixa-se cair
sem quebrar a imensa clarabóia
William
mistura neve e areia
recorda a praia
na costa de Inglaterra.

Manuela Parreira da Silva
Castro Verde — 35 anos

Performance de uma
mulher nómada

A cabeça atravessa a solidão.
Como um automóvel na estrada de Al'aoune, por entre o corpo o cheiro inexistente das máquinas.

Ou antes, como uma mulher que dobra e desdobra um cobertor de plástico, à entrada duma rua da cidade. Vem da sua boca um murmúrio cifrado que, pouco a pouco, se transforma numa dolorosa imprecação e que não pára de crescer, até ao supremo instante da loucura. Então, os seus olhos, desmedidos, fixam as fronteiras do deserto, sabem, tocam, brevemente, a plenitude e o vazio.

Depois, apaziguada, a mulher deita-se no chão e cobre-se com o manto translúcido da viagem.

Moisés Belo Gama
Queluz — 23 anos

Interior

(Óleo de Maria Leonor Belo)

Maior silêncio que este de êxtase
habitado de gestos corpo:
que memória alimenta
tão revoltada mágoa
de azul-vermelho plantas submersas
o profundo incêndio da água?

João de Melo Alvim
Vila Nova de Gaia — 43 anos

Cavernoso o mar, lento na amarra
crescendo nas «janelas de Rembrandt»,
como então eu dizia.

Pelo passeio emudecia os bancos
pasto britânico, suporte de memórias,
ponto(s) de fuga(s).

Tu sabias o tempo certo de um passo
ensaivavas o corpo num quebranto vago.

Dizer-te sobre o raiar da paixão
era saber-te, agora, eloquente na tua mudez.

Jorge Vaz de Carvalho
Montijo — 30 anos

Manhã irrespirável. Ligeiríssimas
as horas essas aves migratórias,
afugentadas para além de nós.

Foi só o tempo de ferir as asas.
E veio então o quente da memória
tomar a tua imagem evanescente
ao soluço em que morre a minha voz.

Como entender esta fidelidade?
acesa pela orla do absurdo,
toda e só paixão, ternura e medo...

A névoa que extingui em eco surdo
a fala improvável do adeus,
trouxe-a o frio? Ou era o arvoredo
pingando exausto sobre os olhos meus?

A palavra comida com molho Louis Marin

Livro saboroso, bem temperado, sabendo acasalar os pratos (corpos e textos) do corpus a diversos molhos deliciosos, **A palavra comida** (La Parole mangée, ed. Méridiens Klincksieck, 1986) apresenta-se, sem dúvida, como algo a devorar. (Convirá no entanto que o lobo-leitor se metamorfoseie em vaca, para passar da voracidade à ruminação). No menu, fatias rigorosas e subtilezas onde o cutelo da análise põe em relevo o poder enquanto poder inseparável de uma representação do corpo, de uma maneira de dizer, de pintar, de cozinhar. Uma rede de ressonâncias estabelece-se entre poder, corpo, palavra, voz, estética, arte culinária. À parte o ensaio sobre Rabelais (Corpos utópicos rabelaisianos), a obra é consagrada essencialmente ao período frequentemente escolhido por Luis Marin o período do poder absoluto, do reino de Luís décimo quarto.

Penetramos no corpo do texto como num corpo «rabelaisiano» gigante, e procuramos em vão colocar nele pontos de referência, atribuir-lhe qualquer espaço fixo. Tornamo-nos numa espécie de «Polegarzinhos» — no prazer e não no medo — dando voltas numa Thélème construída à imagem do corpo do homem, onde subitamente se abrisse a profundidade insuspeitada do corpo vivo. Perdidos nesse espaço que recusa qualquer limite, qualquer parede, qualquer segregação, errando no infinitamente grande do infinitamente pequeno, somos, nós leitores, um animalculo parasitando o corpo do texto, um pequeno suplemento que dá lugar à circulação do sentido e que, enquanto terceiro, não pode senão ser sujeito ao texto no momento em que menos se apercebe disso, quer dizer, no prazer do texto (que é próprio do texto utópico). De resto, Louis Marin escreve, no seu «avertissement» (mas não se trata de uma injunção?) que estas ficções foram escritas com prazer e que ele «apenas deseja que elas incitem o leitor a encontrar, por seu turno, os caminhos da sua própria reflexão» (pág. 8). E não advém o livro como um desenvolvimento insidioso, uma difusão discreta de «ideias acessórias» tal como as ideias a Lógica de Port-Royal? Estas ideias «às quais não se dá importância, embora o espírito seja por elas impressionado»



O quadro de Rigaud (1659-1743) no Louvre: «Louis XIV com vestes de coite»

(pág. 23). Onde, talvez, o termo «aviso prévio» e não os de prefácio, ou introdução...

A eucaristia

O subtítulo: «e outros ensaios teológico-políticos» lembra-nos que estes «outros ensaios» se inscrevem no seguimento do primeiro que se intitula «a palavra comida ou o corpo divino cativo dos signos». É, portanto, a partir desta entrada que se espalha o resto do banquete. Ponto de ancoragem da religião católica, a Eucaristia aparece, por isso mesmo, como ponto de partida da Lógica e da Gramática (que serão também o equivalente da Moral) e como ponto de referência do poder. Com efeito, os senhores de Port-Royal questionam o enunciado «isto é o meu corpo» a fim de revelarem, como demonstra Louis Marin, que tudo é jogado no é de-

finido enquanto «arranque infinito da Presença actual que destrói o isto (pão) no momento em que ele se enuncia e faz advir, em seu lugar próprio o corpo divino» (pág. 31). A Lógica prova, então, que o pão se torna num signo natural e não institucional.

Na análise dos Contos de Perrault, notamos que o «Polegarzinho» detém o papel do é; pequeno suplemento, ele dará lugar ao transporte dos signos, à circulação do dinheiro, ao valor de troca. Ainda neste sentido, o «Polegarzinho» fecha o conjunto dos contos (como se fecham contas). O brilhante estudo dos Contos de Perrault indicará uma exemplificação da lógica de Port-Royal na medida em que Marin ali descobre que «qualquer signo culinário é, de algum modo, e numa certa medida, eucarístico» (pág. 128). Os signos culinários «aparecem como um sistema de significância ao lado dos

outros, e como um dispositivo privilegiado onde se marca a transigência característica do maravilhoso e que, em certa medida, opera as passagens, os deslizos e os saltos, as metonímias, as sinectas e as metáforas entre economia, casamento e linguagem» (pág. 130).

A boca reenvia tanto à necessidade quanto à satisfação da palavra; ora, ao modo de utilizar a boca corresponde uma maneira de comer, o que permite dizer que «o verdadeiro prato cozinhado é sempre, de algum modo, a substituição simbólica, pelo Logos, do alimento da necessidade (Sitos) em corpo-desejo (Eros)». Assim, Logos, Sitos, Eros constituem três pontos/instantes de passagem constante, os três lugares/tempo de onde se engendra toda a circulação, mas de onde provêm ainda as próprias noções de Cronos e de Topos.

O limite

Irredutível, o ínfimo impõe-se-nos enquanto pequeno nada que estabeleça toda a diferença, o infinitesimal que transforma a natureza em lugar de cultura, a boca de lugar da necessidade em lugar de realização do desejo (Peau d'Ane), a acronia em história, o animal em homem (Esopo, Riquet à la Houpe... não era fácil ser-se príncipe e punk no século XVII...). É sem dúvida por isso que Rousseau falará igualmente dum instante feliz que transforma o animal estúpido em ser inteligente e em homem.

Ínfimo capaz de transportar e de transformar mas, ao mesmo tempo, ínfimo que estabelece, desenha a fronteira: comer ou falar, transcendência do filho de Deus ou imanência do corpo do Rei. O discurso utópico «rabelaisiano» será estabelecido, por seu turno, sobre um outro espaço: abandonando a geografia, ele elaborará uma topologia, um espaço relevando de algo como uma cintura de Moebius: «um espaço topológico é substituído pelo espaço projectivo e métrico: a boca está no mundo e o Mundo está na boca, o que significa que o interior é exterior, o dentro, o fora o vice versa: indiciável» (pág. 115).

A lógica de Port-Royal também terá mostrado a ínfima separação, tão infinita quanto tênue, que separa, no seu transcendente do poder imanente. Decerto, o

Rei procura, no seu retrato, o equivalente do «isto é o meu corpo», mas, a despeito do grande Luís, «a relação visível entre o retrato e o Rei marca a dimensão figurativa do enunciado», enquanto o «isto é o meu corpo» não poderia ser entendido no sentido de figura, porque «todas as nações do mundo se dedicaram, naturalmente, a tomar estas palavras no sentido da realidade» (págs. 198 e 199).

O retrato do Rei

Eis porque apenas os génios do século XVII puderam, como Pascal ou os senhores de Port-Royal, como Perrault ou Lafontaine, entender a maquinaria do poder «luiscatorziano» e, talvez, a sua melancolia. Eis porque os caricaturistas como Thackeray nunca passarão da trivialidade sádica do escravo, dividindo o corpo do Rei em natural e vestes de cerimónia. Eles não conseguem senão dilacerar o retrato, ao procurarem pintá-lo na sua verdade nua.

O retrato do Rei pintado por Rigaud é o retrato do Rei escrito pelos médicos Valdot, d'Aquin e Fagon. Não há senão um retrato, O retrato do Rei. Ao corpo glorioso responde o corpo patético, um e outro desvelando a melancolia real. O primeiro põe em evidência uma bela perna (de tornozelo bem desenhado), moldado em seda branca, traço erótico do rei na pose de dança que anuncia o «suspense» entre o fim e o início dum movimento, suspense que não deixa de traír esse instante em que o rei, só consigo próprio, é tomado de vertigem.

O segundo examina o temperamento mais ou menos bilioso, mas em todo o caso melancólico, do soberano. Um levantamento das dores gástricas estabelece, por exemplo, o dia em que o grande rei se achou incomodado por ter dançado e bebido demais, e ainda por ter «comido demasiadas laranjas de Portugal». O diagnóstico final põe em evidência uma melancolia que não deixa de transcendentalizar o rei: «por sua vez, os sucessivos médicos do rei constróem como que o pathos da apatia, essa melancolia que, ao caracterizar o corpo físico natural do rei, o torna igual do corpo divino dos heróis da história e do mito» (pág. 250).

Chaké Matossian

António Machado um filósofo em verso e em prosa

Continuação da pág. 1

to da existência humana. Esta, diz-nos Machado, não acontece: é decidida. A decisão pode ser simplesmente um deixar-se viver, um deixar correr o tempo ao de leve, sem cuidados nem interesses. Até isto é sempre um escolher, um decidir. Por esta capacidade de decidir que o homem tem, pela sua possibilidade de actuar, ele é sempre mais do que aquilo que de facto é, e nisto consiste a sua existência, como se o que está fora (para além) de nós fosse o outro polo do nosso ser.

Não admira que Machado identifique a filosofia com a descrição concreta, quer dizer, poética, da possibi-

lidade da existência; nem admira a importância metafísica que atribui ao erotismo, única hipótese de captar na consciência o que não tem limites. O que revela a inanidade do ser sem o outro. O Eros machadiano é como Deus, e o Deus do poeta é como o Nada onde o homem contempla, em todas as suas modalidades e cambiantes, o ser heterogéneo: «Dicen que ele hombre no es hombre/mientras que no oye su nombre/de labios de una mujer./Puede ser.» Depois de um momento de reflexão introspectiva, pode cantar-se em coro, como sugere Aurora de Albornoz.

Teorizando a poesia, define-se

como «palavra no tempo», palavra que unifica a razão e a intuição, o mundo lógico e o mundo mágico, e que eterniza o momento vivo, colhido no que passa e não volta, no fluir irreversível do acontecer. No **Diálogo entre Juan de Mairena y Jorge Meneses** esse «tempo» da poesia aparece-nos claramente não só como «vital», mas também como «histórico»: «ninguém sente nada se não for com outro, com outros... porque não com todos?»

Mas se a poesia é «palavra no tempo», a essência do homem é a temporalidade. Não há «verdades eternas»: só no tempo o ser do homem é inteligível («caminante, son tus huel-

las/el camino, y nada más;/caminante, no hay camino,/se hace camino al andar»).

«Se hace camino al andar»... Na raiz do ser humano está um não-ser, razão e motivo do próprio ir sendo. Radicalmente afectada de negatividade, a existência humana necessita de aceitar a sua finitude para conquistar o próprio ser, isto é, precisa de contar com a morte e esperá-la.

A morte é outra das grandes preocupações filosóficas de Machado. Para o poeta, encarar a morte de frente, como o toureiro aguarda o touro, é adquirir superioridade sobre as coisas, exactamente porque aí se revela uma das máximas liberdades:

a de aceitar por decisão voluntária a finitude e contingência da vida.

Sobre poesia e pensamento, o poeta-filósofo exprime-se com clareza meridiana, como no seguinte «dizer», escolhido para encerrar este artigo: «O intelecto jamais cantou, não é a sua missão. No entanto, serve a poesia assinalando-lhe o imperativo da sua essencialidade. Tão-pouco há poesia sem ideias, sem visões do essencial. Mas as ideias do poeta não são categorias formais, cápsulas lógicas: são directas intuições do ser em devir, do seu próprio existir. São, pois, temporais, nunca elementos ácrnos, puramente lógicos».

Ernesto Sampaio

Lemos para si

ANTERO DE QUENTAL Fotobiografia

Ana Maria Almeida Martins
Imprensa Nacional
Casa da Moeda - Região
Autónoma dos Açores

ÚNICO senão deste apaixonado mas rigoroso documento dedicado a Antero: é caro! Chegou-me às mãos por curiosa circunstância. Ao evocar, há tempos, na desaparecida «Grande Reportagem» (que raio de país o nosso, pré-europeu ou aquém-marroquino, que não consegue suportar uma boa revista semanal...) a formação da Liga Patriótica do Norte (1890), presidida por Antero, levei com uma carta-reprimenda de Ana Maria Almeida Martins, sabedora-mor da vida e pensamento do poeta das «Odes Modernas».

Eram dois pequenos, não-essenciais, lapsos, que valeram, todavia, a pronta e atenta correcção. Falamos, na altura, por telefone. Prometeu-me, então, logo que editado, o trabalho que tinha em mãos, sugerido por Vasco da Graça Moura, sobre a vida e obra de Antero. Ele aí está, nas suas trezentas e tantas páginas, mais meio milhar de gravuras (fotos, cartas, e outros raros documentos), tratando, com afecto e ciência, todo o percurso humano e literário desse homem de grande inteligência e carácter, de «fisionomia admiravelmente bela, onde havia um não sei quê de filósofo de Alexandria e de piloto do Báltico, iluminada pelo sorriso que era como um sol nascente...» (Eça de Queiroz).

Tem a autora uma interpretação própria do trágico fim de quem, já aos 24 anos, se confessava conservador pela natureza e revolucionário pelo espírito, numa «desarmónia fundamental» que poderia explicar todas as suas «fraquezas, contradições, cobardias mesmo» (carta a António de Azevedo Castelo-Branco, 1866). Inteligente, porém, foge, ou prescinde, a autora da polémica (não fundamental, talvez) sobre as razões profundas do suicídio de Antero num anoitecer de Setembro (1891), no banco do jardim próximo do convento da Esperança, na cidade-berço de Ponta Delgada.

Como sublinha Ana Almeida Martins na breve introdução, trata-se, sobretudo, de seguir, no plano da imagem, do excerto, do docu-

mento, do poema, o «itinerário de um Homem que desde a sua juventude se rebelou contra o retrógrado tradicionalismo intelectual e político do seu país, procurando ultrapassá-lo».

Uma carta autobiográfica, dirigida ao editor alemão, Wilhelm Storck (1887), é o fio condutor, com ilustrações, gravuras e outros documentos significativos dos momentos ou fases mais salientes do percurso anterior. Fotobiografar, ao pormenor, um Homem que viveu há mais de um século não é coisa fácil. A primeira experiência de fotobiografia entre nós teve, com Fernando Pessoa, facilidades maiores em documentação e, sobretudo, em fotos.

Julgo que Ana Maria Almeida Martins torceu com talento essas maiores dificuldades. E devemos agradecer-lhe esta visita guiada, apaixonante e apaixonada ao príncipe da revolta estudantil de 1862, ao líder principal da Questão Coimbrã (1865), ao ousado criador das Conferências do Casino (1871), ao crítico literário («Considerações sobre a Filosofia Literária Portuguesa» - 1881), ao ensaísta (Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX» 1889), ao desiludido presidente da Liga Patriótica (1890) ao, — assinala Ana Maria — «representante máximo, o guia, de uma das mais brilhantes gerações intelectuais de sempre — a chamada Geração de 70».

Dessa Geração (Eça, Ramalho Ortigão, Junqueiro, Jaime Batalha Reis, Alberto Sampaio, entre outros), contou um dia Batalha Reis (*Anos de Lisboa*): «nas praias do Tejo, para os lados de Cascais, onde chegávamos alta noite, deitávamo-nos na areia, ou sentávamo-nos nalgum barco deixado só na amarração, e aí, sob o luar, ou sob as estrelas, seguíamos discutindo, até nascer o sol. Nestes passeios nocturnos, o Antero descrevia, inesgotável, as suas teorias, as suas improvisações filosóficas e sociais, o seu sonho de criar uma Filosofia, uma forma de Governo, uma nova forma de Sociedade...»

Será, devido ao preço, uma obra de consulta fácil e obrigatória sobretudo nas nossas pequenas, médias e grandes bibliotecas. E Antero, permanecerá Grande, e merecedor, como agora, da maior atenção dos divulgadores da nossa Cultura. Bem haja, Ana Maria Almeida Martins!

EA



O novo espaço do n.º 11 da Avenida de Roma

Barata, espaço novo

É já dentro de dias que, no n.º 11 da Avenida de Roma, António Barata inaugura o espaço remodelado das instalações onde, desde há 30 anos, exerce a sua actividade de livreiro. A pequena livraria onde procuramos, antes do 25 de Abril, tantos livros passados «por baixo do balcão», transforma-se num espaço preparado para a realização de acontecimentos culturais, lança um clube e um boletim cultural. A galeria abre com uma exposição de António Inverno (pintu-

ra) e outra de Charters de Almeida (serigrafia). O Clube tem para oferecer conta-corrente, consulta bibliográfica por computador, serviço de encomendas, reservas e a participação em iniciativas culturais.

Francisco Teves, arquitecto responsável pela modificação do espaço da livraria, sublinha que «a questão principal não era transformar aquela pequena e escura babilónia de livros num local amplo e funcional, mas sim manter a fascinação...»

Quanto a António Barata, não esconde a sua satisfação:

António Barata

«A livraria é hoje uma realização colectiva. É a família toda que está a apostar. A segunda geração segue os passos da primeira e essa continuidade dá-me uma certa alegria. A concretização deste sonho de toda a vida traduziu-se numa nova aposta, reestruturando a livraria, ampliando as instalações, gestão adequada, informatização dos serviços e acima de tudo a consequente abertura de um novo espaço cultural. Acho que posso definir o meu projecto com um espaço novo, um projecto diferente, a mesma tradição».

Rui Nogar de passagem

De passagem por Lisboa, o secretário-geral da Associação dos Escritores Moçambicanos esteve connosco para nos informar sobre as dificuldades que a edição moçambicana conhece, e sobre as perspectivas de as ultrapassar. Rui Nogar, de 53 anos, antigo jornalista da «Tribuna» e na «Tempo», iniciou-se nas revistas *Itinerário* e *Brado Africano*, e tem publicado o livro «Silêncio Escancarado», colectânea de poemas escritos na prisão.

A falta de papel tem determinado a inexistência de publicação de literatura, no seu país. Actualmente, o apoio da NORAD, norueguesa, vai permitir a Moçambique receber mais papel, e volta, em princípio, a ser possível editar para além do material ideológico da Frelimo, da imprensa e dos livros didácticos, que têm sido prioritários. Rui



Nogar diz-nos que os originais se acumulam na sede da Associação, esperando oportunidade de publicação. Eles vêm de nomes consagrados, mas também toda uma «nova vaga» de poetas, contistas e romancistas em que se contam entre outros, Esaú Cossa, Juvenal Bucuane, Eduardo White, Armando Artur, Hélder Muteia, Marcelo Panguane, Pedro Chissano, Kambira Kambirai...

A Associação deseja apoiar

sobretudo a emergência desta nova geração, que conta com dezenas de autores.

Rui Nogar evoca a experiência de co-edições com as *Edições 70*, apresentando-a como positiva. A falta moçambicana de divisas terá acabado por inviabilizar essa experiência, que Rui Nogar desejaria relançar, numa base de interesses recíprocos. Assim se realizaria aquilo que parece ser o mais concreto apoio que portugueses podem prestar aos escritores de Moçambique. Rui Nogar aproveita igualmente a sua passagem por Lisboa para se informar sobre as possibilidades de realização aqui, ainda este ano, do anunciado Congresso dos Escritores de Língua Portuguesa. Como se sabe, esta iniciativa conta já com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, mas carece do envolvimento do Governo... que, sem ofensa, não deu ainda cavaco aos promotores.

Novo Garcia Marquez

A aventura vivida por Miguel Littin, realizador chileno que entrou clandestinamente no seu país para filmar, clandestinamente, cenas para um filme, é contada por Gabriel Garcia Marquez

no seu último livro, «Acta Geral do Chile», agora apresentado em Bogotá. Disse Littin na cerimónia de apresentação: «Todos os factos relatados ocorreram. A mestria de Garcia Marquez está em narrar encobrindo por forma a que ninguém seja indenticado pelos serviços de segurança chile-

nos». Littin congratula-se por ter ludibriado todos os sistemas de segurança de Pinochet, e recorda que, se ele e os membros das equipas de filmagens tivessem sido detidos, se arriscavam à prisão perpétua, à pena de morte ou a «desaparecer» pura e simplesmente.

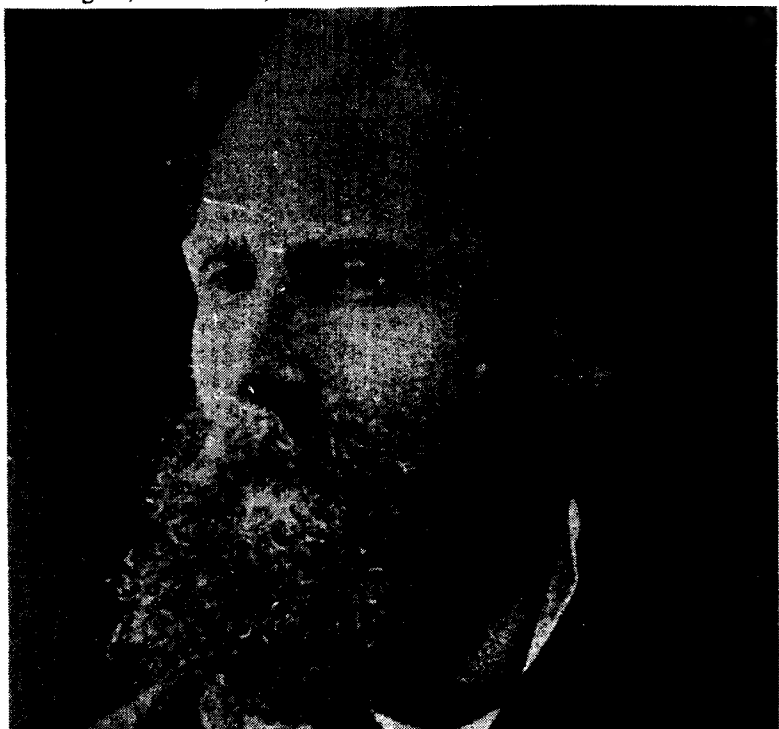
É mais um prémio para J. J. Letria

Com o original, ainda inédito, «Uma viagem pelo verde», José Jorge Letria acaba de ganhar o prémio «O Ambiente na Literatura Infantil», da Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais. O prémio, no valor de 100 contos, é entregue ao autor esta tarde, no decorrer das cerimónias oficiais do Dia Mundial do Ambiente, que se realizam este ano em Santarém, pelo ministro do Plano e Ordenamento Territorial, Valente de Oliveira.

Este prémio — que José Jorge Letria já havia ganhado em 1983 com o seu livro «O Grande Continente Azul» — destina-se a «contribuir para a divulgação, entre a juventude, dos conceitos essenciais a uma educação preocupada com o ambiente e a conservação da Natureza» e a «pôr em evidência e importância e o significado das relações entre os seres vivos e a Natureza, não esquecendo o papel preponderante do homem».

A atribuição deste galardão a José Jorge Letria vem chamar a atenção para um facto curioso no nosso panorama literário: este

jornalista-escritor-poeta-cantor-artista é, provavelmente, neste momento, o autor mais premiado em Portugal. Para além dos dois prémios já referidos, José Jorge Letria ganhou em 84 o Prémio de Poesia Florbela Espanca com o livro «Advinhação do Azul», em 1985, o Prémio de Poesia José Galeno, da Sociedade Portuguesa de Autores, com «As Estações do rosto»; ainda em 1985, o Prémio Joaquim Namorado com o conto «Navegações do Marinheiro»; em 1986, o Prémio Aleko Konstantinov (Sófia, Bulgária), com uma colectânea de contos fantásticos e satíricos.



Antero, a sua foto preferida, tirada em 1887

TÍTULO — Jorge Dimitrof, herói internacionalista
AUTOR — José Ruy
ILUSTRADOR — José Ruy
EDITOR — EDITORIAL CAMINHO

Estamos em presença de uma banda desenhada, meio de comunicação de que não sou particular simpatizante pela concorrência e malefícios que traz (que eu julgo que ela traz) ao livro propriamente dito.

No entanto, nesta sua obra José Ruy dá-nos uma percentagem de texto francamente superior ao da vulgar produção de ilustrações. E compreende-se: na história que se propõe contar-nos, e que relata uma das mais belas aventuras de todos os tempos, os lances de capa e espada não abundam. Todo o jogo se faz entre a dignidade e a intolerância, entre a coragem e a intimidação, entre os que defendem o Homem e os que defendem a Besta. E tudo se passa no mundo concentracionário de um tribunal nazi, todo ele encenado para mostrar ao mundo que um poder invencível se erguia. Um homem, um homem apenas, provou que de invencível ele não tinha nada, provou-o com palavras que ainda hoje estão vivas, reconfortam e encorajam. Esse homem chama-se Jorge Dimitrof e algumas das suas palavras estão ao nosso alcance, ao alcance dos leitores mais jovens, ilustrados pelo traço experiente e comovido de José Ruy.

Jorge Dimitrof nasceu no ano de 1882, em Radomir, na Bulgária, e, desde muito novo, participou da acção política. Preso e depois exilado, encontrava-se na Alemanha, em 1933, quando Hitler, que precisava de um forte aliado para combater a oposição ao regime, o acusou, e a mais dois camaradas, de incendiar o Parlamento alemão. Algemado durante vários meses, dia e noite, o que lhe provocava dores horribéis, sem direito a escolher um advogado para sua defesa, Dimitrof resolve defender-se a si próprio. «Como comunista — declarou logo no início da sua intervenção — oponho-me ao terrorismo porque esses actos são incompatíveis com os métodos e princípios do trabalho de massas...»

De 21 de Setembro de 1933, a 23 de Dezembro do mesmo ano o mundo assistiu, com indiscreta emoção, à coragem, à sabedoria, à inflexível determinação de um homem que, contra um terrível poder, defendia o seu ideal e a sua inocência.

Ficou célebre a resposta de Dimitrof quando o acusador disse ter-lhe sido apreendido um mapa com o Parlamento marcado a cruz. «Perdão — interrompeu Dimitrof — Não seria uma cruz gamada?...»

Eis-nos em presença de um livro que eu gostaria de ver nas mãos de todos os jovens. Porque não se trata de conhecer um passo da História passada. Não. Ele é de uma grande utilidade para conhecermos algo de muito importante do nosso próprio tempo.

E por mais um motivo também: para que os jovens tenham a alegria de conhecer um Homem chamado Dimitrof. Um nome que nos prova que o heroísmo real pode suplantar o de todas as ficções.

Mário Castrim

Um médico que escreve ficção científica

João Aniceto, 33 anos, médico, é um dos raros autores portugueses de obras de Ficção Científica (FC). Até ao momento publicou, na colecção FC da Editorial Caminho, dois volumes: «Os caminhos nunca acabam» e «O quarto planeta», que tem sido um «best-seller» na Feira do Livro de Lisboa, ainda a decorrer. O mais curioso é que João Aniceto começou a escrever FC por acaso e há bem pouco tempo, como contou ao «DL» durante uma longa conversa numa das últimas escaldantes tardes lisboetas:

«Na verdade comecei a escrever FC por... obra do acaso. Um dia li num jornal que havia um prémio para quem escrevesse uma obra de ficção científica ou policial e eu achei que devia ser capaz de escrever um romance desse género».

«E foi para a FC porquê?»

«Talvez porque há mais de 20 anos leio ficção científica e porque esse género de literatura me apaixonou».

«E foi fácil escrever um romance que acabou por ser premiado? É fácil escrever FC?»

«Se é fácil... Bom, se fizesse a pergunta aqui há uns anos atrás talvez lhe respondesse que não. Agora, depois da minha primeira experiência, que resultou de uma situação muito concreta, talvez lhe diga que não é difícil. Depende. No geral, penso que a FC requer uma boa dose de imaginação, mas talvez não seja precisa mais do que para qualquer outro tipo de ficção».

«Mas a FC não é só imaginação. Penso eu. Julgo até que são necessários conhecimentos em diversos domínios como, sei lá, a astronomia...»

«Exacto. Evidentemente que precisei de ler e estudar matérias nas quais não estava, à partida, à vontade, como foi o caso da astronomia, da física, da linguística...»

«... Linguística?»

«Sim, sim. No meu primeiro livro decidi criar um personagem que era técnico de linguística...»

«Porquê?»

«Bom, eu tinha um determinado fito ao colocar um linguista na expedição que foi para o Espaço. Sabe, nada nos permite garantir que outras espécies existentes noutros planetas tenham o mesmo tipo de linguagem que nós. Imagine que é preciso comunicar com um ser que não vê nem fala como nós, os terrestres. Nessas circunstâncias é preciso equacionar o problema de uma forma diferente. E teoricamente é possível transformar os símbolos-ideias que para nós são transmitidos através do som, noutras formas de energia



— sei lá, através das variações de temperaturas, ou variações de cor, isto para falar apenas em determinados tipos de energia. E o linguista está lá exactamente para isso».

«Você é médico e essa é a sua actividade principal. Isso ajuda-o a escrever romances de FC?»

«A medicina não é incompatível, de forma nenhuma, com a escrita em geral. Sobretudo em Portugal, onde há tantos médicos que são «escritores» — e falo assim sem me querer comparar com nenhum deles... Agora no meu caso o que posso dizer é que escrevo talvez porque a medicina me permite ter determinados tempos livres e, sobretudo, me permite, do ponto de vista económico, ter disponibilidade para ser escritor-amador... Porque é isso, evidentemente, o que eu sou. Um escritor-amador. É o meu hobbie...»

«Como e quando é que você escreve?»

«Quando, é fácil responder: sempre que tenho tempo livre. Onde, também não é difícil responder: onde calha — nos cafés, no hospital, em casa... Escrevo à mão, gosto muito de escrever, aproveito todos os momentos que posso. Olhe, os cafés são locais excelentes, agradabilíssimos, e pena é que em Lisboa cada vez hajam menos lugares desses onde possamos ler e escrever. Sabe, desde muito novo me habituei a estudar em cafés...»

«Quanto tempo demora a escrever um romance?»

«O primeiro — «Os caminhos nunca acabam» — escrevi-o em três meses. O segundo já me demorou sete. Claro que me refiro apenas ao tempo que levei para o escrever à mão. Depois há as correcções, o tempo para o dactilografar, a revisão, etc, etc.»

«Se bem entendo não tem, di-

gamos, uma disciplina para escrever. Não escrevo todos os dias umas tantas horas...»

«Nem pensar nisso. Escrevo só e quando me dá prazer e tenho tempo livre. Não me ponho de castigo em frente de folhas brancas que não sei como preencher... E como escrevo com certa facilidade, juntando isso ao prazer, tiro sempre uma boa rentabilidade...»

«E como é que inventa as histórias?»

«Quando começo a escrever só tenho o princípio da história — e à medida que a vou contando ela vai-se desenvolvendo ao sabor do acaso e da imaginação. Juro-lhe que tenho um prazer danado ao escrever, se calhar mais do que o leitor, porque nunca sei como vai acabar... Sei apenas que a história vai fazendo cada vez mais sentido até que de repente noto que já estou perto do fim».

«Tem algum projecto para um novo livro?»

«Já tenho dois livros prontos: um de contos e um romance, ambos de ficção científica. Quando é que os vou publicar? Bem, isso depende, especialmente do tempo de que dispuser. Sabe, primeiro que me decida a dar os toques finais para os poder levar ao editor... Enquanto histórias estão acabadas. Mas há depois alguns pormenores que levam tempo e eu neste momento estou muito ocupado com outras coisas. Mas para o ano talvez sejam publicados».

«Disse há pouco que desde há muitos anos é leitor atento e apaixonado da FC. Quais são os seus autores e os seu heróis de FC preferidos?»

«Não gosto muito de heróis na FC. Sou mesmo avesso a construir heróis nas minhas histórias. Isto porque o conceito de herói é um bocadinho maniqueísta — o bom e o mau... Com isto não quero dizer que não acabe por os criar, mas a verdade é que os heróis da FC não são personagens que me atraiam. Feito este parêntese, é evidente que a maior parte dos livros que eu gosto na FC são livros onde não há heróis marcantes...»

«... Mas o que eu lhe perguntava...»

«... Já lá vou. Para responder directamente à questão que me põs tenho que pensar um pouco. Por exemplo: os heróis construídos por Frank Hubert no «Dune» são muito interessantes de um modo geral; os heróis criados por Isaac Asimov, na «Fundação», também; e o mesmo se passa com os heróis de Philip J. Farmer na série «Construtores do Universo». Penso que esses são, talvez, e dos que me recordo no momento, os mais conseguidos».

«E quanto a autores?»

«Entre os que mais gosto encontram-se Ray Bradbury, Clifford Simak e John Brunner. São talvez os que mais me influenciaram».

«Em Portugal quase não há autores de FC. Porquê?»

«Realmente há poucos. Tiran-do um outro autor com obras de FC mas fora do circuito comercial, apenas a Caminho publicou na sua colecção dois autores portugueses: o Daniel Tércio e eu próprio. Porque será assim? Bom, talvez porque o público eventualmente simpatizante da FC é também o que mais gosta do policial, que tem mais saída... Talvez isso faça com que os editores se retraiam, por um lado, e os autores se dediquem mais ao policial, por outro...»

«O que é para si a FC? Trata-se de uma fuga à realidade ou, pelo contrário, uma descoberta da realidade futura?»

«Antes de mais nada: ler é um acto cultural, mas, mais do que isso, é um acto lúdico. Ora, isto significa, em última análise, que a FC é, de resto como qualquer outra literatura, um escape ao quotidiano de miséria que nos envolve, é uma actividade lúdica. E nesse aspecto — julgo que era isso que queria saber — a FC pode ser tão alienante como qualquer outro tipo de literatura...»

«... Não era bem isso o que eu queria saber...»

«Bom, de qualquer maneira não é essa alienação que eu procuro quando escrevo FC. Mas acho que o deveria dizer. Agora o que eu vejo na FC é, por um lado, a possibilidade de poder especular em relação ao futuro, pois todos nós estamos condenados a viver um único futuro, limitado no tempo. Ora, para mim a FC é poder viver uma série de futuros alternativos que certamente não acontecerão enquanto eu estiver vivo... Por outro lado a FC permite-me também poder caricaturar algumas aberrações da sociedade presente e mesmo alertar para o perigo que certos desenvolvimentos possíveis nesta sociedade podem acarretar. Além disso a FC tem para mim ainda uma outra atracção: poder prolongar, na idade adulta, a maravilha que são todas aquelas aventuras que nos deliciaram quando em crianças as liamos... Penso que a imaginação não tem que morrer necessariamente quando assumimos responsabilidades na vida, quando crescemos e temos de viver limitados a um quotidiano que nos dá muito pouco tempo para sonhar».

R. C.

Nós

Revista de cultura galaico-portuguesa

A revista galaico-portuguesa de cultura «Nós» apresenta-se como boletim filológico informativo para a integração da língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro e é editada pela Associação Sócio-Pedagógica Galaico-Portuguesa (ASPGI) que indica endereços de Ourense e de Braga, redacção em Pontevedra e administração repartida por Ourense e Vila Real.

Em editorial é explicado «O porquê da revista «Nós»». O texto subintitula-se: «Manifesto em Defesa da Lusofonia». Nesse «manifesto» afirma-se: «Quando um país carece de voz autêntica, quando o Povo está submetido pela própria classe dominante e a sua língua e cultura ameaçadas, inclusive pela acção de governos, não há mais remédio que sair ao passo de cerimónias de confusão que, uma depois de outra, são preparadas para evitar que as camadas populares tenham consciência de si próprias e tomem por si o

rumo da História. / Quando a Galiza se poderia integrar no mundo cultural a que pertence, o da lusofonia, e normalizar sua língua e cultura, entidades presumivelmente académicas optaram por mergulhar no poço do esquecimento uma das mais importantes línguas românicas da Europa. / Felizmente essa pretensão está a fracassar e hoje as nossas gentes estão alertadas — assim quanto as dos outros países lusófonos — e não tolerarão que se consuma um «genocídio» cultural, como é reduzir a língua da Galiza — realização do Sistema Comum Galaico-Luso-Brasileiro-Africano de Ex-

pressão Portuguesa — a subdialecto do espanhol, com sua ortografia, morfologia e inclusive sintaxe».

Além de informações da «Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro», a revista «Nós» publica ensaios e artigos de J. L. Fontanella, C. Durão, Isaac Estraviz, Seodagario A. de Azevedo Filho, António Gil Hernández, Fernando Alves Cristóvão (presidente do ICHP), J. J. Santamaria Conde, Albino Mamede Cleto (Bispo auxiliar do Patriarcado de Lisboa).

Ficção na Universidade

JOSE Manuel Mota é um jovem professor universitário que, em Coimbra, na Faculdade de Letras, tem a seu cargo uma cadeira deveras original para o nosso meio: Literatura de Ficção Científica.

Nascido há 38 anos no Porto, José Manuel Mota licenciou-se em Filologia Germânica em 74, na cidade do Mondego. Esteve um ano em Tübingen, na RFA, a estudar literatura alemã, e desde 76 é assistente na Faculdade de Letras coimbrã, onde leccionou Linguística Inglesa e/ou Introdução aos Estudos Linguísticos. A partir daí foi a vez da Ficção Científica.

«Gosto muito de música clássica, nomeadamente música de câmara e ópera, mas o meu grande **hobbie** é a ficção, é ler "histórias", é descobrir narrativas. A ficção é o meu elemento. Deve ser sangue árabe» — comentou, com algum humor, José Manuel Mota, quando no fim-de-semana se pôs a conversar com este repórter do «DL».

O jovem professor, contudo, garantiu também que não vê telenovelas... e acrescentou que gosta muito, ainda, de ler obras de divulgação científica.

Nesta mistura de ficção e de divulgação científica estará, talvez, a explicação para a paixão pela ficção científica, que o levou a especializar-se na matéria, a ponto de hoje ser já prática normal proferir conferências ou participar em colóquios sobre ficção científica em universidades estrangeiras.

Aberto desde logo ao diálogo com o jornalista, José Manuel Mota mostrou-se contudo surpreendido com o interesse que despertara:

«Achar "curioso" ou "esquisito" que se estude ficção científica, mesmo num diário de âmbito nacional, continua a ser sinal dos tempos» — começou por dizer em voz alta. «Uma curiosidade que é talvez uma contraparte positiva da desconfiança da "ciência normal" para com as heterodoxias» — concluiu, com olhos brilhando de ironia.

«Sinal dos tempos é, com certeza, estudar-se ficção científica na Universidade. E quanto à curiosidade convirá que é normal...» — retorquiu.

«Sabe, o ambiente de trabalho existente é que explica a liberdade de investigação e o apoio a iniciativas que só poderiam parecer estranhas a uma concepção muito tradicionalista de estudo universitário ou mesmo humanístico **tout court**. E assim que temas como a escrita de mulheres, literatura popular, romance policial, novela de



terror e/ou fantástica têm integrado programas de literatura e têm sido objecto de investigação de vários colegas.»

«**Ao que julgo saber, nem tudo foi pacífico quando surgiu essa ideia de uma cadeira de ficção científica ou de um doutoramento nessa área...**»

«Bem, quando ofereci pela primeira vez a cadeira de opção de Ficção Científica e essa proposta teve de ser sancionada pelo Conselho Científico, houve, talvez, algum "frisson"... e a cadeira teve de se chamar "Literatura de ficção científica". Uma restrição de escopo (no título) que lhe conferia, a ouvidos delicados, a respeitabilidade. Uma maneira discreta de engravatar o produto...»

«**Qual foi a receptividade da cadeira junto dos alunos?**»

«O meu curso funcionou em pleno no primeiro ano, com alunos de várias proveniências e assiduidade muito regular. E o horário era péssimo — havia uma aula do meio-dia às duas da tarde. Agora, uma vez que já se sabe que a ficção científica é uma coisa séria, que na cadeira apesar de opção, há rigor e trabalho, a frequência já não é a mesma...»

«**Como é que surgiu a ideia de uma cadeira deste género?**»

«A história é um pouco longa. Durante vários anos a minha prática de docência e investigação foi quase exclusivamente linguística. Devo citar aqui, como decisiva, a frequência de um seminário sobre filosofia da lin-

guagem, orientado pelo prof. dr. Miguel Baptista Pereira, já há alguns anos. Aí é que as coisas se complicaram...»

«**Porquê?**»

«Repare: o estruturalismo, que veio (com a noção de valor, via Saussure) da economia para a linguística, para aí assentar arraiais — e a linguística é sempre o quartel general dos estruturalismos todos — enferma da limitação da sua própria globalidade: a auto-suficiência da descrição estrutural conduz a artificios formais que... não (me) convencem. E isso é cada vez mais visível, por exemplo, nos mecanismos da linguística pós-chomskyana, mas não só. Muitas regras generativas surgem magicamente da manga dos gramáticos; e nos estudos literários as famosas **grelhas** são mais parecidas com peneiras para tapar o sol... Eu creio que a ambição ostensiva de descrever a totalidade da linguagem procurando escrever a gramática de cada língua, e depois a gramática de todas as línguas — a gramática universal, pelo contrário, se abre num leque de ramificações infinitas, o que dá uma teoria por cada cabeça sante... Claro, isto não é assim tão simples, estou a exagerar para simplificar; mas isto também não é um tratado, é uma conversa...»

«**Exacto. Uma conversa sobre ficção científica e universidade...**»

«Ora bem: se eu pensar que a ficção científica é uma certa forma de linguagem (literária), vejo que ela funciona, aparentemente, como a língua-objecto ideal do estudo dos linguistas: uma linguagem sem referente empírico.»

«**Que quer dizer exactamente?**»

«Quero dizer que se trata de uma linguagem cujos referentes não têm possibilidade de existir no mundo que conhecemos, nem terão nunca, talvez, essa possibilidade. E por esta característica que Marc Angenot chama à ficção científica uma literatura do paradigma ausente (usando terminologia saussureana). Isto é: a ficção científica cria um mundo criando uma linguagem, ou signos novos, para referentes irreferenciáveis.»

«**Quer dar exemplos?**»

«Escreve-se "selenita" para "nativo da Lua" (que não há nem pode haver), ou inventa-se "ansible" para "transmissão instantânea de mensagens a anos-luz de distância", o que não está previsto pela física moderna. A palavra tem uma força mágica qualitativamente diferente da da ficção naturalista. Além disso, sendo a ficção científica nas palavras do crítico jugoslavo Darko Suvin, a literatura do "conhecimento distanciado" (no sentido

brechtiano) em que surge um elemento ficcional novo validado pela lógica cognitiva, ela presta-se (enquanto sujeito e enquanto objecto) à discussão da sal — tem levado os generativistas por um caminho que não "afunila" mas epistemologia, da filosofia do conhecimento e da linguagem.»

«**A quem se dirige, ou se preferir, a quem se destina a ficção científica? Estou a pensar em Portugal...**»

«A ficção científica, em Portugal como no resto do mundo o idêntico, é uma forma literária para uma escassa minoria — embora actualmente haja um interesse crescente, ao nível do consumo e da "academia"... Dentro dos géneros de literatura popular, tem um consumo que é cerca de metade do do romance policial. Mas agora há mais colecções e, como disse, creio que mais leitores.»

«**O leitor português é actualmente mais crítico? Ou consome o que aparece?**»

«Não tenho dados. Mas o "fan" propriamente dito é um leitor acrítico, que se satisfaz vendo no romance de ficção científica a realização das suas expectativas dentro do género. Por isso é que alguns bons autores são desprezados...»

«**Mas ultimamente têm aparecido diversas e boas colecções de ficção científica...**»

«Sabe, em Portugal continua a depender-se exclusivamente de traduções, e quase só de textos anglo-americanos. Os franceses desapareceram do mercado; há alguma ficção científica russa (os Strugacki, Efrémov), polaca (só Lem), mas embora muito boa, também muito pouca.»

«**E quanto a autores portugueses?**»

«Olhe: quantas pessoas podem indicar o nome de um autor nosso (ou, já agora, brasileiro?). Além de Romeu de Melo, com alguns contos e romances — que não são publicados nas colecções de ficção científica, isto é, que não têm imagem de marca (confronte-se Ross Pynn, ou Dick Hasrim, para o policial) — quem conhece os outros? Há-os, mas nunca lhes vi os livros. Bem, **os caminhos nunca acabam...** pois que se lhes abram!»

«**Essa é uma referência directa ao João Aniceto, que acaba de aparecer com outro livro, "O Quarto Planeta", que está a ser um êxito...**»

«E uma referência, sim senhor. Quanto ao "Quarto Planeta", ainda não o li.»

«Voltando à questão de fundo da nossa conversa: que tem a ver a ficção científica com a Universidade?»

«Bom, a ficção científica é um tipo de literatura que lança uma ponte, pelo menos reflexiva, sobre o fosso que separa as chamadas "duas culturas", a humanística e a científica. Presta-se, também por isso, à abordagem interdisciplinar, como objecto de estudo para literatos, sociólogos, cientistas — a revelação das epistemologias subjacentes às suas visões optimistas ou pessimistas na nossa era pós-Hiroxima é uma das pesquisas mais interessantes que até agora encontrei no meu trabalho. Uma outra componente, e das mais importantes, é a componente utópica. A ficção científica não é, como alguns pretendem, literatura futurológica, ou de antecipação, mas é a literatura da consciência científica e tecnológica. Enquanto literatura popular é sintomática, por um lado, da crise da literatura moderna; por outro, da própria evolução dos meios de comunicação de massas (sem McLuhanismo).»

Ribeiro Cardoso

Primeira mão

«**A** Vida Maravilhosa de Charles Chaplin, em banda desenhada a cores, é uma das novidades da Editorial Notícias, livro que tem originado "bichas" na Feira do Livro («stand» 12). As ilustrações são de José Rui.

«Mas há mais banda desenhada séria...»

«Como por exemplo...?»

«Nem vai acreditar...»

«Ora! Tudo é possível no mundo de hoje...»

«Pois então assente aí... Em banda desenhada, também da autoria de José Rui, temos igualmente como novidade «Os Autos das Barbas» de Gil Vicente.»

«Possível...?»

«Vê que não acreditava no possível...? Trata-se de uma versão, fiel ao texto e ao espírito vicentinos, que levará os mais jovens (e não só...) a interessarem-se por uma obra essencial da nossa literatura.»

Numa outra área, um outro título de interesse: «Bem dizer. Bem escrever», de Edite Estrela, na sequência dos programas que esta estudiosa da língua portuguesa apresentou ainda recentemente, na Televisão.

«E também um livro que se vende...»

Acontece que a Editorial Notícias representa a Editorial Domingos Barreira («stand» 11), e, assim, desta casa editora, temos...

«Temos...?»

«Temos um livro deveras importante para quem se interesse por etnologia. O seu autor é António Cabral. Título: «Os Jogos Populares Portugueses». É uma recolha de todos os jogos tradicionais, alguns com centenas de anos de existência, que se praticam (ou se praticaram) em todo o nosso território.»

«Uma obra, portanto, de estudo...»

«Certamente. Qualquer pessoa, no entanto, minimamente interessada, o deve comprar... Conhecer a nossa Pátria, sob este ou aquele aspecto, impõe-se a todos nós.»

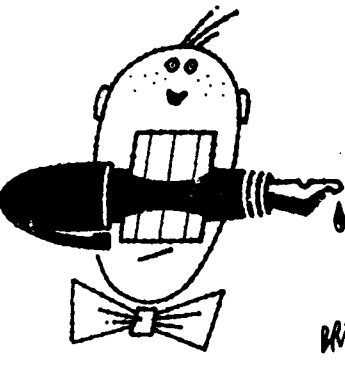
Ainda da Domingos Barreira, um útil «Dicionário de Computadores» da autoria de Anthony Sandor, John Graham e Robin Williamson. Livro essencial para quem tenha, em casa, um computador. Em casa ou no emprego...

«Mais algum título...?»

«Sim. Mas este nosso, da Editorial Notícias. É um romance de Anid Blyton. Com este calor, vem mesmo a propósito... Olhe só para o título: «Histórias da Lua Cheia»...»

«E...»

«E mais nada» Como novidades, são estes os títulos... Os títulos que dão a marca da nossa presença, quer nas livrarias quer na Feira do Livro.»



Um livro que surge no momento exacto!

CONTRIBUIÇÕES PARA A REFORMA DO SISTEMA FISCAL PORTUGUÊS

SEMINÁRIO SOBRE POLÍTICA FISCAL
COMITÊ DE ESTUDOS E DEBATES
CGTPIN

680\$00

edições UM de OUTUBRO

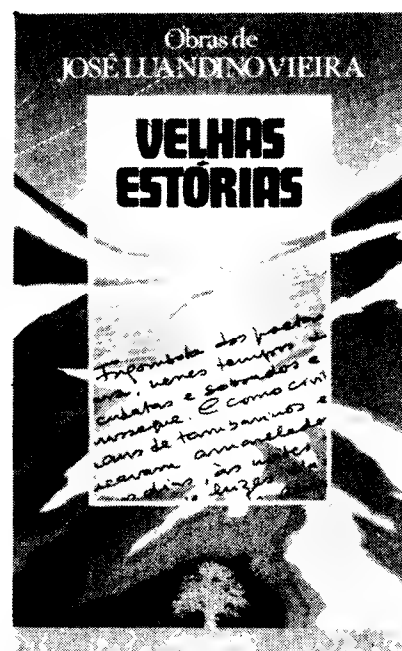
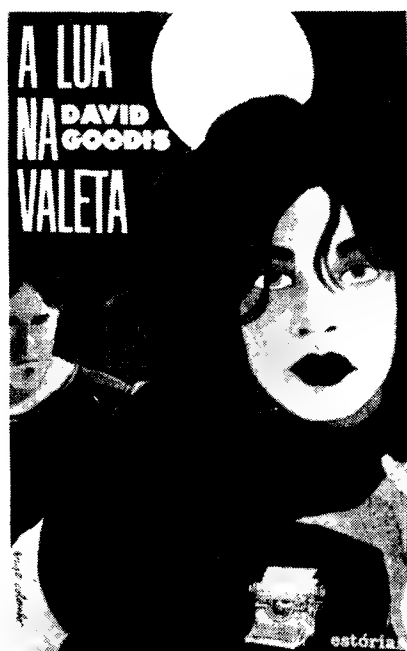
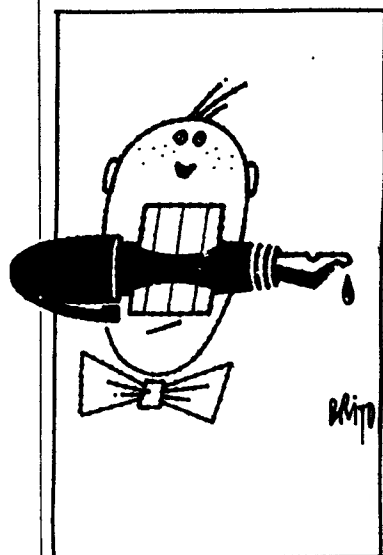
RUA DA GLÓRIA, 41-2 - ESQ.
1200 LISBOA

Sociedade Editora de Publicações Lda.

Análises de reputados especialistas, mostram-nos a fiscalidade que temos e propõem

SOLUÇÕES PARA UMA REFORMA DO SISTEMA FISCAL PORTUGUÊS

Acabados de chegar



Continuação da pag. 1

como exterior. Mais tarde, o cônsul forçara uma estreita cumplicidade, uma destrutiva coerência entre dois catastróficos percursos, o dos seus actos e o do seu imaginário. Preço em livraria, 740\$00.

■ Nas suas colecções de bolso, a Livros do Brasil reimprimiu **A grande caçada**, de Mickey Spillane (124 da «Vampiro»), edita **Violação e morte** de Lillian O'Donnell (n.º 467 da mesma colecção) e, na **Argonauta**, **Moreta de Pern-1**, de Anne McCaffey. Os preços de capa destas edições de bolso são de 150\$00.

■ A editorial **Teorema** lança, na sua colecção **Estórias**, **A lua na valeta** de David Goodis. O romance, do autor de **Disparem sobre o pianista**, foi, como este, adaptado para o cinema (**La lune dans le caniveau**, de Beineix, que esteve recentemente em exibição em Lisboa e no Porto). David Goodis é sem dúvida dos autores mais injustamente esquecidos da literatura «negra» norte-americana. Este seu texto, primitivamente editado em 1953, só viria a ser reeditado em França em 1980, e então descoberto por Beineix.

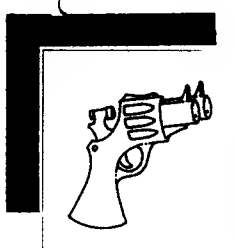
■ Quanto à **Caminho**, que, exactamente «descobriu» Goodis para o público português, tem este mês em livraria **O quarto planeta** (Ficção científica) de João Aniceto, com quem se pode ler, neste suplemento, uma curta conversa, e «The Moving Target». **O alvo em movimento**, de Ross Mac Donald — um nome que já criou entre nós, como Patricia Highsmith ou Ruth Rendell, o seu próprio público.

■ A **Caminho** publica ainda, em reedição, **A Paixão**, de Almeida Faria, parente de **O Som e a Fúria**, de Faulkner, pelo ritmo e pela construção (um modelo que vem até às **Casas Pardas** de Maria Velho da Costa e que porventura não se esgotou, ainda, entre os nossos escritores). O seu primeiro livro, **Rumor Branco**, fora prefaciado por Virgílio Ferreira. **A Paixão** viria, em 66, a ver-se prefaciado por Oscar Lopes, num texto que a presente edição também inclui.

■ Como quem leva ao ombro a vida toda e **Piano Bar** são outros dois lançamentos da **Caminho**: **Caminho da Poesia** se chama a colecção.

O primeiro é uma antologia de Eduardo Olímpio, incluindo versos escritos de 1965 a 1975. O segundo, de Viale Moutinho. A editora abre caminho poemas dentro.

■ A disputar as primeiras escolhas para as férias está **Guilhermina**, de Mário Cláudio, o escritor de **Amadeo**. Publicado na **Biblioteca de Autores Portugueses da Imprensa Nacional/Casa da Moeda**, um novo texto próximo da biografia mas construído como uma ficção, em torno da viloncelista Guilhermina Suggia. E novamente um texto secreto, discreto e de extrema sensibilidade, escrito num português invulgarmente rico e que, para quem o leu **Amadeo** é já «a língua de Mário Cláudio». Dele nos ocuparemos com mais detalhes fora desta secção. Da **fotobiografia de Antero**, igualmente publicada pela **Imprensa Nacional**, ocupamo-nos hoje em recensão; no «Lemos para si».



■ Manuel Geraldo, jornalista do «Diário de Lisboa», publica nas **Edições Caso**, colecção **Guerra Colonial**, **O sangue da guerra**, com capa de Inácio Matsinhe. Trata-se de uma colectânea, revista e aumentada, dos textos que o autor publicou, desde 1972, sobre a guerra colonial — textos que foram merecendo notas elogiosas de Urbano Tavares Rodrigues, Fernando Assis Pacheco, Fernando Docasta e António Paulouro, por exemplos. E o segundo livro de uma colecção estreada por Carmo Vicente, com **Gadamel**. A editora considera-se comprometida com

os autores que publica «por opção, e por marginalidade de razão», e tem convidado pintores a fabricarem as suas capas: Matsinhe, Malangatana, Cargaleiro, Paizana, Kira, Pedro Cavaleiro, H. Mourato.

■ Referência especial para **Mishima ou A visão do vazio**, de Marguerite Yourcenar, que a **Relógio d'Água** publica na sua colecção **A volta da Literatura**. É um livro sobre Mishima e a sua morte.

«O que nos interessa — diz Yourcenar — é ver por que caminhos o Mishima brilhante, adulado, ou, o que acaba por resultar no mesmo, detestado pelas suas provocações e o seu êxito, se tornou, pouco a pouco, um homem determinado a morrer». E isso que Yourcenar procura. Mishima ficará a dever-lhe a descoberta do seu nome pela Europa, «a descoberta do caminho literário para Mishima».

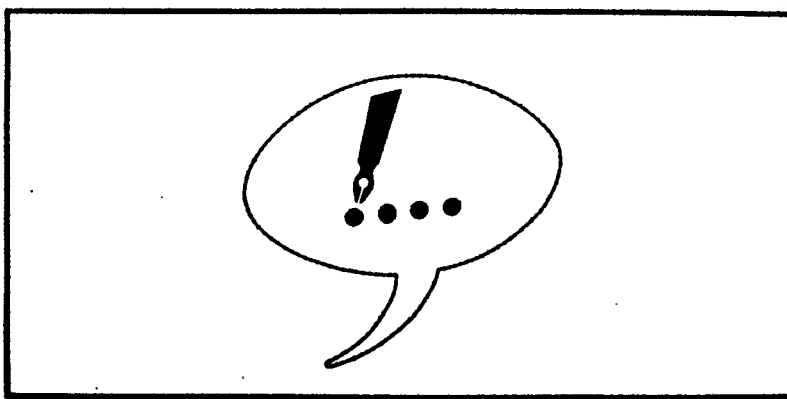
■ As **Edições 70** publicam **Velhas histórias**, de um Luandino Vieira do tempo de Luanda. As quatro histórias agora

editadas datam, de facto, do mesmo aluvião e são parte do conjunto de que acabou por sair o livro premiado pela APE. Aiê! Tantos anos depois o mesmo homem, um saboroso e algo melancólico reencontro.

■ E publicam também, na sua colecção **Lugar da História**, o poderoso **Economia e Sociedade na Grécia Antiga**, de Michel Austin e Pierre Vidal-Naquet, especialmente destinado a assistir os professores que sentem a insatisfação dos estudantes perante uma história essencialmente «política». O livro está organizado em duas zonas, a primeira expositiva e a segunda, mais longa, colada a textos clássicos curtos, e comentados.



■ Finalmente, mas os últimos são os primeiros, um referência ao ressurgimento da **Colecção XIS**, policial, da **Minerva**, que reaparece após anos de interrupção com uma antologia de «históricos»: Conan Doyle, Edgar Poe, Wallace, Ian S. Thompson, e outros. Os editores iniciam esta nova (a 6.ª) vida da XIS convidando Jorg Colombo para a capa da antologia, e prometendo devolver a antiga experiência ao seu público... e alargá-lo.



O eu nos outros

O absolutamente irrecusável

Quando se ama alguém não é amar um conjunto de qualidades, nem tão-pouco prescindir, no ser amado, dessas qualidades. Amar é sempre alcançar o outro, quer as qualidades se mantenham, quer as qualidades se dissipem. Se amo alguém, emigro para esse alguém — e ora me deparo com qualidades, ora com nenhuma qualidade me entretenho. Se as há, elas me interpelam e mais me captam; se as não há, tão-só me pergunto da razão da sua ausência. Mas fico-me sempre, não me afasto do ser amado, é-me impossível tal acto — e isso porque me habituei ou à falta de qualidades ou tal é a minha cegueira que dessa falta me não

apercebo.

Estar no outro, por amor, é sempre estar numa terra estranha, num passeio que não era o nosso passeio habitual, no comer o pão de maneira diferente.

Quando verdadeiramente se ama está-se sentado: contemplamo-nos no outro, evitamos um movimento dissonante, buscamos a harmonia a todo o custo. Subitamente, quem ama divorcia-se da racionalidade — e aceita só as razões da sua intimidade partilhada.

Irrompe, desenha-se no ar em amplo gesto interior:

Tão /sentada estás / assim / vestida! // Teu nome / o

avesso é / das roupas / que te vestem. // Lábio / eu chame / o teu interior // — e tu / me respondas / em súbita cor!

Assim se vai até à morte do amor — e só então, a partir desse momento, é que ponderamos se no ser amado qualidades existiam ou não. Mas até esse instante, até à conclusão de tudo, o ter-se amado alguém foi o absolutamente irrecusável. Assim eu digo as coisas, uma a uma — e só espero que tu as contes e em ti guardes não nenhuma, mas a cor plena de alguma...

Pedro Alvim



CINEMACINEMA **CINEMA** CINEMACINEMACINEMACINEMACINEMACINEMACINEMA

**AS ESTREIAS
DA SEMANA**

REGRESSO DA FLORESTA

A partir de hoje no Alfa 1 e Eden.
Cópia de muitos outros filmes de aventura.
A realizar: Gus Trikonis
Principais intérpretes: Peter Fonda, Deborah Raffin, John Amos e Carlos Palomino.

A EXPERIÊNCIA DE FILADÉLFIA

Quase todos os géneros se aplicam a «The Philadelphia Experiment»: drama, ficção científica, aventura, espionagem e acção.
A realizar: Stewart Raffill.
Principais intérpretes: Michael Paré, Nancy Allen, Bobby Di Cicco e Eric Christmas.



Michael Paré em «A experiência de Filadélfia», esta semana em estreia lisboeta



Griffin Dunne é o protagonista de «Nova lorque fora de horas»: um filme interpellante

Nova lorque fora de horas

Proponho um exercício: ver os primeiros cinco minutos deste filme e compará-los com igual período da esmagadora maioria das fitas em exibição em Lisboa. Finalidade do exercício: mostrar a evidência daquilo que os franceses chamam *mise-en-scène*, daquilo que distingue os grandes cineastas dos tarefeiros.

Descreve-se tal coisa? Creio que não. É uma pulsação que se vê mas não se reduz a palavras, é um fôlego todo de imagens e sons, uma erupção não maneirista da forma que extravasa a linearidade do argumento, que faz de um filme algo mui diverso da literatura.

Nova lorque Fora de Horas é — percebe-se ao fim de cinco

minutos — um filme de um grande realizador. Mas há mais? Há. Há a respiração da noite em pânico, um mal-estar que se mescla de riso mas mostra o medo, há actores que nos perturbam mesmo quando tudo parece sem teias.

É o melhor de Scorsese? Não é. Mas é uma fita que, por uma vez, nos devolve o prazer do cinema. Coisa rara, nestes dias.

J. L. R.

CINEMAS ESTÚDIO 444 e QUARTETO
(para maiores de 16 anos)

ALFAS TRIPLEX

— T. 806496

ALFA 1

REGRESSO DA FLORESTA
de Gus Trikonis

*Ver «As estreias da semana»
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

ALFA 2

**O JUSTICEIRO
DE NOVA IORQUE**
de Michael Winner

(para maiores de 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

ALFA 3

ÁFRICA MINHA
de Sydney Pollack

* Ver nota crítica no espaço do S. Jorge.
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

ALFA CLUB

O ANO DO DRAGÃO
de Michael Cimino

A neurose de descobrir a cisão irremediável do corpo americano em várias unidades que, mutuamente, se não reconhecem. Um filme cheio de turbulência e amargura.
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

AMOREIRAS

— T. 691275

SALA 1

LOBIJOVEM
de Rod Daniel

(para maiores de 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

SALA 2

O ANO DO DRAGÃO
de Michael Cimino

* Ver nota crítica no espaço dos Alfes.

(para maiores de 16 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45, e 00.15 h

SALA 3

ÁFRICA MINHA
de Sydney Pollack

* Ver nota crítica no espaço do S. Jorge
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

APOLO 70

— T. 763319

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean

(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.15, 21.30, e 00.30 h

ÁVILA

— T. 539930

GANDHI

de Richard Attenborough
(para maiores de 12 anos)
14.45, 18.15 e 21.45 h

AVIS

— T. 577163

JÚLIA E OS HOMENS
(int. menores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

BERNA

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

de Sergio Leone

Uma das grandes fitas da década. Se ainda não viu, não perca. Leone ultrapassa o talento e situa-se ao nível dos criadores de génio. De Niro é insuperável.
(para maiores de 12 anos)
15.00 e 21.00 h.

CAPITÓLIO

— T. 372358

EXIBIÇÃO

(interdito a men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

VISTA VIDEO

KIRK DOUGLAS, YUL BRYNNER, SAMANTHA EGGAR

OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO
E MUITOS OUTROS NOVOS TÍTULOS...

Em todos os Video clubes!

MAIS UMA EDIÇÃO

VISTA VIDEO
PRODUÇÕES DE VIDEO SARL

LISBOA — R. António Pedro, 68-1, Dto 1000 LISBOA • Tels. 52 63 31 52 62 95
PORTO — R. Mártires da Liberdade, 37-2º 4000 PORTO • Tels. 31 91 19 31 91 60

CASTIL

— T. 530194

LARANJA MECÂNICA
de Stanley Kubrick
(interdito a menores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

CINEBLOCO

— T. 556824

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
de Barry Levinson
Spielberg a produzir uma ficção curiosa sobre um Sherlock Holmes em princípio de carreira.
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

CINE 222

— T. 579460

O NOSSO AMOR DE ONTEM
de Sydney Pollack
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

CINE ESTÚDIO ACS

— T. 887255

PELA NOITE DENTRO
de John Landis
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

ESTÚDIO ANUSHA

O SOL DA MEIA NOITE
de Taylor Hackford
(para maiores de 12 anos)
16.00 e 21.45 h
Sábados e domingos: 14.45
17.00 e 21.45 h

ESTÚDIO SHEZA

O SOL AOS QUADRADINHOS
de George Mendeluk
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h
Sábados e domingos: 15.00,
17.15 e 21.30

CITY CINE

— T. 549999

A JÓIA DO NILO
de Lewis Teagui
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

CONDES

— T. 323532

A ÚLTIMA REPORTAGEM
de Phillip Borsos
* Ver nota crítica no espaço do Las Vegas
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

EDEN

— T. 320768

REGRESSO DA FLORESTA
de Gus Trikonis
* Ver «As Estreias da Semana»
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

ESTÚDIO

— T. 555134

O SOL DA MEIA-NOITE
de Taylor Hackford
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h

ESTÚDIO 444

— T. 768078

NOVA JORQUE FORA DE HORAS

Os filmes da Cinemateca

Melodramas continuam em cena na Cinemateca mas, a partir de quarta-feira, é Rossellini quem chega. Haja Deus!

6.ª-feira, 6
às 18h30 — **Strange Impersonation/1946**
(Estranho Pesadelo)
de Anthony Mann
c/ Brenda Marshall, William Cargan
Cópia legendada em português
às 21h30 — **Love Is a many splendored thing/1955**
(A Colina da Saudade)
de Henry King
c/ Jennifer Jones, William Holden
Cópia legendada em português

Sábado, 7
às 18h30 — **Since You Went Away/1944**
(Desde Que Tu Partiste)
de John Cromwell
c/ Claudette Colbert, Jennifer Jones, Joseph Cotten, Shirley Temple.
Cópia legendada em português
às 21h30 — **Kramer Versus Kramer/1979**
(Kramer Contra Kramer)
de Robert Benton
c/ Dustin Hoffman, Justin Henry, Meryl Streep
Cópia legendada em português

2.ª-feira, 9
às 18.30 — **On Golden Pond/1981**
(A Casa do Lago)
de Mark Rydell
c/ Henry Fonda, Katherine Hepburn, Jane Fonda

Cópia legendada em português
às 21h30 — **Terms of Endearment/1983**
(Laços de Ternura)
c/ Shirley Maclaine, Jack Nicholson, Debra Winger
Cópia legendada em português

4.ª-feira, 11
às 18h30 — **Roma, Città Aperta/1945**
(Roma, Cidade Aberta)
de Roberto Rossellini
c/ Anna Magnani, Aldo Fabrizi
às 21h30 — **Francesco, Giulare Di Dio/1950**
(As Florzinhas de S. Francisco de Assis)
de Roberto Rossellini
c/ Aldo Fabrizi, Arabella Lemaitre

5.ª-feira, 12
às 21h30 — **Viaggio in Italia/1953**
(Viagem a Itália)
de Roberto Rossellini
c/ Ingrid Bergman, George Sanders
Cópia legendada em português

ENCONTRO COM O CINEMA PORTUGUÊS

Conclui-se na quinta-feira a homenagem a Laura Alves:

5.ª-feira, 12
às 18h30 — **O Pátio das Cantigas/1941**
de Francisco Ribeiro
c/ Vasco Santana, Ribeirinho, António Silva, Laura Alves



«Laços de ternura» chega à Cinemateca (na foto: John Lithgow e Debra Winger numa cena do filme)

de Martin Scorsese
* Ver Destaque
(para maiores de 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

FONTE NOVA

— T. 7145088

SALA 1

RUMBLE FISH —
— **JUVENTUDE INQUIETA**
de Francis Ford Copolla
Não é por querer estar contra a corrente que considero este filme menos genial que os meus confrades. É que me parece um exercício (brilhante, sem dúvida) de exibicionismo, incompreensível num homem que já não precisa de provar coisa nenhuma.
(para maiores de 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

SALA 2
LOUCAS AVENTURAS DE AMOR E SEXO
de Dino Risi
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

SALA 3

A JÓIA DO NILO
de Lewis Teague
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

GEMINI

— T. 734009

JOVENS GUERRILHEIROS
Lawrence D. Foldes
(para maiores de 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h
(Ao sábado também às 24.00 h)

HOLLYWOOD

— T. 802859

SALA 1

TRÊS HOMENS E UM BERÇO
de Coline Serreau
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

SALA 2

A ÚLTIMA REPORTAGEM
de Philip Borsos
* Ver nota crítica no espaço do Las Vegas
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h.

IGOPER

T. 704284

MÁQUINA DE MATAR

de Anthony Loma
(para maiores de 16 anos)
15.30 e 21.30 h
Sábados, domingos e segundas:
sessão também às 18.30h

IMPÉRIO

— T. 555134

ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
de Enzo Barboni
(para maiores de 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

LAS VEGAS

— T. 631162

SALA 1

A ÚLTIMA REPORTAGEM
de Phillip Borsos

O jornalismo e a ficção policiária num filme curioso para um fim de tarde agradável de Verão
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h
Sábados, domingos e feriados:
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

SALA 2

A EXPERIÊNCIA DE FILADÉLFIA
de Stewart Raffill
* Ver «As Estreias da Semana»
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h
Sábados, domingos e feriados:
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h
Sábados: sessão também às 24 h.

LONDRES

— T. 801313

A EXPERIÊNCIA DE FILADÉLFIA
de Stewart Raffill
* Ver «As Estreias da Semana»
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Sábados: sessão também às 24.00 h

MUNDIAL

— T. 538743

A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO
de Hal Needham
(não acons. men. de 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

N'GOLA

— T. 573407

Encerrado para Férias

NIMAS

— T. 574362

Encerrado para Férias

ODEON

— T. 326283

RUAS SELVAGENS
de Danny Steinman
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

POLITEAMA

— T. 326305

A ÚLTIMA ORGIA DO III REICH
(Interdito a men. 18 anos)
(14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h)

QUARTETO

— T. 771378

SALA 1

O CASAMENTO DE MARIA BRAUN
de Rainer Werner Fassbinder
(não acons. menores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

SALA 2

O PAI FOI EM VIAGEM DE NEGÓCIOS
de Emir Kusturica
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h

SALA 3

NOVA JORQUE FORA DE HORAS
de Martin Scorsese
(para maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

MEIAS-NOITES

Sexta-feira, 6

O Último Guerreiro do Espaço, de Nick Castle (Cinebloco, 24 h).
 Debaixo de Fogo, de Roger Spottiswooda (Cine 222, 24 h).
 O Tubarão, de Steven Spielberg (City Cine, 23.45 h).
 Metropolis, de Fritz Lang (Quarteto, 23.30 h).
 O Mistério de Gorky Park, de Michael Apted (Quarteto, 23.30 h).
 Cal, Tempo de Guerra, de Pat O'Connor (Quarteto, 23.45 h).

Sábado, 7

O Império do Desejo, de Nagisa Oshima (Turim, 24 h).
 O Tubarão, de Steven Spielberg (City Cine, 23.45 h).
 O Último Guerreiro do Espaço, de Nick Castle (Cinebloco, 24 h).
 Cal, Tempo de Guerra, de Pat O'Connor (Quarteto, 00.45 h).
 O Mistério de Gorky Park, de Michael Apted (Quarteto, 00.45 h).
 Metropolis, de Fritz Lang (Quarteto, 00.45 h).
 O Soldado, de James Glickenhaus (Quarteto, 00.45 h).
 Debaixo de Fogo, de Roger Spottiswooda (Cine 222, 24 h).

Do dia 8 ao dia 12

Cal, Tempo de Guerra, de Pat O'Connor (Quarteto, 23.45 h).
 Metropolis, de Fritz Lang (Quarteto, 23.30 h).
 O Soldado, de James Glickenhaus (Quarteto, 23.30 h).
 O Mistério de Gorky Park, de James Apted (Quarteto, 23.30 h).



Helen Mirren em «Tempo de guerra» (no Quarteto)



Philippe Noiret e Isabelle Huppert em «O juiz e o assassino» (hoje, às 18.30 h, no Institut Franco-Portugais)

... E AINDA

Estúdio 444

French Can-Can, de Jean Renoir é exibido hoje às 18.45h numa iniciativa do ABC Cineclub de Lisboa.

Instituto Alemão

A «Série de Estreias» exhibe hoje, às 18.30h o filme Anjo de Ferro, de T. Brasch.

Instituto Franco-Português

Inserido no «Ciclo de Cinema Policial» é apresentado hoje às 18.30h o filme Le Juge Et L'Assassin, de Bertrand Tavernier.

Castelo Branco

Manhattan, de Woody Allen é exibido hoje, no Grupo de Animação Cultural Amato Lusitano.

Viseu

Está a decorrer no Auditório Gulbenkian um ciclo de cinema dedicado a Hitchcock tendo programado para hoje à noite a exibição de Psico (1960), com Anthony Perkins e Vera Miles nos principais papéis.

SALA 4

O CASO DE BERLIM

de Liliana Cavani
 Sob fundo de nazismo, uma jovem japonesa enreda uma paixão demente, primeiro numa mulher, depois no marido desta, paixão que, como tudo o que é excessivo e absoluto, tem a vertigem suicida como único desenlace.

Pois. Mas onde é que neste filme está o desejo paroxístico? Eles dizem que o habitam mas é impossível que o espectador acredite tal a platidão do que se materializa no «écran». E, no entanto, tudo parece certo. Só que até a espantosa Gudrun Landgrebe (paroxística em «A mulher em chamas», lembrem-se?) se queda pelo arremedo. Liliane Cavani assina mais um rotundo falhanço.
 (para maiores de 18 anos)
 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

REX

— T. 864756

OS TOIROS DE MARYFOSTER

de Henrique Campos
 (para maiores de 18 anos)
 14.30, 16.00 e 18.30 h

ROMA

— T. 889192

LOBIJOVEM

de Rod Daniel
 (para maiores de 6 anos)
 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

ROXY

— T. 548560

O ALVO

de Arthur Penn
 Pen engana-se pela primeira vez na sua carreira
 (para maiores de 12 anos)
 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. JORGE

— T. 579144

SALA 1

ÁFRICA MINHA

de Sydney Pollack
 Já é o maior êxito de todos os tempos da exibição de cinema em Portugal. Como a crítica o correu a cinco estrelas em quase unanimidade pode dizer-se que estamos todos tomados de amores pela Meryl Streep e por esta fita de Pollack?
 (para maiores de 12 anos)
 15.00, 18.15 e 21.15 h.

SALA 2

LADRÕES DE CORAÇÕES

de Douglas Day Stewart
 (para maiores de 16 anos)
 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

SALA 3

007 — ORDEM PARA MATAR

de Terence Young
 (não acons. menores de 13 anos)
 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª ARTE

— T. 730715

O FIO DO SUSPEITO

de Richard Marquand
 (para maiores de 12 anos)
 15.00, 17.00, 19.10 e 21.45 h

STAR

— T. 804210

GENTE GIRA II

de Emil Nopal
 (para maiores de 12 anos)
 15.00, 18.15 e 21.30 h
 Sábados e domingos: 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

TERMINAL

— T. 371573

O FIO DO SUSPEITO

de Richard Marquand
 (para maiores de 12 anos)
 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
 Sábados, domingos e vésperas de feriados: sessão também às 23.30 h

TIVOLI

— T. 570595

LOBIJOVEM

de Rod Daniel
 (para maiores de 6 anos)
 13.45, 16.30, 19.00 e 21.45 h

TURIM

— T. 706666

RAÇA VIOLENTA

de Fernando Dileo
 (para maiores de 12 anos)
 15.00, 17.30 e 21.30 h

XENON

— T. 368480

VAMPIROS EM FÚRIA

de Philippe Mora
 (para maiores de 16 anos)
 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

ZODÍACO

— T. 570151

UMA VIDA NA ESCURIDÃO

(não acons. a men. de 13 anos)
 15.15, 18.15 e 21.30 h
 Sábados e domingos: 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

AS ESTRELAS

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA ★★★★★
 ÁFRICA MINHA ★★★★★
 NOVA IORQUE FORA DE HORAS ★★★★★
 O ANO DO DRAGÃO ★★★★★
 RUMBLE FISH ★★★★★
 A ÚLTIMA REPORTAGEM ★★
 O ALVO ★
 O CASO DE BERLIM ★

Em reposição

PASSAGEM PARA A ÍNDIA ★★★★★
 LARANJA MECÂNICA ★★★★★
 O ENIGMA DA PIRÂMIDE ★★
 A JÓIA DO NILO ★
 RUAS SELVAGENS ●

TEATRO VASCO SANTANA
Entrecampos
Tel. 768909
(De terça a domingo, às 21.30;
domingos, às 16.00)
Cesário Que?, pelo Teatro Es-

túdio de Lisboa. Texto Enc.: Luzia Maria Martins. Cen.: Fernando Filipe. Int.: Carlos Santos, Clara Joana, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor, Helena Félix, José Brás, Luísa Ortigoso, Manuel Mendonça, Pedro Paiva e Vitor Hugo.
Homenagem a Cesário Verde por um dos mais antigos grupos de teatro independente.

O melhor do mundo

CASA DOS TABUENSES

Rua dos Poiais de S. Bento, 75 (Sábados e domingos, às 16.30)
A Rua dos Fantasmas, de Javier Valliarte, pelo Maizum. Int.: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

COMUNA

Sala 2
(Sábados e domingos, às 15.00).

Nós de um Segredo, pelo grupo O Bando. Texto Enc.: João Brites. Int.: Antónia Terrinha, Cândido Ferreira, João Brites, Jorge Laurentino, Maruga, Paula Sô, Paulo Eloy e Raul Atalaia.
Um grande espectáculo para crianças, adolescentes e adultos. Absolutamente indispensável.

(Sábado, às 17.30 e 21.30; domingo, às 17.30)

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá, de Jorge Amado, pelo Teatro Amador de Intervenção. Enc.: José Caldas.
Uma dupla brasileira de respeito.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

Sala Manuela Porto
(Sábados, às 16.00; domingos, às 21.30)

A Mulher que Matou os Peixes, de Clarice Lispector. Adapt. Enc.: José Caldas. Int.: António Fonseca, Manuel Lourenço e Margarida Carpinheiro.
Outra dupla brasileira de respeito. José Caldas está nas duas.

TIL

Rua Leão de Oliveira (ao Calvário)
Tel. 639974

(Sábados, domingos e feriados, às 16.00)

No Reino da Fantasia. Texto-Enc.: Agostinho Macedo.

TEATRO VILLARET

(Sábados, às 11.00 e 16.00; domingos, às 11.00 e 14.00)

Fecha os Olhos... Entra na História, de Alexandra Solnado. Enc.: Joselita Alvarenga. Int.: Ailton Galvão, Alexandra Solnado, Ângelo Pinto, António Semedo, João Grosso e Paulo Oliveira.

As histórias da nossa infância num espectáculo musical de que os miúdos gostam.

Algues

AMADORA

2.º ciclo do Teatro de Autores Portugueses
(Amanhã, sábado, às 17.00 no Cenáculo da CMA)

A Suplica, de Fernando Dacosta, pelo Teatro das Portas. Enc.: José Gil. (As 21.30).

As Guerras de Alecrim e Manjerona, de António José da Silva, pelo grupo da SOIR, de Évora.

BRAGA

CASA PENHORISTA DE BRAGA

Rua D. Afonso Henriques, 54
O Fim, de António Cena, pelo grupo Cena. Enc.: Rui Madeira. Int.: Ana Bustorff, Ana Madureira, António Barbo, Carlos Feio, Rui Jacques e Rui Madeira.

Num espantoso espaço teatral o belo texto de Patrício num espectáculo absolutamente indispensável.

LEIRIA

AUDITÓRIO DO TELA
Rua Afonso Lopes Vieira, 38
Tel. 27324

(De terça a sábado, às 21.30)
Comédia dos Anfitriões, de Camões. Enc.: José Valentim Lemos. Int.: Ávila Costa, Figueira Cid, Fernando Loureiro, Luis Costa, Maria José Belbut, Rui Sérgio, Teresa Roby e Waldeimar de Sousa.

PORTO

AUDITÓRIO NACIONAL
CARLOS ALBERTO
(Só até domingo)



Um Homem é um Homem - Damião de Góis, pelo grupo A Barraca. Texto Enc.: Hélder Costa. Int.: José Gomes, João Azevedo, João Maria Pinto, Paula Sousa, Maria João, etc.
A Barraca no Porto - uma visita indispensável.

TEARTO

Rua do Heroísmo, 86
Tel. 573265

(Sextas e sábados, às 22.00; domingos, às 17.00)
O Corcunda por Amor, de Almeida Garrett, pelo TEAR. Enc.:

Castro Guedes. Int.: Celso Castro, Clara Nogueira, Jorge Mota, Luis Correia, Jorge Paupério, Luis Duarte.

Um espectáculo com a marca inconfundível de Castro Guedes.

TEP

Rua do Pinheiro, 4
Tel. 315994

A Birra do Morto, de Vicente Sanches. Enc.: Mário Viegas. Int.: Alberto Mutchanga, Augusta Pereira, Emilia Silvestre, Fernanda Gonçalves, Fernando Sá,

José Bessa, etc.

Quando a morte faz rir. Coragem...

(Sábado, às 23.45; domingos, às 16.00)

Mário Gin-Tónico, com textos de Mário Henrique. Leiria. Int.: Mário Viegas.

A grande arte de Mário Viegas.

TEATRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

(Hoje e amanhã, às 22.00; domingos, às 17.00)

O Desejo Agarrado pelo Rabo, de Pablo Picasso. Enc.: Mário Feliciano.

A letra do teatro

Carmelinda Guimarães — **Um Ato de Resistência - O Teatro de Oduvaldo Vianna Filho** - MG - Editores Associados - São Paulo - 1984.

Como manifestação paralela do FITEI realizou-se na Feira do Livro do Porto, o lançamento da obra da crítica e historiadora Carmelinda Guimarães sobre o dramaturgo e actor Oduvaldo Vianna Filho (1936-1974). Ligado a importantes movimentos do teatro brasileiro dos nossos dias, Oduvaldo Vianna Filho, o Vianninha, como era carinhosamente conhecido, esteve primeiro com Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri no Teatro de Arena depois, no Rio de Janeiro, com Ferreira Gullar no Centro Popular de Cultural, donde partiu para uma actividade muito intensa como actor e sobretudo como dramaturgo tentando superar os problemas levantados pela censura militar e conseguindo realizar uma obra de qualidade tanto sob o ponto de vista de criação como de intervenção política, na opinião não só da autora deste estudo como de outros conhecedores da sua carreira. Vianninha trabalhou também para a televisão onde apresentou alguns espectáculos de grande qualidade interpretados por nomes hoje famosos em Portugal graças à telenovela. Esperamos poder ver um dia na RTP alguns desses programas. O livro de Carmelinda Guima-

rães traça um retrato muito claro, rigoroso, e documentado do dramaturgo, do artista, da personalidade humana em questão, e fá-lo de tal maneira que o leitor fica ansioso por conhecer de perto a sua obra. O que infelizmente não é por ora possível não só porque essa obra nunca chegou a Portugal como se encontra esgotada no Brasil. Aliás, a C.º Reportório apresentou no Teatro Maria Matos em 1979 uma peça de Oduvaldo Vianna Filho com o título **A Família** («DL» - 9 2 1979). No entanto, tanto quanto na altura nos pareceu a encenação de José Osuna não conseguiu exprimir os autênticos valores da peça. Valores que Carmelinda Guimarães justamente sublinha neste seu livro.

Sublinhados

Uma vez que todas as peças devem escrever-se para ser representadas e não lidas, entendendo que só ganham em ser representadas por quem as escreve. Só o autor é capaz de sentir verdadeiramente as situações, de entrar nas personagens que criou. Até por isso penso que, em geral, um bom escritor de prosa não é um bom escritor de teatro. Este precisa de valorizar muito o lado histriónico mesmo em detrimento do lado literário. (...) Precisamente porque respeito muito, não me aventuro por tais caminhos, a nascer a título excepcional os meus são outros. (...) O teatro histórico proporciona um excelente campo de trabalho... já muito bem preenchido com obras de grandes dramaturgos de séculos recentes. (...) O teatro define muito bem uma civilização. Define-a muito melhor do que qualquer outra arte. E quando se tem um grande teatro, tem-se, ou está em vias de ter, uma grande civilização. Não é esse o nosso caso. E nunca o foi. (Agustina Bessa Luis - entrevista com Joaquim Fidalgo - «Expresso-Revista», 31 5 1986).

MÚSICA-BAR

ALADIN

Travessa da Espera, 22
Telef. 363525

Terças: Helena Mello

B'ARTE

R. de S. Boaventura, 16
Telef. 324266

Encerra aos domingos

De segunda a sábado

Noites Africanas

BARIEDADES

Parque Mayer

Telef. 326361

Dia 9: Herman José

Dia 10: Fernando Pereira

Dias 17, 18 e 19: Vitorino

BIPI-BIPI

Rua Oliveira Martins, 6

Telef. 778924

Encerra aos domingos

Todos os dias: Rio Transa

Samba (música brasileira)

CASA DA LINA

Calçada de S. Vicente, 95

Telef. 876654

Encerra às segundas.

Todos os dias: Hugo Maia e

Tramagal (música brasileira)

CHAFARICA

Calçada de S. Vicente, 81

Telef. 867449

Encerra domingos

Todos os dias: Vum Vum

(música brasileira)

CAMARIM

Rua Heliodoro Salgado, 47-A

Telef. 840242

Dia 6: Bony Tyler (espectáculo

de Travesti)

Dia 7 e 9: Jorge Ganhão

(fados de Coimbra)

O CENÓBIO

Rua das Janelas Verdes, 16

Telef. 677854

Sextas: Mingo

Sábados: Mila Ferreira e Rui

Moura

De segunda a quinta: Manuel

Alberto (órgão)

COMÉDIA

PORTUGUESA BAR

Rua dos Prazeres, 10

Telef. 670523

Sextas: Jorge Mendes

Sábados: Rui Rocha

(portuguesa e brasileira)

Segunda a quinta: Alfredo

Azinhairo

COPO DE TRÊS

Rua Marcos Portugal, 1

Telef. 670230

Encerra aos domingos

Todos os dias: António

Jorge Branco (piano)

Segundas: Michel

CRAZY NUTS

Rua Artilharia 1, 26

Telef. 683088

Dias 6 e 7: Mário Mata

DROGARIA IDEAL

Rua do Conde, 57

Telef. 66 12 77

Quintas: Santos («Tangos na

Drogaria»), e Michel

Quartas: Tozé e Cris Kopke

Sextas: Miguel e Daniel

Sábados: Paula Duke e Zé

Carlos

Domingos: Mila Ferreira e Rui

Moura

GAFFEIRA

Calçada do Tijolo, 8

Telef. 32 59 53

De segunda a sexta: Banda

da Gafieira

Sábado e domingo: Banda

de Corda e Batuque

HAPPENING

A Estrela

Telef. 663455

Quartas, sextas, sábados e

domingos: João Brás

Quintas: Lula

Segundas e terças: Mingo

HIT PUB

Rua Antero de Figueiredo, 6

Telef. 804977

Segundas: Carlos Bastos

INDA A NOITE É UMA

CRIANÇA

Praça das Flores, 8

Telef. 663545

Encerra ao domingo

Sextas: Manuel Carlos e José

Pinho

Terças: Jorge Lomba (música

portuguesa)

Quartas: Manuel Carlos

(portuguesa)

Quintas: Rui Rocha

(brasileira)

Segundas e sábados: Jorge

Mendes (portuguesa)

LOVE STORY

Rua da Trombeta, 4

Telef. 373659

Sextas e sábados: Viola

LE NAUTIQUE

Rua Castilho, 149

Telef. 690900

Sextas: Zé Carvalho e os Jam

Session

Segundas a sábados:

Quarteto Take Four

MUSAICO

Travessa da Pereira, 43

Telef. 860306

Sábados: Bombo da Festa

(música popular portuguesa)

Quartas e sextas: Nito (afro-

brasileira) e Zé-Zé

Quintas: Rui Cordeiro,

António Eduardo e Benjamim

Olshim

99 DA BARROCA

Rua da Barroca, 99

Telef. 368194

Encerra aos domingos

Sextas: Amadeu (country e

popular portuguesa)

Sábados: Steve e Zé João

(variada)

PALPITA-ME PUB

Rua das Janelas Verdes, 102

Telef. 602989

Segundas e quintas: Rui

Siqueira

PASTA E BASTA

Rua do Cura, 3-A

Telef. 667921

Sextas e sábados: Outra

Banda

PÉ SUJO

Largo de S. Martinho, 6

Telef. 865629

Encerra às segundas.

Todos os dias: Vitor Russo,

Ivone e Rubens (música

brasileira)

PINTADO DE FRESCO

R. do Conde, 23

Telef. 603621

Segundas e terças: Carlos

Mendes

PIMM'S PUB

Rua Vale de Sto. Ato., 30

Telef. 823551

Sextas: Joe (música

brasileira)

Sábados: Amadeu e Luís

(variada)

QUANDO O PIANO

TOCA

R. Viriato, 8

Telef. 532314

Encerra aos domingos.

Sextas e terças: Teresa Yoko

Segundas e sábados: Marta

Todos os dias: José

Cabeleira

49 BAR

Calçada do Livramento, 49

VIDEORAMA coordenação de JORGE LEITÃO RAMOS

Junho/86 não é mês para cinéfilos. A culpa? A culpa está no México, é o Campeonato do Mundo de Futebol quem mais ordena. Nas salas não há novidades, a RTP praticamente reduz-se a telenovela e México/86. É razão para dizer...



Ardiles, Van Himst, Bobby Moore, Pelé, John Wark, Coprins: uma equipa impossível que não está no México mas em «Fuga para a vitória» (dia 28, na RTP/1)

Boa bola

Normalmente (e já contando, nesta «normalidade», a suspensão do «Cine-clube»...) um mês de televisão significa, pelo menos 16 filmes, não incluindo o «Eurocinema» do EUROPA TV, aos sábados na RTP/2, que está a ter uma periodicidade «religiosa» (isto é, acontece quando Deus quer...). Mas Junho cortou-nos a razão: nove-fitas-nove e, como dizia o outro, é um pau! Os cinéfilos que vejam futebol ou telenovela que é para aprenderem a não gostar de coisas esquisitas. Os videófilos afixem as suas cassetes para o México/86 e, em vez do Bogart ou da Ava Gardner, vejam em pescadinha de golos do Gomes ou do Carlos Manuel (queira Deus, queira Deus...).

Mas vejamos o que há de cinema na RTP em Junho:

Dia 7 — A vida privada de Henrique VIII

(«The private life of Henry VIII» de Alexander Korda (G.B. — 1933)

Dia 8 — Dança dos maridos

(«Having it all») de Edward Zwick (EUA-1982)

Dia 10 — Viagens de Manuel Guimarães

Dia 15 — Mister F... («Mister...» de John...

Dia 17 — O diabo de Teiz (Portugal-19...)

Dia 21 — O emissário («Under...» de Victor...

Dia 22 — Um lugar («A place...» de George Ste...

Dia 24 — As ilhas de Carlos Manuel (Portugal-19...)

Dia 28 — Fuga para a vitória («Escap...» de John Hus...

Os videómanos terão dois filmes que vão na videoteca em p... Roberts» de For... sol» se Stevens (no apogeu). Pouca... sim. Alternativa? B...

CATÁLOGO



THE NIGHTCOMERS

A aprendizagem do assassinio e da crueldade, assim se poderia resumir este estranho filme de Michael Winner, segundo Henry James. Em 1971 relançou a carreira de Brando. Em 1986 é uma curiosidade sem interesse de maior.

The Nightcomers. Realização: Michael Winner (GB — 1971). Interpretação: Marlon Brando, Stephanie Beacham, Thora Hird. Edição em Portugal: Edivideo.



ORGIE EN MER

Filme pornográfico hard core de origem francesa. Editado sem legendas. Mesmo no seu género não se pode dizer que saia da mais baixa rotina. Até os adeptos do porno têm que aguardar melhores dias...

Orgie en Mer. Realização: Carolyn Joyce (França). Interpretação: Cathy Stewart, Orson Rosebud, France Lomai. Edição em Portugal: L. M. Andrade.



TORNADO

No Vietname, um combatente americano é açoitado pelos vietcongs e pelos marines do seu país. É claro que vence ambos...

Ainda um filme italiano de guerra realizado por Antonio Margheritti, rebaptizado Dawson para fazer de americano...

Tornado. Realização: Anthony M. Dawson (Itália — 1983). Interpretação: Timothy Brent, Tony Marsina, Alan Collins. Edição em Portugal: Filmtalvus Video.



LOUCURAS BURGUESAS

A versão «internacional» (baptizada «Twist») de «Folles Bourgeoises», um dos menos amados filmes de Chabrol. Um exercício de humor no retrato de uma burguesia histórica e culta. Há quem ache delicioso, há quem ache execrável.

Twist. Realização: Claude Chabrol (França-Itália-RFA — 1976). Interpretação: Stephane Audran, Bruce Dern, Ann Margret. Edição em Portugal: Vista Video.

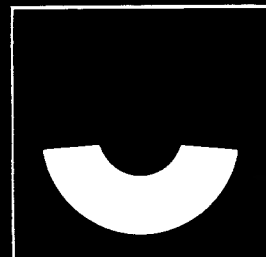
O NOSSO

Uma não... bol português... tempo de Ca... tónio Victorin... mas nem issa... tusiasmo.

O Nosso... cardo Costa... Edição em F...

Screen Test

JÁ À VENDA EM TODOS OS VÍDEOCLUBES!



UMA EDIÇÃO

VISTA VIDEO

PRODUÇÕES DE VIDEO

LISBOA — R. António Pedro 68-1

Tels. 52 63 31 52 62 95

PORTO — R. Mártires da Liberdade

Tels. 31 91 19 31 91 60

A MELHOR QUALIDADE DE IMAGEM E SOM

ecovideo



ecovideo — EDIÇÕES COMERCIAIS VIDEO — DA AV. LIBERDADE, 563 — 3700 S. JOÃO DA MADEIRA TELS. 28455/6 — TELEX 26650 ECOVID P — PORTUGAL

Mais música dos tops e da moda, extraída de uma única «play-list» onde constam alguns temas interessantes.

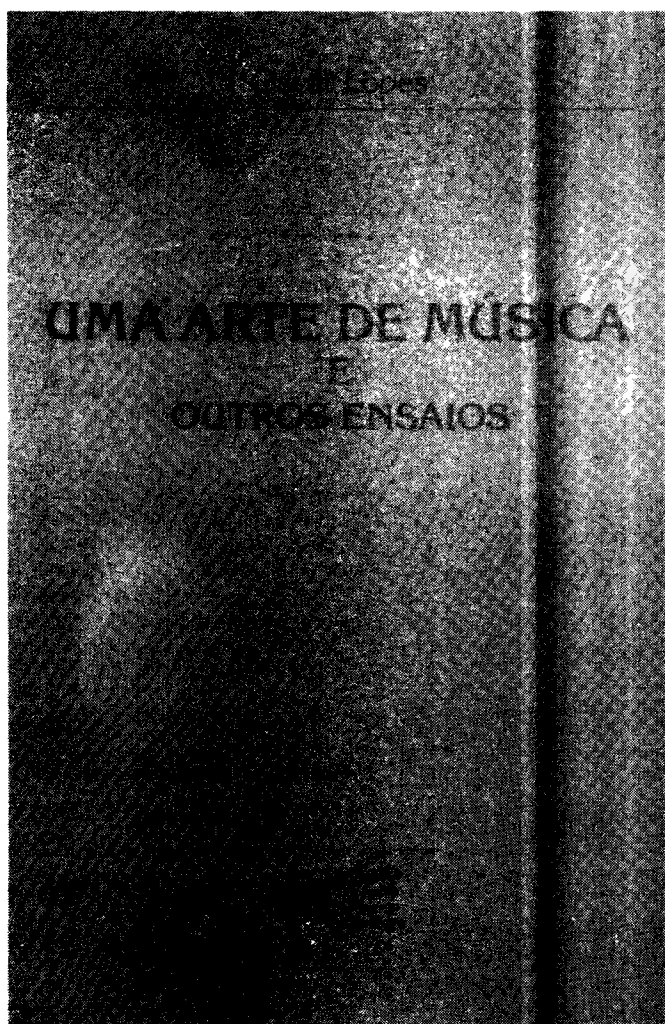
da Liberdade 37-2 - 4000 PORTO

MÚSICA

Uma arte de música

«Aceitemos...» ser aqui o crítico, uma «personagem» definida pela qualidade dialogante e pela acção de dialogar. O livro, num mundo de palavras, actualizando as palavras transiterias de um lugar para o outro. De uma certa forma viaja entre espaços verdadeiros, por ser viajante, e por ser Lepecki. Enquanto viaja, vai traduzindo, em linguagem interpretativa e em linguagem a nós, o que em linguagem criativa — poética, narrativa, musical — alguém antes dele colocou. Viajante, ao mesmo tempo, construtor da estrada por onde transita (ou da ponte por onde chegamos a uma outra margem do nosso mesmo mundo). Óscar Lopes, o ensaísta sobretudo empenhado em «travar um diálogo».

O diálogo é aqui suscitado por um esque de admiráveis ensaios onde a música, as



artes plásticas, a linguística, a filosofia e a sociologia se entrecruzam com a literatura inclusive quando esta já não é só objecto do ensaio mas o próprio ensaio (assumido, afinal, também como «arte») e que criam no leitor aquela espécie de relação afectiva com a «personagem» que os percorre (o ensaísta) descrita no citado prefácio de Maria Lúcia Lepecki. A «personagem» viaja por Aquilino, Jaime Cortesão, Agustina Bessa Luís, Melo Neto, Haroldo Maranhão, Armando Alves, Adriano Correia de Oliveira, viaja pelas «peculiaridades semânticas do Português», pela antropologia, pela educação do gosto literário. Dá o nome ao livro («Uma Arte de Música») um ensaio em que, fundamentalmente a propósito de Jorge de Sena e da sua «Arte de Música», o autor passa em revista alguns momentos centrais da poesia portu-
guesa, sob diferentes ângulos de relação entre o literário e o musical.

sa, sob diferentes ângulos de relação entre o literário e o musical.

Não se trata de uma obra de incidência exclusivamente musical. Mas, precisamente por isso, e mesmo para além do ensaio em que as referências musicais são transportadas para primeiro plano, estimula-nos a repensar a música como linguagem (como uma das várias linguagens artísticas), a compreendê-la num todo sociocultural mais vasto. Quando, por exemplo, Óscar Lopes faz o seu próprio perfil, procurando justificar por que nunca se sentiu a fazer crítica ou a fazer linguística e se recusa «político por vocação», afirmando no entanto a este último respeito e inevitabilidade de uma tomada de posição política numa «nação periodicamente renegada por classes dirigentes (...) que hoje se pretendem entusiasmadas por uma Europa

estranha» («uma Europa muito diferente daquela que, no canto III d'Os Lusíadas avança em 15 estrofes, desde os Urales até «onde a terra acaba e o mar começa», ao passo que a nova Europa vem só para cá do Oder e tem talvez a capital na Califórnia»), está a pôr o dedo numa grande ferida do nosso destino histórico, com enormes repercussões também no ambiente mental dominante nos centros de poder de que dependem os rumos da nossa vida musical ou da política cultural em relação à música.

A edição é da Oficina Musical, que assim enceta um novo ramo de actividade editorial, a somar-se ao da música impressa e a alargar notavelmente o seu já tão amplo campo de intervenção.

Dois recitais por jovens músicos

Se a leitura deste livro vale

bem quem sabe quantos espectáculos musicais, importa não esquecer a realização, esta noite, na galeria EMI, Valentim de Carvalho (Palácio de Alcáçovas), de um concerto pelo duo de Miguel de Almeida (flauta e percussão) e na próxima quarta-feira, dia 11, pelas 18.30, na Academia de Amadores de Música, de uma audição de alunos, em que serão apresentadas composições dos mesmos. Trata-se, em ambos os casos, de acções musicais de uma nova geração de músicos muito jovens, entusiasmados precisamente pelo sonho de criar e intervir. É preciso apoiá-los, animá-los, ajudá-los a progredir num meio que tende cada vez mais a alienar-se ao consumismo turístico-sensacionalista do que nos vem de uma Europa... com a capital na Califórnia.

Mário Vieira de Carvalho

OS FILMES DA TELEVISÃO

A VIDA PRIVADA DE HENRIQUE VIII
de Alexander Korda (G.-B. - 1933)

Foi com esta fita que o cinema britânico se impôs internacionalmente, partindo para os «gloriosos» anos 30 em que ousou medir-se com a poderosa indústria americana. Na base desse impulso, Alexander Korda, um dos nomes míticos do cinema inglês, mais como produtor que realizador, convenhamos.

Nesta luxuosa reconstituição histórica (que os anos devem ter corroído mas... só vendo), brilham os nomes de Charles Laughton e de Elsa Lanchester, com Robert Donat e Merle Oberon na segunda linha.

Intérpretes: Charles Laughton, Elsa Lanchester, Robert Donat, Merle Oberon, Binnie Barnes, Franklyn Dyall.

Duração: 97 minutos.
(Sábado, às 21 h, na RTP-2 - emissão EUROPA TV)

DANÇA DOS MARIDOS
de Edward Zwick (EUA - 1982)

Como pode uma mulher dividir-se entre dois maridos e dois negócios, voando, constantemente, entre as costas Ocidental e Oriental dos EUA?

Este era o problema que se punha a Thera Baylin, desenhadora de alta costura em Nova Iorque e mulher de Peter Baylin há 16 anos e, simultaneamente, proprietária de uma loja de «sportswear» na Califórnia, onde mantinha um casamento há 3 anos com Jess Enright.

Uma comédia menor para o domingo à tarde. Ir à praia, ao teatro, ao cinema são hipóteses mais atraentes.

Intérpretes: Dyan Cannon, Barry Newman, Hart Bochner e Melanie Chartoff.
(Domingo, às 15.15 h, na RTP-1)

VIDAS SEM RUMO
de Manuel Guimarães (Portugal - 1953/56)

Estraçalhado pela censura, este foi o filme que pôs ponto final na efémera e frágil tentativa de neo-realismo encetada por Guimarães no princípio dos anos 50. A sua colaboração com Redol, o seu — tímido embora — olhar sobre o povo, não agradaram ao Poder. Tal como está, «Vidas Sem Rumor» é apenas um balbuceio, um despojo do que ficou após a carnagem dos senhores do Palácio Foz. Vale a pena ver mais pela desolação que pelas suas qualidades cuja existência só podemos supor.

Intérpretes: Milú, Eugénio Salvador, Madalena Sotelo, Artur Semedo, Manuel Correia, Luís Filipe.

Duração: 76 minutos.
(Terça-feira, às 21 h, na RTP/2)



TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO

SÁBADO, 7

RTP-1

- 11.30 - Sumário
- 11.35 - Tempo dos Mais Novos
- Inclui «O Cão Vagabundo»
- 13.00 - Sumário
- 13.10 - Tempo dos mais Novos
- Jornalinho
- 14.00 - Curso de Inglês
- 14.30 - Sport Billy
- 15.00 - Revista de Touros
- 15.30 - Os Jovens Heróis de Shaolin
- 16.30 - Os Marretinhos
- Kermit é o único dos Marretinhos que não sabe o que quer ser quando for grande...
- 17.00 - Fama
- Este é o último episódio a transmitir pela RTP, com as férias de Verão, toda a gente faz planos, mas há uma excepção...
- 17.50 - Top Disco
- 18.55 - México/86
- Transmissão do desafio entre a Espanha e a Irlanda do Norte
- 19.45 - Totoloto
- 20.50 - México/86
- Resumo dos principais acontecimentos do dia
- 21.00 - Telejornal
- 21.30 - Dinastia
- Cláudia é chamada a testemunhar e Matthew perde a cabeça ao ouvi-la confessar que Steven é seu amante...



- «México 86»
- 22.55 - México/86
- Transmissão do jogo Portugal-Polónia
- 23.45 - Notícias

RTP-2

- 13.00 - Troféu
- Transmissão do Torneio de Ténis Roland Garros
- 19.00 - Desenhos Animados
- 19.30 - Adágio
- 20.00 - Animação
- 20.30 - Folclore
- 21.00 - Europa TV
- Transmissão do filme «As Vidas Privadas de Henrique VIII»
- 22.30 - A Rota da Seda
- O Hexi Corridor, parte do percurso com mil quilómetros ao longo da cordilheira do Quilán.



«Fama»



Falar de Macau

DOMINGO, 8

RTP-1

- 10.30 - Sumário
- 10.35 - Eucaristia Dominical
- 11.30 - Setenta e Sete
- 12.00 - Tempo dos Mais Novos
- Inclui Fábulas da Floresta Verde e Clube de Leitura
- 13.00 - Sumário
- 13.10 - TV Rural
- 13.45 - Tempo dos Mais Novos
- Arco Iris

- 15.15 - Sessão da Tarde
- «O Espadachim»: ver destaque aos Filmes da TV.
- 17.00 - Clube Amigos Disney
- 18.30 - Como? Quem? Porquê?
- 18.55 - México/86
- Transmissão do encontro RFA-Escócia
- 20.50 - México/86
- Resumo dos principais acontecimentos do dia
- 21.00 - Telejornal
- 21.30 - Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades
- Espectáculo de variedades em directo de Évora.

- 22.55 - México/86
- Desafio entre o Uruguai e a Dinamarca.
- 23.45 - Notícias

RTP-2

- 14.00 - Ténis
- Torneio Roland Garros.
- 17.00 - Falar de Macau
- 17.30 - Videópolis
- 18.00 - Desenhos Animados
- 18.45 - Contagem Rock
- 20.00 - Novos Horizontes
- 20.30 - Nós por Cá
- 21.15 - Telefilme
- «A Herança de Hank Williams Jr.» ver destaque aos Filmes da TV.



«Clube Amigos Disney»

SEGUNDA-FEIRA, 9

RTP-1

- 11.00 - Sumário
- 11.10 - Portugal Romano
- Os vestígios da romanização na Península Ibérica.
- 11.40 - Espaço 11/13
- 12.30 - Vereda Tropical
- 13.15 - Jornal da Tarde
- 13.35 - Ciclo preparatório TV
- 17.45 - Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades
- Transmissão directa da recepção do Presidente da República na Câmara Municipal de Évora.
- 18.20 - Tempo dos Mais Novos
- O Maestro e Companhia e Ursinho Teddy.
- 19.00 - México/86
- Transmissão do desafio entre a França e a Hungria.
- 21.00 - Telejornal
- 21.30 - Corpo a Corpo



- 22.15 - A Fronteira entre dois Mundos
- Um programa da responsabilidade de Mega Ferreira e Clara Pinto Coelho proposto pela Liga de Conservação da Natureza.
- 22.50 - México/86
- Resumo dos principais acontecimentos do dia.
- 23.00 - México/86
- Transmissão do encontro entre o Canadá e a URSS.
- 23.45 - Notícias

RTP-2

- 16.30 - Tempo dos Mais Pequenos
- 16.50 - Contagem Rock
- 17.30 - O Tempo
- 17.40 - Desporto em Revista
- 18.45 - O Mundo Amanhã
- 18.55 - Júlio Iglesias
- 20.00 - Notícias
- 20.10 - RTP-Madeira
- 20.30 - Horizonte 2000
- A energia eólica.
- 21.00 - Zoom
- 21.30 - Notícias
- 21.40 - Espaço Jazz
- 22.30 - Notícias
- 22.40 - Vereda Tropical

TERÇA-FEIRA, 10

RTP-1

- 11.00 - Sumário
- 11.15 - Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades
- Transmissão das cerimónias comemorativas em directo de Évora.
- 12.30 - Vereda Tropical
- 13.15 - Jornal da Tarde
- 16.00 - Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades
- Transmissão da Festa Equestre.
- 18.00 - Sumário
- 18.05 - Tempo dos mais Novos
- O Jovem Ramsay e O Ursinho Teddy.
- 18.35 - País, País
- 19.00 - México/86
- Transmissão do encontro Bulgária-Argentina.
- 21.00 - Telejornal
- 21.30 - O Tempo
- 21.35 - Corpo a Corpo
- 22.15 - Estranhos Poderes
- O culto demoníaco.
- 22.50 - México/86
- Resumo dos principais acontecimentos do dia.
- 23.00 - México/86
- Transmissão do desafio Itália-República da Coreia do Sul.
- 23.45 - Notícias

RTP-2



- 16.35 - Tempo dos Mais Pequenos
- 16.50 - Contagem Rock
- 17.30 - O Tempo
- 17.40 - Desporto em Revista
- 18.45 - O Mundo Amanhã
- 19.00 - Dick Turpin
- Série juvenil
- 19.30 - A Ciência dos Nossos Dias
- 20.00 - Notícias
- 20.10 - Videópolis
- 20.30 - Falar de Macau
- 21.00 - Cinema Português em Retrospectiva
- «Vidas sem Rumor»: ver destaque aos Filmes da TV.
- 22.30 - Notícias
- 22.40 - Vereda Tropical

QUARTA-FEIRA, 11

RTP-1



- 11.00 - Sumário
- 11.05 - O Povo e a Música
- As raízes da música popular portuguesa.
- 11.35 - Espaço 11/13
- 12.30 - Vereda Tropical
- 13.15 - Jornal da Tarde
- 13.35 - Ciclo Preparatório TV
- 18.00 - Sumário
- 18.05 - Tempo dos Mais Novos
- O Jovem Ramsay e O Ursinho Teddy.
- 18.30 - País, País
- 19.00 - México/86
- Encontro Bélgica-Paraguai
- 21.00 - Telejornal
- 21.30 - O Tempo
- 21.35 - Corpo a Corpo
- 22.15 - Programa da Direcção de Informação
- 22.50 - México/86
- Resumo dos principais acontecimentos do dia
- 23.00 - México/86
- Transmissão directa do encontro Marrocos-Portugal.

RTP-2

- 16.35 - Tempo dos Mais Pequenos
- 16.50 - Contagem Rock
- 17.30 - O Tempo
- 17.40 - Desporto em Revista
- 18.50 - O Mundo Amanhã
- 19.00 - A Teia do Poder
- Série juvenil.
- 20.00 - Notícias
- 20.25 - Os Caminhos do Eterno
- 20.30 - A Aventura da Arte Moderna
- O Cubismo.
- 21.35 - Foi Êxito na TV
- Patxi Andion.
- 22.30 - Notícias
- 22.35 - Vereda Tropical

QUINTA-FEIRA, 12

RTP-1

- 11.00 - Sumário
- 11.05 - Videópolis
- 11.30 - Espaço 11/13
- 12.30 - Vereda Tropical
- 13.15 - Jornal da Tarde
- 13.35 - Ciclo Preparatório TV
- 18.00 - Sumário
- 18.05 - Tempo dos Mais Novos
- Lendas do Mundo, e Ursinho Teddy.
- 18.35 - País, País
- 19.00 - México/86
- Transmissão do encontro Brasil-Irlanda do Norte.
- 21.00 - Telejornal
- 21.30 - O Tempo
- 21.35 - Corpo a Corpo
- 22.15 - Europa
- O continente europeu de 1900 aos nossos dias.
- 22.45 - México/86
- Resumo dos principais acontecimentos do dia.
- 23.00 - México/86
- Transmissão do desafio Espanha-Argélia.
- 23.45 - Notícias



RTP-2

- 16.35 - Tempo dos Mais Pequenos
- 16.50 - Contagem Rock
- 17.30 - O Tempo
- 17.40 - Desporto em Revista
- 18.50 - O Mundo Amanhã
- 19.00 - Reportagem Especial
- 19.30 - Concerto
- Com Marc Laforet.
- 20.00 - Notícias
- 20.10 - Conheça Melhor
- 20.30 - O Sonho de Mary Auberède
- 21.30 - Notícias
- 21.35 - Da... Música
- Encontro com Joana Silva.
- 22.30 - Notícias
- 22.35 - Vereda Tropical

SEXTA-FEIRA, 13

RTP-1



- 11.00 - Sumário
- 11.05 - Gente Singular
- 11.30 - Espaço 11/13
- 12.30 - Vereda Tropical
- 13.15 - Jornal da Tarde
- 13.35 - Ciclo Preparatório TV
- 18.00 - Sumário
- 18.05 - Tempo dos Mais Novos
- Animação, por Vasco Granja.
- 18.35 - País, País
- 19.00 - México/86
- Transmissão do desafio entre a RFA e a Dinamarca.
- 21.00 - Telejornal
- 21.30 - O Tempo
- 21.35 - Corpo a Corpo
- 22.15 - Alô, Alô
- A presença de Flick preocupa René e o coronel Von Strohm...
- 22.45 - México/86
- Resumo dos principais acontecimentos do dia.
- 23.00 - México/86
- 23.45 - Notícias

RTP-2

- 16.35 - Tempo dos Mais Pequenos
- 16.50 - Contagem Rock
- 17.40 - Desporto em Revista
- 18.50 - O Mundo Amanhã
- 19.00 - O Jardim de Vénus
- 20.00 - Notícias
- 20.05 - Respire Ar
- 20.30 - Adágio
- Recital de guitarra clássica por Tomás Camacho.
- 21.00 - Museu do Cinema
- António Lopes Ribeiro apresenta «Os Lobos».
- 21.25 - Notícias
- 21.30 - Directo/2
- 22.30 - Notícias
- 22.35 - Vereda Tropical

EXPOSIÇÕES

No texto de apresentação, Francisco Faria Paulino diz que «Rompendo o muro do silêncio que cerca a Madeira./Que a sua voz se ouça». Mais que não fosse, por isso era de falar, lembrando-nos que por aqui também se pagam os «custos da insularidade» de cinquenta anos de mar morto sociocultural-económico. Mas também não só por isso se fala. Estes artistas trazem ao continente coisas que não são piores do que muitas que por cá se passeiam, embora, verdade seja dita, esta exposição tenha momentos menos bons. Estou-me a lembrar de um desenho de Teresa Catarina com uma certa elegância e certo maneirismo, seguido de um outro de um brutalismo um tanto baço. Ou desenhos de Ricardo Vellozo, com uma ironia feroz e crítica social mordaz e que com um pouco mais... já Élia Pimenta utiliza bem o vermelho e o azul, constrói o espaço e gera paisagens de grande transpa-

rência e luz.

Uma exposição deste tipo não permite a cada artista mostrar o que pode valer e estou a pensar em Maurício Fernandes que pode obter interessantes efeitos com o quadrado vadio que se passeia nas telas, mas de facto apresenta disso meras indicações.

De qualquer maneira, as boas intenções da Altamira aqui ficam assinaladas e talvez que um dia vejamos a figuração/desfigurada de Teresa Jardim a nos dar um imaginário mais imaginativo, ou Isabel Sta. Clara menos decorativista, que cor e transparência já tem; ou Celso Caires com o seu arco-íris mais dominado; ou dominado também o excesso gráfico de Guilherme da Luz. Nessa altura de novo falaremos.

Portfólio Alves Pires

DEZASSETTE GRAUS OESTE



■ **COLECTIVA**
Galeria «A Janela Verde», R. do Olival, 9.
(até 8/6).

■ **JOÃO DIONÍSIO**
A Varandinha d'Alfama, Beco da Corvina, 1.
(até 9/6).

■ **56 ARTISTAS DA ANTÓNIO ARROIO**
SNBA, R. Barata Salgueiro, 36.
(até 8/6).

■ **FINALISTAS DA ESBAL**
ESBAL, Largo da Academia, 2; 2.ª a 6.ª, 14-19.30.
(até 6/6).

■ **VITOR POMAR**
Galeria Ana Isabel, R. da Emenda, 111, 1.ª; 3.ª a sáb., 14.30-19.30
(até 7/6).

■ **NUNES FILIPE**
Clube 50, R. S. Mamede.
Fotografia (até 11/6).

■ **JOÃO CUTILEIRO**
Leo, Travessa da Queimada, 48, 3.ª a sáb., 14.30-19.30.
Escultura (até 17/6).

■ **COSTA CAMELO**
Espace Alliance, R. Braamcamp, 13, 1.ª, 2.ª a 6.ª, 10-13 e 14-20.
(até 20/6).

■ **JOEP NEEF JES e JAN VAN DER WOOD**
Olharte Galeria, Calçada do Cardeal, 18, 2.ª a sáb., 16-20.
(até 18/6).

■ **ANTÓNIO PALOLO**
Galeria de S. Bento, R. do Machadinho, 1, 2.ª a sáb., 11.30-13 e 15-20.30.
(até 14/6).

■ **MARGARIDA CEPEDA**
Galeria S. Francisco, R. Ivens 40, 2.ª a 6.ª, 10-13 e 15-19; sáb., 10-13.
Pintura (até 20/6).

■ **AUGUSTO PAIS DUARTE**
Casa dos Tabuenses, R. dos Poiais de S. Bento, 75-B.
Aquarelas (até 21/6).

■ **CARLOS MARQUES**
Associação Portuguesa de Arte Fotográfica, R. das Chagas, 17, 2.ª Dto., 3.ª a 6.ª, 17-21.
Fotografia (até 27/6).

■ **RUI PERDIGÃO**
Galeria de Arte da Cervejaria da Trindade, R. Nova da Trindade, 20, 12-15 e 19-22.
Desenho (até 28/6).

■ **RUI DA ROSA**
Atrium da Imprensa, 5, R. da Horta Seca, 20, 2.ª a 6.ª, 10-20.
Pintura e desenho (até 30/6).

■ **LUIS NORONHA DA COSTA**
Galeria R. 75, R. Castilho, 75-C, 2.ª a 6.ª, 14-19.30.
Pintura (até 30/6).

■ **COLECTIVA**
Gravura, Travessa do Sequeiro, 4, r/c. Expõem: Alice Jorge, Cipriano Dourado, José Júlio, Júlio Pomar e Rogério Ribeiro.

■ **JOAQUIM MAGALHÃES**
Pátio Alfacinha, R. do Guarda-Jóias, 44, 11-20.
Pintura

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

As Viagens de Gulliver

Jonathan Swift



Gulliver

Eis um herói positivo! Olá, nem tanto, nem tanto! Lamento muito, mas o senhor Gulliver apresenta alguns traços de personalidade que não me agradam. Não é violento, lá isso não. Não é marialva, pelo contrário: quase assexuado. Crítica políticos, intelectuais, os avarentos, os mentirosos, a guerra. Mas, e aí é que a porca torce o rabo, tem uma pronunciada tendência a prestar vassalagem a torto e a direito, com um pragmatismo que não anda longe do oportunismo... De facto, tem alma de vassalo. E depois, acaba mal, muito mal; com repulsa pela mulher e pelos filhos.

O senhor Jonathan Swift encheu algumas páginas com boa quantidade de maravilhoso, que o fazem ser lido duzentos e sessenta anos depois. Mas, hoje, em 1986, algumas das nobres qualidades do seu herói podêmo-las considerar nada exemplares. A minha esperança é que a pequenada escorregue por cima e não dê conta. A não ser assim fica a obediência ao pai, à mãe, ao professor, ao contínuo, ao polícia, ao carteiro, ao..., ao..., até ao dia da revolta e aí fica a festa estragada.

Nesta adaptação de Gulliver, o texto de John Fago é simples e bem construído. Os desenhos de E. R. Cruz são sintéticos, mas pouco nítidos nos detalhes. A solução de apresentar o trabalho a preto e branco é preferível à má utilização da cor.

Título: As Viagens de Gulliver.

Adaptação: John N. Fago.

Edição: Editorial Pública.

Preço: 180\$00.

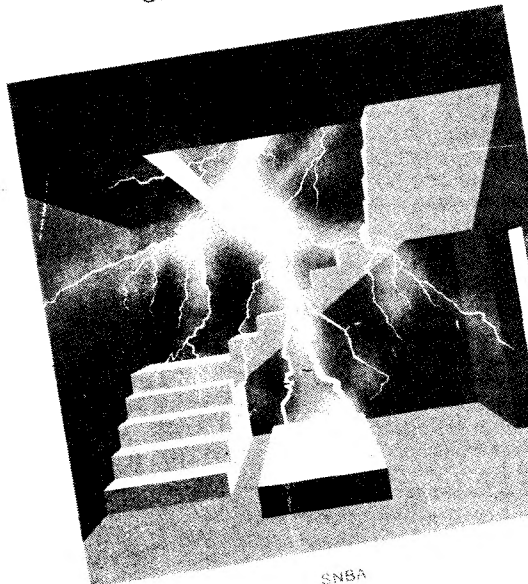
Os catálogos

Uma pequena nota para chamar a atenção para o catálogo, esse elemento que acompanha as exposições. Ele, normalmente, contém um texto: laudatório algumas vezes, mas não falo desses; altamente hermético outras tantas vezes, e também não falo desses.

Falo dos textos que ou procedem de uma análise e descodificação das obras ou embarcam na poética pressentida e constituem uma aproximação por linguagem interposta. Estas últimas duas categorias são importantes na aproximação que permitem da linguagem figurativa exposta. Vale a pena adquiri-los e lê-los.

EDUARDO NERY

PERCURSOS NO FANTÁSTICO
Obras de 1973 a 1985

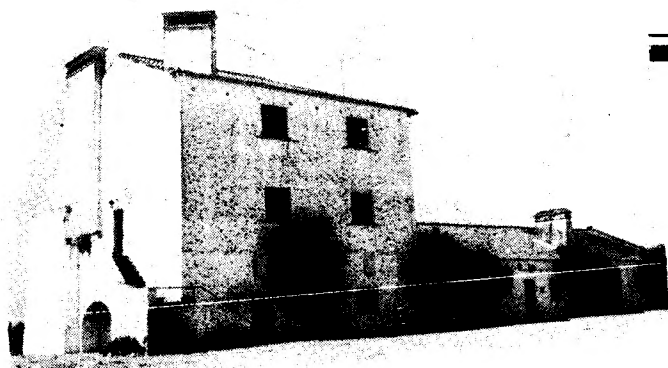


SNBA



TERESA MAGALHÃES





Novos vinhos na tradição de Reguengos de Monsaraz

Pré-aviso: esta história que nos contaram não tem ponta de rancor. Ou seja, ainda não é aqui que se entomam os copos dos alentejanos. A estranheza está aí, porque se trata de um projecto que atravessa o 25 de Abril, fica reduzido a um terço e prossegue. O resultado final foi mostrado a um grupo de jornalistas e não só, especialmente convidados, tendo como elemento principal da ementa, não exclusivamente os belos petiscos de além-Tejo mas os vinhos curtidos neste tempo todo.

O começo é em 1973 quando os proprietários da Herdade do Esporão, situada a cinco quilómetros de Reguengos de Monsaraz, se decidiram a «trabalhos profundos de melhoria e transformação da terra», inicialmente, estava prevista a plantação de mil hectares de vinha mas dadas as circunstâncias hoje estão implantados 300. Complementarmente, a criação de borregos, no sentido de produção intensiva de carne. E esse foi outro dos vectores da viagem, dado que nesse mesmo dia se realizava na herdade um leilão de exemplares «Ile de France» e «Merino Regional».

Bom, mas voltemos ao vinho, registando a falta de um ministro, Alvaro Barreto, que se teria comprometido embora com carácter informal. Perdeu, assim, as expli-

cações sobre o que ali foi feito e, sobretudo, como assinalam os homens da Finagra (empresa que avança com o projecto), o que poderia ser feito ali ao lado, na área que não lhes foi devolvida, se houvesse apoio oficial.

Para esclarecer e evitar susceptibilidades políticas, repescamos passos de um folheto distribuído pela Finagra: «Os dois terços da herdade que não foram devolvidos à Finagra, encontram-se quase totalmente improdutivos, o que se explica pela necessidade de grandes investimentos para modificar a estrutura fundiária da terra, assim como a falta de meios técnicos e humanos adequados. Uns e outros, como se sabe, não se encontram ao alcance da cooperativista».

E logo a seguir: «Embora a Finagra não levante qualquer questão em termos de propriedade relativamente às terras expropriadas, entende que deveria ser o Governo a preocupar-se com esta situação — que compromete inegavelmente a economia nacional — proporcionando os meios para que os solos anexados dessem origem à riqueza que podem efectivamente produzir».

A mesa

Para ser breve, a ementa pro-

metia no capítulo dos vinhos produzidos nestes terrenos, o Branco Roupeiro (que breve entrará no mercado) e o rosado Perrum-Cabernet Sauvignon 1983, palheto Cabernet Sauvignon 1983 e o tinto tradicional 1982. O Branco Roupeiro é uma colheita de 1985 que ainda se recente um pouco da sua juventude, mas que naturalmente goza do seu fulgor e frescura. Vai fazer êxito, parece-nos. Quanto aos restantes, particularmente o rosado e o palheto, ainda estão no banco de ensaios e por isso não vale a pena pronunciarmo-nos. Mas já o tinto tradicional, se vier a figurar aí nas prateleiras dos vendedores, vai dar de comer a muita gente. Sim, porque é de mastigar, com todo o seu corpo, os seus quinze graus.

E este, em suma, o resultado final do tal projecto que se implantou em «terras que há muito não tinham qualquer forma de exploração», passando por uma profunda modificação dos solos.

E o caso da concretização de captações de água e de obras de drenagem e sistemas de rega por aspersão. Tradicionalmente, o Esporão era tido como «seco».

Para frutificar, os dinamizadores do projecto recorreram à mais moderna tecnologia existente, com a regra de um espaço de três metros entre filas, o que permite a

colheita mecânica. E, depois, a «uva». Para tanto, foram recolhidas todas as castas tradicionais alentejanas, de entre as quais se salientam: Roupeiro, Perrum e Fernão Pires, nas brancas; Piri-quita, Trincadeira e Moreto, nas tintas; e Aragonês — considerada como extinta na região —, o Corropio, o Cabernet-Sauvignon, o Grénache, o Grand Noir, entre as secundárias.

A colheita é hoje significativa quanto aos resultados: 7,5 toneladas por hectare. Com trabalhadores com emprego fixo, 150 em termos médios e 400 nos períodos de ponta. Quanto ao produto, o vinho, para além do Roupeiro que vai ser comercializado, faz-se um trabalho de determinação percentual de cada casta no produto final.

Enquanto isso, a Finagra já se orgulha dos resultados em provas «cegas» a nível internacional. Ou seja, entre os vinhos das mais prestigiadas castas da Europa tem ficado sempre entre os dez primeiros...

Ementa e mais

A ementa que esperava os convidados para complementar a qualidade dos vinhos propostos é exemplar. De entradas diremos assim: cabeça de xara, coelho à

São Cristóvão, entrecosto de porco, orelha de coentradra, paio da região, azeitonas, queijo de ovelha, queijo de Serpa. Quanto a pratos regionais, constava como segue: gaspacho à alentejana com carapaus fritos, Beldroegas com queijo de cabra, túberas com ovos e borrego com ervilhas. A sobremesa as alternativas iam do arroz-doce à fruta, passando pelos bolos rançosos e de mel e noz. Com o café uma aguardente velha daquela que faz fio...

A orquestra funcionou sob a batuta do «maestro» Manuel Fialho, mas havia lá pelo menos mais um irmão que bem o vimos.

Tudo isto, para fazer honra ao presente de uma herdade que nos é apresentada à sombra da sua história, com base no facto de ser a maior e mais antiga «defesa» da região, tendo os seus limites sido fixados em 2 de Maio de 1267. Lá ao longe, nos melhores dias, é possível visionar Monsaraz. Conhece? Já agora, para não alongar, aqui tem um percurso para um qualquer bom fim-de-semana. E com um pouco de cuidado e conhecimentos poderá juntar todos estes ingredientes: a paisagem está lá; os vinhos, ainda que sejam os já comercializados, também; e a comidinha idem. O pior é o calor, porque o ar ainda não está condicionado.

Rogério Vidigal

Marisco faz de isco em Olhão

O 4.º festival de marisco da cidade de Olhão decorrerá entre 14 e 17 de Agosto.

O certame é uma organização da Câmara Municipal da cidade e conta com o apoio do Sporting Olhanense e Marítimo Olhanense para além da Região de Turismo do Algarve.

Espera a edilidade dar a esta 4.ª edição uma nova dinâmica para maior afluência de turismo nacional e estrangeiro.

Assim, no Jardim Pescador Olhanense, frente ao mar, Olhão proporcionará quatro dias de convívio e diversão que contará também com a presença de muitos artistas e agrupamentos musicais para além de petiscos diversos e o marisco e lagosta algarvios.

Clube do Vinho: um ano ...e em frente marche

Companheiro dos bons petiscos, o vinho tem um clube cujo primeiro aniversário se celebrou em Maio, em Lisboa: num jantar em que foi o homenageado.

Criado há cerca de um ano com o objectivo de seleccionar e distribuir vinhos nacionais da melhor qualidade entre os associados patrocinados por um dos melhores escanções portugueses — Francisco Esteves Gonçalves — o clube do vinho tem actualmente cerca de 1000 associados.

Os membros do clube, que se reúnem para provar os melhores néctares quer em tabernas quer em adegas de produtores, têm à sua disposição garrafas de produções seleccionadas a um preço variável mas que no mínimo é de cerca de 300 escudos.

Os vinhos apresentados aos sócios são sempre de produtores particulares e actualmente o clube dispõe de 14 qualidade de vinho originário das regiões do Dão, Douro, Bairrada, Setúbal, Aveiro e Alentejo.

Os «stocks» máximos do clube oscilam entre quatro a cinco mil garrafas de cada qualidade.

Achada é Açores, naturalmente

São nove as ilhas semeadas no Atlântico que se agrupam sob o nome de Açores, arquipélago. É forte, fortíssima, ao que dizem, a sua representação em terras da América, onde os açorianos se constituíram sob a forma de importantes colónias. Dizem-nos, ainda, que aí é encontrável tudo ou quase tudo o que permite uma miragem de comunhão com as ilhas de saudade, no caminho do dólar. A representação na terra-mãe, este falso quadrângulo na ponta da Europa, é fraca. Assim se tem caracterizado inclusivamente em festivais, como é o caso dos gastronómicos. A excepção, há poucos meses no Pátio Alfacinha, confirma a regra.

Aqui, em Lisboa, há uma Casa Regional dos Açores, fechada em si mesma de actividade menor, dada mais a comemorações de carácter especial do que ao fortalecimento de velhos laços e à divulgação do que são as terras, gentes e hábitos dos nove cantos perdidos a caminho de terra americana.

Daí que tenha feito expectativa o aparecimento, ainda há poucos anos, de uma casa de comes e bebes, iniciativa de açoriano e às suas especiali-

dades dando particular atenção. Tem sido, sabe-se à conversa, um percurso duro, com muitos sobressaltos, várias tentativas e um saldo nem sempre positivo.

Primeiro que tudo, e é o tal açoriano — proprietário que se lamenta, o apoio do Governo da sua região tem sido escasso nos apoios. E o termo de comparação é, inevitavelmente, a actividade do Executivo de Alberto João Jardim, ao leme da Madeira. Aí, nestas coisas de divulgação, gastronomia, artesanato, folclore, o apoio parece magnânimo. No caso dos Açores, são os lamentos: especialidade exige especialidade, língua, aqui, tem de ser açoriana, vinho é de cheiro (há na Casa da Achada do outro e até mais...), inhame ou polvo são uma dificuldade de abastecimento constante.

O dinamizador deste projecto muito tem que contar nesta matéria. Fala, por exemplo, dos dez quilos de linguiça, a um conto por quilo, que recentemente «importou» e que por via de um «desvio» se reduziu a seis quilos no levantamento do aeroporto. Transportes contabilizados, o preço final é quase astronómico. Ou os vinhos, trazidos também por avião, ou

as lapas que chegam de Sines... e são necessariamente diferentes.

Assim se alimenta esta ementa da «Casa da Achada», situada na Costa do Castelo, um pequeno mas agradável espaço, ali à mão de semear do Caldas. Áreas predominantemente batida por turistas, gente de gostos mais internacionalizados e que aqui tem também uma lista de pratos nada típicos, não desfazendo.

Mas fiquemo-nos pelos regionais, já que para nós é essa a curiosidade. Nesse pequeno bloco estão disponíveis o arroz de lapas (450 escudos), o polvo à moda do Faial — custa 460 escudos e estava óptimo, senhores, mesmo considerando a sua rjeza —, a alcatra da Terceira (510), carne à moda antiga (510) e linguiça com batata doce (550). Em matéria de entradas com selo de origem, a fava rica, de sabor típico por via das pimentas e do cravo, as tais lapas de Sines que se conservam no vinagre e a massa sovada que, por acaso, não encontramos. Coisas que oscilam entre os 50 e os 80 escudos.

A propósito de alcatra, uma das especialidades mais co-



nhecidas, não ficamos convencidos. Estranheza manifestada, convém anotar as alegações pelo que representam de pressões sobre a originalidade: a alcatra não pode ser alcatra, carne verdadeiramente boa é bem mais gordurosa. Os desconhecidos da matéria apresentam-se protestantes pela quantidade de gordura (e há também o dr. Pádua...). Resultado: uma carne a caminho de ser deslavada, em contraste com o original.

Mas, depois de tudo, uma oportunidade de um primeiro contacto ou de reviver uma antiga viagem ao arquipélago. Para os mais «maus de boca» há muitas alternativas, do creme de espinafres ao chabão com cogumelos (450 escudos)

passando pelo bacalhau da cozinheira (480) e o bife de espadarte com alcaparras (580). No campo dos doces, houve também falha ao dia da visita porque as luas de mel não existiam. Mas, também, diz Carreirinho da Costa no seu «Esboço histórico dos Açores», «pelo que toca à doçaria, o açoriano é parcimonioso». E a propósito, uma nota ainda sobre a alcatra. Diz este autor que em velhos tempos a carne de vaca «só era comida, de preferência, por ocasião de determinadas festividades religiosas e familiares (Páscoa, Espírito Santo, oragos dos lugares, casamentos, etc.).

Agora, bom proveito e é preparar para uma hipotética oportunidade de voar até às ilhas...

Casa da Achada
restaurante

COZINHA REGIONAL ACORIANA E CONTINENTAL

AMBIENTE ACOLHEDOR

Encerra ao domingo

CALÇ. MARQUÊS DE TANCOS, 16 (À RUA DA MADEIRA)

87 96 53 1100 LISBOA



João Mota e Carlos Paulo numa cena de «Calígula»

«Calígula» na Comuna definitivamente até dia 15

Termina no próximo dia 15 a apresentação do espectáculo «Calígula» que desde Março a Comuna tem vindo a apresentar no seu novo teatro da Praça de Espanha.

Calígula, considerada justamente como uma das peças mais importantes da dramaturgia contemporânea, é uma obra de Albert Camus, Prémio Nobel da Literatura, e é apresentada pela Comuna com encenação de João Mota, direcção musical de José Pedro Caiado e interpretação de todo o elenco do grupo.

Foi verdadeiramente entusiástica a receptividade do público a este novo trabalho da Comuna, que tem vindo a esgotar lotações, fazendo deste trabalho mais um êxito no percurso de 14 anos de actividade do grupo.

Mas, e devido a compromissos assumidos com a Secretaria de Estado da Cultura a Comuna vê-se obrigada a retirar de cena o espectáculo, para proceder aos preparativos finais da apresentação de um novo espectáculo a estreiar em finais de Junho: a peça de Abel Neves «Touro» um novo original português com que a Comuna irá encerrar a época teatral corrente, e que estará em cena até finais do mês de Agosto.

Assim, o público interessado em ver Calígula tem a oportunidade de fazê-lo só até dia 15 de Junho, dentro do horário habitual: de terça a Sábado às 21.30 horas e aos Domingos às 17 horas.

Mantém-se também a iniciativa que a Comuna encetou o ano passado, com o auxílio da Fundação Gulbenkian de — Veja Teatro a Preços Reduzidos — Terças, Quartas e Quintas, Preço Único 150\$00.

Os bilhetes para os últimos quinze dias podem ser marcados pelo telefone 726 08 18 ou adquiridos no local diariamente a partir das 15 horas.

Lembramos o público, que o novo teatro da Comuna inaugurado o ano passado tem ar condicionado, o que, nestes dias de calor, permite óptimas condições para os espectadores poderem assistir a Calígula.

DICIONÁRIO Vinte anos de cinema português

JORGE LEITÃO RAMOS

Madeira, Humberto

— Actor

Humberto Francisco Gouveia Madeira, nasceu em Lisboa, a 3 de Agosto de 1921.

É como imitador, em casas de fado e na Rádio Peninsular que Humberto Madeira se inicia no espectáculo. Em 1940 estreia-se no teatro (revista «Retalhos e Recortes» no Coliseu dos Recreios) mas é na rádio, em particular no célebre Passatempo APA (gravado ao vivo no Eden e emitido pelo Rádio Clube Português), que o seu nome começa a ganhar popularidade.

Estreia-se então no cinema, o que também contribui para impulsionar a sua carreira que iria ter, no teatro de revista nos anos 50, o grande zénite.

«Parada da Alegria» (em 1951, no T. Maria Vitória) e «O Rosa Arredonda a Saia» (em 1952, no T. Avenida), são uma espécie de prólogo ao triunfo que vai obter, ao lado de Salvador, na série de revistas que, de 1953 a 1960, Eugénio Salvador vai montar no T. Maria Vitória: «Cantigas do Rosa» (1953), «Saías Curtas» (1953), «Cala o Bico» (1954), «Como é o Tempero?» (1954), «Festa é Festa» (1955), «O Zé Aperta o Laço» (1955), «O Rebolicho» (1956), «Curvas Perigosas» (1957), «Toca a Música» (1957), «Abaixo as Saías» (1958), «Pernas à Vela» (1958), «Por Causa Delas» (1958), «Arraial de Lisboa» (1959), «Encosta a Cabecinha e Chora...» (1959), «Tudo na Lua» (1959), «Chá-chá-chá» (1960), «Taco a Taco» (1960).

Nos anos 60 o êxito não o abandona. Revis-

tas como «A Vida é Bela» (1960, no T. Capitólio), «Bate o Pé» (1961, no T. Maria Vitória), «Lisboa à Noite» (1962, no T. Avenida), «Na Brasa» (1964, no T. Capitólio), continuam a manter a elevada cota de popularidade de Humberto Madeira.

Em 1965 (fazia «É Canja!», no T. Capitólio), é-lhe diagnosticado um cancro. Começa um longo calvário de operações, tratamentos, reaparições, recaídas. Ainda faz um punhado de criações memoráveis («alembra-te Isabel quando eras manicura, lixaste-me bem, as unhas, muita vez» — parodiava ele a canção de Aznavour, em «A Ponte a Pé», o seu primeiro regresso aos palcos, ainda em 1965, no T. Variedades), mas, em 1967 (com «Mulheres à Vela», T. ABC) abandona de vez o teatro, perante a consternação geral. A agonia duraria quatro anos: Humberto Madeira morre, em Lisboa, em 1971.

FILMOGRAFIA: O Diabo são Elas..., de Ladislau Vajda (filmado em Madrid, 1945); Capas Negras, de Armando de Miranda (1947); O Grande Elias, de Arthur Duarte (1950); Eram Duzentos Irmãos, de Armando Vieira Pinto (1951); O Comissário de Polícia, de Constantino Esteves (1952); Zalacain, el Aventurero, de Juan de Orduña (Espanha - 1954); Lisbon, de Ray Milland (1956); O Noivo das Caldas, de Arthur Duarte (1956); Dois Dias no Paraíso, de Arthur Duarte (1957); O Passarinho da Ribeira, de Augusto Fraga (1959); As Pupilas do Se-



nhor Reitor, de Perdigão Queiroga (1960); O Parque das Ilusões, de Perdigão Queiroga (1962); Pão, Amor e... Totobola!, de Henrique Campos (1963); Aqui há Fantasmas, de Pedro Martins (1963).

Do talento revisteiro de Humberto Madeira pouco ficou em cinema. Curtos papéis em estreitos filmes dão apenas uma pálida imagem deste homem que, no palco, fez rir multidões, nem sempre com subtilidade e elegância, é certo, mas com um sentido de domínio do público inegável.